

BESTSELLER INTERNACIONAL

PHILIP
KERR

Futebol. Crime. Sexo.
O desporto-rei tornou-se novamente
um jogo de vida ou morte.

A MÃO
DE DEUS



Porto
Editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER INTERNACIONAL

PHILIP
KERR

Futebol. Crime. Sexo.
O desporto-rei tornou-se novamente
um jogo de vida ou morte.

A MÃO
DE DEUS



Porto
Editora

BESTSELLER INTERNACIONAL

PHILIP
KERR

Futebol, Crime, Suspense

O detetive está sempre a investigar
em meio de volta ao mundo

A MÃO DE DEUS

Porto
Editora



© Getty Images

Philip Kerr nasceu em Edimburgo, em 1956, e é o autor *bestseller* dos célebres *thrillers* em torno da personagem Bernie Gunther (no catálogo da Porto Editora figuram *O Projecto Janus* e *Se os mortos não ressuscitam*), pelos quais recebeu, em 2009, os prémios CWA Ellis Peters Historical e RBA International for Crime Writing. Para além dos catorze romances publicados, escreveu uma série de livros juvenis com o pseudónimo de P. B. Kerr. Colabora assiduamente em publicações como o *Sunday Times*, o *Evening Standard* e o *New Statesman*. Um dos nomes mais consagrados do policial britânico, está traduzido em 25 idiomas e várias das suas obras foram adaptadas ao cinema e à televisão. *A Mão de Deus* é o segundo volume da nova série Scott Manson, sucedendo a *Mercado de Inverno*, já publicado pela Porto Editora.

A Mão de Deus

Philip Kerr

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Hand of God

© 2015, thynKER Ltd

Tradução: Carlos Sousa de Almeida

Design da capa: Manuel Pessoa

Imagens da capa: © Shutterstock.com

1.^a edição em papel: novembro de 2016



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68750-0

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

«Um pouco com a cabeça de Maradona
e um pouco com a mão de Deus.»

DIEGO MARADONA sobre o seu primeiro golo contra
a Inglaterra no Mundial de 1986.

Prólogo

Esqueçam *O Especial*. Segundo a imprensa desportiva, eu sou *O Sortudo*.

Depois da morte (azarada) de João Zarco, tive a sorte de ficar com o seu lugar de treinador do London City e mais sorte ainda de o manter no final da época 2013-2014. Foi considerado uma sorte o City ter acabado em quarto lugar na Premier League. Também disseram que a fortuna nos tinha sorrído por chegarmos à final da Taça da Liga inglesa e à semifinal da Taça de Inglaterra, ainda que tenhamos perdido ambas.

A meu ver, foi azar não termos ganhado nada, mas o jornal *The Times* não pensava assim:

Tendo em conta tudo o que sucedeu em Silvertown Dock nos últimos seis meses – o homicídio de um treinador carismático, o fim repentino e trágico da carreira de um guarda-redes talentoso, a investigação das Finanças ao chamado escândalo dos 4F (gasolina grátis para os futebolistas) –, não há a menor dúvida de que o City teve muita sorte em chegar onde chegou. Grande parte da boa sorte do clube, há que atribuí-la ao trabalho árduo e à tenacidade do seu treinador, Scott Manson, cujo excessivo e eloquente elogio fúnebre dedicado ao seu predecessor se tornou rapidamente viral na Internet e fez com que a revista Spectator o comparasse nada mais nada menos que com Marco António. Se José Mourinho é O Especial, então Scott Manson é, sem a menor dúvida, O Inteligente, ainda que pudesse certamente ser também O Sortudo.

Nunca me considereei sortudo, muito menos depois de ter passado dezoito meses na cadeia de Wandsworth acusado de um crime que não cometi.

Só tinha uma superstição quando era futebolista profissional:

chutar a bola com tanta força quanta podia ao marcar uma grande penalidade.

Não sei se, regra geral, a atual geração de futebolistas é mais crédula do que o foi a minha, mas a avaliar pelos *tweets* e comentários no Facebook durante o Mundial do Brasil, eles acreditam tanto na sorte quanto um congresso de feiticeiros em Las Vegas. Dado que poucos põem os pés numa igreja, numa mesquita ou numa sinagoga, talvez não seja de surpreender que tenham tantas superstições. Na verdade, é possível que a superstição seja a única religião que estas almas, amiúde ignorantes, são capazes de professar. Como treinador, fiz o que pude para evitar as superstições entre os meus jogadores, mas é uma batalha perdida de antemão. Seja um meticuloso – e sempre inconveniente – ritual prévio ao jogo, um número de camisola que consideram favorável, uma barba que dá sorte ou uma *t-shirt* providencial com a imagem do duque de Edimburgo – não, não é piada –, as superstições continuam a fazer parte deste desporto, tanto ou mais do que as apostas, as camisas de compressão e as bandas neuromusculares.

Ainda que boa parte do futebol tenha que ver com as crenças, há um limite; e alguns atos de fé vão muito além de um simples bater na madeira e entram no domínio do logro e da completa loucura. Às vezes, tenho a sensação de que os únicos no mundo do futebol que têm os pés assentes no chão são os pobres diabos que o seguem; infelizmente, acho que esses desgraçados começam a sentir o mesmo.

Tomemos o caso, por exemplo, do nosso jovem médio Iñarritu, dotado de um talento excecional, e que agora mesmo está a jogar pelo México no grupo A. Pelo que tem estado a *tweetar* para os seus cem mil seguidores, é Deus que lhe diz como marcar golos, mas quando tudo falha, vai comprar umas calêndulas e uns torrões de açúcar e acende uma vela diante de uma bonequita com a forma de um esqueleto e um vestido verde. Ah, sim, claro que tem que funcionar.

Depois há o caso de Ayrton Taylor, que está com a seleção inglesa em Belo Horizonte. Pelos vistos, a verdadeira razão por que quebrou um dos ossos do metatarso no jogo contra o Uruguai foi ter-se esquecido de pôr na mala o seu buldogue de prata da sorte e não ter rezado a S. Luigi Scrosoppi, o santo patrono dos futebolistas, com as

suas *Nike Hypervenom* nas mãos, como faz sempre. Claro que a lesão teve pouco que ver com o cabrão que lhe pregou um pontapé descarado.

Bekim Develi, o nosso médio russo, que também está no Brasil, conta no Facebook que tem uma caneta da sorte que vai com ele para todo o lado. Entrevistado por Jim White para o *Daily Telegraph*, também falou de Peter, o seu menino recém-nascido, e confessou que tinha proibido Alex, a namorada, de mostrar a criança a qualquer estranho durante quarenta dias porque «estavam à espera que a alma chegasse ao bebé» e não queria que, em circunstância alguma, outra alma ou energia se apoderasse dele num período tão crucial.

Como se tudo isto não fosse já suficientemente ridículo, um dos africanos do City, o ganês John Ayensu, disse a um repórter da rádio que só jogava bem quando levava um pedaço de pele de leopardo da sorte nas cuecas, uma confissão imprudente que lhe valeu uma enxurrada de críticas por parte da WWF e dos defensores dos direitos dos animais.

Na mesma entrevista, Ayensu anunciou que tencionava deixar o City no verão, uma das más notícias que recebi em Londres. Outra foi o que aconteceu com o nosso avançado alemão, Christoph Bündchen, cuja fotografia numa sauna e bar gay da cidade brasileira de Fortaleza foi publicada no Instagram. Oficialmente, Christoph continua no armário, e declarou que tinha ido ao Dragon Health Club por engano, mas não é isso que corre no Twitter, evidentemente. E dado que os jornais, principalmente o *Guardian*, anseiam desesperadamente por que ao menos um jogador profissional no ativo declare a sua homossexualidade (sensatamente, Thomas Hitzlsperger esperou pelo fim da sua carreira para o fazer), o pobre Christoph deve estar a sofrer uma pressão insuportável.

Entretanto, um dos dois jogadores espanhóis do City que está no Brasil, Juan Luis Dominguin, acaba de me enviar por correio eletrónico uma fotografia de Xavier Pepe, o nosso melhor defensor central, a jantar num restaurante do Rio de Janeiro com alguns dos xequês donos do Manchester City, depois do jogo da Espanha contra o Chile. Sabendo que aquela gente é mais rica que o próprio Deus, e certamente mais do que Viktor Sokolnikov, o proprietário do nosso

clube, isto é outro motivo de preocupação. Hoje em dia move-se tanto dinheiro no mundo do futebol que é fácil conseguir que os jogadores mudem de opinião; com o número certo no contrato, não há um que não se consiga fazer parecer com a Linda Blair em *O Exorcista*.

Como disse, não sou supersticioso, mas quando, em janeiro, vi aquelas fotografias nos jornais do raio que tinha caído na mão da famosa estátua do Cristo Redentor que se ergue sobre o Rio de Janeiro, devia ter-me dado conta de que ia acontecer mais algum desastre durante o Mundial do Brasil. Pouco depois, houve distúrbios nas ruas de São Paulo, dado que as manifestações contra os gastos no país com a realização do Mundial degeneraram em violência: os manifestantes incendiaram carros, saquearam lojas, partiram janelas de bancos e houve várias pessoas atingidas a tiro. Não os posso culpar. É inacreditável que se tenham gastado catorze mil milhões de dólares para acolher o Mundial de Futebol (dados estimados da Bloomberg) quando no Rio de Janeiro não há saneamento básico. Mas tal como o meu predecessor, João Zarco, o Mundial nunca me entusiasmou, e não só por causa dos subornos, da corrupção, das manigâncias políticas e do estuporado do Sepp Blatter, já para não falar da mão de Deus em 1986. Não posso evitar pensar que aquele homenzito, nomeado o melhor jogador do Mundial que a Argentina venceu, foi um batoteiro, e que só o facto de a FIFA o ter nomeado diz tudo sobre a sua principal competição.

Tanto quanto me é dado ver, a única razão para *gostar* do Mundial de Futebol é o facto de os Estados Unidos da América serem tão maus que é o único desporto em que o Gana ou Portugal os vencem *nalguma coisa*. No resto, detesto tudo o que diz respeito ao Mundial.

E odeio-o porque o futebol jogado atualmente é quase sempre uma porcaria, porque os árbitros são sempre reles e as canções ainda piores, por causa do raio das mascotes (Fuleco, o Armadilho, a mascote oficial do Mundial de 2014, cujo nome é uma palavra formada por elementos de outras duas, *futebol* e *ecologia*... ora, não me lixem!), por causa de todos os especializados em «mergulhar para a piscina» da Argentina e do Uruguai e, sim, porque não dizê-lo, os do Brasil também, por causa de toda a propaganda inglesa do «desta vez vamos conseguir» e por todos esses cabrões que não sabem nada de

futebol e, de repente, têm opiniões de merda acerca deste desporto e têm de se fazer ouvir. E detesto principalmente a forma como os políticos trepam ao autocarro da equipa e começam a agitar um cachecol de Inglaterra enquanto continuam a dizer os disparates do costume.

Mas principalmente, como a maioria dos treinadores da Premier League, detesto o Mundial por causa de todos os inconvenientes que acarreta. Quase a terminar a época, a 17 de maio, e com menos de quinze dias de férias, os jogadores da nossa equipa que tinham sido selecionados tiveram de concentrar-se com as suas respetivas equipas nacionais no Brasil. Visto que o primeiro jogo do Mundial se realizava a 12 de junho, a máquina de fazer dinheiro da FIFA não dá tempo a que os jogadores recuperem do *stress* e do esforço de uma Premier League tão exigente, pelo que existem muitas probabilidades de algum deles acabar por sofrer uma lesão grave.

Parece que o Ayrton Taylor não vai poder jogar durante dois meses, portanto, é quase certo que vai falhar o primeiro jogo do City da próxima temporada contra o Leicester a 16 de agosto. E pior ainda, é provável que falhe a eliminatória do Grupo B que o City joga em Atenas contra o Olympiacos na semana seguinte. E agora que o nosso outro avançado é objeto de intensa especulação sobre a verdadeira natureza da sua sexualidade, não é propriamente o que mais nos convém.

É em momentos como este que desejava ter mais escoceses e suecos na equipa, uma vez que, claro, nem a Escócia nem a Suécia se classificaram para o Mundial de 2014.

Não sei o que é pior: se preocupar-me com a «leve distensão no adutor» que impediu Bekim Develi de continuar a jogar a partida da Rússia contra a Coreia do Sul, no Grupo H, ou preocupar-me porque o selecionador da Rússia, Fabio Capello, o fez entrar depois no jogo contra a Bélgica sem lhe dar tempo suficiente para recuperar. Percebem o que quero dizer? Preocupamo-nos quando eles não jogam e preocupamo-nos quando eles jogam.

E como se tudo isto não fosse já suficientemente mau por si, tenho um proprietário com os bolsos tão fundos como as minas de ouro de Joanesburgo que está agora mesmo no Rio a tentar «reforçar a nossa

equipa» e a contratar alguém de quem não precisamos e que não é tão bom como dizem os especialistas e comentadores da treta, que a única coisa que sabem fazer é falar. Viktor Sokolnikov liga-me todas as noites pelo Skype e pede-me opinião sobre algum sacana dum bósnio de que nunca ouvi falar ou do último menino-prodígio africano que a BBC considera o novo Pelé, e se a BBC o diz...

O menino-prodígio deste Mundial é Prometheus Adenuga, um nigeriano que joga no AS Monaco. Vi no programa *Match of the Day* um resumo com golos e jogadas do rapaz com o Robbie Williams em fundo a cantar «*Let Me Entertain You*», o que só prova aquilo de que sempre suspeitei: que a BBC não percebe de futebol. O futebol não tem nada que ver com entretenimento. Quem quiser entretenimento, vai ver a Liza Minnelli cair do palco, o futebol é outra coisa. Quando alguém dá o coiro para ganhar um jogo, não quer saber se o público se está a divertir ou não. O futebol é demasiado sério para isso. Só é interessante se houver algo em jogo. Se não vejam um amigável de Inglaterra e digam-me se estou enganado. E agora que penso no assunto, essa é a razão por que os desportos norte-americanos não valem nada, porque as cadeias de televisão do país os adoçaram para os tornar mais atrativos para os espectadores. O que é um disparate. Um desporto só é interessante quando há algo em jogo e, honestamente, só se aposta tudo em algo quando esse algo é a única coisa que importa.

Isto não quer dizer que o futebol que se joga na Nigéria não seja honesto. O Prometheus tem apenas dezoito anos de idade, mas dada a reputação que o país tem de mentir quando declara a idade dos seus jogadores, pode ser vários anos mais velho. O ano passado, e no anterior, fez parte da equipa nigeriana que ganhou o Mundial de Sub-17 organizado pela FIFA. A Nigéria venceu a competição quatro vezes seguidas, mas só fazendo alinhar jogadores com muito mais idade. Segundo muitos *bloggers* de algumas das páginas mais populares da Nigéria, Prometheus tem 23 anos de idade. As disparidades de idade de alguns futebolistas africanos que jogam na Premier League ainda são maiores. De acordo com as mesmas fontes, Aaron Abimbole, que atualmente joga no Newcastle United, tem sete anos mais que os vinte e oito que figuram no seu passaporte, ao passo que Ken Okri,

que jogou conosco até ser vendido ao Sunderland no final de julho, podia já ter feito os quarenta. Tudo isto explicaria a razão por que alguns destes jogadores africanos não têm longevidade. Nem resistência. E porque os vendem tão frequentemente. Ninguém quer ficar com a batata quente nas mãos.

Essa é uma das razões pelas quais nunca serei selecionador de Inglaterra: a Associação de Futebol não quer ninguém – nem mesmo alguém como eu, que sou meio negro – que diga que o futebol africano é dirigido por um bando de filhos da mãe trapaceiros e mentirosos.

Mas não é a idade verdadeira de Prometheus que, como já disse, joga no AS Monaco, faz correr os jornalistas no Brasil, é a história da hiena que tinha como mascote no seu apartamento de Montecarlo. Segundo o *Daily Mail*, o bicho mordeu os canos da casa de banho, o que fez com que todo o edifício ficasse inundado, causando dezenas de milhares de euros de prejuízos. Ter uma hiena como mascote faz com que, em comparação, o *Bentley Continental* a imitar um camuflado de Mario Balotelli ou o aquário de doze metros de altura de Thierry Henry pareçam caprichos sensatos.

Às vezes, penso que há muito espaço para que outro Andrew Wainstein invente um jogo chamado *Fantasy Football Madness* em que os participantes tenham de reunir uma equipa imaginária de futebolistas da vida real e se ganhem pontos em função do quão caras sejam as casas e os carros desses jogadores e das vezes que saem nos jornais sensacionalistas; e as suas extravagantes namoradas, as suas estranhas mascotes, as suas esplêndidas bodas à Cinderela, os nomes estúpidos que põem aos filhos, as tatuagens mal escritas, os penteados absurdos e as quecas fora do casamento dariam pontos adicionais.

Comprei o livro de Fergie assim que saiu, claro, e sorri ao descobrir a sua má opinião de David Beckham. Fergie conta que o famoso episódio da bota que atirou ao futebolista aconteceu porque o número sete se recusou a tirar um gorro de lã que levava em Carrington – o centro de treinos do Manchester United –, uma vez que não queria que a imprensa visse o seu novo corte de cabelo até ao dia do jogo. Tenho de reconhecer que simpatizo muito com o ponto de vista de Fergie. Os jogadores nunca se deviam esquecer que tudo depende dos adeptos,

que são quem ajuda a pagar os seus salários, e terem mais em mente a vida das pessoas que se sentam nas bancadas. Proibi que os jogadores do City cheguem a Hangman's Wood, o nosso centro de treinos, de helicóptero, e estou a tentar fazer o mesmo com os carros que custem mais que o preço médio de uma casa. Enquanto escrevo isto, o preço médio é de duzentas e quarenta e duas mil libras. Pode não parecer uma grande restrição até saberem que o *Lamborghini Veneno* topo de gama custa o incrível valor de 2,4 milhões de libras, o que são quase trocos para futebolistas que ganham quinze milhões de libras por ano. A ideia de impor um valor máximo para os carros dos jogadores ocorreu-me ao olhar a última vez para o nosso parque de estacionamento e ver dois *Aston Martin One-77* e um *Pagani Zonda Roadster*, que custam mais de um milhão cada um.

Não me interpretem mal, o futebol é um negócio e os jogadores estão nele para fazer dinheiro e desfrutar da sua riqueza. Não tenho qualquer problema em pagar a um futebolista trezentas mil libras semanais. A maioria deles trabalha arduamente e, para além disso, o ganhar tanto dinheiro não só não dura muito tempo, como são muito poucos os que o conseguem. Só lamento que não me pagassem tanto quando jogava. Mas não é por um clube de futebol ser um negócio que as pessoas que nele trabalham tenham de esquecer-se da sua relação com o público. Afinal de contas, basta ver o que aconteceu aos banqueiros, que hoje em dia são quase universalmente considerados uns párias gananciosos. A percepção é tudo e não tenho nenhum interesse em ver como os adeptos tomam as barricadas em protesto contra a disparidade de riqueza que existe entre eles e os futebolistas profissionais. Para isso, convidei um orador do London Centre for Ethical Business Cultures para fazer uma palestra aos nossos jogadores sobre o que ele chama «a sabedoria de consumir de forma discreta». O que é outra maneira de dizer: não compres um *Lamborghini Veneno*. Faço tudo isto porque proteger os meus rapazes da publicidade indesejada é uma boa maneira de me assegurar de que dão o melhor deles em campo, que é aquilo que realmente quero. Gosto dos meus jogadores como se fossem da minha própria família. Gosto mesmo. E é assim que lhes falo, ainda que a maior parte do tempo os ouça. É o que a maioria deles precisa: que alguém entenda o que querem dizer,

o que, admito, nem sempre é fácil. É claro que mudar a forma como os jogadores lidam com a sua riqueza e a sua fama também não vai ser tarefa fácil. Acho que incentivar jovens a comportarem-se de maneira mais responsável é provavelmente quase tão difícil como acabar com as superstições dos jogadores. Mas alguma coisa tem de mudar, e rápido, ou este desporto corre o risco de perder o contacto com as pessoas comuns, se é que não o perdeu já.

Já devem ter ouvido falar do futebol total. Pois pode ser que isto seja a gestão total. Em muitos momentos, é preciso parar com o futebol e contar outras coisas aos jogadores; às vezes, trata-se de convencer pessoas normais de que são capazes de comportar-se como pessoas com talento. Neste trabalho, aprendi a ser psicólogo, conselheiro de vida, ator, um ombro no qual podem chorar, um sacerdote, um amigo, um pai e, de vez em quando, um detetive.

Capítulo 1

Tinha ido de férias a Berlim com a minha namorada, Louise Considine. É polícia, inspetora da Polícia Metropolitana, mas não vamos ter isso em conta. Especialmente porque ela é extremamente bonita. Na fotografia que tem no cartão de identificação, parece que está a anunciar um novo perfume: «*Metropo*, da Moschino, o poder de prender.» Mas a sua é uma beleza muito natural e é esse seu poder de encantar que me recorda sempre um dos elfos reais de *O Senhor dos Anéis*: Galadriel ou Arwen. Comigo tem esse efeito. Sempre gostei do Tolkien. E provavelmente a Louise também.

Passeamos muito e desfrutamos das vistas. Durante a maior parte do tempo consegui manter-me afastado da televisão e do Mundial de Futebol. Preferia olhar para a maravilhosa vista do quarto do hotel – uma das melhores da cidade – que tínhamos da Porta de Brandemburgo ou ler um livro; mas sentei-me a ver o sorteio da Liga dos Campeões na Al-Jazeera. Era trabalho.

Como de costume, o sorteio teve lugar ao meio-dia na sede da UEFA, em Nyon, na Suíça. O presidente do City, Phil Hobday, estava entre o aparentemente desconcertado público e vi-lhe um olhar que parecia muito aborrecido. Não é tarefa que lhe inveje, é certo. Quando se aproximava o momento do sorteio, encontrava-me a falar com Viktor pelo Skype na sua enorme suite do último andar do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. Enquanto esperávamos que o convidado do troféu tirasse a nossa bolinha de uma das taças e a desenroscasse – um processo laborioso e francamente absurdo –, o Viktor e eu discutíamos a nossa última contratação: Prometheus.

– Ia assinar pelo Barcelona, mas convenci-o a juntar-se a nós – comentou Viktor. – É um bocado teimoso, mas é de esperar de um talento prodigioso como o dele.

– Esperemos que não seja um tipo problemático quando chegar a Londres.

– Não tenho dúvida de que o Prometheus necessitará de um bom agente de ligação que o informe de como são as coisas e evite que se meta em problemas. O agente do rapaz, o Kojo Ironsi, tem uma série de sugestões a esse respeito.

– Acho que é melhor que seja o clube a nomear alguém e não o seu agente. Queremos alguém que seja responsável perante o clube, não perante o jogador. Caso contrário, nunca seremos capazes de o controlar. Já vi situações desse tipo. Miúdos teimosos que acham que sabem tudo. Agentes de ligação que se aliam aos jogadores, que mentem por eles e ocultam as suas falhas.

– É possível que tenhas razão, Scott, mas podia ser pior, sabes... O inglês do rapaz é bastante bom.

– Eu sei. Estive a ler o que *tweetou* antes do jogo da Nigéria contra a Argentina, no Grupo F.

Não estava completamente de acordo com o Viktor em pensar que fosse bom. Às vezes, é melhor para a equipa que um jogador com um grande ego não consiga fazer-se entender facilmente. Até àquele momento, tinha resistido à tentativa de falar do destino do Prometeu mitológico. Castigado por Zeus pelo crime de roubar o fogo e o dar ao homem, foi acorrentado a uma rocha onde, durante o dia, uma águia lhe comia o fígado, que se regenerava durante a noite porque, claro, Prometeu era imortal. Um castigo do caralho!

– Escuta, Viktor, uma vez que falaste com ele, talvez fosse melhor que o convencesse a deixar de *tweeter* sobre o grande talento que tem. Assim, a imprensa britânica não lhe cairá em cima quando chegar a Inglaterra.

– Que foi que ele disse?

– Qualquer coisa sobre o Lionel Messi. Que quando se encontrassem em campo, seria como o Nadal contra o Federer, mas que ele esperava sair a ganhar.

– Isso não é tão mau, pois não?

– Vik, o Messi ganhou os seus galões. O homem é um fenómeno. O Prometeus precisa de ter um pouco de humildade se quer sobreviver em Inglaterra. – Olhei para a televisão. – Espera, acho que somos nós.

O London City tinha de enfrentar a equipa grega do Olympiacos no Pireu na primeira mão da eliminatória, em finais de agosto. Dei a notícia ao Viktor.

– Não sei, isso é bom? – perguntou-me. – Jogarmos contra os gregos?

– Acho que sim, embora, como é óbvio, vá estar muito calor lá.

- É uma boa equipa?
- Não sei grande coisa deles, exceto que o Fulham acaba de contratar o seu melhor avançado por doze milhões.
- Isso joga a nosso favor.
- Suponho que sim. Mas acho que devia ir à Grécia em breve para os estudar. Fazer um relatório.

A Louise tinha-se mantido calada durante a minha conversa com o Viktor, mas assim que acabei de falar com ele pelo Skype disse:

– Acho que terás de fazer essa viagem sozinho, meu querido. Estive em Atenas. Havia uma greve geral e toda a cidade estava em polvorosa. Tumultos nas ruas, *graffiti* por todo o lado, o lixo por recolher, uma direita cruel, *cocktails molotov* contra as livrarias. Jurei que não voltaria lá.

– Acho que antes era pior. Li nos jornais que parece que a coisa está um pouco melhor desde a votação no parlamento grego sobre a dívida pública.

– Hum, não me convences. Não te esqueças de que foram os gregos que inventaram a palavra para isso: *caos*.

Quando o sorteio terminou, a Louise e eu fomos almoçar com Bastian Hoehling, um velho amigo que treina o Hertha BSC, uma equipa de Berlim. O Hertha não é um clube com tanto êxito como o Dortmund ou o Bayern de Munique, mas é só uma questão de tempo e de dinheiro, o que há muito em Berlim. O seu estádio, há pouco renovado, foi o local dos Jogos Olímpicos de 1936. Com uma capacidade de setenta e cinco mil lugares, é um dos mais impressionantes da Europa. Com as pessoas a mudar-se constantemente para Berlim – principalmente gente jovem –, o clube, que acaba de subir à Bundesliga, tem bastante apoio. É possível que a Premier League inglesa não tenha rival, e que os dois melhores clubes do mundo estejam em Espanha, mas para quem perceba alguma coisa de futebol, o futuro está na Alemanha.

Encontramo-nos com Bastian e a mulher, Jutta, no «restaurante esfera», no cimo da antiga torre de televisão, e quando terminamos de falar sobre a espetacular vista da cidade e da circundante zona rural, do clima excelente de que estávamos a desfrutar e do Mundial, o tema passou a ser a Liga dos Campeões e o jogo do City contra o

Olympiacos.

– Quando o Mundial terminar, o Hertha vai fazer a sua pré-temporada na Grécia – disse Bastian. – Um jogo contra o Panathinaikos, outro contra o Aris de Salónica e outro ainda contra o Olympiacos. Os donos do clube acharam que seria bom para as relações germano-gregas. Durante algum tempo, a Alemanha foi muito mal vista na Grécia. Era como se nos culpassem de todos os seus males económicos. Com a nossa viagem, esperamos lembrar aos gregos as coisas boas que a Alemanha fez por eles. Daí o nome da nossa competição peninsular: Taça Schliemann. Heinrich Schliemann foi o alemão que encontrou a famosa máscara de ouro de Agamémnon, que se pode ver no Museu Nacional de Arqueologia, em Atenas. Um dos patrocinadores do nosso clube vai lançar um novo produto na Grécia e a competição visa pôr a engrenagem em marcha. *Fakelaki*, acho que é o que lhe chamam. Ou talvez seja *miza*.

– Creio que não é *fakelaki* – comentou Louise, que falava um pouco de grego. – Isso refere-se a um envelope que se dá a um médico para que trate de um paciente.

– Seja *miza*, então – disse Bastian. – De uma maneira ou de outra, é uma forma de a Alemanha ajudar a injetar algum dinheiro no futebol grego. O Panathinaikos e o Aris são clubes que pertencem aos sócios, que é uma coisa em que os alemães acreditam firmemente.

– Queres dizer que no futebol alemão não há nenhum Viktor Sokolnikov nem nenhum Roman Abramovich? – perguntou Louise.

Bastian sorriu.

– Não. Nem xequês. Os nossos clubes são alemães, estão na mão de alemães e são dirigidos por alemães. Todos os clubes alemães têm de ter pelo menos cinquenta e um por cento das suas participações nas mãos dos sócios. O que ajuda a que o preço dos bilhetes não suba.

– Mas isso não significa que há menos dinheiro para gastar em novos jogadores? – perguntou Louise.

– O futebol alemão acredita nas academias – disse Bastian. – Em desenvolver jovens talentos e não em comprar o último menino de ouro.

– Por isso se saem melhor nos Mundiais.

– Acho que sim. Preferimos investir o dinheiro no futuro, não em

agentes de jogadores. E todos os treinadores têm de prestar contas aos adeptos, não aos caprichos de um oligarca corrupto. – Sorriu. – Isso quer dizer que, dentro de um ou dois anos, quando o Scott tiver sido despedido pelo atual patrão, acabará a dirigir um clube alemão.

– Até agora não me posso queixar.

O que não era exatamente verdade, claro. Era-me indiferente que Viktor tivesse comprado o Prometheus sem me consultar, ou mesmo o Bekim Develi. De certeza que isso nunca teria acontecido num clube alemão.

– Scott, devias vir connosco ao jogo do Olympiacos. Podias fazer o trabalho de casa para a Liga dos Campeões como convidado do Hertha. Gostaríamos muito que fosses connosco. Talvez pudéssemos até trocar algumas ideias, quem sabe?

– Não é má ideia. Pode ser que aceite o convite. Assim que terminemos a nossa viagem da pré-época pela Rússia.

– Pela Rússia? Ena!

– Vamos jogar contra o Lokomotiv de Moscovo, o Zenit de São Petersburgo e o Dínamo de São Petersburgo. Parece estranho, mas acho que só vou começar a sossegar quando tiver toda a equipa de volta do Rio sã e salva.

– Compreendo-te muito bem, Scott. A mim acontece-me o mesmo. E eu que pensava que estava a correr um risco com a ida à Grécia. À Rússia, caramba!

Encolhi os ombros.

– Que mal pode acontecer com os russos?

– Para além de todos aqueles doidos racistas que apoiam as equipas?

– Para além de todos aqueles doidos racistas que apoiam as equipas.

– Espreita pela janela. O que vês era a RDA comunista.

Fez um trejeito.

– Estamos em Berlim Oriental, Scott. A pergunta que fizeste, que mal pode acontecer com os russos, fazíamo-la nós diariamente há uns anos. E todos os dias obtínhamos a mesma resposta: tudo. Com os russos, tudo é possível.

– Acho que vai correr tudo bem. Foi o Viktor que preparou a

viagem. Se ele não pode garantir uma pré-época sem problemas, ninguém pode.

– Espero que tenhas razão, mas a Rússia não é uma democracia. Finge. O país é governado por um ditador que aprendeu com outros ditadores e que teve êxito graças à sua política ditatorial. Por isso, não esqueças: numa ditadura tudo pode acontecer e o normal é que aconteça.

Às vezes, retrospectivamente, um bom conselho pode parecer-se mais com uma profecia.

Capítulo 2

Na Rússia, as coisas correram mal desde o princípio.

Primeiro, o voo para São Petersburgo a bordo do avião privado fretado para a equipa pela Aeroflot saiu do aeroporto londrino depois de uma espera de três horas no terminal, sem eletricidade, sem ar condicionado e sem água. Pouco depois de levantar voo, o avião sofreu uma avaria grave que fez com que a maioria de nós começasse a pensar que poderíamos nunca mais voltar a caminhar sós outra vez. Parecia uma atração de feira, mas num *Ilyushin IL96*, era o inferno. Caímos milhares de metros até os pilotos recuperarem o controlo daquela banheira com asas de manufatura russa e anunciarem que nos desviávamos para Oslo «para reabastecer».

Enquanto descíamos para o aeroporto de Oslo, o avião dava solavancos como uma velha caravana e todos começámos a pensar no Manchester United de Busby e no desastre aéreo de 1958 em Munique, no qual morreram vinte dos quarenta e quatro passageiros. É nisso que pensam as equipas de futebol quando há um problema num avião, seja por mau tempo seja por turbulência.

E isso faz com que nos perguntemos por que razão a Aeroflot é a companhia de aviação oficial do Manchester United.

A situação levou a que Denis Abayev, o nutricionista da equipa, tentasse pôr-nos a rezar, o que só serviu para que todos, com exceção dos mais religiosos, pensassem que não nos íamos salvar. Denis tem um punhado de diplomas em ciências do desporto e antes de se juntar ao City foi conselheiro da equipa britânica nos Jogos Olímpicos de Londres, enquanto trabalhava no Instituto Inglês do Desporto, mas não sabia nada da psicologia humana e assustou tantos quantos os que reconfortou. Depois de viver os vinte minutos mais longos da minha vida, o avião aterrou em segurança entre sonoros vivas e aplausos e o meu coração voltou a bater. Mas mal chegámos ao terminal do aeroporto de Oslo, puxei o Denis à parte e disse-lhe que nunca mais voltasse a fazer o que fez.

– A rezar por todos, chefe?

– Exatamente – respondi. – Ao menos, não o faças em voz alta. Além de começares a gritar «*Allahu Akbar*» e a agitar um Alcorão e

uma faca, Denis, não me ocorre melhor forma de assustares as pessoas num avião do que pores-te a rezar daquela maneira.

– A sério, chefe, não o teria feito se não os tivesse visto borrados de medo – respondeu. – Pareceu-me o mais adequado naquele momento.

Denis era alto, magro, de olhar vivo, a rondar os trinta anos, de cabelo comprido e barba incipiente ou, porventura, a intenção quase fútil de deixar crescer uma (se lhe ficasse um pouco de leite na barba, o gato lambê-lo-ia). Era moreno, tinha uns olhos que pareciam de ébano e um nariz em que se poderia prender um barco. Se Zlatan tivesse um irmão *nerd* mais novo, é provável que se parecesse com o Denis Abayev.

– Entendo, Denis, mas se queres rezar, fá-lo em silêncio. Verás que as companhias de aviação não gostam muito que as pessoas comecem a pensar que Deus pode fazer aquilo que, em geral, um piloto pode fazer com as suas mãos. Na verdade, tenho a certeza de que não gostam. E eu também não. Não voltes a fazer nada religioso ao pé dos meus jogadores. Entendido? A menos que estejamos a perder por um golo em Camp Nou. Percebido?

– Mas foi a mão de Deus que nos salvou, chefe. De certeza que também sentiu isso.

– Tretas – comentou Bekim Develi, que estava por detrás de nós e tinha ouvido Denis.

– Foi a vontade de Alá – insistiu Denis.

– Quê!? – exclamou Bekim. – Não acredito. É um filho da mãe de um jihadista. Um imbecil.

– Bekim, cala a matraca! – ordenei.

Mas depois de termos escapado com vida, ainda lhe corria a adrenalina pelo corpo. A mim, sim, pelo menos. Deu-me um ligeiro empurrão e cravou o indicador no ombro de Denis.

– Escuta, amigo, pela mesma ordem de razão também foi vontade do teu Alá pôr-nos numa situação em que tememos pelas nossas vidas. É esse o problema convosco. Gostam muito que o vosso amigo Alá fique com os méritos quando as coisas correm bem, mas não querem culpá-lo se as coisas correm mal.

– Por favor, não blasfemes dessa maneira – disse Denis com calma. – E não sou jihadista, sou muçulmano, qual é o problema?

– Pensava que eras inglês – respondeu Bekim. – Denis. Que raio de nome é esse para um imbecil?

– Sou inglês – explicou Denis sem perder a paciência. – Mas os meus pais são da República da Inguchétia.

– Porra, era só o que nos faltava – disse Bekim. – É *arabskiy*. Um sacana de um LKN.

Soube depois que LKN era uma abreviatura e um dos termos pejorativos que os russos usavam para se referirem a qualquer pessoa da sua fronteira sul e, provavelmente, das repúblicas muçulmanas.

– Cala a matraca, Bekim – disse-lhe.

– Ser muçulmano não faz de mim um terrorista – comentou Denis.

– Isso dizes tu. Escuta, amigo, que fique bem claro: sei que és o nutricionista da equipa, mas a mim não me dês essa carne sacrificada segundo os preceitos islâmicos. Gosto de todos os animais. Não quero comer nenhum animal que tenha tido a garganta cortada em nome de Deus. Não me venhas com essa merda. Dá-me carne de animais mortos de maneira normal, está bem?

– E por que o faria? Não sou nenhum fanático.

– Isso é o que tu dizes agora, mas foram os teus que mataram aquelas crianças todas em Beslan.

– Esses eram ossétios – retorquiu Denis.

– Foda-se!

– Chega, Bekim – insisti. – Se dizes mais uma palavra, mando-te de volta para Londres.

– Acha que quero ir a algum lado depois da porra deste voo?

Bekim levou uma mão ao peito e sacudi a cabeça.

– Bolas, chefe! Não volto a entrar num avião. Pensava que o Denis Bergkamp era um medricas porque não gostava de voar. Agora já não tenho tanta certeza.

Nunca acreditei que servisse de muito multar os jogadores. Às vezes, é preciso, mas fica sempre um amargo de boca, como se se tirasse a semanada a um garoto. Sempre é melhor assumir que querem jogar e estar na equipa e fazer-lhes ver que, se não se comportarem e tratarem os outros com respeito, ficam sem isso. Expulsar um futebolista do treino ou de um jogo costuma ser um castigo que surte muito maior efeito. Isso e ameaçar dar-lhe um soco na boca.

Agarrei o russo pelos ombros e olhei-o nos olhos. Era um tipo grande, de barba ruiva em forma de pá e um temperamento explosivo, razão por que era conhecido por «diabo vermelho». Tinha-o visto dar cabeçadas na boca a outros jogadores por muito menos do que eu fazia agora, mas estava preparado para ripostar.

– Agora, acalma-te, está bem? Ainda continuas no ar com a porra do meu estômago. Quero que te cales e sossegues, Bekim. Acabámos todos de passar por uma experiência aterradora e nenhum de nós é capaz de pensar como deve ser. Mas sabes uma coisa? Alegra-me que tenhamos passado por isto. São merdas como estas que nos tornam mais fortes como equipa. E na equipa estás tu, estou eu e está ele. Sim, o Denis também. Fiz-me entender, Bekim?

Bekim assentiu.

– Agora, acho que lhe deves um pedido de desculpa.

Bekim assentiu de novo e, com os olhos um pouco lacrimejantes, talvez por se dar conta do que estivera quase a perder, apertou a mão a Denis e abraçou-o, começando a chorar.

Bastante satisfeito com o resultado da situação, deixei-os a sós.

Capítulo 3

Prometheus juntou-se à equipa em São Petersburgo. Era um rapaz alto, musculoso, com um grande sorriso, cabeça rapada, com um longo e largo nariz como um escudo zulu e mais brincos de diamantes nas orelhas que a rainha de Sabá. Vestia como uma estrela de *rap* e parecia ter mais bonés de basebol que Babe Ruth, o que não era um vestuário estranho entre os jogadores do London City. Mas ao contrário de alguns dos nossos jogadores, não mostrava sinais de fadiga depois de participar no Mundial. Esforçava-se nos treinos, fazia o que lhe pediam e comportava-se de maneira impecável. Deixou mesmo de *tweetar* e, quando me tratou por «senhor», quase me esqueci das minhas reservas iniciais relativamente à sua atitude para com a disciplina. Além disso, depois do primeiro jogo, surgiu um assunto mais importante com que me preocupar.

O Dínamo de São Petersburgo é uma equipa relativamente jovem, criação dos seus coproprietários, Semion Mikhailov e Pushkin Kompaniya, um gigante russo da energia que faz de tudo: desde a manufatura de enormes turbinas de energia à exportação de petróleo e gás, muito provavelmente, ganhando grandes quantidades de dinheiro. O estádio Nyenskans, nas margens do rio Neva, fica próximo do Centro Lakhta, o arranha-céus mais alto da Europa. Tem capacidade para cinquenta mil espectadores, o que, até que acabe de se construir o novo estádio do mais antigo rival do Dínamo, o Zenit, o torna no maior da cidade. Tudo isso faz com que São Petersburgo pareça sofisticada e moderna. Na realidade, porém, as ruas estão cheias de buracos, as pessoas andam com roupas puídas e só os melhores hotéis – não mais de três ou quatro – estão livres de parasitas.

Não menos repulsivo é um núcleo de adeptos violentos que andam com bandeiras nazis e fazem a saudação hitleriana, atiram bananas aos jogadores negros e em geral provocam distúrbios sempre que podem e aonde vão. Desde que Bekim Develi deixara o Dínamo de São Petersburgo em circunstâncias difíceis havia apenas seis meses, tomei a decisão de não o fazer alinhar no nosso primeiro jogo por receio de que a sua presença pudesse inflamar os adeptos locais. Além disso,

calculei que os seus adutores talvez precisassem de mais uns dias de descanso. Descanso que não ia dar aos nossos jogadores negros, porque isso seria ceder à intimidação, que é o que os filhos da puta daqueles racistas querem. Talvez por se tratar de um jogo amigável, houve menos cânticos sobre macacos do que de costume e, a meu pedido, os nossos futebolistas negros, e temos vários, não se deixaram provocar. Como era de esperar, foi lançada uma banana para o campo, mas Gary Ferguson apanhou-a e comeu-a, o que, dadas as condições da maior parte da fruta fresca na Rússia, foi um ato de valentia.

O problema, quando chegou, veio de onde não era esperado.

O Dínamo defendia bem e tinha um jogador, um defesa-central chamado Andre Sholokhov, do qual tomei nota para o futuro, mas a estrela do encontro foi o nosso extremo-esquerdo Soltani Boumediene, um árabe israelita de vinte e quatro anos de idade que tinha começado a carreira em Haifa e, tal como Denis Abayev, era muçulmano, ainda que bastante moderado e não praticante.

O golo de Soltani, o único do jogo, foi marcado mesmo no último minuto, um livre fantástico, cheio de efeito e com a bola a descair, batido de um ângulo quase impossível, coisa que o tinha visto fazer nos treinos mas que só raramente lhe saía bem. Foi o que sucedeu a seguir que causou os problemas. Soltani correu para a câmara de televisão e fez uma saudação com os quatro dedos para celebrar o golo, gesto que não significou nada para mim ou para quase toda a gente no estádio e, na altura, passou despercebido. Só depois de sairmos do campo é que a situação se tornou feia.

Íamos pelo túnel dos jogadores, a caminho do balneário, quando vários membros da polícia anti-distúrbios local, a OMON, prenderam Soltani e o meteram à força numa carrinha da polícia. Volodya, o nosso diminuto acompanhante russo, falou com um dos polícias, que lhe explicou que a saudação com os quatro dedos que Soltani fizera diante da câmara era conhecida como «4Rabia», o símbolo dos que apoiam o deposto presidente egípcio Mohammed Morsi e a Irmandade Muçulmana, uma organização proibida na Rússia. Volodya também nos contou que a polícia tinha ordens para levar Soltani ao Angleterre Hotel – onde estávamos alojados – de forma a que recolhesse os seus bens e depois conduzi-lo ao aeroporto Internacional Pulkovo, de onde

seria de imediato deportado.

Viktor acompanhou-nos ao hotel, onde passou meia hora ao telefone com o coronel-general da polícia que se encontrava em Moscovo, no Ministério do Interior, enquanto a equipa esperava no vestíbulo. A Irmandade Muçulmana, dizia o coronel-general, era quem autorizara os ataques dos muçulmanos chechenos à Rússia, embora depois de uma investigação se tivesse descoberto não haver provas que suportassem essa afirmação. No entanto, não se podia negar que na conta de Twitter de Soltani havia o seguinte *tweet*: *Na Praça Tahir, com familiares e amigos, em harmonia e com valentia com a Irmandade Islâmica #R4BIA e #Antigolpe*. Por isso, a conversa de Viktor com o coronel-general não serviu para nada e a deportação seria levada a cabo como determinado.

Quando ficámos a saber das notícias, jogadores e pessoal reuniram-se frente à porta do hotel e ficaram a ver Soltani Boumediene ser levado algemado em direção ao aeroporto. Ninguém disse grande coisa, mas a equipa estava muito deprimida e houve vários jogadores que me disseram estar a favor de voltarmos para Londres com Soltani no avião seguinte. Visto o que depois sucedeu, teria sido melhor.

A imprensa já tinha feito eco da história, inclusive a BBC World, que não tinha tido um furo jornalístico durante duas décadas. De alguma forma, haviam conseguido convencer Bekim Develi a conceder-lhes uma entrevista para explicar o que acontecera e o russo deu ao feliz repórter uma história ainda maior do que a que pensava conseguir.

Bekim era o único russo da equipa e tomou como algo muito pessoal o que acontecera a Soltani:

«Como cidadão russo, sinto-me profundamente envergonhado com o que se passou no estádio Nyenskans esta tarde. Soltani Boumediene é meu amigo e não tem nada que ver com a Irmandade Muçulmana. Não apoia o terrorismo. Poucos futebolistas conheci que acreditem mais do que ele na democracia. De que outra maneira podia ter jogado por uma equipa israelita durante tanto tempo? Os israelitas nunca encontraram razões para o deportar quando jogava no Haifa FC, mas as autoridades russas acham que sabem mais do que ninguém. Claro que isto é meramente típico na Rússia moderna: ninguém tem

direitos e as pessoas podem ser presas sem julgamento por fazerem um simples telefonema. E porque é que isso acontece? Por causa de um homem que está acima da lei, que faz o que lhe apetece e não presta contas a ninguém. Toda a gente sabe de quem estou a falar: de Vladimir Putin, o presidente da Rússia. É apenas uma pessoa, mas estou farto de que se comporte como se fosse o czar ou o próprio Deus.»

Bekim anunciou também que se ia juntar ao Outra Rússia, uma organização composta pelos opositores políticos de Putin. Chegou mesmo a sugerir que o Dínamo de São Petersburgo estava ligado ao FSB – a polícia secreta russa –, tal como o Dínamo de Moscovo tinha sido uma secção do antigo KGB.

«Há agentes secretos em São Petersburgo – continuou ele para o jornalista da BBC –, membros do FSB que estão conluiados com certos homens de negócios que precisam de branquear o mais possível o seu dinheiro. Os clubes de futebol são muito úteis para lavar dinheiro sujo, o que poderia ser a razão por que esses vigaristas criaram o Dínamo de São Petersburgo: para lavar o que ganharam de forma suja. Dinheiro desviado e roubado ao povo russo.»

Estas declarações obrigaram Vik a fazer mais uns quantos telefonemas a tentar evitar que também Bekim Develi fosse preso.

Capítulo 4

Em Moscovo, a etapa seguinte da nossa viagem, as coisas foram de mal a pior. E desta vez nem os racistas nem o autocrático presidente da Rússia tiveram nada que ver.

Por esta altura, quase toda a gente que soubesse alguma coisa de futebol suspeitava que Christoph Bündchen, o nosso jovem avançado alemão, era homossexual. E se há algo que não se pode dizer da Rússia é que seja tolerante com os homossexuais, como ficou demonstrado na véspera dos Jogos Olímpicos de Sochi, em que era habitual homens russos serem espancados nas ruas de Moscovo pelo mero facto de se suspeitar gostarem de flores. O que quer dizer que, logo que Christoph tocou na bola no Arena Khimki, estádio em que o Dínamo de Moscovo disputa os seus jogos em casa enquanto espera pela construção do novo Arena VTB, o público começou a assobiar-lhe, a atirar-lhe beijos, e não faltou quem baixasse as calças a mostrar um cu branco cheio de sinais.

Foi feio e intimidatório, e enquanto Christoph tentou ao máximo ignorar aquilo marcando um belo golo que fez com que Anton Shunin, o brilhante guarda-redes do Dínamo, parecesse tão ágil como um abeto de Douglas plantado à boca da baliza, o facto de nem sequer o ter celebrado fez-me perceber que estava a sentir-se afetado. Por sugestão de Gary Ferguson, o capitão da equipa, substituí ao intervalo Christoph por Bekim, que lhes calou a boca com dois golos no espaço de dez minutos.

Geralmente, quando Bekim marca golo em Silvertown Dock, adota uma postura de lanceiro, o que me faz recordar Aquiles ou o rei espartano Leónidas no filme *300*. Às vezes, finge até que arremessa um dardo invisível aos adeptos, mas nesta ocasião começou a morder o polegar, o que me deixou perplexo.

– É algum tipo de insulto russo? – perguntei ao nosso treinador-adjunto, Simon Page.

– O quê?

– O Bekim morder o dedo. É a segunda vez que o faz hoje.

Simon, que era de Yorkshire e pouco dado a diplomacias, abanou a cabeça.

– Não faço a mínima ideia – confessou. – Mas temos tantos malditos estrangeiros na equipa que às vezes é preciso ser um cabrão de um Desmond Morris para saber que diabo se passa, que raio significam todas estas quenelles e R4BIAS e cornos. E os manguitos. No meu tempo, fazia-se um gesto obsceno a quem cometesse uma falta e quase todos os árbitros se fingiam de parvos e olhavam para o outro lado. Mas hoje em dia nada se perde. A puta da televisão vê tudo. E a BBC é a pior. Adoram mexer no balde da merda do politicamente correto quando se lhes apresenta a ocasião.

– Obrigado, Professor Laurie Taylor – respondi. – Não teria perdido a aula por nada deste mundo.

– O Bekim não morde o polegar quando marca – disse Ayrton Taylor, que continuava em recuperação do metatarso partido e da deceção da Inglaterra no Mundial. – Chupa-o. Como o Jack Wilshire.

Não tinha visto o Jack Wilshire marcar muitos golos – não certamente por Inglaterra –, por isso, continuava perplexo.

– E por que faz isso? – perguntou Simon.

– Pelo filho bebé que tem. É a sua forma de lhe dedicar o golo.

– Não me fodas – resmungou Simon. – Pensei que bastava fazer uma tatuagem. Acho que preferia a do lanceiro. Parecia mais adequado para um homem. Chupar o dedo daquela maneira fá-lo parecer um palerma.

– Acho que também preferia o da lança – comentei.

– Deixou de o fazer porque o Prometheus lhe disse que não gosta – explicou Ayrton. – Disse-lhe que era insultuoso para os africanos.

– Disse o quê? – perguntou Simon, incrédulo.

– O Prometheus pediu-lhe que não fizesse mais o do lanceiro. E disse-lhe isso muito educadamente.

– Foda-se – exclamou Simon. – Quem pensa ele que é? Um tipo que acabou de chegar e que ainda tem de provar que consegue abrir caminho no futebol inglês. O Bekim, sim, vale o que pagámos por ele.

O verdadeiro problema, porém, não começou no campo, mas no vestiário, depois do jogo. E não foram os adeptos do Dínamo que o causaram, antes um dos nossos jogadores.

– Esses russos a atirar beijos e a mostrar-nos o rabo – disse Prometheus – acham que somos maricas ou quê?

– Não liguês, rapaz – disse Gary. – Estão só a tentar picar-te. Chatear-te.

– Pois eu achei graça à mudança da banana – disse Jimmy Ribbans.

– Não sei que dizer – comentou Prometheus. – Se as pessoas quiserem chamar-me negro bastardo, não me importo. Como podem ver, sou negro. E por acaso, também sou bastardo. Pelo menos, é o que diz a minha mãe. Mais, gosto de bananas. Do que eu não gosto, pá, é de mariconços. No meu país, se chamares a alguém mariconço, estás feito. Pensam que somos maricas por sermos uma equipa inglesa?

– Sim, é possível – disse Gary.

– E isso não vos incomoda?

– E quem é que se importa com isso? – disse Bekim.

– Eu – respondeu Prometheus. – A mim importa-me muito. Na Nigéria, há uma nova lei pela qual podes ser condenado a catorze anos de prisão por te casares com um homem.

– A minha mulher está casada com um homem – comentou Ayrton Taylor. – Pelo menos, até à última vez que me olhei ao espelho.

– Refiro-me a um homem casar com outro homem. Mariconço. A lei da xaria manda açoitá-lo em plena rua quem tem relações homossexuais.

– E isso parece-te bem? – perguntou Bekim.

– Claro. É um dos poucos assuntos em que muçulmanos e cristãos estão de acordo no meu país. Mas o facto é que há muito poucos africanos negros rabetas e abafa palhinhas. Na verdade, só parece ser um problema nos países de brancos.

– Preferia que não falasses assim – disse Gary. – Vive e deixa viver. Por que não te calas, querido, e vais tomar um duche?

– O que digo é que o problema dos mariconços só se levanta nas grandes cidades. Em África, não temos esse problema.

Durante a conversa, ninguém reparou em Christoph Bündchen, que fazia o que podia por ignorar o assunto, mas é claro que Bekim se sentia quase tão desconfortável como o jovem alemão. O russo olhou para Christoph cheio de preocupação antes de voltar a centrar-se em Prometheus.

– Onde é que vais buscar essas ideias de merda? – perguntou

Bekim. – Nunca tinha ouvido tanto disparate junto. Não há homossexuais em África? Claro que há homossexuais em África.

– Pronto, chega – atalhei. – Calem-se todos. Não quero voltar a ouvir falar de homossexuais neste balneário. Perceberam?

– Pensava que era no balneário que mais se devia discutir o assunto – comentou Prometheus. – Não quero partilhar o duche com um homossexual que me possa tocar e pegar-me sida.

– Cala a matraca, Prometheus – ordenei. – Se voltas a andar assim na fanfarronice noutro jogo, substituo-te e multo-te com uma semana de salário.

Quando estava a terminar o jogo, o africano pôs-se a dar toques na bola, durante uns segundos, para gozar com o defesa, antes de a passar a Bekim, que marcou. Não era um erro flagrante, à luz do resultado do jogo, mas estava a tentar desesperadamente mudar de assunto.

– Acho que estás equivocado, miúdo – disse Bekim a Prometheus. – Podes ter assinado com uma equipa de futebol inglesa, mas é evidente que ainda tens de te tornar civilizado.

– Também é para ti, Bekim – disse eu. – Cala a matraca.

– Acho que estás a defender os mariconços porque és um deles – respondeu o nigeriano a Bekim. – E também és racista. Então, eu não sou civilizado? Vai-te foder, Ivan.

Bekim pôs-se de pé.

– O que é que disseste?

– Chega! – insisti.

Prometheus levantou-se também e encarou-o.

– O que ouviste, borboleta.

– *Ya toboi sit po gor loi* – respondeu Bekim em russo. Quando se irritava, começava a falar em russo. Por alguma razão lhe chamavam «diabo vermelho». – *Ti menya zayebal. Dazhe ney du mai, chto mozhes, me-njya khui nye stavit.* Nem penses que me faltas assim ao respeito, seu grande animal.

– Comportem-se como deve ser, seus filhos da mãe! – gritou Simon.

Tinha-me posto na frente de Bekim e agarrava-lhe os pulsos, e Gary Ferguson bloqueava a passagem a Prometheus, o que não ia impedir que aqueles dois héracles se pegassem um com o outro. Às vezes, o

balneário é assim. Há demasiada energia, demasiada testosterona, demasiada frustração, demasiada insolência, demasiada arrogância. Não se consegue explicar, mas acontece, isso garanto. Num minuto estão a insultar-se e no minuto a seguir a esmurrar-se. Fiz o que pude para conter os punhos de Bekim, mas ele era demasiado forte para mim e logo um golpe forte atingiu a cara do nigeriano. Prometheus caiu no chão como um cabide demasiado carregado de roupa, mas levantou-se de imediato, agarrou o russo pela barba e tentou dar-lhe um murro. Falhou e acertou em Jimmy Ribbans, que cambaleou com a boca cheia de sangue antes de se voltar e aplicar um valente sopapo na cara de Prometheus.

Tenho de admitir que uma pequena parte de mim esperava que aquela situação servisse para que o jovem nigeriano ganhasse algum juízo, mas também devo reconhecer que não me parecia provável que Prometheus fosse deixar de ser homofóbico só por ter levado uns socos.

– Foste tu que me bateste? – disse o nigeriano aos gritos a Bekim quando o dominaram pela segunda vez. – Foste tu?

– Estavas a pedi-las há muito, miúdo – respondeu-lhe Bekim.

– Vou-te deitar mau-olhado, mariconço, hás de ver. Conheço um feiticeiro que te vai arranjar esse cu de mariconço. Vou fazer com que te matem. Vou queimar-te a merda do carro. Vou violar a puta da tua mulher e obrigá-la a chupar-me o pau.

– Vai-te foder, *chyernozhopii*. Vai-te foder, tu e a macaca que te pariu.

Esta segunda troca de insultos deu lugar a nova explosão de murros e pontapés.

– Acalmem-se – gritei de novo, enquanto o resto da equipa separava os três engalfinhados. – O próximo que der algum soco fica suspenso. Quem voltar a insultar alguém fica suspenso. Falo a sério. Suspendo-vos aos dois sem vencimento e multo-vos com uma semana de salário; e quando estiver completamente satisfeito e tiverem passado a época toda sentados no banco, despeço-vos aos dois, caralho. Farei com que todos os clubes europeus saibam que vocês são uns filhos da mãe e ninguém vos contratará. Assegurar-me-ei de que não voltarão a trabalhar no mundo do futebol. Fui claro?

– E se isso não chegar, dou-vos uma tarefa de morte – acrescentou Simon. – E não me estou a referir a esses golpezitos que andaram para aí a dar.

Poucos duvidariam de que fosse capaz de o fazer. O gigante de Yorkshire não ameaçava em vão. Quando tirava os óculos e a parte de cima da dentadura, era um dos tipos mais temíveis no mundo do futebol.

– Importa-me tanto como nada que me despeçam se, com essa carga de porrada, conseguir pôr-vos algum juízo nas cabeças. Nunca tinha visto nada assim. E consideram-se vocês companheiros de equipa? Vi jogos entre o Rangers e o Celtic em que havia mais camaradagem. Que par de cabrões!

Capítulo 5

Apesar da minha aterradora experiência vivida a bordo de um *Ilyushin* da Aeroflot, ainda gosto menos de voar de helicóptero, incluindo o luxuoso *Sikorsky-92* de Viktor Sokolnikov, que, depois do regresso da equipa da Rússia, descolou do heliporto londrino de Battersea uma terça-feira de agosto pela manhã em direção a Paris. Viajavam nele Viktor Sokolnikov, Phil Hobday, presidente do City, e eu.

Sempre que voo de helicóptero, a única coisa em que consigo pensar não é no tempo que poupamos, mas em Matthew Harding, o vice-presidente multimilionário do Chelsea, que morreu num acidente de helicóptero em 1996, depois de um jogo fora de casa com o Bolton Wanderers. Isso de os helicópteros serem menos aerodinâmicos do que os aviões – as hélices de um helicóptero continuam a rodar apesar de o motor parar (pelo menos, foi o que me disse o Viktor), é uma história da carochinha, mas também é verdade que os helicópteros fazem coisas mais perigosas que os aviões, como levantar e aterrar em zonas muito edificadas e, como se não bastasse, em partes do mundo com climas terríveis. Acho que morrer num helicóptero há de ser muito mau, mas cair num sítio como Bolton, seria terrível.

Voávamos para Paris para almoçar com Kojo Ironsi, que além de ser o agente e o representante de Prometheus Adenuga, era o dono da famosa Academia de Futebol King Shark, em Acra, no Gana. Viktor já tinha uma participação na Academia, mas Kojo, de quem se dizia estar com muita falta de liquidez, pretendia vender-lhe uma parcela maior, e eu acompanhava o multimilionário dono do City para o ajudar a avaliar o valor da referida academia. Ou pelo menos era o que eu pensava. Levava comigo relatórios feitos por um treinador independente africano em que me devia apoiar se Vik decidisse que Kojo estava a pedir demasiado.

Todos os jogadores que tinham saído da Academia King Shark, incluindo Prometheus e vários outros nomes importantes, tinham relações contratuais com a própria KSA, o que significava que tanto eles como os clubes que os compravam tinham de pagar uma percentagem da transferência à academia. Kojo alegava ser um

filantropo e dizia que tudo o que fazia era para o bem dos jovens africanos com talento que, de outro modo, teriam dificuldade em jogar nos melhores clubes do mundo; mas, de fora, parecia que os jogadores estavam ligados a Kojo e à KSA durante o resto das suas vidas profissionais.

– Quanto é que seria pagar demasiado? – perguntei a Vik algures sobre o Canal da Mancha.

– Seja o que for que peça, é demasiado – respondeu Phil. – Isso é um facto. É como tentar comprar um tapete a uma serpente marroquina.

– Ainda assim, há bons jogadores nessa lista – disse Vik. – Não te parece, Scott?

– Sim, vários dos melhores jogadores africanos a jogar atualmente na Europa parecem ter saído da KSA. Pelo menos, é o que afirma Kojo.

– Segundo os meus advogados, todos esses contratos estão blindados – explicou Viktor. – E não se pode fazer nada com as suculentas comissões que os principais clubes continuam a depositar nas contas dos bancos suíços da KSA. Já possuo vinte e cinco por cento da academia. O que me parece é que ele vai tentar que eu compre até ter quarenta e nove por cento, percentagem pela qual estou disposto a pagar dez milhões de euros. Claro que ele vai pedir o dobro. Ou talvez mais.

– Então, não sei para que precisas de mim.

– Não quero acordar um dia e dar por mim acusado de ser coproprietário de uma empresa que trafica crianças. Quero que abordes o tema.

– Parece-me bem, porque eu também tenho as minhas dúvidas.

– Se ficar satisfeito e decidir que quero aumentar a minha participação na academia, vou precisar que ajudes o Kojo a ver as coisas da perspetiva de alguém que conhece futebolistas e o seu verdadeiro valor no mercado. E de um em particular: o nosso jovem Prometheus. Devíamos usar os problemas disciplinares que o rapaz nos está a causar para baixar a crista ao Kojo. Entendido?

– Acho que sim. Queres que diga ao tipo que o Prometheus foi uma decepção.

– O que é verdade – disse Phil. – Francamente, é uma dor de

cabeca. Nem queiras saber o tempo que passei a tratar da porcaria do carro dele.

Mal chegara a Londres, Prometheus gastou quatrocentas mil libras num *Mercedes McLaren SLR*, mas havia um problema que a Polícia Metropolitana descobrira de imediato: o nigeriano não tinha carta de condução. No Mónaco, não houvera problema, pois só conduzira de uma ponta a outra do quilómetro e meio que media o principado, e raramente a mais de cinquenta quilómetros por hora; na verdade, não se pode andar muito mais depressa no Mónaco. Em Londres, as coisas eram diferentes. Prometheus podia perder a carta que ainda não tinha e ver ser-lhe confiscado o carro, o que constituía um recorde entre os clubes de futebol ingleses.

– Mas é um bom jogador – comentou Viktor. – Tenho a certeza de que o Scott consegue tirar o melhor dele.

– Gostaria de partilhar do teu otimismo.

– Como vão as coisas entre ele e o Bekim?

– Não muito bem desde que estivemos na Rússia. Prometheus manteve-se calado nos treinos, mas *retweetou* várias vezes os comentários de um bispo católico da Nigéria em que este agradecia publicamente ao presidente do país, Goodluck Jonathan, a promulgação de uma lei contra a homossexualidade, o que, evidentemente, não melhora a situação.

– Desde que o Bekim não siga o Prometheus no Twitter, não vejo qual é o problema – comentou Vik. – Só nos podemos ofender com o que alguém publica se o seguirmos, não é assim?

– O problema, Vik – disse Phil – é que a imprensa sensacionalista faz eco do que o Prometheus *tweeta* e o Bekim, como toda a gente, lê a imprensa. Para não falar do Christoph Bündchen. Além disso, não se esqueceram do que aconteceu com o alemão no Brasil. Os jornais gostam muito de criar problemas.

– É gay? – perguntou-me Phil, mas quem respondeu foi Viktor.

– Claro que é gay. Até vive com um homem.

– Para sermos justos – disse eu –, Harry Koenig é apenas um companheiro de apartamento. Um jogador alemão das reservas do Queens Park Rangers que o agente de ligação do Christoph conseguiu que vivesse com ele para que não se sentisse sozinho.

- É possível, mas a verdade é que o Harry também é homossexual.
- Como é que sabes isso? – perguntei.
- Porque os tenho *droneado*.
- *Droneado*? Que é isso?

– Sou dono de uma empresa de drones militares – respondeu Vik, como se fosse a coisa mais normal do mundo. – Os mais pequenos são do tamanho de uma pomba. Pode-se seguir quem se quiser com um drone, fazê-lo pousar na borda da janela e gravar o que se quiser. Recarregam-se sozinhos nas linhas telefónicas.

E falava sem nenhum tipo de remorso.

– Espiei todos os nossos jogadores. Não lhes vou pagar o que lhes pago sem saber tudo o que possa acerca deles. Tem calma, Scott, não é ilegal.

– Pois se não é, parece.

Perguntei-me se também me teria *droneado*, termo que fazia com que o de colocar um telefone sob escuta fosse muito antiquado.

– Também pedi que fossem avaliados psiquiatricamente. Sabias que três dos nossos jogadores são psicopatas?

– Quais?

– Não sou delator. Não fiquem tão chocados, meus senhores. Os psicopatas podem ser úteis, principalmente no desporto. Não quer dizer que vão matar alguém. – Riu-se por entre dentes. – Pelo menos não imediatamente.

Perguntei-me se, inconscientemente, se estaria a referir ao piloto do nosso helicóptero, que sobrevoava em círculos o pequeno heliporto como se fosse uma abelha a avaliar os encantos de uma inusual flor amarela com um estigma em forma de H. Fechei os olhos e fiquei à espera que aterrássemos.

- Anima-te, Scott – disse Viktor. – Pode nunca acontecer.
- Sinceramente, espero que não.

Capítulo 6

No heliporto, tínhamos à espera uma pequena frota de *Range Rovers* negros para nos levar ao centro da cidade. Vinte minutos depois, avançávamos a boa velocidade pelos Campos Elísios. Parecia tudo muito diferente desde a última vez que ali estivera, em maio de 2013, quando, convidado por David Beckham, visitei Paris para ver o triunfo do PSG frente ao Lyon, num jogo em que aquele conquistou o seu primeiro título francês desde 1994. No dia a seguir, houvera distúrbios porque as celebrações deram para o torto e tive de apressar-me a voltar ao hotel George V para escapar aos efeitos do gás lacrimogéneo. Houve lojas saqueadas, carros queimados e transeuntes ameaçados de violência. Resultado: trinta feridos, três deles polícias. Aqueles que pensam que os adeptos ingleses não sabem comportar-se deviam ter lá estado para ver. Não há nada que os franceses tenham a aprender connosco no que respeita a distúrbios, o que deve ser a razão por que em Paris há sempre tanta polícia. Há mais polícias em Paris do que na Alemanha nazi.

Fomos ao restaurante Taillevent, na Rua Lamennais. Era uma sala bastante austera, com umas paredes revestidas de carvalho claro e outras pintadas de bege, disposta de maneira a atender quem nunca gasta menos de cento e cinquenta euros por almoço. Cumprimentaram Viktor como se tivesse acabado de descer de um elefante de oiro com um diamante na testa. Kojo Ironsi já lá estava, tal como o outro convidado do meu chefe, um gestor americano de fundos de cobertura chamado Cooper Lybrand.

Kojo agradou-me mais do que estava à espera, ao contrário de Cooper Lybrand, de quem não gostei nada. Kojo falava dos seus rapazes e dos seus clientes, ao passo que Cooper só falava dos monos e marionetas de quem se tinha aproveitado nos negócios que fechara. Mas ambos estavam ali para o mesmo: o dinheiro de Viktor.

Kojo estava bem vestido, falava educadamente, com a merecida reputação de cuidar dos clientes da KSA. Tinha um riso fácil e as suas mãos eram como pás. Era fácil de perceber por que razão os jogadores confiavam naquele homem que tinha sido guarda-redes do Inter de Milão e Futebolista Africano do Ano. Dizia-se que era capaz de fazer o

que fosse preciso pelos seus clientes mais importantes, alegando que se não jogavam, não pagavam. Contava-se que, certa vez, tinha carregado com as culpas de um famosíssimo avançado da Premier League que quase foi apanhado na posse de cocaína.

Não tardou em introduzir o tema da rixa entre Bekim Develi e o seu cliente, Prometheus.

– Por que não resolvem isso entre os dois? – perguntou a Vik. – Fale com o seu amigo Bekim. Têm de apertar a mão e fazer as pazes, não acha? Pelo bem da equipa.

– Claro que sim, mas deixo esse tipo de questões aqui para o Scott. Afinal, é ele o treinador.

– Devia ter pensado que a solução para o problema não era tão simples – disse Kojo. – Quero dizer, como é que vai conseguir que eles apertem a mão?

– Ainda bem que pensa assim – respondi. – Neste momento, a única coisa que querem fazer é apertar a garganta um do outro, mas aceito qualquer sugestão para o estabelecimento de relações diplomáticas.

– Isso é fácil. Vendam o Christoph Bündchen e comprem outro avançado.

Sorri e abanei a cabeça.

– Nem pensar, Sr. Ironsi. O Christoph é um jovem muito talentoso. Um dos nossos melhores jogadores. Com um futuro extremamente brilhante.

Kojo era alto, calvo e de sorriso fácil. Encolheu os ombros.

– Nesse caso, vai ter de falar com o Bekim Develi. Falar com ele para que o bom senso prevaleça.

– Falarei com ele se falar com o Prometheus. Porque, para ser sincero, não é fácil. Além disso, a atitude do rapaz para com os homossexuais vai torná-lo muito impopular nos média, se é que já não é assim. Acho que seria conveniente que ele fizesse uma declaração a expressar arrependimento pelas ofensas causadas à comunidade LGBT.

– Concordo – respondeu Kojo. – Vou telefonar-lhe esta tarde antes de voar para a Rússia. A ver o que consigo fazer.

– Alegra-me muito ouvir isso. Se ele pedir desculpa, tenho a certeza de que consigo que o Bekim lhe aperte a mão.

– Ainda bem que isto fica resolvido – disse Kojo.

Não tinha a certeza de que as coisas fossem resolver-se facilmente, mas estava disposto a conceder o benefício da dúvida aos talentos de Kojo.

– Vai à Rússia? – perguntou Vik.

– Vou. É possível que se o Viktor não o fizer, haja lá alguém que queira adquirir uma participação na King Shark.

Se Kojo pensava que aquela era uma boa forma de aumentar o interesse de Viktor, este não o mostrou.

– Se vai meter-se em negócios com os russos, tem de ter cuidado – foi a única coisa que o ucraniano disse. – Alguns desses vermelhos são clientes muito exigentes.

– E não muito éticos, não é?

– É.

– Obrigado pelo conselho. Fico-lhe muito grato.

– Já que fala em ética – disse Viktor –, o Scott tem algumas reservas quanto à existência das academias africanas de futebol. Não é verdade, Scott?

Encolhi os ombros.

– Sim, suponho que sim. Ambos sabemos que em África há muitas academias de futebol sem licença.

– Só em Acra há pelo menos quinhentas – disse Kojo –, a maior parte dirigida por gente sem escrúpulos e sem experiência no futebol. Quase todas cobram aos pais, os quais tiram os filhos da escola para se concentrarem no futebol a tempo inteiro. Acham que ter um futebolista profissional na família – pelo menos um que jogue na Europa – é como ganhar a lotaria. Há famílias que chegam a vender as casas para pagar essas despesas. Ou para pagar um teste num clube importante da Europa. O que, claro, nunca chega a concretizar-se. Sim, é muito triste o que se passa.

– Não digo que a sua seja uma dessas academias – acrescentei, cauteloso. – Mas pergunto-me porque é que os jogadores da KSA estão contratualmente ligados a si para toda a vida.

Kojo negou com a cabeça.

– Uma simples auditoria mostrar-lhe-ia que a King Shark Academy é uma das melhores de África. A Confederação Africana de Futebol

considerou a KSA um modelo para todas as academias de futebol. Não cobramos taxas e oferecemos uma educação adequada, juntamente com o futebol, razão porque temos por ano quase um milhão de pedidos de todo o continente para mais ou menos vinte e cinco lugares. Por isso nos podemos permitir ficar só com os mais prometedores. Mas como não cobramos taxas, parece-nos justo ter algum retorno do investimento que fazemos. E não creio que ouçam muitas queixas a quem tenha saído da KSA. E, já agora, a nenhuma das outras três ou quatro academias como a nossa. De facto, o Manchester United acaba de adquirir um pacote de ações na Fortune FC, uma das nossas rivais na África do Sul. Clubes holandeses como o Ajax e o Feyenoord pretendem fazer o mesmo na África Ocidental. A questão é esta: pode o London City permitir-se não ser dono de metade das participações da King Shark? Sabe quanto peço, Viktor, e quanto custa ter uma oportunidade assim. O futuro do futebol profissional está em África. Aqueles rapazes estão ávidos de sucesso. Mais do que qualquer europeu. Quase por definição.

Vik assentiu.

– Obrigado pela sinceridade, Kojo. Vou com certeza pensar no que disse. Ouça, tenho uma ideia. A 19 de agosto, temos um jogo da Liga dos Campeões contra o Olympiacos no Pireu. Convido-os, a si e à sua esposa, a irem até à Grécia. Ficam no meu iate, o *The Lady Ruslana*, no porto do Pireu. Nessa altura, comunico-lhe a minha decisão.

– Obrigado, gostaria muito – respondeu Kojo.

– E você também, Cooper.

– Obrigado, Viktor – disse Cooper. – Também gostaria muito. Além disso, nunca assisti a um jogo de *soccer*.

Kojo, Phil e eu deixámos Viktor e Cooper Lybrand a falar do investimento que a empresa do primeiro estava a pensar fazer no fundo de cobertura do segundo. Como muitas das pessoas que Vik conhecia, Cooper era o tipo de homem que não me importaria nada de não voltar a ver na vida, sobretudo desde que tinha usado a palavra «soccer». Gosto da América. Gosto dos norte-americanos. Mas sempre que chamam «soccer» ao futebol, dá-me vontade de os matar. E Cooper não era exceção à regra.

Capítulo 7

Tinha comido demasiado e sentia-me contente por sair do restaurante.

Estava uma tarde bonita e quente e Phil e eu fomos passeando até aos Campos Elísios, onde ele entrou na Louis Vuitton e comprou uma carteira para a mulher ou, porventura, a namorada. Com o Phil, nunca se sabe: é tão delicado como o lenço de seda da Hermès que lhe espreita do bolso.

– O Kojo é um patife – disse Phil –, mas tem razão. Não podemos permitir-nos não possuir uma participação maioritária na sua academia.

– Pensava que só queria vender-lhe o suficiente para que ele e o Vik tivessem participações iguais.

– Talvez, mas não é assim que o Vik faz negócios. Ele gosta que as coisas lhe pertençam.

– Sim, já tinha reparado.

– Gosta de ser ele a ter o controlo.

Preferi não comentar nada. Começava a dar-me conta de como o Vik gostava de ter o controlo de tudo.

– O Kojo também tem razão quanto ao Christoph – disse Phil. – Receio que tenhamos de o vender antes do fim de agosto, Scott. É a maneira mais rápida de resolver esta estúpida disputa entre o Bekim e o Prometheus.

– Vendê-lo? Estás a brincar, não estás, Phil? O miúdo vai ser uma estrela.

– Ambos sabemos que a única razão por que o Bekim se mostra tão obstinado com o assunto é porque sabe que o Christoph é gay. O que é perfeitamente compreensível. É o que faria qualquer companheiro, defender um jogador mais jovem. É admirável mesmo, mas não é prático. Temos de conseguir que aqueles dois se entendam a todo o custo.

– E por que não vender o Prometheus? Foi ele que causou o problema. É ele que tem uma atitude problemática. Ouve-me bem: se não for por isto, há de ser por outra coisa qualquer. Tu próprio disseste que ele é uma dor de cabeça. Olha o carro. E isto é só o

começo. Vai meter-se em muitas outras. Ao pé dele, o Mario Balotelli parece um aluno exemplar dos Meninos do Coro de Viena. O Vik nunca devia tê-lo comprado.

– Por mim, ficava muito feliz em não voltar a vê-lo, mas não podemos vendê-lo, Scott. O Vik não vai querer nem ouvir falar disso. E se o vendemos tão depressa, as pessoas perceberão que algo se passa. Teríamos sorte se conseguíssemos metade do que ele vale. Com o Christoph é diferente. Depois de alguns dos golos que marcou por nós e pela seleção alemã, é provável que consigamos um bom lucro com a sua venda. Não te esqueças de que pagámos ao F. C. Augsburg apenas quatro milhões no verão passado. Se o conseguirmos vender antes de se saber que é homossexual, podem dar-nos vinte milhões por ele. Ou talvez mais. Dada a situação no balneário, não creio que te custe muito convencer o rapaz a aceitar uma transferência. Para ele será bom, e para nós um bom negócio. Na verdade, podia funcionar muito bem. Dar-nos-ia efetivamente a possibilidade de cumprir as orientações do Fair Play Financeiro da UEFA.

– Pensava que os contabilistas do Vik achariam maneira de dar volta a isso. Afinal, até agora, os contabilistas das outras equipas têm-no feito.

– Até sermos capazes de maximizar o rendimento comercial do clube com os contratos de patrocínio – disse Phil –, vamos precisar de obter um lucro de dez milhões de libras nos próximos dois anos, e isto só para cumprirmos as orientações da UEFA. Ou visto de outra maneira: essas orientações vão fazer-nos perder trinta e sete milhões de libras nas próximas três épocas.

– Mas com o Ayrton e com o Christoph na equipa, não precisávamos de outro avançado, e não ter comprado o Prometheus teria certamente ajudado.

– É possível, sim, mas dados os termos do acordo que o Vik tem com o Kojo, o Prometheus saiu-nos de graça.

– Quais termos? Não percebo. Ou o comprámos ou não o comprámos.

– Pode dizer-se que ambas as coisas. Oficialmente, sim, officiosamente, não. É o que se chamaria uma compra com direito a devolução. Um empréstimo.

– Isso parece tudo muito suspeito, como aquela coisa do direito de posse de terceiros que a Premier League já proibiu em 2008.

– Proibiu, sim; fez valer, não. De facto, a posse de terceiros é hoje em dia muito comum tanto na Europa como na América do Sul. E graças a isso, é fácil a um bom contabilista, mesmo inglês, contornar a questão. No papel, o Prometheus custou-nos vinte e dois milhões de libras, dos quais Kojo, em situações normais, ficaria com onze milhões. Mas o Kojo já devia dez milhões ao Viktor, por isso, custou apenas um milhão. E uma vez que o saldo da contratação se baseia no rendimento do mesmo, o Vik só tem de pagar cem mil por semana ao africano. Na verdade, pagamos ainda menos, porque um quarto do que Kojo recebe volta aos bolsos do Vik.

Phil encolheu os ombros.

– Por isso, como vês, o Prometheus quase não nos custa nada. Na realidade, é um pouco mais complicado, mas no essencial é assim que funciona. A verdadeira razão por que o Vik comprou o Prometheus foi porque lhe saiu muito barato.

– Por isso conseguimos arrebatá-lo ao Barça.

– Exato.

Engoli em seco. A vontade de mandar o Phil e o Vik à merda era grande e cada vez maior. Algures na minha cabeça, ouvia a voz de Bastian Hoehling em Berlim: «Dentro de um ou dois anos, quando o Scott tiver sido despedido pelo atual patrão, acabará a dirigir um clube alemão.» Comecei a pensar que talvez não demorasse tanto tempo.

– Que se passa? – perguntou Phil. – Não pareces muito bem.

– O desporto-rei – resmunguei com amargura. – Que piada! Às vezes, parece que a única coisa direita no futebol são as putas das linhas no campo. Tudo o resto parece mais retorcido que o críquete paquistanês.

– O futebol é um negócio como outro qualquer, Scott, principalmente fora do campo. E na sala de reuniões, não tem nada de desporto-rei. – Abanou a cabeça. – É um jogo, mas um jogo de vitória para uns e de derrota para outros, com compradores e vendedores, oferta e procura, lucros e perdas.

– Pois, mas não o digas aos adeptos – comentei. – Escuta, Phil, eu

posso perdoar-te o facto de seres uma víbora de merda, mas eles de certeza que não o farão.

Capítulo 8

– Peter – disse Bekim. – De Pedro, o Grande. Em criança, também tinha o cabelo avermelhado.

– Outro diabo vermelho, hem! – comentei. – Como o pai.

Mostrava-me uma fotografia num iPhone de um bebé de cabelo ruivo.

– Sim, o Peter é encantador – apressei-me a dizer com receio de que o russo se ofendesse por lhe ter chamado diabo. – Deves estar muito orgulhoso, Bekim.

– Muito mesmo – respondeu. – Para mim, ser pai é uma bênção. Talvez um dia também tenhas filhos, Scott. Espero que sim. Gostava que sentisses o mesmo que eu sinto agora.

Assenti.

– Talvez, mas neste momento estou mais do que ocupado com os meus jogadores. Não sei onde iria arranjar tempo para ser pai.

– Isso é verdade – respondeu. – És um pouco como que nosso pai. Só que não tão velho.

– Alegra-me muito ouvir isso – respondi.

– Às vezes, somos como crianças. Por exemplo, esta estupidez entre mim e o Prometheus. Deves achar que somos idiotas.

– Não acho que sejas idiota, Bekim. Quero que saibas que não te considero responsável pelo que aconteceu.

Bekim assentiu.

– E agora o alemão vai-se embora. Nem acredito. É uma pena. Para mim, o Christoph é um dos jogadores mais talentosos deste clube.

– Concordo – disse. – Opus-me terminantemente a que o vendessem. Disse mesmo ao Vik e ao Phil que só por cima do meu cadáver. Mas agora é ele que pede para ser transferido.

– Não podes falar com ele para que fique?

– Garanto-te que já o tentei, mas ele tomou a sua decisão.

– Sabes por que se quer ir embora, não sabes?

– Sei.

– É por causa desse filho da mãe do Prometheus.

– Sim, eu sei.

– O meu agente pediu-me que faça as pazes com ele. Que lhe

aperte a mão.

– Sim, e vais fazê-lo?

– Acho que sim. Se o Christoph está decidido a deixar o clube, não vejo razões para não o fazer. Pelo clube, claro, não porque goste dele. Não gosto nada dele, ou melhor, não gosto do que tem dentro de si. Mas acho que o sentimento é mútuo, ele também não pode comigo.

Não respondi. Não tinha muito sentido pôr-me a falar de uma inimizade que esperava estar a terminar agora.

– O Prometheus *tweetou* que se arrepende de ter ofendido os homossexuais – disse. – Isso ajuda a esfriar toda esta questão, não te parece?

– O que gostava é que isso fizesse o Christoph mudar de opinião.

– Parece-me que não vai ser assim. Além disso, há bastantes ofertas por ele. O Barcelona ofereceu trinta milhões de libras.

– Então, devia aceitar. O Barça é um grande clube. E o Gerardo Martino um grande treinador. Ainda que em alguns sítios de Espanha seja difícil ser-se *maricón*.

Estávamos no meu apartamento em Chelsea. Bekim não vivia muito longe, em St Leonard's Terrace, num belo edifício do séc. XIX que lhe tinha custado sete milhões de libras, classificado como de Grau II e situado ao fundo de um caminho de carruagens privado com umas vistas esplêndidas sobre os verdes terrenos de Burton Court. No interior, as paredes e os móveis eram vermelhos, como era de esperar de alguém a quem apelidavam de «diabo vermelho». Até as flores nos vasos eram vermelhas.

– Vieste para falar do Christoph, Bekim? Ou há mais alguma coisa?

– Vim falar de outra coisa, sim. Ouvi dizer que vais à Grécia para observar o Olympiacos.

– Vou. O Hertha de Berlim tem um jogo amigável de pré-época com os gregos e convidaram-me para ir ver o jogo. Também quero ir ver o Willie Nixon, o segundo guarda-redes deles. Agora que não podemos contar com o Didier Cassell, vamos precisar de contratar um guarda-redes suplente o quanto antes. Se o Kenny Traynor se lesiona, estamos lixados.

Didier Cassell tinha sido o guarda-redes titular do City até ter sido obrigado a deixar o futebol por causa de um acidente. Tinha batido

com a cabeça num dos postes durante o jogo contra o Tottenham no passado mês de janeiro. Não ficou muito tempo hospitalizado, mas a sua recuperação fora apenas parcial.

– Sabes que tenho uma casa na Grécia, na ilha de Paros? – disse Bekim. – Na realidade, não fica muito longe do sítio em que nasci na Turquia, antes de termos ido viver para a Rússia.

Neguei com a cabeça.

– Não sabia disso.

– Comprei-a quando jogava no Olympiacos. Fica a um saltinho de Atenas, a meia hora de avião. É um sítio muito sossegado. Quando lá vou, as pessoas não me incomodam. Na verdade, acho que não sabem bem quem eu sou. Nem imaginas como o sítio é bonito. Vou lá várias vezes por ano. A propósito, tens de ficar no hotel Grande Bretagne, é o melhor hotel de Atenas. E enquanto lá estiveres, sim, esta é a razão por que vim falar contigo hoje, tens de encontrar-te com uma amiga minha e levá-la a jantar. Chama-se Valentina e é a mulher mais bonita da cidade, embora seja de origem russa. Mando-te uma mensagem com o número de telefone dela e o *email*. Não te arrependerás. Faz com que as outras mulheres pareçam vulgares e é uma grande companhia. Leva-a ao Spondi, que é o melhor restaurante de Atenas. Eu sei que ela gosta de lá ir.

Sabia da fama de mulherengo de Bekim. Antes de conhecer Alex, sua atual namorada e mãe do seu filho, tinha tido uma série de namoradas muito atraentes e sofisticadas, incluindo Tomyris, uma supermodelo da Storm, e a cantora Hattie Shepsut. Numa entrevista à revista *GQ*, admitiu ter dormido com um milhar de mulheres, o que, a ser verdade, significava que a sua opinião sobre Valentina se baseava numa amostra estatística muito significativa e talvez fosse de levar a sério.

Voltou a pegar no iPhone.

– Espera que tenho aqui uma fotografia dela no telemóvel.

Foi passando várias fotografias com o dedo até encontrar aquela que procurava.

– Aqui está. Que te parece?

– Vou ver um jogo de futebol, não às putas lá do sítio.

– Ela não é puta. Juro-te que não te perdoarás se, ao menos, não a

levar a jantar. Não te recomendaria se não achasse que ela é uma companhia encantadora. É muito sofisticada e bastante lida. E conhecedora de arte. Sempre que estou com ela, aprendo alguma coisa.

– Se é tão sofisticada, como é que conhece um imbecil como tu?

– Que interessa isso? Olha para ela, pá. Caramba! Um rosto que faz lançar ao mar mil barcos, não achas? – Bekim sorriu. – Por vezes, leio esta frase nos jornais. Os escritores falam dos segredos mais bem guardados dos países. Pois ela é o segredo mais bem guardado de Ática.

– Ática?

– A região histórica que engloba Atenas.

– Ah, percebo. Portanto, se estou em Ática, devia ir ver Helena de Troia, não é assim?

Bekim voltou a sorrir.

– Exatamente. Mal não te fará, não é?

– Não, suponho que não.

– A vida não é só futebol, Scott. Mesmo para ti, não esqueças.

– Tens razão. Às vezes, não me dou conta disso. Mas com dois jogos por semana, três se superarmos as fases preliminares da Liga dos Campeões, não sobra muito tempo para viver.

– Neste desporto, é fácil esquecermo-nos do resto.

– É verdade.

– Digo-lhe que vais, pode ser? E que ficarás alojado no Grande Bretagne na Praça Syntagma. O bar e o restaurante do terraço têm a melhor vista de Atenas. Leva-a lá antes de ires ao Spondi e põe na minha conta.

– Porque não?

Entrei na brincadeira, como se ele fosse uma criança, e logo me esqueci do assunto.

– Mas tem cuidado, Scott – acrescentou. – Não me refiro à encantadora Valentina. Há duas equipas em Ática, o Olympiacos e o Panathinaikos, e são rivais. Odeiam-se. Os gregos dizem que são inimigos eternos. Por vezes, quando se enfrentam, o jogo nem sequer chega ao fim porque a violência entre os adeptos é terrível. Quando fores ver o Olympiacos, não te aproximes da Porta 7, está bem? É aí

que se concentram os adeptos mais selvagens. São muito violentos. Como os do Glasgow Rangers e do Celtic, mas piores. – Bekim sorriu. – Levantas o sobrolho. Vejo que não acreditas em mim. Eu sei que és meio escocês e pensas que não há nada pior do que a rivalidade entre as duas equipas de Glasgow, mas não esqueças que metade dos gregos abaixo dos trinta anos está desempregada. E com uma tal taxa de desemprego, é sempre de esperar ter adeptos violentos. Como na Alemanha de Weimar. Ou na América do Sul. E também se viciam resultados porque o crime organizado está metido no futebol. Na Grécia, é complicado ser-se um desportista honesto. E se fores entrevistado por algum jornal, mantém a boca fechada, porque as pessoas que falam desse tipo de coisas sofrem acidentes. Tem cuidado. Por favor, Scott, tem cuidado.

Havia uma real preocupação na voz de Bekim, e quando se foi embora, perguntei-me se não seria aquela a verdadeira razão por que fora ver-me. Era típico dele. Como mais tarde descobri, era uma pessoa com bastantes segredos.

Capítulo 9

Voei para Atenas na noite antes do jogo do Hertha com o Olympiacos. Passava da uma da manhã quando o táxi me deixou à porta do hotel Grande Bretagne, o qual era tão impressionante quanto Bekim havia dito. O enorme vestíbulo, de chão revestido a mármore, era espaçoso e elegante, mas acima de tudo maravilhosamente fresco. Lá fora, na Praça Syntagma, a temperatura era de vinte e muitos graus. No hotel, os clientes andavam bem vestidos e pareciam endinheirados, o que fazia com que se esquecesse facilmente que a Grécia era um país com uma taxa de desemprego de vinte e seis por cento e uma dívida de cento e setenta e cinco por cento da sua economia total; ou que na Praça Syntagma tenham ocorrido alguns dos piores distúrbios na Europa quando o parlamento grego votou a favor das medidas de austeridade com que esperavam satisfazer o Banco Central Europeu e, em particular, os alemães, que era quem contribuía com mais dinheiro para o resgate que o país necessitava. Tudo isso me parecia muito distante à medida que caminhava em direção ao balcão de receção.

O rececionista registou a minha chegada e entregou-me um sobrescrito que havia no meu cacifo. Dentro dele estava uma mensagem escrita à mão em papel de carta perfumado:

O Bekim avisou-me da hora a que chegava a Atenas, e como estava por perto do seu hotel pensei em passar e dar-lhe as boas-vindas. Estou no bar Alexander, por trás da receção. Esperarei por si até às 2:15 horas da manhã. Valentina (00.55 horas).

PS – Se estiver cansado da viagem, entendê-lo-ei, mas, por favor, devolva-me o bilhete pelo pacote.

Subi ao quarto com o porteiro e perguntei-me qual deveria ser o meu passo seguinte. Não estava particularmente cansado. Em Atenas são mais duas horas do que em Londres e como não aceitei a comida pré-cozinhada do avião, estava com vontade de comer qualquer coisa de mais substancial do que meia dúzia de amendoins no minibar. Os gregos tendem a jantar bastante tarde e tinha a certeza de que ainda

conseguia comer qualquer coisa, mas não estava tão seguro de o querer fazer sozinho. Uma companhia agradável seria uma alternativa muito melhor que o meu iPad. Por isso, lavei os dentes, mudei de camisa e desci para ir ter com ela.

Apesar do que Bekim tinha dito, continuava a suspeitar que a mulher era prostituta. Para começar, havia que ter em conta a reputação do russo e a nacionalidade da mulher. Não sei por que razão tantas russas se entregam à prostituição, mas é um facto. Tenho a sensação de que acham que é a única maneira de fugir da Rússia. Um país que, depois da nossa viagem de pré-época, também não queria voltar a ver. A companhia das prostitutas nunca me incomodou – depois de se estar preso por um crime que não se cometeu, aprende-se a não julgar as pessoas –, o que não gosto é de dormir com elas. Isso não me torna melhor pessoa que Bekim, nem melhor que essa gente do futebol que sucumbe a todas as tentações a que se tem acesso por se ganharem cem mil por semana. Estava apenas mais velho e talvez mais sensato e, a verdade seja dita, com menos fome de ratas do que antes. À medida que vamos envelhecendo, dormir bem começa a ter mais importância do que isso a que chamam libido.

O bar Alexander parecia saído de um clássico de Hollywood. O balcão, de mármore, teria uns nove metros de comprimento, com bancos muito adequados para se passar um fim de semana a beber e mais garrafas que um entreposto aduaneiro. Atrás do balcão havia uma tapeçaria em que se representava um homem numa quadriga e que presumi ser Alexandre Magno, acompanhado de uma série de criados que levavam uma urna grega muito parecida com a taça da Associação de Futebol, o que talvez explicasse a razão por que todos pareciam tão felizes.

Não foi difícil reconhecer Valentina: era a que estava na poltrona cinzenta, com as pernas até às axilas, com um vestido de *tweed* muito curto e uns *Louboutin* de tacão alto. Os *Louboutin* são fáceis de identificar, mas só sabia que o vestido era um *Balmain* de três mil libras porque gosto de fazer compras na Internet e não havia mês em que não comprasse qualquer coisa à Louise no *Net-a-Porter*. O cabelo loiro apanhado num carrapito não muito apertado dava-lhe um ar régio. Se fosse prostituta, não era do tipo das que faz desconto por

pagamento em dinheiro vivo.

Mal me viu, levantou-se, fez um sorriso luminoso, pegou-me na mão e estreitou-a. Surpreendeu-me a sua força. Olhei em redor a ver se alguém mais me tinha reconhecido tão rápido como ela. Todo o cuidado é pouco nos dias de hoje. Qualquer pessoa com um telemóvel é como o Big Brother.

– Reconheci-o pela fotografia que o Bekim me enviou – disse.

Resisti à tentação de lhe fazer um elogio idiota. Habitualmente, quando se conhece uma mulher bonita, o que se espera é conseguir manter a língua dentro da boca. Lembro-me de o Bekim me mostrar a fotografia dela no iPhone, mas era difícil ligar algo tão vulgar como a imagem de alguém num telefone com a deusa de carne e osso que tinha na minha frente. A ideia de comer qualquer coisa tinha desaparecido na minha cabeça. E não creio que conseguisse sequer pronunciar a palavra «apetite».

Sentámo-nos e ela fez sinal ao empregado para que se aproximasse. O homem correu de imediato, como se também estivesse a observá-la. Até a Alexandre Magno lhe estava a custar manter os seus olhos bordados afastados dela. Pedi um *brandy*, o que foi uma estupidez porque nem se coadunava comigo, mas era o que ela tinha pedido e naquele momento pareceu-me imperativo que coincidíssemos em tudo.

– Não vivo longe daqui – explicou.

– Não sabia que o Monte Olimpo ficava tão próximo – comentei.

– Está a pensar em Salónica.

– Não – respondi. – Estou a pensar na mitologia grega.

Estava a ter dificuldade em conter-me para não lhe dizer umas coisas doces ao ouvido, mas de certeza que ela estava habituada a ouvir tretas desse tipo a toda a hora.

– Já comeu?

Abanei a cabeça.

– Ainda estamos a tempo de jantar – disse ela. – O Spondi fica a cinco minutos de táxi. É o melhor restaurante em Atenas.

O empregado voltou com as bebidas.

– Ou podemos comer aqui. O restaurante que há no jardim do terraço tem a melhor vista de Atenas.

– Por mim, o restaurante do terraço é perfeito – respondi.

Subimos com as bebidas para o restaurante. A meseta rochosa que domina a cidade e onde fica o Parténon, agora iluminado, é uma das vistas mais espetaculares do mundo, principalmente à noite, do terraço do Grande Bretagne, quando se janta com alguém que parece uma das principais deidades que se adoraram ali noutros tempos. Mas esta última parte guardei-a para mim, porque nem todas as mulheres gostam que as lisonjeiem. E para dizer a verdade, ao fim de uns minutos quase me esqueci de que a Acrópole estava ali. Pedimos o jantar, mas nem me recordo do que comi. Não me recordo de nada a não ser dela. Por uma vez na vida, Bekim não tinha exagerado. Creio que nunca tinha conhecido uma mulher tão bonita. Se soubesse jogar futebol, tê-la-ia pedido em casamento ali mesmo.

– A que horas é o jogo amanhã?

– Às sete e quarenta e cinco.

– E que pensa fazer o resto do dia?

– Em visitar a cidade.

– Seria um prazer mostrar-lha – disse ela. – Além disso, quero que veja uma coisa.

– Sim?

– É surpresa.

– E se passasse a buscá-lo às onze horas?

– Parece-me ótimo.

Desejou-me bons sonhos quando nos despedimos nos degraus do hotel e pensei que o mais provável é que os viesse a ter. Não costumo recordar-me dos sonhos, mas desta vez esperava que isso acontecesse, sobretudo se Valentina aparecesse em algum deles.

Capítulo 10

Na manhã seguinte, apanhei um táxi até Glyfada, no sul de Atenas, para tomar o pequeno-almoço com Bastian Hoehling e a equipa do Hertha no seu hotel, um arranha-céus ao estilo dos anos 1960, junto à praia, mas talvez demasiado próximo da estrada principal que leva ao Pireu pelo norte. Pelos vistos, os adeptos do Olympiacos tinham passado a noite a percorrê-la e a buzinar estridentemente com a intenção de não deixar dormir a equipa alemã. Os jogadores do Hertha pareceram-me exaustos e uns poucos sofriam de uma intoxicação alimentar severa. Bastian e o médico do clube pensaram em chamar a polícia para investigar o caso, mas que mais podia fazer a polícia senão ensinar-lhes a dizer «casa de banho» em grego.

– Achas que foi deliberado? – perguntei enquanto decidia ignorar a omeleta que o empregado acabava de trazer-nos.

Bastian, que também não se sentia bem, encolheu os ombros.

– Não sei, mas pelo que parece, somos os únicos a quem isto está a acontecer. Há uma conferência de vendedores de automóveis no hotel e a esses não aconteceu nada.

– Isso torna tudo mais claro.

– Se fazem isto com um jogo amigável, nem quero pensar no que serão capazes quando vocês vierem jogar contra eles na Liga dos Campeões. É melhor trazerem o vosso cozinheiro e o vosso nutricionista e, claro, o vosso médico.

– O nosso médico talvez vá para o Catar.

– Então, é melhor contratar outro e depressa.

– Talvez tenhas razão.

– Não deixaria nada ao acaso com esta gente – disse Bastian. – A imprensa parece estar a tratar este jogo como se fosse a Grécia e a Alemanha que se enfrentam. O treinador do Olympiacos, Hristos Trikoupis, referiu-se a nós como «os rapazes de Hitler».

– Que estranho! – exclamei. – O Hristos esteve no Southampton comigo e era um tipo decente.

– Nada me surpreende – disse Bastian. – Não depois do que se passou em Salónica: os cabrões atiraram-nos pedras e garrafas ao guarda-redes. Tivemos de fazer o aquecimento num canto do campo,

afastados da multidão. Não creio que me tivessem mais asco neste país se me chamasse Himmler e não Hoehling. Lá se foi o berço da democracia.

– Vocês são alemães, Bastian. Deviam estar habituados. A primeira coisa que aprendem quando começam a jogar futebol é: não existem jogos amigáveis, principalmente com alemães envolvidos. É a guerra e a guerra total.

Como estava a falar alemão com ele, usei a expressão *totaler Krieg*, cunhada por Josef Goebbels durante a Segunda Guerra Mundial, e alguns jogadores do Hertha olharam-me com nervosismo ao ouvi-la, tal como costumam fazer os alemães quando ouvem falar de nazis.

– No teu lugar, Bastian – acrescentei –, disputaria o jogo de hoje da mesma maneira. É a única linguagem que estes gregos entendem e respeitam. Recordas-te do resto que estava escrito na bandeira de Goebbels? *Totaler Krieg, kürzester Krieg*. Guerra total, guerra mais curta.

– Talvez tenhas razão, Scott. Devíamos passar por cima deles. Correr os filhos da mãe à patada do campo.

Assenti.

– Antes que vos façam o mesmo.

Depois do pequeno-almoço, voltei ao Grande Bretagne, no centro de Atenas. Precisamente às onze horas, estava sentado numa grande otomana de cor bege no vestíbulo do hotel a enviar uma mensagem a Simon Page sobre o nosso primeiro jogo da próxima época da Premier League, um encontro que jogávamos em casa a 16 de agosto contra o recém-promovido Leicester City. Simon ia começar com a sessão de treino matutina das oito horas em Hangman's Wood e eu estava a pedir-lhe que não fosse muito exigente por reear que alguns dos nossos jogadores ainda não tivessem recuperado do Mundial, para não falar da nossa desastrosa e inteiramente desnecessária viagem à Rússia.

– Dormiu bem?

Olhei para cima e vi Valentina na minha frente. Vestia uma camisa branca simples, uns *jeans* J-Brand azuis justos, umas sandálias de pele de cobra confortáveis e tinha uns *Wayfarer* com armação de acetato preta. Levantei-me e apertámos a mão.

- Sim, obrigado.
- Pronto? – perguntou ela.
- Onde vamos?
- Vamos ter com um conhecido seu.

Tomámos um táxi até ao Museu Nacional de Arqueologia, uma viagem de cinco minutos em direção a norte. O museu estava desenhado como se se tratasse de um templo grego, não tão estragado como a Acrópole, mas quase em ruínas. E como muitos edifícios públicos na Grécia – e uns quantos privados – estava cheio de *graffiti*. Os mendigos vagueavam por um parque descuidado que havia frente à entrada, como tantos gatos e cães vadios. Dei todas as moedas que levava no bolso das calças a um velhote.

– É uma coisa que faço sempre em Londres – disse ao ver o olhar cético de Valentina. – Dá sorte. Quem não dá não recebe. O futebol é cruel, por vezes, muito cruel. Há que aplacar os caprichosos deuses do futebol. Não se deve sequer pisar o campo se não se for otimista e para se ser otimista não se pode ser cínico. É preciso acreditar nas pessoas.

– Não imaginei que fosse supersticioso, Scott.

– Não sou supersticioso. Há que ter em conta a boa sorte e prepararmo-nos cuidadosamente não é mais do que uma atitude pragmática. É a coisa mais inteligente que se pode fazer. A sorte tende a favorecer os inteligentes.

– Isso veremos, não é assim?

– Oh, acho que o Hertha vai ganhar. Na verdade, estou certo disso.

– Acredita nisso por ser meio alemão?

– Não, porque sou inteligente. E porque acredito na *totaler Krieg*. No futebol em que não se fazem prisioneiros.

No museu encontravam-se os tesouros da Grécia Antiga, incluindo a famosa máscara de ouro de Agamémnon que Bastian tinha mencionado em Berlim. Parecia ter sido feita por uma criança com uma dessas coberturas douradas que envolvem os chocolates. Mas Valentina tinha-me levado lá para ver outro tesouro. Assim que o vi, abafei um grito. Era uma estátua de Zeus de bronze em tamanho real, recuperada do fundo do mar havia muitos anos. O que me surpreendeu não foi tanto a representação do movimento e da

anatomia humana mas a cabeça, com uma barba em forma de pá e o cabelo com trancinhas.

– Meu Deus! – exclamei. – É o Bekim.

– Pois – disse Valentina a rir alegremente. – Podia ter sido ele o modelo, não podia?

– Até a maneira de estar, meio de lado, como se estivesse a atirar uma lança ou um raio, que é sempre a forma como celebra os golos. Ou quase sempre.

– Pensei que acharia graça.

– Ele sabe?

– Se sabe?

Valentina voltou a rir-se.

– Claro que sabe. É o segredo dele. Deixou crescer a barba para que se parecesse com a da estátua e sempre que marca pensa em Zeus.

Encolheu os ombros.

– Não sei se se acha um deus, mas não me surpreenderia.

Andei à roda da estátua várias vezes, a sorrir como um idiota, enquanto imaginava Bekim na mesma pose.

E ainda assim, por mais perfeita que a estátua fosse, havia algo que não estava bem. Quanto mais olhava para ela mais me parecia que a mão esquerda, estendida para diante, estava mal, que encaixava num braço que tinha uns centímetros a mais do que devia. Mais tarde comprei um postal, medi o braço de forma aproximada e percebi que a mão devia chegar-lhe ao joelho. Ter-se-ia o escultor enganado? Ou a disposição original da estátua exigia que o braço fosse um pouco mais comprido para compensar a ilusão ótica? Era difícil ter a certeza, mas ao meu olhar crítico, a mão de Deus parecia chegar demasiado longe.

Assentiu.

– Estive a pensar no que disse acerca da sorte.

– Sim, e então?

– Acho que a vai ter.

E tomando-me a mão, apertou-a de forma significativa.

– Quando?

– Esta noite.

Levei-lhe a mão aos lábios e beijei-lha. Tinha as unhas curtas mas pintadas de forma impecável e a palma da mão era suave como o

couro, o que me surpreendeu.

– E eu que pensava que estavas a falar de futebol.

– E quem disse o contrário?

Sorri.

– Isso quer dizer que vais assistir ao jogo?

Capítulo 11

O estádio Karaiskakis, no velho porto do Pireu, parecia o do Emirates de Londres, mas com metade do tamanho e uma capacidade de apenas trinta e três mil espectadores. A impressão reforçava-se pelo facto de a Emirates Air ser uma das patrocinadoras do Olympiacos e pela camisola de riscas vermelhas e brancas da equipa, ainda que se parecesse mais com a do Sunderland do que com a do Arsenal. Não havia grande público, mas os adeptos estavam entusiasmados. Os da Porta 7, ou Lenda, como gostavam de se chamar, conseguiram que a sua presença intimidatória estivesse bem patente por trás da baliza alemã. Iam de peito descoberto e levavam grandes tambores e uma espécie de diretor de operações que passou quase todo o jogo de costas para o campo a dirigir os cânticos obscenos e trogloditas. De vez em quando, caíam foguetes luminosos no campo, mas tanto a polícia como os elementos da segurança os ignoravam e se mantinham tão discretos que quase pareciam invisíveis. Surpreendeu-me o facto de a polícia não manifestar grande disposição para interferir no que se passava no estádio; estavam proibidos, devido a uma obscura lei de privacidade, de usar as câmaras de segurança dentro do estádio para identificar os potenciais agitadores.

Valentina e eu estávamos sentados numa zona VIP que havia logo atrás do banco alemão. Tendo em conta que a entrada custava oitenta euros num país em que o ordenado médio mensal é de apenas seiscentos e cinquenta euros, era de esperar que os adeptos de meia-idade e os mais velhos se comportassem melhor. Longe disso. Não falo grego, mas graças a Valentina logo passei a distinguir e a entender palavras que se fossem usadas por um adepto anglo-saxónico o levariam à expulsão em qualquer estádio inglês. Palavras como *arápis* (preto), *afrikanós migás* (preto de merda), *maïmoú* (macaco), *melitzána* (beringela), *píthikos* (símio).

O homem que estava sentado ao meu lado devia ter sessenta e muitos anos, mas de vez em quando deixava de fumar o seu *Cohiba* ou de comer as suas sementes de cardamomo, saltava para cima do muro, inclinava-se sobre o banco alemão e gritava «*Germaniká malakas*» ao desgraçado Bastian Hoehling.

– Estou sempre a ouvir *Germaniká malakas* – comentei com Valentina. – O *Germaniká* entendo, mas o que significa *malakas*?

– Significa cabrão – respondeu. – É uma palavra muito usada na Grécia. É impossível passar sem ela.

Custava-me condenar o homem por aquele tipo de linguagem pois, como tinha descoberto, num jogo de futebol grego dizem-se coisas muito piores. É um jogo apaixonante, que tanto é visto por gente estúpida como por gente inteligente. Pode-se pedir respeito no futebol, estou completamente de acordo, mas não se pode evitar que haja ignorantes.

O jogo estava a ser muito disputado, mas os gregos pareciam claramente surpreendidos com a agressividade dos berlinenses. Embora os jogadores do Olympiacos disputassem fortemente cada bola, rapidamente foram ultrapassados graças a um cabeceamento soberbo do talentoso Adrian Ramos que me levou a perceber a razão por que o Borussia de Dortmund estava tão interessado em garantir os serviços do colombiano depois de Robert Lewandowski, o seu principal avançado, ter ido para o Bayern de Munique no princípio do verão. Achei estranho que os da Porta 7 não se calassem. Continuaram a gritar como se os alemães não tivessem marcado.

Entretanto, fazendo todo o possível por ignorar o público, tomei uma série de notas táticas numa velha agenda de argolas que usava sempre para estas coisas:

Os gregos são fracos a defender os lances de bola parada. Embora musculosos e em boa forma, são baixos, o que os torna menos aptos a competir nas bolas altas. O Bekim Develi ou o Prometheus podem causar-lhes muitos problemas se a bola lhes for passada convenientemente. O Develi tende por natureza a correr para a direita, o que devia pedir-lhe que fizesse ainda mais, uma vez que Miguel Torres, provável lateral-esquerdo (que é destro) do Olympiacos, joga mais como extremo-direito do que como defesa, principalmente se Hernán Pérez não jogar, como aconteceu hoje. Se Develi encontrar espaço ou arrastar Sambou Yatabaré (provável defesa-central) é mais do que capaz de conseguir que Jimmy Ribbons entre. Espero que o nosso árbitro seja melhor que o de hoje.

Não me espantaria que ganhasse um bónus por cada grande penalidade.

– Há muito tempo que não assistia a um jogo de futebol – disse Valentina enquanto os *hooligans* da Porta 7 estendiam o braço a fazer a saudação nazi e começavam com outra das suas asquerosas canções: *Pósoi Evraíoi ékanes aério súmera?*, o que significava «Quantos judeus gasearam hoje?».

– Consigo perceber porquê – disse olhando à volta. – És a única mulher que vejo aqui.

O facto de Thomas Kraft, o guarda-redes titular do Hertha, se sentir demasiado indisposto para jogar, deu-me uma boa oportunidade de avaliar o americano Willie Nixon, o guarda-redes suplente. Sempre admirei os guarda-redes norte-americanos: são geralmente grandes atletas e Nixon não era exceção, tendo feito umas quantas defesas que permitiram que a equipa mantivesse a confiança. Além disso, era jovem.

Uns minutos depois, pensei que teria a oportunidade de ver aquilo de que Nixon era realmente capaz, pois o árbitro apitou uma grande penalidade tão inacreditável a favor do Olympiacos que parecia tirada da cartola. O defesa alemão Peter Pekarik derrubou um dos gregos à entrada da área, mas a repetição no ecrã gigante mostrou que o alemão estava a pelo menos trinta centímetros quando Kyriakos caiu no chão, queixando-se de uma possível fratura da tíbia. Como se não bastasse, o encarregado de marcar a pena máxima, um jogador que, por surpreendente que pareça, se chamava Pelé, chutou a bola tão por cima da barra que devia pensar que era o Jonny Wilkinson. O falhanço foi recebido com um coro de vaias e de assobios e, à minha volta, com vários gritos de *ilíthia maïmouí* (macaco estúpido).

Sempre me perguntei por que razão Sócrates se tinha sentido obrigado a beber a cicuta; com certeza que terá falhado também um penálti a favor do Olympiakos.

Ao intervalo, os berlinenses ganhavam por duas bolas a zero. E logo ao início da segunda parte, voltaram a marcar, acabando o encontro em 3-0. O Hertha tinha vencido os três jogos na sua digressão peninsular grega e a Taça Schliemann, organizada pelo seu

patrocinador, foi ganha pelos próprios alemães, o que parecia um resultado muito alemão. No entanto, não tinha sido o guarda-redes Willie Nixon quem mais impressionara, mas Hörst Daxenberger, o carismático capitão da equipa do Hertha. Forte como um cavalo de corrida, e com 1,93 de altura, parecia um Patrick Vieira loiro.

A cerimónia de entrega do troféu Schliemann, tal como o aquecimento no princípio do jogo, teve lugar a um canto do campo, afastados dos insultos e dos projéteis dos gregos, e Valentina e eu juntámo-nos à celebração silenciosa do Hertha no túnel dos jogadores. Apesar de aquela competição não servir para nada, alegrava-me com o resultado dos alemães, pois tinham passado um mau bocado e estavam contentes por regressarem a Berlim. Pensar que Bastian Hoehling tinha voltado a um clube que era treinado e dirigido de forma tão igualitária, dava-me uma certa inveja. Podia dizer-se que os alemães já estavam cansados de autocratas e de ditadores, mas não de Valentina, que falava um bom alemão, e de copo de champanhe na mão, deambulavam em volta dela como vespas num piquenique. Ela produzia esse efeito nos homens. Talvez não fosse a mulher mais bonita de Atenas, mas era certamente uma das mais atraentes.

Uma hora depois voltámos ao hotel numa limusina que o Hertha nos cedeu amavelmente.

Surpreendeu-me um pouco que nenhum dos dois falasse de dinheiro, e só depois de regressar a Londres descobri que a noite que tinha passado com Valentina não se devia em nada à sorte, mas a Bekim Develi, já que o russo de cabelo ruivo deixou escapar que tinha pago cinco mil euros para que ela estivesse comigo em Atenas.

Capítulo 12

Estava uma tarde de agosto quente quando chegámos ao estádio King Power, em Leicester, para o nosso primeiro jogo da época. A ocidente da entrada principal corria o rio Soar, pelo qual subiam e desciam canoas individuais como se fossem cisnes de alta tecnologia. Tocados por um otimismo deslocado por estarem de novo na Premier League, os adeptos do Leicester mostravam-se ruidosos mas hospitaleiros e muito longe de nos receberem da forma hostil que esperávamos encontrar na semana seguinte na Grécia. Perguntei-me que bom humor restaria a estes adeptos quando tiveram de confrontar-se com o custo de apoiar a sua equipa nos jogos fora, seja em Londres ou em Manchester. Já ia sendo tempo de as televisões como a Sky e a BT começarem a insistir em firmar acordos de condições restritivas para que se utilizasse uma parte do dinheiro pago à Liga para subvencionar o preço das entradas: não há nada pior para um adepto de sofá do que ver as bancadas vazias.

O nosso problema com a baliza continuava por resolver – ainda não tínhamos substituído Didier Cassell – e a invejar algum jogador a Nigel Pearson, seria o seu guarda-redes Kasper Schmeichel, filho do famoso Peter. Kasper tinha passado pelo Manchester City e pelo Leeds United antes de ser contratado pelos Foxes em 2011. Também tinha jogado pelo seu país, a Dinamarca, em várias ocasiões, e tinha a sensação de que, tal como o pai, que jogara pelo Manchester United até aos trinta e nove anos, Kasper tinha ainda pela frente os seus melhores anos. Faltavam catorze dias para fechar o mercado de verão e estava a pensar seriamente em pedir a Viktor Sokolnikov que fizesse uma oferta pelo dinamarquês de vinte e sete anos.

Qualquer dúvida que pudesse ter sobre a habilidade de Schmeichel ficou desfeita quando, cinco minutos após o começo do jogo, o árbitro marcou uma grande penalidade a nosso favor. Prometheus disparou um potente remate raso em direção ao canto direito da baliza e pareceu um milagre que o dinamarquês conseguisse chegar lá com a mão e desviar a bola. Por si, a defesa já teria sido impressionante, mas como a bola voltou ao nigeriano, Schmeichel correu a linha de golo de ponta a ponta e evitou que a recarga de Prometheus acabasse nas

redes do lado oposto. Quase tão importante como a agilidade do dinamarquês foi a forma como ele conseguiu desestabilizar o nosso futebolista antes de marcar o penáلتi. Depois de Prometheus ter posto a bola na marca de grande penalidade, Schmeichel tinha saído calmamente da baliza, pegado na bola e secado a mesma na sua camisola, voltando a estendê-la descaradamente ao africano, que lhe acenou furioso para que voltasse às redes. Alguns árbitros teriam mostrado cartão amarelo ao guarda-redes por fazer uma coisa daquelas, mas no primeiro jogo da época? Fora jogo psicológico e tinha funcionado.

O moral da equipa nunca aumenta quando se falha um penáلتi e o nosso sofreu novo golpe quando Gary Ferguson, o nosso capitão, marcou na própria baliza, tendo o resultado ficado em 1-0 para a equipa da casa quando o árbitro apitou para o final do primeiro tempo. São coisas que acontecem e aprende-se a viver com elas. O que mais me preocupou foi ver que Prometheus censurou o seu próprio capitão. Não é que saiba ler lábios, mas acho que Gary o fez engolir as palavras, embora a razão pela qual se conteve e não lhe pregou uma na boca me ultrapasse. Em geral, quando se é o capitão, um soco e um palavrão tendem a funcionar melhor que apenas um palavrão.

– Esquece, Gary – disse-lhe em voz alta no balneário. – Isto é futebol, não a porra do *quidditch*. Quando se é defesa e se faz bem o trabalho, há sempre alturas em que se marca na própria baliza. É simples estatística. Nove em cada dez vezes, um alívio de uma bola na pequena área corre mal, porque o futebol não é snooker e aqui não há ângulos perfeitos. Quiseste aliviar com o joelho e a bola saiu para trás, pronto. Ninguém que tenha a cabeça sobre os ombros devia censurar-te por isso.

Olhei para o Prometheus, que estava ocupado a mudar as suas botas *Puma evoPOWER* de cor vermelha por outro par que parecia feito com o antigo papel dos jornais sensacionalistas: *Porquê Sempre Puma?*, lia-se na parte lateral das botas.

– Já acabou a mudança da porra das botas?

Por fim, lá olhou para mim.

– No futebol, toda a gente comete erros – disse. – É assim o jogo. Se ninguém os cometesse, seria tão aborrecido como o grupo de

Inglaterra para o Euro 2016. E não há nada mais aborrecido do que isso. O que não quero que ninguém nesta equipa volte a pensar é que tem o direito de atribuir culpas. Principalmente quando não estão isentos de culpa. Encontrar falhas, passar raspanetes, dar uns pontapés no traseiro e reprimendas, esse é o meu trabalho. Ou o de Gary, quando a bola está em jogo. E se isto voltar a acontecer na equipa, mordo o rabo a quem o fizer como se fosse uma hiena. Gosto do meu trabalho e não preciso da ajuda de ninguém para dizer o que é preciso ser dito. Entendido?

– Por que implica comigo? – perguntou Prometheus. – Eu não fiz nada. Só lhe disse que aquelas pernas grandes, peludas e pálidas de escocês nos iam fazer perder o jogo se ele não tivesse cuidado. Foi uma piada, está bem?

Não era de admirar que Alex Ferguson tivesse atirado com as botas no balneário, porque naquele momento só me apetecia tirar-lhe aquelas botas ridículas e enfiar-lhas pela garganta abaixo. Gary murmurou: «Cala a matraca», enquanto Bekim abanava a cabeça em silêncio. Os outros deram meia-volta como se não quisessem ver o que se ia passar a seguir.

Sorri.

– Foi uma piada, sim, mas não teve piada nenhuma. Não se fazem piadas com os colegas quando marcam golo na própria baliza pela simples razão de que se podem sentir um pouco sensíveis. Nunca tem graça nenhuma marcar golo na própria baliza, a menos que isso se passe com a equipa adversária. Não devia ter de repetir-to, rapaz, e não voltes a interromper-me ou juro que peço ao Gary que te dê uma joelhada com as suas pernas grandes, peludas e pálidas de escocês nos teus tomatitos nigerianos sem pelo. Se tiveres tomates. Entendido?

Prometheus não respondeu, o que parecia indicar que tinha entendido a mensagem. Rodei sobre os tacões e encarei os outros. Não tinha de criticar o comportamento de mais ninguém. O Leicester tinha tido muita sorte e era tudo.

– É um facto – continuei – que as equipas recém-promovidas se batem bem no primeiro desafio da época. Medem as suas possibilidades contra um dos grandes. E porque não? Com quantos pontos conseguiram a promoção? Com oitenta e seis pontos? Merecem

estar na Premier League e se não nos puderem dar dores de cabeça hoje, quando estão em forma e frescos, porque só alguns tiveram compromissos internacionais, nunca o conseguirão. Garanto-vos que quando voltarem a jogar contra eles no final da época passam por cima deles. Por isso, não se admirem que eles hoje andem de rabo alçado. Mantenham as linhas e não soltem a bola. Passem-na. Futebol *toblerone*, como praticámos nos treinos. Deixem-nos perder-se nos triângulos mágicos. Se for necessário, levem-nos a tornar-se tão impacientes por ganhar o jogo que venham ter convosco. É nessa altura que se vão abrir.

Teria de ter funcionado, mas não foi assim. Perdemos por 3-1 depois dos golos de Jamie Vardy e David Nugent, que formavam a parceria de atacantes mais poderosa que via em muito tempo numa equipa recém-promovida. Às quatro horas e quarenta minutos da tarde, o Leicester estava em primeiro na tabela por diferença de golos.

O London City era antepenúltimo.

Capítulo 13

Os programas informáticos de AR (análise do rendimento) são muito úteis. Pergunto-me muita vez como poderiam os treinadores viver sem um *tablet*. As imagens editadas dos momentos fundamentais do jogo num iPad são uma ferramenta essencial para qualquer treinador e gosto de as ver com um ou dois jogadores no autocarro a caminho de casa, pois nem sempre o quero fazer diante de toda a equipa. Diz-me a experiência que um jogador que comete um erro não precisa de estar sempre a vê-lo repetido num ecrã na frente dos colegas. Sei bem que pode ser humilhante. Mas desta vez mandei as imagens do iPad para os ecrãs de televisão do autocarro para que todos ouvissem o que ia dizer. Às vezes, uma certa humilhação faz bem à alma.

– Deem-me a vossa atenção – disse ao microfone, enquanto o autocarro se afastava do estádio King Power. – Calem a boca, está bem? Do que é que estão a falar? De como eles eram bons? De como o Vardy era rápido? De como o guarda-redes deles era bom? De como se parece muito com o pai? Vão-se foder. Não foi por isso que perdemos hoje.

»Além, a oeste do estádio King Power, fica o rio Soar. Estou a apontar para a direita porque parece que há alguns que não sabem distinguir a direita da esquerda e o cu do pescoço. Diz-se que em 1485, depois da batalha de Bosworth, vitoriosos, os Tudor lançaram o cadáver de Ricardo III àquele rio nojento. Embora, como é evidente, não possa ser verdade, pois foi encontrado o seu esqueleto recentemente debaixo de um parque de estacionamento no centro de Leicester. Suponho que o pobre filho da puta perdeu o bilhete do parque e não conseguia sair. Em qualquer caso, tenho a certeza de que muitos de vós sabem agora como deve ter-se sentido o bom Ricardo. Eu sei. Não tem graça nenhuma perder na puta da cidade de Leicester.

»Tudo acontece por uma razão e por vezes a razão não é sempre imediatamente evidente, pois pequenas ações podem ter consequências muito grandes. É o que os cientistas chamam teoria do caos. Ou o que os advogados e os filósofos chamam causalidade. Os historiadores também têm em conta esta merda: a causa do início da

Primeira Guerra Mundial não foi o tiro que o arquiduque Fernando levou em Sarajevo, isso foi a gota que fez transbordar o copo. Perceberam? O jogador profissional de futebol também se cultiva. E isso é claramente algo que alguns de vós necessitam. Estou aqui para ajudar. Sempre que quiserem saber alguma coisa, venham ter comigo.

»Ser treinador de futebol é um pouco como o que os outros profissionais de que falei fazem. É até preciso ser-se um pouco detetive se, por exemplo, tivermos em conta que o que estamos a fazer agora aqui, no autocarro, é observar o cadáver pestilento do jogo para percebermos porque perdemos. Porque as coisas nem sempre são tão claras como parecem. Vou explicar-vos *porque* perdemos. Esqueçam o golo na nossa própria baliza. Como disse antes, isso foi apenas pouca sorte. Vamos fixar-nos no primeiro golo que eles marcaram, o golo do Vardy. É um tipo que não se cansa de correr e sempre que joga tira muita pressão ao Nugent. O Gary achou que o Vardy nos deu muito que fazer hoje, tal como os nossos quatro defesas. O Vardy é avançado-centro, mas eu diria que joga de maneira mais natural pela esquerda, que foi por onde o golo chegou. A verdade é que ele não estava a jogar na sua posição, razão porque vos foi muito mais difícil marcá-lo. Foi um bom golo, um bom pontapé, mas marcou porque vocês pensaram que ele não tinha ângulo para rematar. Agora sabemos que não era assim. Já vos disse antes e volto a dizê-lo: quanto mais se mantiverem afastados de um avançado como ele, mais ritmo ganha, e quanto mais ritmo ganha, mais possibilidades tem de marcar. Não tentem reagir ao mesmo tempo que ele. Não serão capazes porque ele pensa mais rápido do que o vosso corpo se move. Não há nada mais rápido que o pensamento. Por isso, mantenham os olhos na bola e entrem determinados e, se for preciso, mandem-no para o cirurgião ortopédico.

»Mas se voltarmos atrás e observarmos o que acontece um minuto ou dois antes, vemos que Kenny passa a bola a Gary, que a entrega a Kwame, a quem não ocorre outra coisa que atrasá-la para John, mas não o faz com força suficiente para que seja um passe seguro e John tem de se esforçar por chegar à bola, e o seu passe para Zénobe nem depois de um mês de *Super Sundays* da Sky vai chegar ao destino. O Nugent interceta a bola e passa-a a Vardy, que roda para um lado e

depois para o outro, e para o outro de novo, e todos se mantêm afastados dele como se tivesse a puta da peste, até ao momento em que vocês pensam que não tem espaço para disparar e relaxam. Mas ele tem espaço suficiente e marca.

»Vejam os outra vez o que quero dizer. Antes de o Vardy ter sequer cheirado a bola, Kenny, antes de a passares, não te deste conta de que o Prometheus tinha quilómetros e quilómetros de espaço no centro do campo? Vês melhor que um índio comanche e és também um dos melhores passadores da Premier League, podias facilmente tê-lo feito. Porque é que a passaste? Passar a bola daquela maneira só se faz quando o avançado adversário tem cimento nas botas; mas hoje, o deles corria como um galgo. Não, espera, deixa-me acabar.

»Kwame, isto aqui não é jogar à batata-quente. Quando fazes um passe, tens de pensar no que é que o outro vai fazer com a bola quando a tiver. Não faria mal se estivesse a criar espaços, mas aqui não soubeste o que fazer com o espaço que já tinhas.

»E John, tu não estás à espera da bola, isso é mais do que evidente, mas porquê? Todos vocês, em todos os momentos do jogo, deviam estar à espera da bola. E – S – E – P – B. Estar sempre à espera da puta da bola. Mas neste caso, como nenhum dos dois está à espera da bola, a única coisa que fazem é tentar livrar-se dela, por isso, a porra do passe ao pobre Zénobe é absolutamente desesperado.

»Lembrem-se do que vos disse antes do jogo, do que vos digo antes de cada jogo: o pensamento criativo na bola significa que se sabe o que se vai fazer com ela mesmo antes de vo-la passarem. E isso significa ler os jogadores que vos rodeiam como se fossem peças de xadrez, ver os espaços à volta deles e aquilo que eles podem fazer com esses espaços melhor do que eles próprios. L – J e P – E. Ler os jogadores e procurar os espaços.

Esperei um momento antes de os surpreender.

– Mas a verdadeira razão por que nos fodemos e o Jamie Vardy marcou é outra. E para isso temos de voltar ao momento em que o Kenny passou a bola ao Kwame. Um segundo antes, ele olha para cima e vê o Prometheus com todo aquele espaço diante dele e vai claramente chutar a bola para ele. Descobriu um jogador com espaço, mas de repente, muda de ideias. Porquê? Porque com a sua vista de

índio comanche olha para o jogador e vê que está de costas para ele. Se congelar a imagem e a mover podem ver por vós mesmos. Aqui está o Prometheus. Veem-no? Esta é a nuca dele e aponta para Kenny durante quanto tempo? Vamos ver. Foda-se, dez segundos.

»E – S – E – P – B. Estar sempre à espera da puta da bola. Estar *sempre* à espera da puta da bola. Mas o Prometheus está a olhar... Não sei para que raio ele está a olhar durante dez segundos, para a bola é que não está a olhar. Por isso, o Kenny pergunta-se por que irá passar-lhe a bola, se ele está a apanhar sol. A pensar na sua mascote, na sua hiena. E é por isso que Kenny passa a bola. Porque não tem escolha. E esta, meus senhores, é a verdadeira história da porcária do golo do Vardy.

Prometheus levantou-se a agitar os braços como um pinguim zangado. Tinha o rosto tão contorcido que um dos brincos de diamante lhe brilhava na orelha como uma lanterna.

– E a culpa é minha por ele ter marcado? – disse Prometheus. – Eu estava a quilómetros desse velhote quando ele marcou.

– Não estiveste atento enquanto eu falei. Deves ter algum problema nos ouvidos, tal como com os músculos do pescoço.

– Porque é que nesta equipa a culpa é sempre minha?

– Diz-mo tu, rapaz.

Prometheus abanou a cabeça.

– Não é justo – queixou-se.

– Tens razão. Não é justo para os homens desta equipa que os deceções desta maneira. Não sei que dizer quando nem sequer olhas para onde vai a bola. E – S – E – P – B. Estar sempre à espera da puta da bola. Mas é possível que sejas diferente, miúdo. Talvez sejas a única pessoa do planeta que tem olhos na nuca. Talvez consigas ver a bola enquanto pareces olhar para outro lado. É um bom truque, mas não sei em que pode isso ajudar os teus colegas. Porque é disso que se trata neste desporto.

Prometheus sentou-se pesadamente e deu um soco no assento que tinha na sua frente, o qual, felizmente, não estava ocupado.

São duas horas entre Leicester e o este de Londres. Esperei até estarmos a metade do caminho pela M11, ao norte de Harlow, para me levantar e ir sentar-me ao lado do nigeriano. Cheirava fortemente

a loção da barba e a linimento. Estava a jogar *Angry Birds* no seu iPad Air. Tinha uns auriculares *Monster Beats* cujos brilhantes cabos vermelhos pareciam fios de sangue que lhe saíam das orelhas e lhe corriam pelo pescoço. A forte vibração dos baixos parecia suficiente para rebentar com os ouvidos a qualquer um.

Ao ver-me, suspirou, tirou os auriculares como um adolescente enfasiado e esperou em silêncio que eu lhe desse a reprimenda.

– Sabes – disse-lhe –, a vida está cheia de conflitos. É isso que a torna interessante. As pessoas passam o tempo a discutir e como o futebol é um desporto muito intenso, as discussões também o são. Recordo-me de quando jogava no Arsenal, Patrick Vieira, o capitão da nossa equipa, um tipo grande, me ter agarrado pelo pescoço e dizer que se não me pusesse em forma logo trataria de mim. E falava a sério. Era do Senegal e no Senegal não se faz aquele tipo de ameaças de ânimo leve. Francamente, nunca conheci ninguém melhor do que ele naquela posição. Tinha muito talento, muito mais do que eu alguma vez tive. Mas não só o admirava como o temia, por isso, resolvi o problema sozinho. Era precisamente o que necessitava naquele momento. Que alguém como ele estivesse disposto a falar-me como um irmão mais velho e a apontar-me os meus defeitos.

»Mas o que é importante na vida é aprendermos com os nossos erros e depois continuar em frente com os outros. É assim com uma equipa. É como uma grande família onde todos somos irmãos. Muita testosterona e muita luta. Mas nós lutamos e depois perdoamos os erros e os equívocos uns dos outros. Porque somos irmãos.

»Quando estávamos na Rússia, disseste que a tua mãe não sabia quem era o teu pai. Referiste-te a ti próprio como um negro bastardo. Tenho a sensação de que acreditas nisso. Creio que é essa a posição de que partes. Achas-te mau. Talvez penses que serias melhor jogador se fosses ainda mais mau. Mas estou aqui para te dizer que não é esse o melhor caminho. Não para um verdadeiro profissional. Eu tive sorte. O meu pai continua vivo. Mas o Patrick não teve tanta sorte. Os pais divorciaram-se quando ele era muito novo e nunca mais voltou a vê-lo. No entanto, não deixou que isso o afetasse. Garanto-te que nunca conheci ninguém tão disciplinado como o Patrick. Extremamente talentoso, como disse, mas ainda mais disciplinado.

»Tu és um dos futebolistas jovens com mais talento que conheci. Não acho que sejas tão mau como queres fazer crer. Serás um grande jogador em qualquer equipa para onde vás. Mas o talento não chega. Precisas de disciplina para tirar o maior partido dele, tal como o Patrick Vieira. Como todos, na verdade.

Assenti.

– Termina aqui a lição.

– Obrigado, chefe.

Estendi-lhe a mão.

Ele sorriu e apertou-ma.

– E – S – E – P – B – disse.

Sorri-lhe também.

– Estar sempre à espera da puta da bola. Isso mesmo.

Capítulo 14

Na segunda-feira seguinte, pela manhã, a equipa voou para Atenas, onde a temperatura estava tão elevada como quando eu lá tinha estado. Os ânimos estavam ainda mais exaltados: os professores estavam em greve, os tribunais estavam em greve, até os médicos estavam em greve. Felizmente, tínhamos levado de Londres o nosso novo curandeiro. Chama-se Chapman O'Hara e tinha subido todos os níveis do departamento médico do City, que não deixava de crescer, até ficar com todas as questões de saúde da equipa a seu cargo. Levámos também Denis Abayev, o nutricionista do clube, e Peter Scriven, o encarregado das viagens, que contratara uma equipa de cozinheiros locais, todos adeptos do Panathinaikos e, portanto, rivais do Olympiacos, uma vez que não me tinha esquecido do que se passara com o Hertha no hotel de concentração em Glyfada. A última coisa que desejava num jogo da Liga dos Campeões era que a equipa adoecesse com uma intoxicação alimentar.

O hotel Astir Palace ocupava uma bela península semeada de pinheiros em Vouliagmeni, coração da Riviera ateniense, a cerca de meia hora a sul de Atenas. Peter Scriven escolhera bem: o único acesso que tinha era por uma estrada privada com uma barreira de segurança constantemente vigiada por guardas, o que significava que os adeptos mais entusiásticos do Olympiacos não conseguiam aproximar-se do nosso hotel com as buzinas dos seus automóveis. Era provável que o hotel já tivesse conhecido melhores dias. Faltava-lhe a classe do Grande Bretagne, para não falar das vistas históricas. A comida era simples e o bar um tanto pobre, e apesar de numeroso, o pessoal era lento e abúlico. As instalações, no entanto, eram ideais para acomodar um grupo de adolescentes crescidos: um *bungalow* individual para cada jogador; um ginásio muito moderno e bem equipado; uma bonita piscina com vista para o mar e várias praias privadas. Havia inclusive um campo de futebol de salão. Frente ao hotel existia um heliporto e uma pequena marina a partir dos quais o helicóptero e a lancha de luxo de Vik não paravam de fazer viagens ao *The Lady Ruslana*, que se encontrava ancorado a cem metros da costa com a proa orientada para o hotel. Parecia uma pequena ilha de cor

branco-pérola.

Naturalmente, a equipa foi proibida de ir a Atenas ou a Glyfada para explorar a vida noturna da cidade. Eu próprio tinha dado dinheiro aos guardas da barreira de segurança para que não permitissem visitas femininas à equipa. Antes do jantar, levei Bekim Develi e Gary Ferguson ao Pireu onde estava prevista uma conferência na sala de imprensa do estádio Karaiskakis. De início, as perguntas mais difíceis foram as da imprensa inglesa, o que não era de estranhar, uma vez que tínhamos perdido por 3-1 com o Leicester. Depois entrevistaram os gregos, que tinham a sua própria agenda, e a situação complicou-se um pouco mais quando alguém perguntou por que parecia que a Alemanha não podia com a Grécia.

– Que quer dizer com isso?

– Porque é que os alemães nos odeiam?

Decidi ignorar o comportamento dos adeptos gregos com o Hertha de Berlim e respondi que não achava que aquela afirmação fosse verdadeira.

– Pelo contrário – acrescentei. – Tenho muitos amigos alemães que adoram a Grécia.

– Então, por que estão os alemães empenhados em crucificar-nos por um empréstimo do Banco Central Europeu? Já estamos de joelhos, mas parece que querem pôr-nos de rastos.

Abanei a cabeça e disse que não estava no Pireu para responder a perguntas sobre política. O mais provável é que tudo tivesse acabado bem com uma resposta honesta como aquela, mas Bekim – criado na Rússia mas nascido na Turquia, inimigo ancestral da Grécia – decidiu intervir e as coisas complicaram-se quando fez alguns comentários não muito diplomáticos sobre os gastos públicos do país e que talvez não fosse necessário que a Grécia tivesse o maior exército da Europa. O facto de falar grego fluentemente só piorou a situação porque não fazíamos ideia do que ele estava a dizer e nem podíamos culpar Ellie, a nossa intérprete, de estar a traduzir mal as respostas. Quando lhe perguntaram se o preocupava a grande manifestação convocada para a noite do jogo frente ao Parlamento, Bekim respondeu que já era altura de alguns dos manifestantes aplicarem as suas energias a tirar a Grécia do buraco em que se encontrava. E mais, que podiam começar a

limpar a cidade, que na sua opinião precisava mais do que nunca que se ocupassem dela.

– Viveram acima das vossas possibilidades durante quase vinte anos – acrescentou em inglês, para que os nossos jornalistas o entendessem. – Está na altura de pagarem a conta.

Vários jornalistas gregos levantaram-se e repreenderam Bekim, momento em que Ellie nos aconselhou a que o melhor seria pôr fim à conferência de imprensa.

De regresso ao hotel, maldisse-me a mim próprio por ter levado Bekim à conferência de imprensa.

– A primeira vez pode parecer infeliz – disse. – Mas à segunda começa a parecer que não estou a ter o mínimo cuidado.

– Desculpe, chefe, não queria causar-lhe problemas.

– Estavas possuído pelo diabo? Os adeptos do Olympiacos já são suficientemente maus quando se trata de um jogo amigável. Conseguieste fazer com que amanhã ainda vá ser pior.

– De qualquer maneira, já ia ser duro – insisti. – Sabe tão bem isso como eu. Os adeptos deles são uns filhos da puta e nada do que eu disse vai piorar a forma como se comportam. Além disso, não lhes disse nada que eles já não saibam.

– Somos uma equipa de futebol, não um grupo de pressão. Não te chegou irritar os russos quando lá fomos, tinhas agora de fazer o mesmo com os gregos. Que se passa contigo?

– Adoro este país. Odeio ver o que está a acontecer aqui. A Grécia é um belo país e está a ser fodida por um bando de anarquistas e de comunistas.

Encolheu os ombros e pôs-se a observar pela janela do carro as paredes cheias de *graffiti*, as lojas e os escritórios abandonados, os montes de lixo por recolher, as ruas cheias de buracos, os mendigos e os limpadores de para-brisas nos semáforos e sentados na erva que crescia nas bermas das ruas. A Grécia podia ser um belo país, mas Atenas estava horrível.

– Adoro-o – sussurrou. – De verdade.

– Pois eu não entendo porquê, foda-se – disse Gary. – Olha como está tudo. Só há cabrões bêbedos e parasitas sociais. Nunca acreditaria se não visse com os meus próprios olhos. No meu tempo, houve coisas

complicadas, mas Atenas... foda-se, Bekim. Como se pode chamar a isto uma capital? Toxteth está em melhor estado que a porra de Atenas.

– Chefe, tenho uma ideia – disse Bekim a rir. – Depois do jogo, por que não deixa que seja o Gary a responder na conferência de imprensa?

Capítulo 15

Na manhã seguinte, antes do pequeno-almoço e enquanto a temperatura ainda estava a pouco mais de vinte graus, fizemos uma sessão de treino ligeira. Apilion ficava em Koropi, a vinte minutos de autocarro para norte, numa vasta extensão de uma zona muito rural no sopé do Monte Himeto, que se eleva a cerca de mil metros sobre o limite ocidental da cidade de Atenas. Na Antiguidade, existia um santuário dedicado a Zeus no cume, mas atualmente há apenas um transmissor de televisão, uma base militar e uma vista da capital só ultrapassada pela que se pode observar da janela de um avião.

Uma bandeira verde com um trevo branco indicava que Apilion eram os terrenos onde o Panathinaikos se treinava. Como o sítio estava rodeado de oliveiras e de amendoeiras, de catos cheios de figos, de orquídeas selvagens e de rebanhos de ovelhas e de cabras de pelo irregular, o ar era límpido e puro, ao contrário da congestionada atmosfera do Pireu e do centro de Atenas. De vez em quando, um dos agricultores da zona disparava sobre algumas aves, o que fazia com que elas voassem como um punhado de sementes e que os nossos jogadores, muito urbanos, se assustassem. Apesar disso e da presença de vários jornalistas acampados ao longo da vala perimetral cuidadosamente tapada, Apilion parecia um remanso de paz. Para os do Panathinaikos, todas as atenções eram poucas, uma vez que tinham de fazer o possível por nos ajudar a dar uma boa tarefa ao Olympiacos, o seu mais antigo rival. O futebol é assim. O teu inimigo meu amigo é. Não basta que a nossa equipa tenha êxito. Qualquer vitória é sempre maior com o revés da equipa rival, independentemente de contra quem tenha jogado. O Panathinaikos teria apoiado uma equipa das Waffen-SS se enfrentasse os vermelhos e brancos do Olympiacos.

– Porra de merda! – exclamou Simon Page, quando viu a bandeira ao sair do autocarro. – Estamos na maldita Irlanda ou quê?

Deu umas palmadas nos jogadores e gritou-lhes:

– Vamos, rápido, para o terreno de jogo. E olhem para onde põem os pés, a ver se pisam algum trevo de quatro folhas. Acho que vamos precisar de toda a sorte do mundo.

Não podia deixar de lhe dar razão, uma vez que O'Hara, o novo médico da equipa, tivera de voltar a Londres porque a mulher adoecera. Antonis Venizelos, a nossa ligação com o Panathinaikos, continuava à procura de um médico substituto para o caso de termos alguma situação de urgência.

– Com a greve dos médicos não vai ser fácil – comentou um pouco mais tarde. – Até os que não estão no setor público têm relutância em trabalhar hoje. As intervenções cirúrgicas foram canceladas e os doentes enviados para casa. Mas não se preocupe, Sr. Manson, que o Karaiskakis fica ao lado do Metropolitan, um hospital privado. Apesar de ser no Pireu, é um hospital muito bom.

Acendeu um cigarro de mentol – tinha as mãos mais peludas que alguma vez vira – e ficou a olhar para o Monte Himeto.

– Tenho notícias que podem influenciar bastante o jogo.

– Ah, sim? Quais?

– Telefonaram-me há pouco a dizer que pagaram hoje os salários aos jogadores do Olympiacos, tudo, o que os irá deixar muito bem dispostos. Por isso, acho que esta noite eles se vão aplicar a fundo.

– Quando é que lhes pagam normalmente?

– Há dois ou três meses que os filhos da puta dos americanos não lhes pagavam.

– Raios partam! – exclamei.

Antonis sorriu e meteu na boca umas sementes que mascava como se fossem pastilha elástica e lhe adoçavam o hálito. Era um homem bem-parecido e tinha uma cicatriz do tamanho da de Alan Hansen a sulcar-lhe a sobancelha esquerda como se fosse o carril de um elétrico, o que lhe dava um aspeto um tanto ciclópeo.

– Precisamente. A situação é um inferno para todos. Pelo menos na Grécia, meu caro. Tudo o que acontece neste país é diferente dos demais. Não se esqueça. Os seus rapazes recebem todos os meses, como toda a gente em Inglaterra, não é? Mas na Grécia, o dia de pagamento no final do mês pode ser adiado várias semanas ou mais, se é que me faço entender. Há meses que os nossos professores universitários não recebem.

– Não imagino os meus jogadores a trabalhar muito tempo sem receberem.

Nesse momento, Simon e alguns dos jogadores do City voltaram ao autocarro.

– Funcionam com moedas, como quase todos no futebol inglês agora.

– Tens toda a razão – murmurou Simon.

– Por vezes – disse Antonis –, as pessoas neste país trabalham meses a fio sem receber e no fim o empregador vê-se obrigado a fechar e não tem dinheiro para lhes pagar. Na Grécia, receber aquilo a que se tem direito é como ganhar a lotaria.

– Por que lhes chamou filhos da puta americanos? – perguntei.

Antonis riu-se.

– Porque os navios de guerra norte-americanos costumavam acostar no Pireu. Quando as tripulações desciam a terra, iam às putas. Por isso é que dizemos que são filhos da puta americanos, embora, para dizer a verdade, todas as mulheres no Pireu sejam putas. Mas não é só connosco. Na Grécia, toda a gente odeia o Olympiacos. São uma cambada de aldrabões e de mentirosos.

Encolheu os ombros.

– Acreditem que eles dizem coisas muito piores de nós.

– Pois parece difícil – respondeu Simon. – E o que é que dizem?

Antonis abanou a cabeça como que a querer dizer que não era para ligar.

– Acham que, como somos atenienses, nos julgamos melhores do que eles. Que somos uns snobes. Como é evidente, com eles comportamo-nos dessa maneira. Chamam-nos *lagoi*, ou seja, coelhos, porque acham que fugimos à luta. Esperanças vãs. Não me surpreende. São um punhado de *gavroi*. – Sorriu. – É um peixito que há nos portos que come a merda dos barcos atracados.

Simon e eu olhámos um para o outro surpreendidos com a inimizade de um homem que, no resto, mostrava ser uma pessoa perfeitamente civilizada e urbana. Sabia o que o gigante xenófobo de Yorkshire estava a pensar só de olhar para ele. Tinha dito muita vez desde que chegáramos a Atenas: «Malditos gregos. Eles são o seu próprio inimigo. Teria pena destes cabrões se não fossem tão bolcheviques.»

– Mas são bons futebolistas – foi o que Simon disse. – Quantas

vezes ganharam a Liga grega? Trinta e seis, não foi? E a Taça? Vinte e três? E teriam ganhado de novo este ano a Liga se a Federação Grega de Futebol não lhes tivesse tirado tantos pontos. E é por isso que vamos disputar o *play-off* com eles.

Antonis fez uma careta e olhou para o outro lado.

– Pode-se ensinar qualquer um a jogar futebol – respondeu. – Inclusive os *malakas* do Pireu. Por isso fazem batota. Podem ser os favoritos neste jogo, mas não subestimem a capacidade dos *gavroi* para os golpes baixos. Esta noite não serão apenas onze. Serão dezasseis, se incluírem os cinco árbitros do jogo. E os adeptos, claro. Não se esqueçam daqueles a que chamam Lenda. São como outro jogador, um jogador perverso. Esta noite, não haverá nada de amigável no estádio. E podem esquecer todas as vossas ideias inglesas do jogo bonito. Na Grécia, não há jogo bonito. Não há nada que o seja. Há apenas raiva. – Assentiu com a cabeça. – Na Grécia, é a única coisa que temos de sobra.

Capítulo 16

Sempre que um treinador de futebol anda de um lado para o outro da sua área técnica incentivando aos gritos e fazendo sinais aos jogadores como se fosse um corretor de apostas de cabeça perdida, torna-se material estimulante para a televisão: as câmaras gostam de ver «a pressão gravada na cara do treinador». Na verdade, os jogadores nunca deviam sequer olhar para o treinador mas para a bola embora, com a gritaria do público, raramente ouçam mais que o apito do árbitro, a não ser que o treinador seja o Sam Allardyce. A maior parte do tempo, patrulhamos os nossos solitários dez metros quadrados de espaço para manter as aparências: sofrer mostra que nos preocupamos. Além disso, é mais difícil despedir um treinador encharcado em suor, com lama até aos joelhos no seu fato Armani, para não falar nos escarros nas costas.

Estar na área técnica do Pireu é ainda mais intimidante, com trinta mil gregos a gritar-nos nas costas e sabendo que nos podem lançar algo muito mais perigoso do que um simples escarro. É perguntar ao quinto árbitro grego, que apanhou com uma cadeira durante um jogo da Taça Grega em 2011. Aventurarmo-nos fora do banco no Karaiskakis numa noite de agosto em que faz um calor sufocante é como abandonar a proteção das muralhas de Troia para enfrentar Aquiles: não é recomendável. Mas no campo do Olympiacos, não é só preciso ter cuidado com os adeptos enlouquecidos: em 2010, apesar de ter vencido o jogo por 2-1, ainda que depois de algumas decisões questionáveis do árbitro, o dono do Olympiacos, Evangelos Marinakis, atacou os jogadores do Panathinaikos Djibril Cissé e Georgios Karagounis no final do desafio.

Por isso, quando aos cinco minutos da primeira parte Bekim Develi marcou golo a uma distância de vinte e cinco metros com um disparo que parecia um diagrama de um gráfico de trajetórias de um oficial de artilharia, não me devia ter espantado por ter apanhado com uma banana no ombro enquanto tirava o casaco de linho – já empapado de suor – e corria para a borda da minha área técnica, onde interrompi, com um simples aperto de mão, a homenagem que o russo, chupando o dedo, prestava ao seu recém-nascido.

Tudo tinha começado muito bem, com as duas equipas a dirigir-se calmamente para o centro do campo, juntamente com vinte e cinco crianças-mascote gregas de mãos dadas, enquanto soava *Zadock, o Sacerdote* de Handel. O que podia ser mais calculado para criar uma imagem inspiradora dos valores familiares da UEFA e da busca honrosa da vitória num desporto competitivo? Ainda que, por vezes, me pergunte se as equipas de futebol europeias sabem que Handel compôs a sua música para a consagração de um rei *inglês*. Seguiu-se um minuto de quase silêncio pela morte de um desportista grego do qual, confesso, nunca tinha ouvido falar. Mas que diabo! Um minuto de silêncio antes de um jogo de futebol *pelo que quer que seja*, parece-me uma boa ideia, principalmente na Grécia, para calar a porcaria dos tambores e os cantos guerreiros dos ultras da Porta 7. Ouvir aquele som horrível, masculino, cheio de agressividade e testosterona, transporta-nos para a batalha de Rorke's Drift, em 1879, como se estivéssemos a enfrentar dez mil Zulus.

Não fiz caso da banana que – tal como se via na repetição televisonada – devia ter vindo dos lugares VIP. Quanto a mim, os VIP são tão racistas como todos os outros. Não me magoou, pelo menos não tanto como teria sido com uma cadeira. E quando, num jogo da Liga dos Campeões, se está a ganhar cinco minutos depois do início do jogo, consegue-se ignorar quase tudo. Da maneira como me sentia naquele momento, provavelmente teria sido capaz de ignorar uma lança cravada nas omoplatas. Voltei para o banco e festejei o golo, triunfante, dobrando ambos os braços.

Esqueci a banana quase de imediato com o problema que surgiu depois do golo. Mal tinha recommçado o jogo, Bekim Develi falhou um passe feito por Jimmy Ribbans e caiu de joelhos como se estivesse a penitenciar-se pelo erro, colapsando de seguida de cara no chão no círculo central, ante o ensurdecedor desprezo dos gregos. Momentos depois, tanto Zénobe Schuermans como Daryl Hemingway começaram a fazer gestos desesperados na direção do nosso banco. Gareth Haverfield, o fisioterapeuta da equipa, não precisou que lhe desse a ordem: pegou na mala e saiu a correr para o relvado.

– Que se passa com ele? – disse uma voz ao pé de mim. Era Simon.
– Achas que desmaiou por causa do calor?

Assenti.

– Sim, eu diria que desmaiou. Faz muitíssimo calor.

– Vinte e nove graus – disse Simon. – Ele, não sei, mas eu sinto-me como um vindalho de frango. Espero que não tenha desmaiado. Se assim for, vai ter de sair do campo. Podem ter-lhe atirado alguma coisa. Uma moeda, talvez.

– É possível. Andaram a desbaratar dinheiro durante anos. Sempre é uma variação da banana.

Correndo o risco de apanhar com outra banana, aproximei-me, nervoso, do extremo da área técnica. Pus os óculos. Sou um pouco cegueta, em especial à noite e quando estou cansado, mas aquilo que estava a ver não fazia sentido. Parecia que Bekim estava a tentar dar uma cabeçada no solo e Gareth a procurar, sem êxito, virá-lo de costas. Percebi que aquilo não era nada de bom quando o árbitro correu para o banco do Olympiacos e disse qualquer coisa que fez com que toda a equipa médica corresse para o relvado. Instintivamente, sem esperar pela autorização do árbitro, segui-os, primeiro devagar, como se não percebesse bem o que se estava a passar, e depois um pouco mais rapidamente quando me dei conta da gravidade da situação.

Develi tinha deixado de se mover e um dos médicos gregos cortou-lhe a camisola com uma tesoura e começou a fazer-lhe compressões torácicas. Gareth fazia-lhe respiração boca-a-boca e um paramédico desenrolava a toda a pressa um tubo de oxigénio. Até o público parecia ter percebido o que estava a acontecer e fez silêncio.

Ao ver-me, Gary Ferguson, que estava ao lado do colega, pôs-se de pé e dirigiu-se para mim. Tinha as faces húmidas, mas não de suor.

– Que foi? – perguntei, já com o estômago revirado. – Que se passa com ele?

– Está morto, chefe. É isso o que se passa.

– O quê? Não pode ser! Que aconteceu?

– Não faço ideia. Andava a correr cheio de força e, de repente, vi-o no chão. Caiu de tal maneira que pensei que tinha levado um tiro.

O árbitro, um italiano chamado Merlini, aproximou-se e, por momentos, pensei que me fosse pedir para abandonar o campo. Em vez disso, abanou a cabeça com um ar triste.

– Lamento, mas temo que a coisa não seja boa. Vão trazer um desfibrilhador. A ideia era levá-lo para o hospital que há do outro lado da estrada, mas receiam movê-lo.

– Meu Deus! – murmurou Gary.

Pelo canto do olho, vi Kenny Traynor com a cabeça entre as mãos e Soltani Boumediene com a cara no ombro de Xavier Pepe. Prometheus falava animadamente com um dos jogadores do Olympiacos. Jimmy Ribbans estava ajoelhado a rezar pelo seu colega caído. Deu-me vontade de ajoelhar e rezar também, mas sabia que era provável que a namorada de Bekim estivesse a acompanhar o jogo pela televisão, e o que menos precisava era de ver que o treinador perdera toda a esperança.

Olhei para o ecrã gigante e depois para o meu relógio.

Merlini pareceu ler-me o pensamento.

– Está assim há uns minutos – disse. – Não sei que fazer. Vou falar com os outros árbitros. E com os tipos de Olympiacos. Devia informá-los do que se está a passar.

– E eu vou falar com os nossos – disse Gary depois de Merlini se afastar. – Se quiser recomeçar o jogo, temos de levantar a cabeça rapidamente. Quem é que vamos pôr a substituí-lo?

– O Iñárritu – respondi, aturdido.

Gary afastou-se enquanto um dos médicos gregos colocava as duas grandes placas pegajosas do desfibrilhador sobre o tórax imóvel de Bekim.

«Não toquem no paciente» – disse uma mulher com sotaque americano de dentro da máquina amarela, que mais parecia um brinquedo infantil que um aparelho capaz de fazer reviver um homem como Bekim Develi. E depois: «Recomenda-se descarga. A carregar. Afastem-se.»

– *Stékeste* – gritou um dos gregos; todos se afastaram de Bekim.

«Pressionar o botão de descarga», disse a voz da máquina.

– *Stékeste* – repetiu o médico grego e pressionou o botão de descarga.

O corpo de Bekim estremeceu por momentos, mas depois ficou imóvel.

«Primeira descarga aplicada», informou a voz da máquina. «É

seguro tocar no paciente. Começar a reanimação cardiopulmonar. Agora.»

O médico grego traduziu para alguns dos que estavam a dar assistência a Bekim e, então, iniciou as compressões torácicas, as quais Gareth alternava com a respiração boca-a-boca, trinta e mais duas, como é pressuposto fazer-se. Estavam todos empapados em suor, não só pelo calor no estádio, mas também pelo grande esforço que estavam a fazer: tentar trazer um homem de volta à vida. E tudo diante de trinta mil espectadores.

«Continuar durante um minuto e trinta segundos», informou a máquina.

– Meu Deus! – exclamou Simon, que estava agora ao meu lado no centro do campo. – Terá tido um ataque de coração ou quê?

– Creio que é pior. Parece que o coração deixou de bater. Estão a tentar reanimá-lo.

– Não pode ser – disse Simon. – A ele, não. Ao Bekim, não. Tem apenas vinte e nove anos e está como um touro.

– Pois parece que não vai chegar aos trinta – respondi.

«Parar a reanimação. Parar agora. Não tocar no paciente. Analisando o ritmo cardíaco. Não tocar no paciente. Recomenda-se descarga. Afastem-se.»

– *Stékeste* – disse o médico grego.

«Pressionar botão de descarga.»

O corpo de Bekim voltou a estremecer como se tivesse espasmos e depois ficou imóvel. Os maqueiros entraram no campo para recolher o jogador enquanto podia ser transportado em segurança, mas já começava a parecer inútil.

– Tem de ser levado para um hospital – disse Simon. – Alguém que chame a porra duma ambulância.

– Estão a fazer o que deve ser feito – disse. – Se pararem de usar o desfibrilhador agora, deixa de ter sentido levá-lo para o hospital.

– E menos ainda com os médicos em greve – comentou Simon.

Nesse momento, a notícia de que Bekim estava numa situação muito delicada chegou ao pequeno contingente de adeptos ingleses que havia algures no estádio e começaram a entoar o seu nome.

– BEKIM DEVELI! BEKIM DEVELI!

– BEKIM DEVELI! BEKIM DEVELI!

Fiquei surpreendido ao ver que os gregos se juntavam a eles e que, durante quase um minuto, o público parecia ter uma só voz, como que a querer fazer ver ao russo que desejava que recuperasse.

– BEKIM DEVELI! BEKIM DEVELI!

Engoli em seco e, apesar do calor, senti um arrepio de emoção. Procurei manter a calma, mas interiormente sentia-me em completo alvoroço. Que seria do filho bebé? Não conseguia deixar de mo perguntar. E se não se safasse desta? Quem cuidaria do Peter? Que seria da Alex? Raios partam o futebol!

Raios partam, sim.

Capítulo 17

Depois de seis pares de mãos levantarem Bekim para o porem na maca e o levarem rapidamente para fora do relvado, segui Gareth para a boca do túnel dos jogadores. O ar estava tão quente como se alguém tivesse aberto a porta de um forno, mas por dentro sentia-me frio e vazio. O público começou a aplaudir Bekim, que agora lutava pela vida.

– Está vivo? – perguntei.

– Muito fraco, chefe. Tem o coração desfeito. Talvez consigam fazer alguma coisa por ele no hospital. Agora, a melhor hipótese que tem é uma injeção massiva de adrenalina. Acho que aqui não podemos fazer mais nada por ele.

– Mas o que aconteceu? O que causou aquilo?

– Não sou médico, chefe, mas há uma coisa chamada MSC, Morte Súbita Cardíaca, ou o que os jornais chamam simplesmente Morte Súbita, que é o que os médicos dizem quando não fazem ideia da razão porque uma pessoa de repente tem um ataque e cai morta. E isso acontece a toda a hora.

– Não quando as pessoas têm vinte e nove anos – respondi. Mas Gareth não me ouviu, pois os maqueiros tinham feito nova paragem para que os ajudasse na reanimação cardiorrespiratória.

– Vai com eles – disse a Simon. – Vai com eles ao hospital e mantém-me a par.

– Sim, chefe.

Dei meia-volta e deparei com Gary. Estava pálido e esgotado.

– Bebe qualquer coisa – disse-lhe, quase automaticamente. – Pareces desidratado.

– Morreu?

– Não sei. Não creio, mas a coisa está feia.

– Não podemos continuar a jogar. Não nestas circunstâncias, chefe. Os rapazes têm de saber que o Bekim está bem.

– Tens razão.

– Meu Deus!, isto faz com que te perguntes o que é importante na vida, hem?

Aproximei-me da linha de fundo, onde Merlini, um agente da

UEFA e vários tipos do Olympiacos falavam entre si. Merlini tinha as mãos entrelaçadas como se tivesse estado a rezar e, ansioso, mordida a unha do polegar enquanto tentava tomar uma decisão. O treinador do Olympiacos, Hristos Trikoupis, pôs-me uma mão sobre o ombro.

– Como vai o homem?

Abanei a cabeça.

– A verdade é que não sei.

– Vão levá-lo para o Metropolitan – comentou. – Fica a dois minutos a pé daqui. É um ótimo hospital. Privado. Não é desses públicos. Procura não te preocupar demasiado. É para lá que levamos os nossos jogadores. Garanto-te que terá o melhor tratamento possível.

Assenti sem dizer palavra, um pouco surpreso com aquela mudança de atitude para comigo. Antes do jogo, tinha dito coisas muito desagradáveis sobre mim aos jornais gregos. Chegara a referir-se ao tempo que passei na prisão, comentando em jeito de piada que lá é que devia ter ficado, dado o meu historial de «jogador sujo». Jogo psicológico, é o mais provável. Mas tinha-me magoado. Não se espera aquele tipo de comportamento de alguém que foi colega de equipa. Apesar de ter apertado a mão a Hristos Trikoupis antes do jogo, tivera de conter-me para não lhe partir o braço.

– Escuta – disse eu, por fim. – Acho que o jogo não vai poder continuar. Esta noite, não.

– Estou de acordo – respondeu ele.

Merlini, o árbitro, apontou para o túnel.

– Por favor, vamos para dentro e falamos lá – disse. – Não me sinto bem a ter de tomar uma decisão diante das câmaras de televisão e de toda esta gente.

Apitou e fez sinal aos jogadores para que saíssem do relvado.

Peguei no casaco e fomos para a sala de árbitros: Merlini, o agente da UEFA, Hristos Trikoupis, os dois capitães das equipas e eu.

Sentámo-nos e ninguém disse nada durante quase um minuto. Trikoupis ofereceu então cigarros e todos pegámos num, incluindo eu. Não há nada como fumar um cigarro para acalmar. É como se, ao inalar o fumo para os pulmões, introduzíssemos algo no organismo que corria o risco de se perder.

Gary fumava como um soldado amargurado numa trincheira do

Somme.

– Antes, pensava que isto me mataria – comentou. – Mas depois do que aconteceu esta noite, já não estou certo disso.

Trikoupis deu-me um copo que me pareceu ser de água e só depois de o beber percebi que era *ouzo*.

– Não – disse, decidido. – Não podemos jogar esta noite.

– Estou de acordo – respondeu.

– E eu também – disse Merlini.

Parecia aliviado por termos tomado a decisão por ele.

– A questão é: quando é que se joga o resto do desafio?

O agente da UEFA, um belga chamado Bruno Verhofstadt, que se parecia com um Don Draper com uma barba à Van Gogh, aquiesceu.

– Muito bem. Está decidido. Tenho a certeza de que todos desejamos que o Sr. Develi recupere rápida e completamente. Não sou médico, como é evidente, mas confio em que o Sr. Manson e o Sr. Ferguson me perdoem se constato uma verdade muito cruel e desagradável: parece-me que, aconteça o que acontecer, Bekim Develi não voltará a jogar pelo London City no futuro próximo. Não depois de um ataque de coração.

Assenti.

– Sim, suponho que sim, Sr. Verhofstadt.

– Obrigado, Sr. Manson. Espero que me desculpe também se sugiro, e aproveitando a oportunidade de estarmos reunidos, que encontremos a melhor maneira de continuar o jogo a partir de onde ficámos, segundo o ponto de vista da UEFA.

– Que é...? – perguntei.

– Entendo que não queira falar disso neste momento, Sr. Manson. Não gostaria que pensasse que estou a pressioná-lo para tomar uma decisão sobre o que fazer.

– Não, não, falemos disso. Estou de acordo. Acho que temos de decidir agora. Tem sentido. Enquanto estamos aqui todos...

– Muito bem. Dado que estamos de acordo em que não é provável que o Sr. Develi volte a poder jogar nesta prova...

Verhofstadt olhou para mim como se estivesse à espera da minha confirmação.

Assenti.

– De acordo com a UEFA, um jogo começado deve terminar o mais cedo possível. As normas da UEFA proíbem também que na Europa se disputem jogos de qualquer outro tipo na mesma noite que jogos da Liga dos Campeões ou da Liga Europa. Amanhã à noite, também há jogos da Liga dos Campeões. Não há jogos de nenhum outro tipo. Do ponto de vista da programação, o mais sensato seria acabarmos este jogo na primeira oportunidade, sempre que seja possível para ambas as equipas.

– Está a sugerir que joguemos amanhã?

– Sim, proponho que joguem amanhã, Sr. Manson. – Suspirou. – Aconteça o que acontecer.

Sabia muito bem o que Verhofstadt estava a querer dizer. Que teríamos de jogar mesmo que Bekim Develi morresse. Mas custava-me admitir em voz alta que existia essa possibilidade, apesar de, interiormente, saber que não só existia a possibilidade, como era o mais provável que acontecesse.

– Aconteça o que acontecer. Isso também tem sentido. Não é que tenham viajado muitos adeptos para ver o jogo esta noite. Acho que a maioria já cá estava de férias. – Assenti. – Quer dizer, já estamos todos na Grécia. Se não jogarmos amanhã, não sei quando poderemos terminar o jogo. Enfrentamos o Chelsea no sábado e depois temos de realizar o jogo com o Olympiacos em casa, na próxima semana.

Olhei para Gary Ferguson.

– Ou isso ou nos retiramos da competição. Que achas, Gary?

– Não podemos retirar-nos – respondeu convicto. – Não, chefe, se temos de jogar, jogamos. Duvido muito que o Bekim quisesse que nos retirássemos da Liga dos Campeões. E menos ainda por sua culpa. Especialmente agora que vencemos por um golo.

Deu uma passa sobre-humana no cigarro e serviu-se disso para reforçar o seu ponto de vista.

– Escute, não sei muito bem como explicar o que quero dizer a não ser através de um filme antigo de Charlton Heston que vi uma vez. O Bekim Develi é o seu *El Cid*. Isto é, vivo ou morto, quer-nos lá amanhã. Quer dizer, a jogar. – Encolheu os ombros. – E para que conste, penso o mesmo. É a minha equipa, vivo ou morto, OK?

Verhofstadt olhou para Trikoupis.

– Sim, estou de acordo. Também nos parece bem o jogo amanhã.

– Muito obrigado, meus senhores. Obrigado por serem tão compreensivos numa situação tão difícil e trágica.

Apertei a mão ao treinador grego e depois ao Sr. Verhofstadt.

– Está decidido, então – disse. – O jogo fica adiado para amanhã.

Quando Gary e eu abandonávamos a sala, Trikoupis chamou-me à parte.

– Não queria dizer isto diante do tipo da UEFA.

De repente, a sua atitude tornou-se muito menos amigável.

– Afinal, já és crescidinho, Scott, mas sabes mesmo o que estás a fazer? Não me parece. Achaste a coisa feia esta noite? Isto não foi nada comparado com o que será amanhã. Não penses que vamos facilitar porque um dos teus jogadores teve um enfarte. Um jogador que, acrescentaria, não é muito apreciado aqui depois do que disse deste país na conferência de imprensa a outra noite.

– Como disse, creio que não temos outra alternativa senão jogar.

– Como queiras, mas garanto-te que amanhã à noite vão levar no cu. Vamos arrumar convosco. E depois vamos atar os vossos corpos às nossas quadrigas e arrastar-vos em triunfo ao redor das muralhas do estádio. E por mal que se sintam agora, amanhã será muito pior. O meu conselho é este: vão para casa agora. Enquanto é tempo.

Continuava aturdido com o que tinha acontecido com o Bekim, de contrário tê-lo-ia mandado à merda, sobretudo depois do que dissera de mim nos jornais. Mas as coisas já estavam bastante mal para me ir pôr ainda com outra guerra com o treinador sob os olhos da polícia grega. Por isso, dei meia-volta sem dizer palavra e dirigi-me para o balneário, onde informei os jogadores do que fora decidido.

Não muito depois, Simon Page voltou com a notícia que muitos de nós aguardávamos e todos temiam: Bekim Develi falecera.

Tardei um pouco a reagir. Por fim, disse:

– Deixemos que sejam os meios de comunicação a idealizá-lo e a fazê-lo ainda maior do que era. É o que eles gostam de fazer, mas não seria o que Bekim haveria de querer. Sei-o porque na última noite, depois da desastrosa conferência de imprensa, lhe perguntei por que razão tinha dito o que dissera. E ele respondeu-me: «A verdade é a verdade. E digo-a sempre porque sou assim.» Os que gostavam do

Bekim Develi por aquilo que ele era, recordá-lo-ão como alguém que nunca deixava de tentar, que nunca desistia e que defendia sempre o jogo limpo, mas acima de tudo recordá-lo-ão como um verdadeiro grande desportista. Quando alguém da nossa equipa morre assim... não sei, não há nada pior que isto. Mas amanhã, teremos a oportunidade, como equipa, de lhe mostrar o quanto valorizamos o tempo que passámos com ele.

Levantei-me.

– Vá!, um duche rápido e vamos para o autocarro.

Capítulo 18

É claro que nunca tinha querido o Bekim Develi na equipa. Fora ideia do Viktor comprá-lo ao Dínamo de São Petersburgo. Mas o russo tinha-nos impressionado a todos logo com a sua disciplina e o seu compromisso total com o clube, para não falar na sua enorme capacidade técnica. Mais importante ainda, tinha-nos trazido sorte, ou seja, tinha marcado golos, mais de uma dúzia, em menos de quatro meses, golos importantes que nos haviam permitido acabar em quarto lugar na tabela, atrás do Chelsea, do Manchester City e do Arsenal. Se tivesse de eleger o jogador que mais nos ajudara a qualificar para a Europa, tê-lo-ia escolhido a ele. Sim, é evidente que houve alturas em que gostava que não tivesse sido tão franco, mas o diabo vermelho era assim: fazer das dele era algo que tinha no ADN. Fazia parte dele, como a barba ruiva.

Agora que morrera, perguntava-me qual de nós – eu ou Viktor Sokolnikov – iria telefonar a Alex, a namorada de Bekim, que estava em Londres, a dar-lhe a má notícia. Viktor já lhe telefonara várias vezes a garantir-lhe que seria feito tudo o que fosse possível. O facto é que Vik os conhecia a ambos há muito mais tempo do que eu e ofereceu-se para ser ele a dar-lhe a notícia, o que me tirou um grande peso de cima. Uma coisa há que reconhecer ao nosso proprietário: nunca se furta às suas responsabilidades, por mais difíceis que sejam.

– Além disso, é russa, e uma coisa tão horrível deve ser ouvida na sua própria língua. As más notícias são ainda piores se for preciso traduzi-las.

Viktor abanou a cabeça.

– Por favor, desculpa, serve-te de uma bebida e põe-te à vontade. Posso demorar um bocado.

Saiu e esteve quase quarenta minutos fora.

Estávamos no seu iate, *The Lady Ruslana*. Voara no seu helicóptero desde o heliporto que havia frente ao hotel, depois de chegarmos a Vouliagmeni, vindos do estádio Karaiskakis. Convidara-me a jantar a bordo, mas declinei o convite. Estava sem apetite, mas não se podia dizer o mesmo dos seus outros convidados: Phil Hobday, Kojo Ironsi, que afastava os mosquitos com um enorme mata-moscas africano,

Cooper Lybrand, que vestia um imaculado fato de linho branco que lhe dava um ar de Gatsby, dois empresários gregos que deviam ter perdido as máquinas de barbear, e várias raparigas bonitas, todos a jantar ruidosamente na coberta exterior, a uma mesa digna de um pequeno imperador romano. Apesar da morte recente de alguém que eu tinha a certeza que ele estimava, Vik não deixava de viver bem. E talvez fosse a única forma de viver: sem olhar para o futuro nem para o passado, apenas para o presente. *Tempus fugit* e tudo isso.

A bandeira vermelha do iate a meia haste era um gesto simpático, mas passava muito bem sem as gargalhadas de Kojo ou os fogos de artifício e os espetáculos de luzes de outro iate – maior que o Estado do Vaticano e tão opulento como ele – fundeado a uns trezentos metros de nós.

– É o *Monsieur Croesus* – disse Vik quando voltou ao luxuoso camarote em que me tinha deixado –, o barco de Gustave Haak, o investidor e arbitragista.

Disse aquilo como se fosse a única justificação necessária para mostrar o dedo médio levantado aos gregos, que tinham tido de apertar o cinto e estariam a ver o espetáculo boquiabertos na praia.

– É o aniversário dele. O Haak gosta de celebrar bem os aniversários. Eu prefiro esquecê-los. Já foram demasiados e chegam cada vez mais rápido para o meu gosto.

– Como é que recebeu a notícia? – perguntei. – A Alex?

Vik suspirou.

– Que pergunta estúpida.

– Desculpa, sim, é estúpida.

– Por acaso, sou muito bom a dar más notícias. Mas, claro, se tivermos em conta que sou judeu e ucraniano, são muitas gerações de prática.

– Não sabia que eras judeu, Viktor.

– E o Bekim também. De certeza que também não sabias.

– Não, não sabia. Por que não mo disseste?

– Judeus no futebol. Não é coisa que se grite aos quatro ventos como fazem os Haredi com o seu *kolpik* na cabeça. É como ser gay: é melhor manter isso em segredo para o público britânico que tem esse grande sentido do fair play desportivo.

– Tens razão.

Fiz uma careta.

– Estou preocupado com a Alex. Pelo que o Bekim me contou, está a passar por uma depressão pós-parto. É normal, claro. Quando a conheci, era viciada em cocaína, e é em situações como esta que os mais fracos, como é o caso dela, procuram os tipos errados de ajuda. Disse-lhe que deixasse a meu cargo todos os preparativos do funeral do Bekim, mas talvez fosse melhor que estivesse ocupada. Sabia que ele queria ser enterrado na Turquia, onde nasceu. Em Esmirna.

Apontou para uma das janelas.

– Fica do outro lado do mar Egeu, naquela direção. Acho que o devia fazer, não te parece?

– Sim. E alegra-me muito que o faças. Não sei se seria capaz de ter de lidar com a Liga dos Campeões e os coveiros locais no mesmo dia.

– Scott, a sério... – Vik sorriu e acariciou a barba. – Estás a ser um bocado melodramático. O que fazes, faze-lo muito bem, mas não tem comparação com as minhas responsabilidades.

– Não?

– Não. És um homem inteligente, mas há alturas em que me pergunto se fazes a menor ideia do que é dirigir um negócio de doze mil milhões de libras. A responsabilidade que isso é. O esforço que exige. A quantidade de coisas que exigem a minha atenção. Tenho trinta mil pessoas a trabalhar para mim. Tu, a única coisa que tens de conseguir é pôr onze tipos a jogar futebol.

Assenti em silêncio. Já me sentia triste, mas agora sentia-me também insignificante.

Em terra, Viktor não se comportava como a bordo do *The Lady Ruslana*, onde lhe bastava um aceno de cabeça para que as coisas ao seu redor se fizessem. A tripulação vestia polo e calções cor de laranja e era tão jovem que parecia uma turma de ginástica num liceu australiano, de onde vinham quase todos. Uma vez por outra, parecera-me que assentia com a cabeça enquanto falava, mas o que fizera, na verdade, fora pedir uma bebida ou um aperitivo, que enviassem flores a Alex ou que preparassem a lancha em que me levariam de volta ao hotel.

– Tinha-me esquecido de que não gostas de voar de helicóptero,

Scott.

– Nunca te falei nisso, pois não?

Encolheu os ombros.

– As pessoas não têm que verbalizar para serem tão eloquentes como Hamlet. Por vezes, dizem tudo com o corpo. Além disso, acho que já tiveste *stress* suficiente hoje, meu caro. Eu tive. Vá, toma a lancha e volta para o hotel. Come qualquer coisa e procura dormir bem. E como te disse, deixa tudo o que não tem que ver com a partida de amanhã a meu cargo. Mas primeiro, quero pedir-te desculpa. Acho que te menosprezei. Fiz com que te sentisses insignificante e que o teu trabalho parecesse pouco importante e não era necessário. Peço desculpa.

Talvez fosse uma demonstração modesta de onisciência, mas comoveu-me. Depois abraçou-me calorosamente.

Quando cheguei ao hotel, tinha a polícia à minha espera no vestíbulo. Explicaram-me que iam autopsiar Bekim e que, por razões legais, os seus pertences não podiam ser retirados do *bungalow*, o qual ficaria selado até novas ordens.

– São coisas da polícia científica – explicaram-me. – Quando uma pessoa com apenas vinte e nove anos morre de repente, é adotado um determinado protocolo.

– Compreendo – respondi.

Parecia que o funeral de Bekim Develi que Viktor Sokolnikov tinha em mente, enterrá-lo na sua cidade natal de Esmirna, iria ter de esperar.

Capítulo 19

Retomámos o encontro que tínhamos abandonado na noite anterior quando ainda faltavam oitenta e três minutos de jogo. E começou bem. Por que não haveria de ser assim? Já estávamos a vencer por um golo. Além disso, era um golo no campo do adversário, o melhor no mundo da *Quinta dos Animais* da UEFA, onde alguns golos são mais iguais do que outros. Os nossos jogadores pareciam ansiosos por vencer o jogo, quanto mais não fosse pelo Bekim. As páginas desportivas de todos os jornais ingleses incentivavam-nos a vencer os gregos e – com exceção de uma Cassandra, o sempre profético Henry Winter, do *Daily Telegraph* – vaticinavam uma vitória do City.

Infelizmente, ninguém tinha mostrado ao Olympiacos o guião daquela particular tragédia com laivos de vingança que era pressuposto representar-se.

A nossa noite começou a desarticular-se como os mármore de Elgin quase logo a seguir à entrada dos jogadores do City em campo. Foi como se, depois de termos perdido Heitor, o nosso destino tivesse ficado selado: mostrávamo-nos inseguros na defesa, sem noção do que fazer no meio-campo e impotentes no ataque. Alejandro Domínguez, um argentino de trinta e dois anos, levava a melhor quer sobre Schuermans quer sobre Hemingway, o que provou que a sua equipa não precisava do avançado-centro Kostas Mitroglou – vendido ao Fulham por doze milhões e meio de libras – para marcar golos. Fez o golo do empate aos quinze minutos. Correu a receber uma bola fantástica de Giannis Maniatis, o capitão e médio-centro do Olympiacos, cujo passe parecia querer tirar a razão a Jesus Cristo e confirmar que os camelos podem passar pelo proverbial buraco da agulha. A razão por que os nossos médios não o cortaram é um mistério, a que se seguiu o enigma da razão por que os nossos sedentários defesas não evitaram que Domínguez encontrasse espaço para rematar uma bola que Kenny Traynor devia ter defendido com facilidade. Sem campo de visão e começando da pior maneira, o nosso guarda-redes atirou-se para um lado e Domínguez chutou para o outro. A bola cruzou a linha de golo lentamente, como nos desenhos animados, como se até o rato Jerry pudesse tê-la parado, o que

aumentou a evidente aflição de Traynor. Bateu com a palma da mão no solo várias vezes e gritou como se estivesse a culpar os deuses do mundo inferior que tínhamos por baixo dos pés.

Foram disparados vários foguetes vermelhos da Lenda por detrás da nossa baliza, o que só serviu para sublinhar a medonha atuação do escocês e encher o ar do estádio com um forte cheiro sulfuroso.

– Raios partam! – exclamou Simon. – Já vi defesas idiotas na minha vida, mas aqueles dois filhos da mãe batem todos os recordes. Pela forma como correram para o Domínguez, dir-se-ia que estavam a jogar rãguebi e queriam fazer-lhe uma tesoura. Gritas-lhes tu ou faço-o eu? É que estou tão furioso, chefe, tão furioso.

– À vontade – respondi.

Simon cuspiu a sua pastilha elástica de menta extraforte como se fosse um dente, aproximou-se da borda da área técnica, gesticulou furiosamente para os nossos quatro defesas e soltou um tal chorrilho de obscenidades que fiquei satisfeito por os adeptos gregos celebrarem o seu golo tão ruidosamente. A única coisa que ouvi foram as palavras «cabrões estúpidos» e, na verdade, afinal, eram as únicas duas palavras que ele precisava de dizer. Não sei se a FIFA, com as alterações introduzidas ao regulamento em 1993, tinha considerado o que Simon estava a fazer como «um elemento do jogo» ao criar as áreas técnicas, mas duvidava muito que aquele tipo de coisas «melhorasse a qualidade do jogo». Claro que eu era culpado daquele comportamento desmedido. De facto, tinha sido expulso algumas vezes do banco por aquilo que a associação dos árbitros considerava «instrução agressiva».

A nossa baliza tinha desaparecido envolta na nuvem de fumo vermelho dos foguetes luminosos gregos, o que serviu pelo menos para que ninguém visse o rubor do nosso guarda-redes e, de maneira sensata, o árbitro decidiu esperar um minuto para recomeçar o jogo.

– Simon – chamei –, anda para aqui que ainda te dá alguma porra de um enfarte.

Não me ouviu. Vermelho que nem um tomate e cheio de raiva, o gigante de Yorkshire continuou a gritar e a agitar os braços como um louco a dirigir uma orquestra de músicos surdos. De repente, ocorreu-me que, depois do que se passara com Bekim, não era tão improvável

que tivesse algum enfarte. E quando o jogo recomeçou, saí do banco e fui buscá-lo. Pelo canto do olho, vi que Hristos Trikoupis se estava a queixar ao quarto árbitro de que eu entrara na sua área técnica, o que, evidentemente, era mentira, mas naquele momento tinha mais com que preocupar-me.

– Simon, já chega – repeti, agarrando-o pelo braço. – Com este fumo, eles nem conseguem ver-te.

Estava ele prestes a seguir o meu conselho quando chegou onde estávamos uma bola alta e Daryl Hemingway e Diamntopoulou saltaram para a cabecear. Numa tentativa quase ginástica de chegar à bola, o grego parecia ter-se apoiado nas costas do inglês. Ainda que não tivesse havido contacto, na luta que se seguiu, o grego caiu agarrando-se à cara e queixando-se de dor, como se Daryl o tivesse atirado ao chão. Pareceu-nos claro, ao Simon e a mim – e ao juiz de linha que estava mesmo ao nosso lado –, que o movimento do braço de Daryl pouco mais tinha que roçado o topete ameninado de Diamntopoulou. Mas o grego continuava a rolar-se no chão em grande sofrimento, como se lhe tivessem vazado um olho com um atizador em brasa. E qual não é o nosso espanto quando vemos o juiz de linha levantar a bandeira e Merlini, o árbitro, dirigir-se a passos largos para Daryl e tirar os cartões que levava na camisola.

Um cartão amarelo já teria sido suficientemente mau. O vermelho foi uma afronta. Daryl ficou parado, como se não acreditasse no que estava a acontecer. O mesmo se passava comigo e com o Simon. Contivemo-nos a muito custo naquele instante e não dissemos nada. Pus a mão no ombro de Daryl e acompanhei-o ao banco, mas não sem antes mudar a nossa formação de um 4-3-3 para um 4-4-1. Se nos empenhássemos a fundo, talvez conseguíssemos aguentar o empate, o que não seria nada mau para o jogo em Londres.

– Nem lhe toquei, chefe. Juro.

– Eu vi tudo, Daryl. Não foi culpa tua. Algum desses cabrões foi comprado. E acabam de o mostrar.

Voltei a olhar para o relvado precisamente quando Diamntopoulou se levantava, sem qualquer marca no olho, e Simon, ainda na borda da área técnica, dizia com desdém:

– És um cabrão de um mentiroso. Ele nem te tocou. E consideras-te

tu um desportista? És uma porra de uma menina, é isso que tu és, uma porra de uma menina.

Diamntopoulou era largo de peito e tinha mais tatuagens que um regimento escocês e tornou-se evidente que a troça de Simon o tinha afetado.

– Chamaste-me menina?

– Homem é que tu não és, isso de certeza.

– Vai-te foder.

– Não, não, mas se preferes, eu fodo-te, menina. É a única coisa para que servem, gregos *malakas*.

– Vou ter de ensinar-te a teres maneiras, gordo – gritou Diamntopoulou, querendo ajustar contas com Simon. Dois jogadores do Olympiacos interpuseram-se e foi uma sorte o quarto juiz estar presente e pôr-se na frente do grego.

– Quando estiveres preparado, *malakas*, vem ter comigo.

Como seria de esperar, Simon foi mandado para o balneário. Para sermos justos com os representantes gregos, em circunstâncias normais teria sido mandado para as bancadas, mas aquelas circunstâncias dificilmente eram normais. Consideraram que não era seguro deixar Simon sentado entre os adeptos do Olympiacos e tinham razão. Naquele momento, qualquer sítio seria mais seguro para Simon do que as bancadas do Olympiacos.

Reduzidos a dez jogadores, custou-nos muito conter os gregos, principalmente Perez, na ala esquerda. Aguentámo-nos com galhardia e Gary Ferguson salvou-nos umas quantas vezes. Kenny Traynor, na sua melhor forma, fez três defesas de categoria, mas o moral estava tão em baixo que a missão era impossível.

Mal começou a segunda parte, Perez fugiu a Jimmy Ribbans e fez o segundo golo do jogo de trivela com o pé esquerdo.

As ruínas da nossa noite bem podiam comparar-se com as da Acrópole quando Domínguez foi substituído ao minuto 79 e Machado, que entrou para o seu lugar, marcou um golo inesperado só possível porque eles tinham mais pernas para rematar do que nós para despejar a bola. O resultado final foi de 4-1.

Fui apertar a mão a Hristos Trikoupis e fiquei um pouco surpreendido ao ver que me sorria e tinha a sua levantada mostrando-

me quatro dedos. Em circunstâncias diferentes, teria reagido de outra maneira, mas desta vez dei meia-volta e aplaudi os meus jogadores enquanto saíam do campo. O que menos precisavam naquele momento era de outro sermão.

– Vá, rapazes, despachem-se e mudem-se. Temos de apanhar um avião. Quanto mais cedo sairmos deste manicómio e voltarmos a Londres melhor.

Não me apetecia dar a entrevista à televisão que prometera logo após o jogo. Não ia certamente dizer a verdade sobre o que pensava do que tinha acontecido: que fora uma noite de confusão, duplicidade, desordem e derrota. Não agradaria a ninguém, mesmo que fosse a verdade. Decidi, por isso, ser um pouco italiano. Os treinadores italianos são mestres da dissimulação e têm um dito muito adequado para momentos assim. *Bisogna far buon viso a cattivo gioco*: disfarça um mau jogo com uma boa cara.

Claro que uma coisa é fazer boa cara para a ITV no túnel dos balneários, outra bem diferente é fazê-la para a porra da polícia. Com a polícia é sempre mais difícil.

Capítulo 20

Dois polícias de uniforme e um terceiro homem com um fato de linho cinzento esperavam por mim à porta do balneário. O homem de fato cinzento era alto, louro e tinha um pequeno tufo de barba por baixo do lábio inferior que presumi fosse uma mosca, embora mais parecesse um pedaço de *baklava* que falhara a boca. Havia escovas de dentes que ficariam melhor como barbas. Tê-lo-ia ignorado por completo não fosse a carteira com a identificação da polícia que ostentava diante da minha cara. Tinha os dentes muito brancos, mas mesmo àquela distância bem podia ter refrescado o hálito.

– É o Sr. Scott Manson?

– Sou.

– Sou o inspetor-chefe Ioannis Varouxis, da Unidade Especial do Crime Violento de Atenas.

Guardou a carteira e entregou-me um cartão de visita em inglês de um dos lados e em grego do outro.

– Posso falar consigo? Em privado?

Levava um iPad debaixo do braço com uma capa de borracha a condizer com a cor do fato e senti o cheiro agradável de uma loção da barba. A camisa estava limpa e passada a ferro e não se parecia nada com os polícias gregos que tinha visto nos filmes.

Franzi o sobrolho.

– Agora?

– É importante, senhor.

– Muito bem, se insiste...

Conduziu-me pelo corredor até à sala de árbitros, a mesma em que estivera na noite anterior depois da morte de Bekim. Não deixava de perguntar-me por que queria alguém de uma unidade especial do crime violento falar comigo. Teria Simon Page agredido alguém? Teria ele sido agredido por algum grego? Teriam os adeptos do Olympiacos planeado atacar-nos ao sairmos do Karaiskakis? Os dois polícias de uniforme posicionaram-se cada um de seu lado da porta, que um deles fechou, e fiquei a sós com o inspetor-chefe.

– Antes do mais, queria dizer-lhe que lamento muito o que aconteceu com o Bekim Develi.

Assenti em silêncio.

– Morrer tão novo é uma tragédia. E que isso tenha acontecido na Grécia, durante um jogo como este, mais lamentável é ainda. Na realidade, gostaria de ter falado mais cedo consigo, mas o meu superior, o tenente-general Stelios Zouranis, achou que isso poderia alterar os seus preparativos para o jogo. Na verdade, que pudesse pensar que fosse uma tentativa grosseira de influenciar o resultado.

– Não creio que nada pudesse ter afetado a nossa atuação. Foi horrível.

– Dadas as circunstâncias, não é de surpreender que tenham perdido. Para que conste, sou do Panathinaikos, por isso, só o estar aqui já me põe arrepiado. O seu jogador, o Hemingway, nunca devia ter sido expulso, mas é típico de um jogo contra o Olympiacos. Arranjam sempre maneira de ganhar.

Consultei o relógio.

– Desculpe, mas tenho de pedir-lhe que vá direto ao assunto, inspetor. Temos um avião à espera para nos levar para Londres. Parece que os vossos controladores aéreos vão entrar em greve à meia-noite. E não gostaríamos de perder a vez na descolagem.

– Eu sei. E acredite que lamento muito também por isto, mas receio que nenhum de vós esteja autorizado a deixar a Grécia.

– O quê?

– Esta noite, não. E talvez por vários dias.

– Está a brincar.

– Até acabarmos a investigação, não poderão fazê-lo. O ministro da Cultura e do Desporto falou com o gerente do hotel em que estão hospedados e ele acedeu a prolongar a vossa estadia até o assunto estar resolvido.

– Que assunto? Que investigação?

– Estou encarregado da investigação de um crime violento, Sr. Manson. Especificamente, de um homicídio. Talvez mesmo de um assassínio.

– Assassínio? Ouça, com o devido respeito, o que é isto? O Bekim Develi teve um enfarte. Diante de trinta mil pessoas. Entendo que tenha de ser autopsiado, é normal em qualquer país, mas não percebo por que tem de haver uma investigação policial?

– Não estou a investigar a morte do Bekim Develi, ainda que creia que venha a ser aberto um inquérito, é o procedimento habitual.

– Então da morte de quem é que estamos a falar? Não percebo. Aconteceu alguma coisa a alguém da minha equipa?

– Não, senhor, não é nada disso. Foi encontrado o cadáver de uma jovem no porto da Marina de Zea, perto do Pireu, esta manhã. O corpo foi descoberto por uns rapazes, a três metros de profundidade, com um peso enorme atado aos pés. As nossas investigações revelaram que a mulher levava um cartão eletrónico do Astir Palace – o vosso hotel – no bolso. Fomos esta tarde ao hotel e verificámos que o cartão tinha sido entregue ao Sr. Develi. Verificámos também o circuito fechado de televisão e... bem, veja por si mesmo.

Varoukis ligou o seu iPad e clicou no ícone Vídeo e mostrou-me umas imagens granulosas.

– Isto é a chegada ao *bungalow* do Sr. Develi segunda-feira à noite. Como pode ver, a identificação horária diz que são 23 horas. Concorde comigo que é ele a recebê-la à porta, não é assim?

– Posso voltar a ver as imagens, inspetor?

– Claro que sim, senhor.

Vi as imagens várias vezes, mas não foi para verificar o que Varouxis tinha dito a respeito de Develi. Era claramente ele. Quis comprovar se a rapariga que entrava e saía do quarto era ou não Valentina, a acompanhante com quem estivera e fora por ele indicada. Não era, o que foi um alívio, uma vez que assim não tinha de explicar-lhe que passara uma noite com a falecida. A mulher das imagens era atraente e, dada a tendência de Bekim para contratar companhia noturna, não era preciso ser detetive para saber ao que se dedicava. Bekim metia-lhe as mãos nas calcinhas enquanto a cumprimentava.

– Sim, é ele, sem dúvida – disse. – Por razões óbvias, impus o recolher obrigatório nessa noite para impedir a entrada de visitantes, o que Bekim Develi parece ter ignorado. Quanto à mulher, não a conheço.

– Há de admitir, nesse caso, que existe a possibilidade de o Sr. Develi ter sido uma das últimas pessoas a vê-la com vida. Como verificou, há imagens da mulher a entrar, mas não a sair.

Aquiesci.

– Sim, creio que sim. Mas para sermos justos com Bekim, a mulher podia ter saído pela porta de trás, pelo terraço.

– É possível. Mas se estivesse vivo, quereríamos falar com ele o quanto antes, e, nesse caso, não estaria aqui a ter esta conversa consigo mas com ele. Onde a conheceu? A que horas saiu? Esse tipo de coisas.

– Imagino que sim. Só para esclarecermos uma coisa: este impedimento de viajar para Londres aplica-se ao Sr. Sokolnikov e aos convidados que ele tem no iate?

– Não, só aos que estão alojados no Astir Palace, que é onde a mulher foi vista com vida a última vez.

Assenti.

– Em todo o caso, deter uma equipa inteira pelo comportamento de um homem, um homem que agora está morto, parece-me um pouco excessivo.

– Em certa medida, pode parecê-lo, sim, mas tenha em conta, Sr. Manson, que ambos temos trabalhos difíceis. Eu tenho de estabelecer o equilíbrio entre o que está bem do ponto de vista dos procedimentos e da investigação e o que é legal e justo nesta situação. Quanto a si, bem, considero o seu trabalho muito complicado. Procurar controlar um grupo de jovens com contas bancárias tão grandes como os egos e a libido. Talvez esteja disposto a admitir também que é possível que Bekim não fosse o único jogador do City no *bungalow* quando a mulher chegou. E que não foi o único jogador a quebrar o recolher obrigatório.

– Ouça, já lhe disse que, de facto, o homem das imagens é o Bekim Develi, mas não há nelas qualquer prova de que lá estivesse mais alguém.

– Nas imagens, não. Não podendo falar com o Sr. Bekim, talvez consiga falar com alguém que tenha conhecido a desgraçada. Talvez houvesse aquilo que em grego chamamos um *trio*.

– Sim, nós também.

– Ah, muito bem. Sou um homem casado, mas li coisas a respeito disso. Em livros e nos jornais.

– Há alguma prova de um trio?

– Talvez. A DEE, a nossa equipa da polícia científica, esteve no

quarto do Sr. Develi esta tarde. Encontraram indícios de que tenha havido algum tipo de festa. Não quero entrar em grandes pormenores, mas foram encontrados vestígios de cocaína, embora seja impossível de dizer nesta fase se a droga era dele ou dela.

– O Bekim Develi nunca teria tomado cocaína na noite anterior a um jogo – disse convicto. – Tenho a certeza disso. Não correria esse risco.

– Tenho a certeza de que sim e atrever-me-ia a dizer que avisou mais do que uma vez os seus jogadores da estupidez de um tal comportamento. Mas vejamos: o senhor proibiu-os de terem qualquer companhia feminina na noite antes do jogo. Uma ordem à qual, sabê-mo-lo ambos, Bekim Develi desobedeceu de maneira flagrante. Não insistiria em que permanecessem na Grécia se não tivesse uma boa razão para o fazer. E uma vez que tenho pelo menos duas boas razões, espero que entenda o meu ponto de vista e possa contar com a sua cooperação nas minhas investigações.

– Embora entenda o seu ponto de vista, inspetor, pergunto-me se o senhor entende o meu. A livre circulação dos cidadãos na UE, estabelecida no artigo 45, é um princípio fundamental do Tratado. Pode argumentar-se que a equipa sofrerá um prejuízo económico se a impedirem de abandonar o país esta noite.

Era patético, mas não sabia o que alegar. Tinha de dizer alguma coisa e o detetive grego foi suficientemente educado para não se rir.

– Além disso, temos um jogo importante contra o Chelsea. Acho que qualquer advogado seria capaz de demonstrar que sofreremos prejuízos reais se não disputarmos aquele jogo. No mínimo, vamos pôr-nos em contacto com o embaixador britânico e pedir-lhe que fale com o ministro grego logo que possível.

– Não creio que venhamos a ter qualquer problema ao impedir-vos de abandonar a Grécia, Sr. Manson. O ministro da Ordem Pública e da Proteção do Cidadão, Konstantinos Miaoulis, já aprovou o meu pedido. Ser suspeito de um crime é sempre uma boa razão para evitar que qualquer cidadão da União Europeia exerça o seu direito de abandonar o país. Mesmo de uma equipa de futebol. Mas se me permite um conselho, os argumentos de natureza jurídica que têm que ver com a União Europeia não são muito populares nos tribunais

gregos nos tempos que correm, por razões óbvias.

– Obrigado pelo conselho, inspetor. Claro que isto não me compete a mim, mas ao proprietário do nosso clube e ao seu presidente, o Sr. Hobday. No entanto, creio que iremos contratar alguns advogados gregos e pedir também ajuda ao nosso embaixador.

– Claro, claro. E vão precisar deste número de telefone.

Varoukis pegou numa esferográfica e escreveu um número num pedaço de papel.

– É o número da embaixada britânica. Fica na Rua Ploutarchou. 210-7272-600.

– Obrigado. Vou telefonar-lhes mal acabemos esta conversa.

– Antecipando-nos às vossas objeções, o meu superior sugeriu-me que nos encontrássemos de novo, amanhã de manhã, na GADA. A Direção-Geral da Polícia fica na Avenida Alexandras, em Atenas. Não tem que enganar. Fica em frente ao Apostolis Nikolaidis, o estádio do Panathinaikos. O senhor, o proprietário do clube, os vossos advogados, o embaixador... podem levar quem quiserem à reunião com o ministro, o tenente-general Zouranis, e comigo, evidentemente.

– Muito bem. Amanhã às três da tarde, parece-lhe bem? Quanto mais cedo pudermos resolver isto, mais cedo podemos voltar para Inglaterra.

– Às três?

Varouxis torceu o nariz.

– Geralmente, o nosso dia de trabalho termina às duas horas. Poderia ser pelas dez horas.

– Pois seja às dez horas.

Fiz uma pausa.

– Tenho uma pergunta a fazer. Está sempre a falar na morta, na desgraçada da rapariga. Não sabem o nome dela?

– Ainda não. Mas dada a hora da sua chegada e de algumas das provas científicas recolhidas no *bungalow* de Bekim Develi, creio que podemos supor que fosse prostituta. Imagino que não a reconheça, não é verdade?

Voltou a fazer outro trejeito.

– Desculpe, o que quero dizer é se não a teria visto no hotel ou talvez no bar?

– Receio que não, inspetor. De facto, o meu *bungalow* ficava mesmo ao lado do de Bekim. Se tivesse ouvido alguma coisa, teria intervindo. O mais provável é que, por uma infração disciplinar como essa, lhe tivesse imposto uma multa pesada.

Assentiu.

– Tenho outra pergunta a fazer.

– Força!

Levou a mão ao bolso do casaco e tirou um pendente com uma tira de couro, um amuleto que representava a palma estendida de uma mão direita. Recordou-me algo que vira não havia muito, mas não sabia o quê.

– Tiraram-lhe isto do pescoço no hospital e entregaram-no à polícia científica. Sabia que ele o usava?

– Não – respondi. – E se o tivesse sabido, tê-lo-ia mandado tirar de imediato. A FIFA proíbe os jogadores de usarem qualquer tipo de joia durante o jogo. Podem mesmo ser admoestados por isso.

Cofiou a barba incipiente durante um bocado, o que me fez perceber melhor porque a tinha deixado crescer: dava-lhe uns momentos para pensar.

– Tendo em conta o que acaba de dizer, que é proibido usar este tipo de coisas, consegue imaginar alguma razão para ele correr esse risco?

– Não. É grego?

– Creio que é árabe.

– E o que é?

– Um protetor contra o mau-olhado. Os cristãos chamam-lhe mão de Maria. Os judeus a mão de Miriam e os árabes *hamsa*: a mão de Deus.

Capítulo 21

Isto é intolerável – disse Vik. – Disputamos um jogo contra o Chelsea no sábado e temos de voltar a Londres e derrotá-lo.

Para Viktor Sokolnikov, derrotar Roman Abramovich era mais importante do que quase tudo o demais, como provava o incentivo de cinquenta mil libras que oferecera a cada um dos jogadores do City. Não há bilionário russo que não se compare com o dono do Chelsea, embora muitos, por exemplo, Boris Berezovsky, deixem algo a desejar.

Estávamos na suite real do hotel Grande Bretagne, no centro de Atenas, reservada por Phil Hobday para ser usada como sala de trabalho do clube enquanto estivéssemos retidos na Grécia. E foi onde às oito da manhã do dia seguinte nos reunimos com os advogados da Vrachasi, um dos grandes escritórios de Atenas, que Vik contratara para conseguir a liberdade provisória da equipa.

– Quero que apresentem um requerimento aos tribunais gregos hoje mesmo – insistiu. – Tenha os custos que tiver.

A Dr.^a Olga Christodoulakis, uma das sócias principais da Vrachasi, era uma mulher morena, alta, na casa dos quarenta anos, e tinha uma cara tão bonita e uma atitude tão enérgica como a sua caligrafia. Vestia uma blusa de cor verde brilhante, que mal lhe continha o enorme peito, e uma saia travada preta e justa, que, fazendo jus ao nome, tentava travar tudo aquilo que queria sair de dentro de si. Falava um inglês excelente com sotaque norte-americano, mas o seu sócio, que era mais novo e não passava de um pau-mandado, um Nikos qualquer coisa, era mais fluente e, por vezes, quando ela dizia qualquer coisa em grego, traduzia-a rapidamente.

– Vai ser difícil – disse ela. – Neste momento, os tribunais gregos estão em greve, o que significa que vamos ter de correr a cidade em busca de um juiz compassivo disposto a romper a greve para ouvir o nosso caso.

Phil Hobday estava horrorizado.

– Os juízes em greve? Nunca ouvi tal coisa.

– Se o Estado não paga o que deve, não há muitos incentivos para se ir trabalhar – respondeu ela. – Mas esse não é o nosso maior problema. Soube que a intenção da polícia é esperar pelo relatório do

patologista sobre a falecida para decidir o que fazer a seguir. O problema é que os médicos que se encarregam das autópsias da polícia também estão em greve.

– Meu Deus! – exclamou Vik. – Isto é como estar na Rússia.

– E não se pode fazer a autópsia noutro hospital? – sugeriu Phil. – Um hospital privado. Como o Metropolitan. Não foi para lá que levaram o Bekim Develi? Esses não estão em greve.

– Receio que isso seja impossível – disse a Dr.^a Christodoulakis. – O Hospital Geral Laiko, que fica na Avenida Agiou Thoma, é quem se encarrega das autópsias da polícia em Atenas desde 1930. E não é coisa que se mude por causa de uma greve. O Estado deve dinheiro aos médicos, tal como aos advogados. Tentar tornear esse problema provocaria muitos outros. Ainda que decidíssemos fazê-lo, duvido que encontrássemos algum patologista que se atrevesse a aceitar esse trabalho.

– Receio que ela tenha razão. Infelizmente, é esta a vida real na Grécia agora – comentou Toby Westerman, da embaixada britânica em Atenas, que parecia aflito, embora provavelmente aquela fosse a sua expressão habitual. Começava a perder o cabelo castanho que, como penteava de trás para a frente, lhe dava o aspeto de um menino travesso, efeito que era sublinhado pela gravata tradicional e os óculos, quase opacos com as impressões digitais que tinham.

– É kafkiano – disse Vik. – A este ritmo, podem ficar aqui retidos durante semanas.

Não conhecia Kafka, mas tinha lido *Catch-22* (*Artigo 22*), que era o que me recordava a situação. E tinha outra preocupação: a disciplina. Manter sob controlo dezoito futebolistas numa cidade como Atenas durante o mês de agosto ia ser difícil. Na noite anterior, vários deles tinham saído do complexo hoteleiro em Vouliagmeni para ir a um clube de danças eróticas na Avenida Syngrou.

– Quem era essa mulher que nos está a causar tantos problemas? – perguntou Vik.

– Uma prostituta – respondeu Phil. – Isso, ao menos, parece claro.

Viktor levantou-se da mesa e começou a andar pela sala antes de se servir de um café de uma cafeteira de prata que havia sobre o aparador. Parecia sentir-se à-vontade com os cortinados caros, os

candelabros de cristal, os espelhos com dourados, as esculturas de bronze e os óleos originais. Para lá da sala principal, via-se através da porta uma cama suficientemente grande para nela caberem um oligarca com amor-próprio e um par de amantes. Ou de prostitutas.

– Quer dizer, não é por Bekim ter andado a comê-la que sabia alguma coisa dela. Desde quando é que isso responsabiliza alguém para o resto da vida?

Ficou a olhar pela janela, mas a vista da Acrópole e da Praça da Constituição não acalmaram o seu mau humor. Não culpava Viktor por estar chateado. A constituição grega e o seu deficiente sistema legal eram deprimentes. Eu também me sentia chateado, não por estarmos a viver uma situação como a de *Catch-22* em Atenas mas pelo que tinha sucedido em Londres. Alex, a namorada de Bekim, tomara uma *overdose* de cocaína na noite anterior e estava internada em estado «precário» no Hospital Chelsea and Westminster.

– Como são os vossos polícias? – perguntou Vik à nossa roliça advogada.

– O que está a perguntar é se eles se deixam comprar – traduziu Phil.

– Sim, é isso – disse Vik. – E porque não? Estamos num país com uma dívida enorme e no seu sétimo ano de recessão. Segundo o Índice de Perceção da Corrupção anual, a Grécia é o país mais corrupto da União Europeia.

A Dr.^a Christodoulakis mexeu-se, incomodada, sobre o grande traseiro.

– No geral, responderia que sim – disse cautelosa. – Mas se tivermos em conta que há dois ministros envolvidos e a imprensa já se debruçou sobre o assunto, as possibilidades de uma *miza* ou de um *fakelaki*...

Olhou para o seu assistente.

– Um suborno – disse Nikos.

A advogada assentiu.

– São limitadas. Dado o mediatismo do caso, não seria inteligente aceitar um suborno. Mas mesmo que conseguisse comprar os chuis que estão a fazer a investigação, é bom que saiba também que a polícia grega não é de confiança. Está estreitamente relacionada com o

Aurora Dourada, o partido de direita neo-nazi.

– Acho que os ideais políticos não importam grande coisa – comentou Phil. – Um fascista corrupto é tão útil como um comunista corrupto.

Toby Westerman tapou os ouvidos com as mãos num gesto teatral, o que me fez recordar um dos três macacos sábios.

– Acho que não devia participar nesta conversa – observou o diplomata.

– Disparate! – disse Phil. – Que acha que os alemães estiveram a fazer desde o início da recessão? A subornar o governo grego para que não deitasse abaixo o templo da União Europeia. Quando o Banco Central Europeu se envolve, o enorme suborno é chamado resgate.

Vik riu-se.

– Scott, tu estiveste com ele. O inspetor-chefe grego. Qual é a tua impressão dele?

Olhou para a Dr.^a Christodoulakis e sorriu.

– O nosso treinador, o Sr. Manson, sabe tudo sobre a corrupção policial. Como esteve preso, é especialista na matéria, não é assim?

Respondi com educação. Com mais educação do que deviam imaginar que tinha os dois advogados gregos depois da abreviada biografia que Viktor acabava de apresentar-lhes.

– A impressão que Varouxis me deu é que se trata de uma pessoa que leva as suas responsabilidades muito a sério. E apesar do grande contratempo que tinha a comunicar-me, pareceu-me um tipo justo.

Tudo aquilo parecia muito distante do futebol e pensei que seria melhor tentar resolver o assunto, uma vez que a única coisa de que entendia era realmente de futebol.

– Deu-se mesmo ao trabalho de me dizer que era adepto do Panathinaikos, o que significa que não morre de amores pelo Olympiacos. E não tinha de mo dizer. Podia ter-nos dado a notícia *antes* do jogo e o facto de não o ter feito diz muito sobre ele. Não nos esqueçamos que temos não só o Chelsea pela frente, como jogaremos com o Olympiacos de novo em casa: o jogo da segunda mão na próxima semana. O jogo com o Chelsea pode ser adiado. Acho que o Richard Scudamore já deve estar à espera de um telefonema teu, Phil. Mas resolver a situação com a UEFA vai ser mais complicado. Se não

disputarmos o jogo em casa contra o Olympiacos, é muito provável que nos ponham fora da competição logo a seguir.

– Sim – disse Phil. – Ele tem razão, Vik. E continuar na Liga dos Campeões pode vir a valer-nos qualquer coisa como cinquenta milhões de libras.

Vik assentiu.

– No mínimo – disse. – Acho que devíamos descobrir o que é que a polícia sabe. É possível? – perguntou à Dr.^a Christodoulakis.

– Sim – disse ela. – Acho que podemos descobrir o que é que sabe e o que estão a procurar descobrir. É possível. O meu instinto diz-me que a falecida é a chave de tudo. Quanto mais soubermos sobre ela, mais possibilidades há de descobrirmos alguém que saiba o que aconteceu nos momentos anteriores à sua morte, o que poderia ilibar a sua equipa. Deviam pôr-se cartazes no Pireu e no porto da Marina de Zea, onde o corpo foi encontrado, a oferecer uma pequena recompensa por informações sobre a falecida. Numa coisa tem razão, Sr. Sokolnikov: na Grécia, o dinheiro não fala; grita numa voz de trovão do topo do Monte Olimpo.

Capítulo 22

A GADA, a Direção-Geral da Polícia de Ática, ficava mesmo em frente ao estádio Apostolos Nikolaidis, do outro lado da rua, onde estacionava a nossa frota de carros. Enfeitado com o trevo verde do Panathinaikos, o estádio parecia pertencer a Glasgow ou a Belfast. Comparado com Silvertown Dock ou com o estádio Karaiskakis, o Nikolaidis era como uma ruína do Terceiro Mundo. Dizer que conhecera melhores tempos era um eufemismo. Nas suas paredes em ruínas, havia sobretudo *slogans* do Panathinaikos em inglês: *Last End Fan Club, Mad Boys Since 1988, Victoria 13, East End Alcoholics*, e cenas pintadas a festejar a antiga glória do clube, cenas feitas anos antes por mãos infantis e inexperientes. Era difícil de acreditar que aqueles «mad boys» pudessem descender dos orgulhosos atenienses que tinham construído o Parténon.

– Meu Deus! – exclamou Phil. – Que tугúrio.

– É, não é? – disse Vik. – Faz-me recordar a minha casa. Refiro-me a Kiev, não a Londres.

– Não é de estranhar que odeiem o Olympiacos – disse Phil.

Mas ao ver aquilo, tive uma ideia.

– Estive a pensar no que falámos com a Dr.ª Olga qualquer coisa – disse, enquanto atravessávamos a concorrida avenida, onde outro carro estava a deixar a nossa nova advogada e a sua assistente.

– Christodoulakis – lembrou Phil.

– Se as greves dos juristas e dos médicos durarem muito, vamos precisar de um plano para aproveitar ao máximo o tempo que passarmos aqui em Atenas. Quanto mais tempo estivermos na Grécia, mais problemas teremos para controlar os nossos rapazes.

– És o chefe – disse Phil. – A disciplina da equipa é contigo, Scott. Aplica umas quantas multas. Dá-lhes uns pontapés no cu. Lembra-lhes que são representantes do futebol inglês e todas essas tretas.

– Não acho que seja a melhor maneira de lidar com o assunto – respondi. – Talvez tenhamos de lhes oferecer algum entretenimento. Para o caso de os cabrões dos ministros e tenentes-generais da polícia se mostrarem tão intransigentes como o foi o inspetor ontem à noite. E quero que me apoiem quando o sugerir.

Toby Westerman e a Dr.a Christodoulakis juntaram-se a nós frente ao edifício da GADA enquanto expunha a minha ideia.

– Claro que vamos precisar de autorização da UEFA. E é possível que o Viktor tenha de desembolsar algum. Pelo aspeto do local, uns novos torniquetes seriam bem-vindos. Mas estou a pensar que talvez pudéssemos fazer um acordo com o Panathinaikos para usarmos o campo deles no encontro da próxima semana.

– Estás a referir-te a nós? A jogar aqui?

Phil riu-se.

– Espero que estejam todos vacinados.

– Claro, porque não? Podíamos até deixar os Verdes ficar com a bilheteira. Qual é a capacidade de um lugar como este? Quinze, vinte mil? Olhem para o estádio, de certeza que o dinheiro lhes seria útil. O importante é saber que, aconteça o que acontecer, vamos ter de jogar segunda vez contra o Olympiacos. Consigo pôr a equipa a seguir a mesma rotina: treinos no Apilion, como no outro dia, e jogo na quarta-feira à noite.

– Podia ser uma solução – concordou Vik. – Que achas, Phil?

Assentiu.

– Se ficarmos aqui retidos, pode ser a nossa única oportunidade de continuarmos na Liga dos Campeões. Talvez até recebêssemos algum apoio local.

– Espero que não seja necessário – disse –, mas devíamos ter um plano para o caso de sermos obrigados a cá ficar. E aposto que este ministro da Cultura e do Desporto é a pessoa indicada para nos ajudar. Devíamos estar preparados para aproveitar a vontade de nos ajudar, porque não vai ser fácil voltar a reunir com ele. Pode entrar em greve. Ou ser substituído no governo.

– Na realidade, o ministro é uma ministra – disse a Dr.a Christodoulakis. – Chama-se Dora Maximos. Foi uma atleta famosa e depois uma cantora ainda mais famosa.

– Entendi. Um pouco como o John Barnes.

Phil riu-se.

– Porra, Scott, que sacana me saíste.

– É para isso que me pagam, não é?

O edifício da GADA era vulgar e tinha uma entrada que parecia um

abrigo antiaéreo. A um dos lados da entrada havia um pequeno santuário de mármore branco em honra de todos os polícias gregos caídos no cumprimento do dever. Michael Winner tê-lo-ia apreciado, mas na Grécia não. Segundo a Dr.^a Christodoulakis, a polícia ateniense era odiada. À entrada havia vários jornalistas – alguns deles ingleses – que deviam ter untado as mãos a alguém para saberem da nossa reunião. Como tudo na Grécia, a informação tinha o seu preço.

Da sala de conferências de imprensa em que nos reunimos, no último piso do edifício, via-se muito bem o estádio do outro lado da estrada. E percebemos, devido aos muitos trevos de plástico e aos cinzeiros verdes espalhados pela sala, que ali poucos apoiavam o Olympiacos e muitos o Panathinaikos. O que ainda estava por ver era que apoio teríamos por parte do governo.

Foi Konstantinos Miaoulis, o ministro da Ordem Pública e da Proteção do Cidadão, quem presidiu à reunião. Depois de pedir muitas desculpas por estarmos retidos no país, garantiu-nos que a investigação seria levada a cabo com toda a rapidez possível, apesar das difíceis circunstâncias em que se encontravam. Presumi que se referia ao facto de o país caminhar a passos largos para o abismo.

A Dr.^a Christodoulakis respondeu-lhe tranquila mas firmemente.

– Só para esclarecermos a situação. Entendo que os meus clientes, quer dizer, todo o pessoal e jogadores do London City que se encontravam no hotel na noite em que a jovem foi morta, estão impedidos de deixar o país até que aconteça o seguinte: primeiro, que a polícia os interrogue sobre o que possam saber do sucedido entre ela e Bekim Develi; e, segundo, que se realize uma autópsia para determinar se existe alguma prova científica que relacione a falecida com algum membro do London City, além do defunto Develi.

O inspetor-chefe Varouxis acendeu um cigarro, assentiu com a cabeça e respondeu:

– É verdade.

Tal como os outros países da União Europeia, a Grécia proibira o tabaco em espaços públicos fechados em 2010, mas isso não parecia ter importância nas instalações da polícia.

– Uma vez que os patologistas do Hospital Geral Laiko estão em greve – argumentou a advogada –, não seria mais justo permitir que

toda a equipa voltasse a Londres e garantir o seu regresso a Atenas mediante o pagamento de uma fiança determinada por um juiz? Dessa maneira, a equipa poderia cumprir os seus compromissos contratuais, coisa que a sua detenção continuada na Grécia pode prejudicar seriamente e levar o governo grego a ser objeto de uma ação civil.

Konstantinos Miaoulis era um homem que parecia estar em forma, com um porte militar, e apesar de não ter aspeto de político, falava realmente como tal:

– Discordo. Na opinião do governo, fazer voltar tanta gente à Grécia seria extremamente complicado. Suponham que um dos jogadores do City é vendido a outro clube antes de fechar o período das transferências. Que garantias pode dar o London City ao governo grego de que conseguiria trazer o dito jogador? Preferimos adotar um ponto de vista pragmático, que é o de que é melhor tentar resolver o assunto agora, enquanto está aqui toda a gente e podem colaborar com a polícia. Espera-se que as greves nos tribunais e na saúde pública terminem muito em breve, o que permitirá que o inspetor leve a cabo as suas investigações o mais rápido possível.

– Permita-me que lhe recorde – disse Toby Westerman – que como signatário do Acordo de Schengen, o governo grego está tecnicamente a violar as suas obrigações de não realizar nenhum controlo fronteiriço ou de passaportes entre este país e os outros Estados membros. Estritamente falando, a equipa não precisa de qualquer autorização para deixar o país. Legalmente, estão no seu direito de se dirigirem ao aeroporto e partirem.

– No seu lugar, não poria à prova o que acaba de dizer – respondeu o tenenge-general. – O Reino Unido não é signatário do Acordo de Schengen. A cumplicidade do governo britânico na prática de extradições irregulares não dá aos seus representantes o direito de fazer preleções sobre a aplicação dos procedimentos legais.

– Em nome do governo britânico – contra-atacou Toby Westerman –, protesto com a maior veemência possível contra a decisão da polícia grega de deter a equipa do London City.

Mas depois, durante o resto da reunião, manteve-se em silêncio, o que todos interpretámos como sendo intenção do governo britânico não fazer nada.

– Com licença dos senhores Manson, Hobday e Sokolnikov – disse Varoukis –, gostaria de interrogar os jogadores e o pessoal do clube o mais rápido possível. E tirar-lhes as impressões digitais.

– Com certeza – concordou a Dr.^a Christodoulakis. – No entanto, exijo que a polícia nos mantenha informados dos desenvolvimentos do caso e o faça o quanto antes.

– Claro – respondeu Varoukis. – Gostaria também de ter acesso ao telemóvel do Sr. Develi e aos computadores que tivesse com ele. Para nos ajudar a identificar a falecida.

Ambos continuavam no saco de desporto de Bekim, que estava no meu quarto, mas não tinha pressa de os entregar.

– Não, não vai ser possível – respondi –, mas deixá-los-ei consultá-los na minha presença. Ainda que duvide muito que quer o computador portátil quer o telemóvel vos possam ajudar. Eu próprio os consultei na noite passada quando voltei ao hotel. Posso garantir que os únicos telefonemas que ele fez e recebeu foram da namorada, a Alex.

E era verdade. Ele apenas telefonara a Alex. Também não enviara nem recebera qualquer *email* na Grécia e expliquei isso à polícia.

– Verifiquei inclusivamente as páginas da Internet pelas quais ele navegou. Procurei agências de acompanhantes que pudesse ter consultado, mas também a esse respeito não obtive nada. Eu diria que seria melhor que investigassem as chamadas feitas através da central do hotel. Ou os computadores que há no centro de negócios.

– Também os consultou?

Havia um tom sarcástico na voz do inspetor.

– Não – respondi. – Embora o tivesse feito se me tivesse ocorrido na altura.

Varoukis suspirou irritado e acendeu outro cigarro. Eu também teria fumado um. A minha regra de um cigarro por semana começava a tornar-se muito difícil para mim.

– Isto é uma investigação por homicídio, Sr. Manson – disse secamente o inspetor. – Tenho o direito de o obrigar a entregarmos.

– Compreendo, inspetor, mas podia haver informações confidenciais naqueles dispositivos e tivemos de verificar isso primeiro. Pelo bem da sua família. Viu as notícias? A namorada está

hospitalizada. Tomou uma *overdose* de cocaína e está em coma neste momento.

– Receio que essa justificação não seja admissível, Sr. Manson.

– Então, sugiro-lhe que arranje um mandado judicial – retorqui. – Talvez possamos na mesma sessão requerer a nossa saída do país. Isto é, se encontrarmos algum juiz.

Varoukis olhou para o tenente-general Zouranis como que a procurar ajuda.

– Posso ordenar a sua detenção por isso – disse Zouranis. – Não preciso de nenhum juiz. A obstrução é um delito grave.

– Não creio que o Sr. Manson esteja a obstruir a sua investigação – disse a nossa advogada. – Ele não disse que não os deixava ver os dispositivos eletrónicos. Apenas que queria estar presente quando o fizessem.

– Exatamente – disse. – Que lhes parece esta tarde às três horas? Estamos a usar a suite real do hotel Grande Bretagne como sala de trabalho.

Nesta ocasião, foi o tenente-general Zouranis que olhou para o seu ministro em busca de ajuda. O ministro assentiu.

– Muito bem – rematou Zouranis. – Faremos como sugere.

Olhou para Varouxis, que encolheu os ombros a dizer que estava de acordo.

– Com a intenção de os ajudar a identificar a falecida, o Sr. Sokolnikov tenciona oferecer uma recompensa por quaisquer informações que levem a prender o culpado – informou a nossa advogada.

– Boa ideia – comentou o general Zouranis.

A Dr.^a Christodoulakis olhou para mim e encolheu os ombros, como se também ela tivesse feito tudo o que estava ao seu alcance. Visto que estávamos retidos em Atenas até novas ordens, apresentei a minha ideia de disputarmos o jogo da segunda mão contra o Olympiacos no estádio Apostolos Nikolaidis, notícia que Dora Maximos, a ministra da Cultura e do Desporto, recebeu com agrado.

– Isso também é uma boa ideia – disse.

– É e não é – disse o ministro da Ordem Pública e da Proteção do Cidadão. – Se disputarem o jogo do outro lado da rua, isso será visto

como uma aliança com o Panathinaikos. Estariam no meio de dois eternos rivais, com tudo o que isso implica. Seria um jogo de alto risco.

– Se conseguem lidar com a situação – disse o general –, nós também.

Capítulo 23

– Meu Deus! – exclamou Phil quando Viktor, ele e eu conseguimos livrar-nos do tipo da embaixada e da nossa advogada e voltámos ao Grande Bretagne. – Que desconfiado que foste com o inspetor-chefe, Scott. Tinha-me esquecido de quão pouco gostas da polícia.

– Na verdade, não me faz massa. Está apenas a fazer o trabalho dele. Mas eu também. O meu trabalho consiste em olhar pelos meus jogadores, custe o que custar. Pelo menos, é assim que o vejo. E apesar de não ver o Varoukis a aceitar dinheiro de um jornal sensacionalista, não posso dizer o mesmo da gente que trabalha com ele. Para um polícia grego, é evidente que qualquer dinheiro extra calha sempre bem. «Jogador da Premier League marca golos em casa e fora e em qualquer sítio em que tenha essa oportunidade.» É o tipo de artigo que os jornais ingleses gostariam de publicar.

– Seja como for, continuo a pensar que foste um pouco brusco com ele – disse Phil.

– Para dizer a verdade, Phil – interveio Vik –, fui eu que disse ao Scott que negasse à polícia o acesso ao iPhone e ao computador do Bekim até verificarmos se guardava algum *email* meu. Há uns meses, o Bekim comprou uma propriedade em Knightsbridge em meu nome e não queria que ninguém soubesse de nada.

– Desculpa, não sabia – disse Phil.

– Assim que Pete Scriven os trouxe do hotel da equipa em Vouliagmeni, tenciono apagar tudo o que possa ligar-me ao negócio de Knightsbridge. Com o Scott a ver, claro. Não gostaria que nenhum dos dois pensasse que tenho intenções menos claras.

– Claro que não – respondeu Phil.

– No entanto, o Scott tem razão – acrescentou Vik. – O Bekim sempre gostou demasiado de acompanhantes e talvez fosse melhor tentarmos manter isso em segredo também, se conseguirmos.

Phil assentiu.

– Muito bem. O que não entendo é por que razão a polícia está a fazer um drama tão grande disto. O homicídio é um dos riscos que as prostitutas correm na sua profissão. É um dos perigos de se ir com um homem que não se conhece, ou não é?

– Isso não é razão para a desprezarmos, Phil – comentou Vik. – Era um ser humano.

– Não queria que parecesse desprezo, apenas constatar um facto sobre a polícia grega. Porque é que estão a levar tão a sério a morte de uma putita? Há milhares delas nesta cidade. Desde que a Grécia entrou em recessão, em 2009, é a única profissão que cresceu neste maldito país.

– Dito assim, parece que estás a desprezá-la – comentou Vik. – Escuta, Phil, pode ter sido prostituta, mas um assassínio é um assassínio, e a morte de uma prostituta provoca uma impressão estranha, para não dizer escabrosa. Atirar com uma mulher bonita para o fundo da água de um porto e atar-lhe um peso nos pés é o tipo de história de que os jornais gostam.

– Não creio que fosse prostituta – disse eu. – Mais uma acompanhante de alto nível. Pode parecer um pormenor sem importância, mas não é o mesmo que uma prostituta comum. O Bekim podia ser muitas coisas, mas era extremamente exigente no que respeita às mulheres. Para uma mulher como aquela, as probabilidades de ser morta por um cliente são muito baixas. O que quer dizer que devia ser mais fácil identificá-la.

Vik riu-se.

– Falas tal qual um perito no assunto, Scott. O que me leva a perguntar como passas o teu tempo livre.

– Talvez ele ache que consegue descobrir quem a matou – disse Phil. – Afinal, já tem alguma experiência. Quer dizer, como detetive amador.

– Pois talvez conseguisse – respondi. – E talvez devesse tentá-lo. Pelo Bekim.

E porque não? Depois da minha viagem anterior a Atenas, sabia realmente por onde podia começar a investigar, embora não quisesse partilhar isso nem com a polícia nem com ninguém. Valentina não o merecia e Bekim também não. Não sabia até que ponto a namorada de Bekim estaria ao corrente da ligação da falecida com ele, mas tudo levava a crer ter havido muita especulação sobre o assunto no Twitter. E isso pouco a teria ajudado a manter o ânimo. Podia ter sido mesmo a razão por que tomara tanta cocaína.

– Pelo menos, poderia acelerar a investigação da polícia. Não parece que os gregos tenham grande pressa de resolver o caso, mau grado o que disseram. E se a polícia for tão impopular como disse a nossa advogada, é bem possível que as informações que a população possa fornecer tardem em chegar. É preciso dar-lhes uma ajudinha.

– Então e a disciplina da equipa? – perguntou Phil. – E o jogo da semana que vem?

– O Simon que se encarregue das sessões de treino – respondi. – Se começarem a treinar às oito da manhã para evitar o calor, dificilmente terão vontade de sair à noite. O Simon que descubra se algum deles quebrou o recolher obrigatório. E se o fizeram, não há ninguém melhor do que ele para os pôr na linha.

– Se decidires jogar aos polícias e ladrões, fá-lo discretamente – comentou Phil. – Irritar a polícia metropolitana de Londres é uma coisa, outra coisa é irritar a polícia grega. Pelo que vi na televisão, não se pode dizer que se distingam pela tolerância. Gostam de rachar cabeças.

– Sim, terei cuidado.

– Tinha pensado voltar para Londres amanhã – disse Viktor –, para ir visitar a Alex. Mas dadas as circunstâncias, acho que vou ficar por cá. Além disso, tenho uns negócios para tratar aqui na Grécia. Com o Gustave Haak e o Cooper Lybrand.

– E o Kojo? – perguntou Phil. – Já tomaste uma decisão?

– Não vamos falar disso agora.

– Como queiras.

– Gosto da ideia, Scott. Vais interpretar outra vez o papel de detetive. Sabes, depois da forma como descobriste o que aconteceu ao Zarco, enquanto a polícia continuava a ver navios, pensei muito no assunto. Refiro-me à forma como chegaste à conclusão sobre o que realmente aconteceu. E que talvez seja verdade isso que dizes de que para se ser um bom treinador, há que ser-se um pouco um detetive: ter a capacidade de se olhar para uma pessoa e conseguir lê-la como se fosse um livro aberto, perceber quem essa pessoa é e não quem parece que é. Mas acima de tudo, acho que ambos, treinador e detetive, têm de ser pacientes. É isso o que quero dizer. E o Scott é um homem muito paciente.

– Com uns meses passados atrás das grades, qualquer um se torna paciente – respondi. – Na prisão, a única coisa que nos resta é a paciência.

– Bem, não te preocupes – disse Phil. – Se não conseguires descobrir quem a matou, podes sempre fazer o que fazem todos os treinadores: culpar o árbitro.

Capítulo 24

– Acho que é justo que saibas do que ando à procura – explicou-me Viktor enquanto lia os *emails* de Bekim na suite do hotel Grande Bretagne. – Queria comprar uma *penthouse* em One Hyde Park e não gostava que a minha mulher soubesse. Por isso, o Bekim prestou-se a fazer de intermediário e a comprá-la através da sua empresa.

– Não tenho nada que ver com isso.

– Tens, tens – respondeu Vik –, dado que podemos estar a apagar algo num computador que vai ser examinado pela polícia. Pode-se ir parar à prisão por fazer este tipo de coisas. E uma vez que já lá estiveste, acho que tens o direito de saber que raio estou a fazer.

– Mentir à polícia não é crime – respondi. – Pelo menos, para mim. Tal como não é crime dizer à tua mulher que não tem um rabo assim tão grande.

Vik sorriu.

– Também to perguntou, hem?

Afinal de contas, Vik não teve de apagar nenhum *email* ou mensagem no computador ou no iPhone de Bekim porque não encontrou nada que parecesse confidencial.

Nem eu saberia se tivesse havido algo comprometedor. Metade dos *emails* de Bekim estavam escritos em cirílico, o que fez com que, depois de Vik se ter ido embora, me sentisse obrigado a telefonar ao inspetor Varoukis e a informá-lo disso para que levasse alguém consigo que falasse e, mais importante, lesse russo.

– Escute, não lhe menti esta manhã – disse quando lhe telefonei. – Não há realmente nada, nem no seu telemóvel nem no seu computador. De contrário, ter-lho-ia dito. O que queremos é voltar para casa.

– Está bem, digamos, por uma questão de princípio, que acredito em si. Nesse caso, como é que ele contactou a rapariga?

– Pode ter sido de mil e uma maneiras. Talvez tenham falado por telefone em Londres. Ou ter usado o computador no escritório dele lá. Ou ter telefonado à rapariga através do telemóvel de alguém aqui em Atenas. Ou da receção. Pode ter usado um serviço de correio eletrónico *online* que nem sequer apareça no computador. Como o

Hushmail.

– Hushmail?

– Permite enviar mensagens eletrônicas autenticadas e cifradas em ambas as direções. Em Londres, é o que usam os homens promíscuos com mulheres intrometidas.

– Estou a entender. Muito bem, telefone-lhe quando tiver encontrado alguém que fale russo. Obrigado pela informação.

– De nada.

– Quanto à recompensa que vão oferecer a troco das informações, por favor, diga-me se souber de alguma coisa. Seja o que for.

Suspirou e quase tive pena dele até que me recordei de que era o sacana que impedia a minha equipa de sair da Grécia.

– Claro, digo-lho de imediato.

Quando Varouxis desligou, tentei falar com Valentina, mas ela não atendeu. Por isso, pedi-lhe por *email* que me contactasse com urgência. Tinha a sensação de que talvez conhecesse a falecida, de que algo impedira que fosse ela a ir ao *bungalow* de Bekim no hotel e de que a outra a substituíra. Não me parecia que Bekim se conformasse com segundas escolhas, por isso me convenci de que a morta, fosse ela quem fosse, devia ser uma beldade como Valentina, de outro modo, esta não a teria enviado em seu lugar.

À tarde, já tinha telefonado a Valentina pelo menos uma dúzia de vezes e deixado outras tantas mensagens sem obter resposta. Era precisamente o contrário da maneira como se comportara comigo da última vez que estivera em Atenas e comecei a pensar que devia ter consciência de que escapara ao destino de Plenty O'Toole, e que, temendo pela vida, se estava a esconder. Não a culpava por isso, mas sem uma direção onde encontrá-la, tudo me parecia entrar o plano de adiantar-me à polícia ateniense. Dificilmente seria capaz de seguir a minha pista sem a colaboração dela. No entanto, sentia-me relutante em dar o nome e o número de telefone dela ao inspetor Varouxis. Não só porque não desejava que viesse a público o que fizera a primeira vez que estivera em Atenas, ou porque quisesse proteger Valentina e Bekim, mas porque se a polícia era tão de direita como dissera a Dr.a Christodoulakis, não queria que varresse o assunto para debaixo do tapete e sugerisse à imprensa que, como Valentina e Bekim eram

russos, o caso não tinha nada que ver com os gregos.

Sem a mínima ideia do caminho a seguir na minha investigação, pedi ao motorista de Vik que me levasse ao Pireu e ao porto da Marina de Zea, onde Varouxis disse que fora encontrado o cadáver da rapariga. Começava a arrepender-me da minha arrogância por achar que talvez pudesse resolver o homicídio da jovem pelo simples facto de saber algo que a polícia desconhecia. A estrada principal levou-nos até junto do estádio Karaiskakis e, próximo dele, o hospital Metropolitan, onde Bekim falecera. Ainda não tinha visto o hospital. Era um edifício demasiado moderno, de vidros azuis, mais parecido com um casino Ladbrokes, considerado o melhor hospital privado da Grécia. Custava-me admitir que Bekim tivesse morrido num sítio assim.

A Marina de Zea era um porto desportivo enorme, cheio de caríssimos «barcos Tupperware», que ficava ao lado de uma colina a abarrotar de inúmeros edifícios de apartamentos de cor bege, a maioria de fraca qualidade. A polícia continuava a reunir provas no lado mais afastado da marina. Como o acesso ao porto continuava interdito, entretive-me a passear pela zona e a observar os palácios flutuantes. O maior e mais opulento tinha um nome modesto, *Monsieur Croesus*, e embora não me interessasse por barcos, deu-me a impressão de o reconhecer. Os edifícios flutuantes são todos muito parecidos uns com os outros e gastar-se milhões de libras em algo como um iate sempre me parecera o cúmulo da estupidez. Afinal, os barcos afundam-se.

Continuei a caminhar durante um bocado. Não sabia o que procurava, pensava apenas em como devia ser difícil levar uma mulher até ali e atirá-la à água com um peso atado aos pés. À noite, talvez não fosse tão complicado. Havia um grande parque de estacionamento; claro que se a mulher estivesse num barco, teria sido muito mais fácil. Atirei umas pedras à água a verificar a profundidade, mas só consegui pôr em debandada um cardume de peixes de tamanho razoável, os quais presumi serem *gavroi*, os peixes comedores de merda com que Venizelos, o nosso elemento de ligação ao Panathinaikos, comparara os jogadores e adeptos do Olympiacos.

A tarde estava muito quente e abafada. Alguns dos omnipresentes

respigadores de lixo da cidade, romenos na sua maioria, remexia nos caixotes e contentores do lixo da marina. Vários rapazes mergulhavam no porto ou subiam pelas cordas de barcos não vigiados. Parecia mais divertido do que andar a remexer no lixo e quase invejei o passatempo despreocupado dos rapazes até que me lembrei de que tinha sido um deles que encontrara o cadáver da rapariga. O que me deu uma ideia.

Teriam entre onze e doze anos de idade, bronzeados e magros, uns verdadeiros garotos de rua, como se tivessem sido dragados do fundo do mar.

– Falas inglês? – perguntei a um deles.

Negou com a cabeça de cabelo lustroso e negro.

Voltei ao carro a buscar o meu motorista para que fizesse de intérprete e perguntei-lhes então se tinham sido eles a encontrar o cadáver da rapariga.

Dois deles olharam um para o outro e depois assentiram.

Com duas notas de vinte euros na mão, sentei-me no murete do porto e pedi-lhes que me contassem o que tinham visto com o maior detalhe de que fossem capazes. Os dois meninos sentaram-se ao meu lado e dei-lhes o dinheiro. Os outros ficaram a olhar-nos e a ouvir-nos enquanto Charilaos, o meu motorista, agachado atrás de nós, traduzia o que íamos dizendo e lhes oferecia cigarros, que ajudaram quase tanto como o dinheiro.

– Dizem que a encontraram ontem de manhã. Por volta das dez horas da manhã. Estava na zona de Koumoundourou, que é onde a polícia está agora, a uns quatro metros de profundidade.

– Estava perto de algum barco? E se estava, qual deles?

– Entre dois barcos – traduziu Charilaos. – Ambos para venda. E os donos não estavam a bordo. Sabem disso porque subiram a cada um dos barcos em busca de ajuda.

– Que aspeto tinha a rapariga?

– Dizem que era muito bonita, de cabelo comprido e loiro, e que levava um vestido azul-escuro. Como se vê, a água não está muito limpa, e que se o vestido não fosse tão escuro tê-la-iam encontrado mais cedo. Que apanharam um bom susto.

Um dos rapazes parecia envergonhado quando voltou a falar.

– Diz que não levava calcinhas. Que o vestido flutuava à altura dos

braços.

– Tinha as mãos atadas?

Respondeu o mesmo rapaz. E Charilaos traduziu:

– Diz que não, que flutuavam na água, por cima da cabeça. Só tinha os pés atados a um grande peso cor de laranja. Dos que há nos ginásios.

– Estava amordaçada?

– Não.

– Estava calçada?

– Não, não tinha sapatos.

Peguei no meu bloco de notas e pedi-lhe que desenhasse o peso. Pelo desenho, pareceu-me um peso russo. Acenei com a cabeça.

– Lembram-se se tinha alguma ferida no corpo? – perguntei. – Cortes, hematomas, sangue?

– Não – traduziu Charilaos –, mas os peixes estavam a alimentar-se das suas partes íntimas.

– Tinha algum golpe na cabeça? Cortes nas mãos?

– Os rapazes dizem que tinha umas mãos muito bonitas. E as unhas também. Como as dos pés. Acho que está a dizer que tinha as unhas arranjadas.

– De que cor? – perguntei.

– Acham que de cor violeta.

– E tinha joias?

Os rapazes mostraram um olhar malandro.

– Insiste que não tinha joias – traduziu Charilaos –, mas não acredito nele. De certeza que as roubaram.

– Não faz mal. Alguma coisa mais que pudesse ajudar a distingui-la ou a identificá-la?

Um dos rapazes disse qualquer coisa e Charilaos pediu-lhe que repetisse.

– *Tatouáz* – foi a palavra que usou.

– Tinha uma tatuagem – disse Charilaos.

– Como era a tatuagem? – perguntei. – E onde?

– No ombro. Uma espécie de desenho geométrico, a preto. Parece-me estar a falar num *lavýrinthos*, sabe? Como o da história de Teseu e do Minotauro.

– Um labirinto?

– Sim. Do tamanho de uma chávena de chá.

– Disse isso à polícia?

Charilaos riu-se.

– Não creio – respondeu. – Não creio que a polícia lhes tenha oferecido quarenta euros em dinheiro. Além disso, em Atenas, no Pireu, as pessoas...

– Odeiam a polícia, eu sei.

O caminho de volta ao carro fez-nos passar de novo pelo *Monsieur Croesus* e desta vez surpreendeu-me ver alguém que conhecia numa das cobertas superiores; mas não só isso, era alguém que me reconheceu, o que talvez fosse ainda mais inusual. Era Cooper Lybrand, o dos fundos de cobertura. Já não vestia o fato branco, mas continuava a parecer um palerma.

– Olá! – cumprimentou-me. – O que o traz por aqui?

– A curiosidade – respondi. – Pescaram o cadáver de uma jovem na outra ponta da marina. Ao que parece, passou a noite com um dos nossos jogadores. Por isso, proibiram-nos de sair da Grécia. Quis dar uma olhadela.

– Ouvi falar nisso – comentou. – E no Bekim. Lamento.

– Pensei que estava alojado no iate do Viktor.

– E estava, mas tenho uns negócios a tratar com Gustave Haak, o dono deste. Por isso estou aqui. Atracámos há uma hora apenas, o que acho que nos livra de suspeitas, não é?

– Se o diz.

– Convidava-o a subir a bordo, mas o barco não é meu. O Gustave preza muito a sua privacidade.

– Como todos.

Assomou outra cabeça na coberta. Mais velho e mais alto que Cooper Lybrand, tinha uma longa cabeleira grisalha, cara de falcão e uns óculos quase invisíveis.

– Gustave, apresento-lhe Scott Manson. É o treinador do clube de futebol do Viktor.

– Sei quem é Scott Manson – disse Gustave Haak. – Tomas-me por algum idiota? Desculpe-nos os modos, Sr. Manson, por favor, suba a bordo. Íamos tomar um copo de vinho.

Consultei o relógio.

– Muito bem. De facto, já bebia qualquer coisa.

Disse a Charilaos que me esperasse no carro e subi a bordo do iate.

Cooper Lybrand já tinha então contado a Haak o que eu andava a fazer na marina e Haak tinha muitas perguntas a fazer sobre a falecida e às quais não sabia responder.

– Fez muito bem em vir dar uma olhadela – disse Haak, enquanto me introduzia num salão espetacular que parecia ter sido desenhado por um homem sem filhos: era todo branco. – Descobri que as melhores ideias e as mais originais me vêm quando não estou sentado a uma secretária. Por exemplo, quando estou a investigar uma empresa que quero adquirir. É preciso proceder como um agente secreto para saber qual o passo seguinte a dar. Sem isso, nada feito.

Sorriu e fez um gesto com a mão a uma das suas muitas lours de formas perfeitas e uniforme branco e favorecedor, ou seja, todas vestiam fatos de banho brancos e sapatilhas brancas.

– Quer tomar um pouco deste excelente *Riesling* alemão, Sr. Manson?

– Sim, obrigado.

Uma das lours deu-me um copo do líquido dourado enquanto Haak continuava a falar.

– Adoro futebol. E o que mais aprecio nos treinadores de futebol é que, ao contrário da maior parte dos gerentes de empresas, sabem sempre o que estão a fazer. Gerem equipas de futebol. E ou o fazem bem ou o fazem mal. A maior parte das empresas está cheia de gestores que não fazem nada. Bem, não é completamente verdade. A maioria ainda lixa mais as coisas, o que é pior que não fazer nada. Passo a maior parte do tempo a descobrir quem são para os poder despedir. Depois disso, o valor da companhia sobe. É fantástico. Seja como for, é o meu trabalho, Sr. Manson. Eliminar gerentes que não servem para nada.

Pareceu-me holandês, pois o seu sotaque lembrava-me o de Ruud Gullitt. Felizmente, tinha um corte de cabelo melhor.

– O Vik disse-me que era um bom treinador, Sr. Manson. Acha sensato meter-se nisto? Não seria melhor deixar a polícia encarregar-se do assunto?

– Já lidou com a polícia aqui, Sr. Haak?

– A verdade é que não.

– Da forma como vejo isto, Sr. Haak, posso fazer uma de duas coisas numa situação destas: tentar ajudar no que puder para resolver o caso ou não fazer nada. Em geral, sou o tipo de pessoa que gosta de fazer algo, mesmo que esse algo se revele ser pouco. Tanto quanto sei, isso poderia tornar-me no tipo de gerente de que o senhor não gosta, o tipo que estraga tudo. Mas, sabe, não me importo com isso desde que aprenda algo. Nesse aspeto, sou como a polícia. Estão sempre a estragar tudo, mas não parece que isso os detenha.

– Alegra-me por si – respondeu-me. – E agora, como sou neerlandês, vamos falar de algo mais importante. Vamos falar de futebol.

Capítulo 25

Quando regresssei ao Grande Bretagne, comi um jantar ligeiro no Jardim de Inverno, no restaurante que havia próximo do bar Alexander, e fiquei a pensar no passo que devia dar a seguir. As únicas pessoas que me telefonavam ou enviavam mensagens eram jornalistas e alguém chamado Anna Loverdos da Federação Helénica de Futebol – o equivalente grego da Associação de Futebol de Inglaterra –, que me oferecia a sua ajuda, além de vários treinadores que queriam dar-me o seu apoio pela situação difícil que o London City estava a viver, incluindo José Mourinho, o que foi completamente inesperado para mim.

Reparei que no bar, na mesma mesa em que me tinha encontrado com Valentina a primeira vez, havia um homem que falava com uma jovem, e ao fim de pouco tempo, pareceu-me que o empregado de bar que os estava a servir era o mesmo que nos tinha atendido a nós. Depois de debitar o jantar na conta da suite de Viktor, fui até ao bar e sentei-me sob o olhar cético de Alexandre Magno, que sabia algo de homicídios, pois conspirara na morte do seu próprio pai, o rei Filipe.

O homem que estava sentado com a jovem na minha antiga mesa esforçava-se por parecer uma pessoa normal. Era australiano, um daqueles tipos que se vestem de maneira impecavelmente informal, sem meias, com uma barba de vários dias que nunca parece ultrapassar um certo tamanho. Deu-me a impressão de que não devia chegar ao metro e setenta e, apesar de fazer todos os possíveis por parecer relaxado, não o estava. Os tipos baixos, como os *terriers*, estão sempre azafamados a procurar compensar a falta de altura. A não ser quando se é um Messi ou um Maradona, é um problema para a maioria. Em especial quando estão acompanhados de uma mulher tão alta como a que estava com ele. Parecia o sonho erótico de um príncipe troiano, com umas pernas extremamente altas, o cabelo preto e farto e uma boca arqueada que devia ser demasiado grande para Cupido, mas que para mim era perfeita.

O empregado de bar foi atender-me e pedi um *Macallan* 1973. A trezentos e dez euros o copo, chamei a sua atenção, e a sua atenção interessava-me mais que o uísque. Quando me trouxe a conta, deixei-

lhe quatro notas novas de cem euros na pasta de pele castanha e disse-lhe que ficasse com o troco. Quando ia pegar na pasta, cobri-a com a mão.

– Recorda-se de mim?

Negou com a cabeça.

– Desculpe, senhor, mas não me lembro de si.

– Estive aqui há umas semanas, quando o Olympiacos jogou com uma equipa alemã, o Hertha. Estive cá com uma jovem. Uma rapariga russa. Loura. Trajava um minivestido de *tweed* e calçava uns *Louboutin* de tacões altos. Chama-se Valentina e tenho a sensação de que se lembrava dela por já a ter visto noutras alturas. Diria que na escala de Richter, andava pelo menos pelos oito ponto nove. O tipo de mulher que causa danos estruturais graves, mesmo nas carteiras e cartões de crédito mais resistentes aos terremotos. Lembra-se dela?

Tirei a mão da pasta, cheguei-me para trás no banco e bebi um gole de uísque. O empregado de bar verificou o dinheiro que havia na pasta e pôs-se a calcular se uma gorjeta de noventa euros era mais do que o salário daquela noite. Ambos sabíamos que sim.

– Ora! Até Aloysius Alzheimer se recordaria de uma mulher daquelas.

O empregado de bar, que tinha um bigode de proxeneta, uma cintura de vespa e uns dentes como o vencedor do Derby de Epsom, era parecido com Freddy Mercury. Pegou na pasta e pô-la debaixo do balcão.

– Valentina? Sim, recordo-me dela. Não é uma cliente habitual, vem cá uma ou duas vezes por mês.

– Com homens diferentes?

– Não, mas sempre com homens como o senhor. Estrangeiros com muito dinheiro.

– Uma mulher da vida.

Encolheu os ombros.

– Estamos na Grécia, senhor. Qualquer trabalho é bom. Quem é que pode permitir-se ter um trabalho de que se sinta orgulhoso? Veja o meu caso. Era docente universitário de Química. Agora faço *cocktails* por mil e quinhentos euros por mês. Quem sabe o que eu faria por mil e quinhentos euros por noite? Mas não é uma *poutána*. O porteiro não

a teria deixado entrar. Desculpe, é só um momento, por favor.

Foi preparar umas bebidas e voltou passado pouco tempo.

– Alguma vez a viu com Bekim Develi, o futebolista?

– Gostava dele. E agora que morreu, não queria causar dor à família. Dava quase sempre gorjetas tão boas como a sua.

– Eu sou família – disse. – O mais parecido que tinha com família. Sou o treinador do London City. O meu patrão, Viktor Sokolnikov, está alojado na suite real. Pode dizer-se que estamos a tentar minimizar os danos. Quer dizer, na reputação de Bekim. A equipa inteira está retida na Grécia até a polícia se convencer de que não há qualquer ligação entre Bekim e a morte da outra rapariga.

– Vem nos jornais, eu sei.

– Ainda não sabemos como se chamava a falecida, mas talvez fosse amiga de Valentina. É o que estou a tentar descobrir. Era outra loura falsa com uma tatuagem de um labirinto no ombro. Acho que a melhor maneira de voltarmos para casa é provar que Bekim não teve nada que ver com a morte dela, mas só o podemos fazer se a conseguirmos identificar. E para isso, tenho de encontrar Valentina. Valentina e a falecida... tinham um vínculo comum, Bekim, percebe?

– Compreendo, senhor. Eu sou *prasinós*. Verde dos pés à cabeça. Detesto o Olympiacos. A maneira como aquele sacana do Hristos Trikoupi se comportou consigo depois do jogo é uma vergonha para este país. Espantou-me que não lhe tivesse ido ao pelo. Nem imagina como gostava que derrotassem aqueles porcos no próximo jogo. Sabe, o melhor momento da minha vida foi quando a Federação Helénica de Futebol lhes tirou aqueles pontos todos e os *gavrois* ficaram sem o campeonato. Por isso, vou contar-lhe tudo o que sei.

»A Valentina... não sei qual é o apelido dela, é uma boa mulher, para uma russa. Sempre me deu boas gorjetas, sabe? Fala bem grego. E inglês. Gosta de ir a galerias de arte e a museus. E anda sempre com um livro, o que não é habitual. É possível que viva perto do hotel porque, uma vez, quando voltava para casa na minha lambreta, vi-a a andar pela rua. Pareceu-me ir também a caminho de casa. Onde a vi...? Ao virar da esquina. Algures entre Akademias e Skoufas.

– Porque é que acha que ia para casa?

– Nesta zona, as ruas são íngremes e ela levava os sapatos na mão.

É o que as mulheres costumam fazer ao terminar o dia de trabalho. Não se importam de sujar os pés.

Assenti.

– Entendo.

– Não conhecia nenhum dos homens com quem aqui veio, mas vi-a com outra rapariga. Não tinha nenhum labirinto tatuado no ombro. Era outra.

– Sabe o nome dessa?

– Não, mas posso dizer-lhe quem é. Posso até dizer-lhe onde encontrá-la.

Olhou por cima do meu ombro e acenou com a cabeça na direção da mulher de pernas altas e que nesse momento ia a sair do bar com o seu pequeno amigo.

– Era aquela. Tenho a certeza. Era a outra jovem com que vi a Valentina. Também é russa.

Acabei de beber o meu uísque e preparava-me para os seguir quando o empregado de bar me agarrou o braço.

– O tipo que vai com ela está alojado no hotel. Creio que vão subir para o quarto. Espere aqui que eu vou certificar-me.

Segui-os e desapareceu por uns minutos. Quando voltou, pegou na pasta com a conta da mesa em que tinham estado.

– O Sr. Overton foi para o quarto 327 com ela.

– Como é que sabe?

O empregado sorriu, abriu a pasta e mostrou-me a conta com o nome do australiano e o número do quarto escritos por ele.

– Acompanhei-os ao elevador – disse. – Agora, só tem de esperar que ela desça.

Consultei o relógio. Eram apenas oito e meia.

– Ainda é cedo – comentei. – São capazes de demorar um bocado, não acha?

O empregado de bar negou com a cabeça.

– Uma mulher daquelas custa muito dinheiro. Palpita-me que esteja aqui antes das dez horas. Pode acertar-se o relógio por algumas delas. Vou falar com o porteiro e dizer-lhe que a mande ao seu quarto quando tiver deixado o outro tipo. Até lá, relaxe. Tome outra bebida.

Pedi uma cerveja. O *Macallan* 1973 era bom, mas não valia

trezentos e dez euros. Nada vale.

Capítulo 26

Na suite real, tocou o meu telemóvel. Era Peter Scriven, o encarregado das viagens da equipa.

– O gerente do hotel já começou a perguntar-me quanto tempo vamos ficar lá. Vai receber mais hóspedes no fim de semana. O ministro da Cultura está a tentar arranjar-nos outro hotel, mas é a época alta e está tudo cheio.

– Não podem ter tudo. Não podem manter-nos retidos no país e, ao mesmo tempo, pôr-nos fora do hotel, ou podem?

– Eu não estaria tão certo disso, chefe. Estamos na Grécia. Pelo que li nos jornais, teremos muita sorte se não nos exigirem a devolução dos mármore de Elgin antes de nos deixarem sair.

A campanha da porta soou.

– Tenho de desligar, Pete. Falamos mais tarde.

A jovem que estava à porta esboçou um grande sorriso quando viu que o ocupante da suite real não era, na verdade, um rei.

– Olá, sou a Jasmine. O Panos disse-me que procuravas companhia.

– Panos?

– O empregado de bar.

– Ah, sim, claro. Entra, entra.

– Obrigada.

– Sou o Scott – disse, fechando a porta. – Prazer em conhecer-te, Jasmine.

– Estás cá em viagem de negócios?

– De certa maneira.

Deu uma volta pela suite como uma dessas raparigas que percorrem o ringue do MGM Grand com o cartaz do número de assaltos nas mãos. Na garrafeira soltou um grito e na sala de jantar um suspiro. Depois, por momentos, pôs-se em bicos de pés à janela – de um quinto piso – e olhou para um e outro lado como um belo suricata.

– Que vista fabulosa – comentou.

– Daqui também – murmurei. – A suite é um pouco extravagante para o meu gosto, mas claro, eu não sou rei.

– Pois eu gosto. Gosto muito.

Sentou-se num dos muitos sofás e cruzou as pernas, com cuidado,

ou seja, o que tinha diante de mim era uma geometria perfeita de carne e tacões altos com que Euclides nem sequer sonhou e para a qual a única fórmula algébrica possível era $S=EX2$.

Ofereci-lhe uma bebida do bem provido bar. Pediu-me uma *Coca-Cola*. Tirei uma para cada um do frigorífico e sentei-me ao lado dela no sofá. Tinha um bonito penteado e um perfume delicado. Custava a crer que tivesse acabado de sair da cama de outro. Mas algumas destas mulheres arranjam-se em menos tempo do que um gatuno leva a roubar um carro.

– Podemos resolver já a questão monetária? – perguntei, como se fosse um verdadeiro perito na matéria.

– Alegra-me que o menciones – respondeu. – Cobro quinhentos à hora. Oitocentos por duas. Dois mil pela noite inteira. É uma bela suite. Seria uma pena desperdiçá-la a dormir.

Peguei na carteira, tirei quatro notas de cem euros e pu-las em cima da mesa do café.

– Escuta, Jasmine, quero apenas falar.

– Está bem. De que queres falar, Scott?

– Jasmine, és russa, não é verdade?

Assentiu com receio.

– Não és polícia, pois não?

– Estás na suite real, não numa esquadra. E o que está em cima da mesa é dinheiro vivo, não um resgate do Banco Central Europeu. Não, não sou polícia. Odeio a polícia.

Encolheu os ombros.

– Alguns não são assim tão maus.

– Conheces uma jovem chamada Valentina? E não me digas que não porque eu sei que conheces. Disse-mo o teu amigo Panos. A única coisa que quero é obter informações dela. Dizes-me o que sabes sobre ela, pegas no dinheiro e vais-te embora. Tão simples como isto.

– Está metida nalgum sarilho?

– Não, ainda não. De facto, é isso que estou a tentar evitar. É importante que fale com ela antes da polícia. Far-lhe-ias um favor. Ninguém quer a polícia na sua vida. Não se o puder evitar. Tive um encontro com a polícia uma vez em Londres e fiquei muito marcado. A polícia é como o herpes: depois de se apanhar uma vez, volta sempre.

– Queres o número de telefone dela? O *email*? Se quiseres, dou-tos. De graça.

Abriu a mala e tirou um caderninho, consultou-o durante uns momentos e escreveu um número de telemóvel e um endereço eletrónico num papel.

Li. Sabia o número de cor, tantas vezes lhe tinha telefonado. E o endereço eletrónico era-me quase familiar.

– Tens mais algum número de contacto? Uma direção postal? Um endereço de Skype, talvez? É que passo o dia a telefonar para este número e ela não responde.

Jasmine negou com a cabeça.

– É o que tenho. Lamento.

– Que pena.

Nunca achei que o nome verdadeiro daquela rapariga fosse Jasmine. Pensei que o tivesse escolhido para a fazer parecer mais sedutora. E não era assim. Fazia o meu melhor para ser rápido e eficiente, mas não estava a dar resultado, pelo menos para mim. Nem atado ao mastro do Argo ela me podia parecer mais sedutora.

– Está bem. Vejamos outra coisa: alguma vez trabalharam juntas? Sabes o que quero dizer, para um cliente que quisesse estar com duas mulheres, esse tipo de coisas.

Era uma ideia agradável e que teria sido muito fácil ter posto em prática.

– Pedi-lho uma vez mas disse-me que não. Preferia trabalhar por sua conta. Sem agência. E escolher os clientes. Acho que podia ganhar muito mais dinheiro. Estiveste com ela?

– Estive.

– Então, sabes o que estou a dizer. É tão bonita e inteligente.

– Que mais podes dizer-me sobre ela?

– Que é de Moscovo. Licenciada em Literatura Russa. Gosta de frequentar galerias de arte e museus. Creio que também é escultora.

– Como é que se conheceram?

– Na casa de banho lá em baixo. Falou comigo. Acho que o meu aspeto era um pouco mais evidente que o dela. Deu-me alguns conselhos para que não me tornasse tão notada e não me expulsassem de sítios como este. Vi-a aqui, no Intercontinental e no St George duas

ou três vezes. Cumprimentamo-nos e, por vezes, se estamos à espera de algum cliente, tomamos uma bebida. Gosto dela.

– Lembras-te de mais alguém que pudesse conhecê-la? Outras raparigas, talvez?

– Não. Como te disse, ela não trabalha com agências nem com websites. Confia no boca-a-boca.

– E que sabes de uma rapariga com uma tatuagem no ombro? Uma tatuagem de um labirinto.

Jasmine franziu o sobrolho.

– Parece-me que vi uma rapariga assim a falar com a Valentina, mas não sei como se chama.

– Também é russa?

– Creio que sim. Hoje em dia, muitas das que trabalham em Atenas são russas.

Decidi ser franco com Jasmine na esperança de que isso servisse para lhe estimular a memória, ou mesmo para a assustar e refrescar.

– A razão por que to estou a perguntar é esta, Jasmine: a rapariga com a tatuagem do labirinto foi encontrada afogada no porto da Marina de Zea ontem de manhã. Ainda não foi identificada. O que sei é que ela poderia ter conhecido a Valentina e esta talvez a conseguisse identificar.

– Mas porquê? Disseste que não eras polícia.

– E não sou. Quando foi a última vez que viste a Valentina?

– Já há algum tempo.

Encolheu os ombros.

– Desde a recessão, há tantas raparigas a dedicar-se a isto na Grécia que é difícil seguir-lhes a pista. Deixam muitas vezes o trabalho, mas não faltam outras para as substituir.

– Uma última pergunta. Os clientes da Valentina. Viste-a alguma vez com algum?

– É possível, mas não é o tipo de coisa de que falemos.

– Ora, Jasmine! É importante.

– Está bem. Vi-a com dois clientes. Uma vez foi num restaurante da cidade chamado Spondi, com o futebolista que morreu a outra noite: Bekim Develi. A outra vez vi-a entrar para um carro. À porta deste hotel, na realidade. Um belo carro. Um *Maserati* preto e novo.

– Caro.

Encolheu os ombros.

– Garanto-te que o tipo se pode dar a esse luxo.

– Reconheceste-o? Reconheceste o cliente?

Jasmine hesitou. Olhou para o dinheiro.

– Se te disser quem era, não contas a ninguém que fui eu?

Pus mais cinquenta euros em cima da mesa.

– Nem uma palavra.

– Era o Hristos Trikoupis.

– O treinador do Olympiacos?

Fez que sim com a cabeça.

– Tens a certeza de que era ele?

– Tenho – respondeu com desdém. – De certeza absoluta.

– Não és adepta, então?

– Do Olympiacos? Não.

– Porquê? És do Panathinaikos?

– Não. O meu namorado é do PAOK. É de Salónica. Os do PAOK odeiam tanto o Olympiacos como os sacanas do Panathinaikos.

– Futebol. Noventa minutos de desporto e uma Coluna de Trajano de ódio e ressentimento.

– Em Inglaterra é diferente?

– Não.

– Lamento não ter podido ajudar mais.

– Ajudaste muito. Ajudaste mesmo. Se queres, podes pegar no dinheiro e ir-te embora.

Pegou no dinheiro e saiu.

Capítulo 27

Na manhã seguinte, quando saí do hotel, às sete horas, tinha vários jornalistas e equipas de televisão à espera no que restava das escadas de mármore da entrada. Parecia que alguém as tinha golpeado com um martelo.

– O que aconteceu? – perguntei ao porteiro.

– Foram umas pessoas que decidiram atirar pedras ao parlamento esta noite – explicou. – E usaram pedaços dos nossos degraus.

– Assim nunca conseguirão que vos devolvamos os mármore de Elgin.

Abri caminho por entre a aglomeração de microfones e câmaras até onde Charilaos tinha estacionado o *Range Rover Sport* preto, guardando para mim os comentários que me vinham à cabeça.

– Bom dia, Charilaos – cumprimentei. – Parece que a imprensa voltou a dar comigo.

– Para onde vamos? – perguntou, enquanto eu fechava a porta.

– Para Apilion – respondi. – Para a sessão de treino. Depois iremos ao hospital geral Laiko e às doze tenho de estar aqui para uma reunião com o inspetor-chefe Varouxis.

– Com certeza, senhor. E trate-me por Charlie, como toda a gente.

Arrancámos. No banco de trás, havia alguns jornais gregos e nas primeiras páginas da maior parte deles vinha o retrato da falecida realizado por um artista da polícia. Quem o fizera tinha-lhe dado um ar de princesa da Disney que dificilmente ajudaria a que o público telefonasse para a polícia, exceto para recomendar outro artista.

Pus os jornais de lado e comecei a ler *The Times*, que tinha descarregado para o iPad. Havia muitos artigos que falavam da situação do City em Atenas. E depois de que a UEFA concordara em que jogássemos o encontro contra o Olympiacos no campo do Panathinaikos, a história ganhou ainda mais interesse do que antes.

– Vai precisar de mim esta tarde, senhor? – perguntou Charlie.

– Receio bem que sim. Pensei em ir visitar o meu homólogo e rival Hristos Trikoupi para falar sobre o jogo da semana que vem. Suponho que não saibas onde poderá estar hoje à tarde.

– Pode telefonar e perguntar-lhe – sugeriu Charlie.

– Prefiro que seja de surpresa.

– O Olympiacos joga domingo à noite contra o Aris. O mais provável é que, neste momento, esteja no centro de treino, em Rentis. Verá que é muito diferente de Apilion. Aqueles filhos da puta vermelhos têm muito mais dinheiro.

– Então, não é adepto do Olympiacos?

– Não, sempre fui do Panathinaikos. Desde criança.

– Invejo-o, Charlie. Essa devoção por uma só equipa perde-se quando se entra no mundo do futebol profissional. Quando se começa a jogar por dinheiro, tornamo-nos mercenários e nunca mais nada é o mesmo. Por vezes, penso que gostava de seguir só uma equipa, ser capaz de ver um jogo como toda a gente.

– Quem parece que é seguido agora somos nós.

Voltei-me no assento.

– O *Skoda Octavia* prateado – disse. – Estava estacionado frente ao hotel quando cheguei esta manhã. Dei duas vezes a volta ao quarteirão para ter a certeza.

– Sacanas de jornalistas. São como as moscas a esvoaçar à volta da merda.

– Não, são da polícia.

Voltei a virar-me.

– Como é que sabes?

– Porque não há ninguém em Atenas que queira conduzir a mesma lata que a polícia helénica. E porque vão dois.

– Se são da polícia, por que diabo andam a seguir-me?

– Não quero alarmá-lo, mas é provável que seja para o proteger. Agora que foi anunciado nos jornais que vão jogar a próxima mão contra aqueles *malakas* vermelhos no nosso estádio, muitos deles consideram que vocês fazem causa comum com os seus piores inimigos: os Verdes. Por isso, corre o risco de ser agredido.

– Que reconfortante!

Dez ou quinze minutos mais tarde, vimos o monte Himeto. As únicas nuvens que havia no céu, que de outro modo seria completamente azul, cobriam o cume, como se algum Deus quisesse ocultar-se do importuno olhar dos simples mortais. Não me teria importado de gozar de uma tal privacidade, pois a imprensa rodeava

em peso o campo de treino e Charlie viu-se obrigado a abrandar o carro quando chegámos ao portão.

A sessão de treino já tinha começado e a voz de Simon Page corria o campo como se soprasse o zéfito de Yorkshire. Sempre que escutava aquela voz a explicar a finalidade de um determinado exercício, sorria. Aquela vez não foi exceção:

– Foi Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, quem primeiro disse que o futebol era o jogo bonito. No futebol brasileiro, a planta do pé é usada para controlar a bola com muito mais frequência do que em Inglaterra. Assim. Da esquerda para a direita. À esquerda, à direita. Se vos parecer estranho, fico contente, porque é por isso que estamos a praticar. Podem passar a bola com a planta, fintar com a planta, controlar a bola com a planta do pé. A maior parte das coisas que o Cristiano Ronaldo faz têm que ver com a planta do pé. O tipo consegue fazer mais coisas com a planta do pé que o sacana de um chimpanzé. Por isso, quero ver agora como passam a bola de uma planta para a outra. Da esquerda para a direita e de novo para a esquerda. Primeiro, devagar, com um pé apoiado no chão, depois a correr sem sair do lugar, da esquerda para a direita e de novo para a esquerda. De forma clara e com amplitude. Vá lá! Não olhes para a porra da bola, Gary. Mantenham a cabeça levantada. Se fosse um jogo, teriam de estar a ver a quem passar a bola. Até um ganancioso como tu, Jimmy.

Ao ver-me, Simon aproximou-se da linha lateral e de braços cruzados ficou a observar os jogadores enquanto continuavam o seu treino técnico.

– Se conseguires levar o Gary Ferguson a jogar como um brasileiro, como o teu chapéu inglês – comentei. – Tem menos habilidade com a bola que o sacana do Douglas Bader.

– Sim, mas é o melhor defesa-central com olho para a bola que conheço. Para não falar nas suas tíbias, que parecem duas barras de aço. Era capaz de arrancar as pernas a uma mesa de jantar.

– Mete medo. Principalmente com o pé. Dá um novo sentido ao conceito de «marcação ao homem».

Durante uns momentos ficámos em silêncio enquanto observávamos os jogadores.

– O Prometheus talvez seja o jogador mais dotado de todos – disse Simon. – Tudo o que faz lhe sai naturalmente.

– Incluindo ser um cabrão.

– É verdade. Ainda que ultimamente se mostre menos arrogante. Talvez se deva à morte do Bekim. Ou ao sítio onde estamos.

Simon deu um suspiro eufórico e fundo e acenou com a cabeça.

– É um sítio do caraças, não é?

– Parece que o campo de treino tem o nome de um poeta grego.

– Pois, é fácil de entender porquê. Se fosse isto o que visse todos os dias, também escreveria poemas.

– Nem imaginas como gostava de ler um poema escrito por ti – respondi, enquanto me perguntava quantas palavras haveria que rimassem com «foder» e «cabrão», que, afinal, eram as mais habituais na boca de Simon. – Como está o moral sem o Bekim?

– Bem, essa é a questão.

Voltou ao campo durante um momento para organizar outro exercício e depois regressou.

– Agora que perdemos o Jesus Cristo da nossa equipa, os discípulos vão precisar de inspiração.

– Que queres dizer, chefe?

– Todas as equipas precisam de ter o seu próprio Jesus Cristo. Alguém capaz de transformar a água em vinho, de curar os leprosos e os cegos e ressuscitar a equipa de entre os mortos quando a coisa se põe feia. O Bekim era o nosso. Quem será o novo Jesus Cristo? Essa é a verdadeira questão, Simon. O Gary é um bom capitão, mas não é uma figura inspiradora. É um discípulo. Até onde chega a última linha da defesa, é o melhor, mas não é uma pessoa capaz de te olhar nos olhos e convencer-te de que é a resposta para as tuas preces.

Simon murmurou e balbuciou uma resposta, mas a verdade é que eu sabia de antemão a resposta à minha própria questão. Antes de o mercado de verão fechar, a 31 de agosto, ia ter de convencer o Viktor a pagar uma boa maquia pelo capitão do Hertha, Hörst Daxenberger. Com aquele cabelo louro e comprido, os olhos azuis e a barba, Daxenberger era o mais parecido que tinha visto com Jesus Cristo fora dos filmes de caca de Hollywood. Mas para o trazer para o City, vamos ter de derrotar o Olympiacos e classificar-nos para a Liga dos

Campeões. Se o conseguirmos, será a única coisa que lhe podemos oferecer que o Hertha não pode.

Terminada a sessão de treino, reuni os futebolistas e a equipa técnica à minha volta, sob o cálido sol da manhã, e falei-lhes.

– Sei que todos sentem a falta das vossas famílias, por isso, a primeira coisa que quero que saibam é que os advogados do Viktor não desistiram, continuam a tentar convencer a polícia a mudar de ideias e a deixar-nos ir embora. Mas a menos que se dê um milagre, parece que vamos ter de continuar por cá agora. E assumamo-lo, as coisas podiam ser muito piores. Os tipos do Panathinaikos têm sido extremamente prestáveis. Portanto, quero que fique bem claro para eles o quão gratos lhes ficaremos sempre. Entretanto, o sol brilha, a comida é boa e o hotel tem uma praia maravilhosa. Sugiro que se bronzeiem, que descarreguem um livro, que usem o ginásio e se afastem das lojas *duty-free* porque temos um jogo da Liga dos Campeões na próxima semana. E não será preciso recordar-vos os três golos de desvantagem que temos.

»Por isso, vou dizer-vos o que sabemos e depois gostava que quem quer que possa fazer cair um pouco de luz sobre este caso tão triste o faça. Sem medo de que lhe seja aplicada qualquer medida disciplinar ou de ser entregue à polícia. Prometo-vos que não haverá multas ou reprimendas a quem possa acrescentar mais alguma coisa ao que sabemos. Porque acredito que a nossa melhor possibilidade de sair daqui é enfrentarmos isto como uma equipa. Reunir toda a informação que tenhamos. Eu sei que a polícia já vos interrogou sobre o assunto e não sei o que lhe disseram, mas imagino que não tenha sido grande coisa. O Bekim era vosso companheiro de equipa e continuam a protegê-lo. Respeito isso. Eu também o estou a fazer. Mas agora sou eu quem faz as perguntas, não a bófia. E quero respostas.

– Outra vez a fazer de detetive, chefe? – perguntou Gary. – Como em Silvertown Dock, quando descobriu quem tinha morto o Zarco?

– É uma possibilidade. A polícia continua à procura dos filhos da mãe, por isso, porque não? Mal não pode fazer, pois não? Bem, como estou certo de que todos sabem, o Bekim contratava os serviços de mulheres com a assiduidade com que outros alugam bicicletas públicas em Londres. Contra as ordens que dei, ele esteve com uma

mulher na segunda-feira à noite no *bungalow*, antes do jogo. Há de ter-se enrolado com ela de todas as maneiras e, no dia seguinte, a mulher foi encontrada no fundo das águas do porto com um peso russo preso aos tornozelos. Por isso é que estamos retidos no país. A polícia ainda não sabe quem ela era. E agora a pergunta: algum de vocês sabe quem era? Algum de vocês foi convidado para um trio? Ouviram alguma coisa? Viram alguma coisa? Pelo que sei, era loura, tinha um vestido azul e uma tatuagem de um labirinto no ombro. Provavelmente, era russa. Gostava de futebolistas, vá-se lá saber porquê.

– Contou-me que ia estar com uma mulher no *bungalow* dele – disse Xavier Pepe. – E que era especial. Que era o segredo mais bem guardado de Ática, a mulher mais bela de Atenas.

– Foram essas as palavras que ele usou?

Xavier assentiu.

Era a maneira como o russo me tinha descrito Valentina antes de eu ir a Atenas ver o Hertha jogar contra o Olympiacos.

– Consegues lembrar-te que horas eram quando te disse isso?

– Foi depois do jantar. Eram umas nove e meia.

Peguei no meu caderno e tomei nota enquanto pensava que Bekim devia estar à espera de Valentina a todo o momento, até que apareceu a outra, segundo o inspetor-chefe Varouxis, às onze horas.

– Penso que até o adverti de que o *bungalow* dele ficava ao pé do seu, chefe. E que era melhor que tivesse cuidado ou lhe arrancaria os tomates.

– E tê-lo-ia feito. Aviso-vos: quem pensar em ter uma aventurazinha aqui, que pense duas vezes. Nada de putas no menu até este caso estar resolvido.

Fiz uma pausa.

– É tudo, Xavi?

Assentiu.

– Mais alguém sabe alguma coisa?

Fiz nova pausa.

– Que sabem do amuleto encontrado no pescoço dela? Alguém sabe alguma coisa? O detetive com quem falei chamou-lhe *hamsa*. Parece-se com uma mão aberta. Tenho a certeza de que nunca lho vi posto em Inglaterra. E apesar de ter desobedecido às minhas ordens, tenho a

certeza de que não teria sido tão irrefletido ao ponto de arriscar-se a ser admoestado pelo agente da UEFA. Mostram cartões amarelos por muito menos.

– Fui eu que lho dei – disse Denis Abayev, o nutricionista da equipa, o homem que tinha tentado que rezássemos com ele no voo para São Petersburgo, quando o avião tinha tido de fazer uma aterragem de emergência.

– Mas tu foste acusado de ser um jihadista pelo Bekim!

– Isso foi porque ele estava com medo – exclamou Denis. – E pediu desculpa quase de imediato, não foi? O *hamsa* é um símbolo de boa sorte no Médio Oriente. E protege também do mau-olhado. Queria dizer-lho, mas não me atrevia porque me disse para não meter os jogadores em nada de religioso.

– Então, por que o fizeste?

– Dei-lhe o *hamsa* para que se sentisse melhor. Podia não acreditar em Deus, mas era supersticioso. Disse-me que achava que alguém queria deitar-lhe mau-olhado.

– Que raio é isso do mau-olhado?

Denis pegou num penduricalho azul que parecia um olho de vidro e deu-mo.

– Na noite em que chegámos, encontrou este pendente no *bungalow*, na maçaneta da porta.

– O que é isso?

– Um *mati* – explicou Denis. – É muito comum aqui. Pode comprar-se em qualquer canto em Atenas. Põe as pessoas nervosas. E funcionou. O Bekim estava incomodado.

Voltei a dar-lhe o pequeno olho azul.

– Rapaziada, o único «mau-olhado» que vi e funcionava era o do Roy Keane – disse-lhes. – O irlandês seria capaz de enfrentar uma Górgone.

– Pois, chefe, mas o Bekim está morto – comentou Gary Ferguson. – E não há nada a fazer. Parece que este mau-olhado funcionou.

– Isso são tretas e tu sabes disso, Gary. Foi só alguém que quis chateá-lo. Alguém do hotel que se quis divertir. Mas começo a perceber porque é que os tipos do Panathinaikos odeiam tanto os do Olympiacos. Parece que não há nada que os filhos da mãe não tentem

para arrumar os outros. Falaste nisso à bófia, Denis?

– Não, chefe.

– Pois então vamos manter a coisa assim, está bem? Já temos bastante com que nos entreter para ainda levarmos os chuis gregos a pensar que alguém queria matar o Bekim.

– Tem toda a razão.

Gary abanou a cabeça.

– Quanto mais cedo sairmos deste país de merda, melhor. Cada vez que o cabrão desse inspetor Verucca respirava ao meu lado enquanto me interrogava achava que ia desmaiar.

Assenti em sinal de compreensão.

– Gary, a propósito dessa carreira na televisão que tens em mente para quando te reformares, recomendo que melhores as tuas capacidades de comunicação.

Capítulo 28

No caminho de regresso ao hotel para me reunir com o inspetor-chefe Varouxis, parei no Hospital Geral Laiko. Combinara que podia ir ver o corpo de Bekim para me despedir dele, mas o que queria era assegurar-me sobretudo de que estavam a cuidar bem dele. Como havia greve, preocupava-me que tivessem metido o meu amigo num saco do lixo e o tivessem deixado num frigorífico debaixo dos *keftedes*.

Era um edifício cor-de-rosa na zona nordeste da cidade e pouco o distinguia de qualquer outro edifício público de Atenas. Numa das paredes externas tinha pintada a palavra *dolofonoi*, perto de uma entrada que ficava por detrás de uma fileira de laranjeiras. Gosto muito de laranjeiras, mas em Atenas há laranjeiras por todo o lado, como pontas de cigarro, o que me parecia um pouco triste.

– *Dolofonoi*. O que é que significa? – perguntei a Charlie, que viera comigo para me ajudar a encontrar o departamento de patologia.

– Significa «assassinos».

– Meu Deus!, isso deve dar muita confiança aos pacientes.

– Anarquistas – respondeu. – Açam que desmoralizando toda a gente podem deitar abaixo o Estado.

Não é que me parecesse que o Estado gozasse de boa saúde, mas guardei a opinião para mim. Gostava do Charlie.

Os médicos – e o que é mais importante, os patologistas – encontravam-se em greve, mas os assistentes pertenciam a outro sindicato e, por isso, estavam a trabalhar. Um deles conduziu-nos por um comprido e mal iluminado corredor que parecia um depósito de bagagens, com dezenas de armários refrigerados como os que se costumam ver na série *CSI: Crime Sob Investigação*. O assistente ia a fumar, o que num ambiente em que havia um cheiro enjoativo a putrefação, podia bem considerar-se tão necessário ao trabalho como a bata verde que levava. A meio do corredor havia um escadote, como se alguém tivesse estado a tentar arranjar a iluminação no teto, cujas lâmpadas piscavam como se estivessem a emitir em Morse e, a certo momento, tivessem deixado de o fazer. O assistente consultou um número no seu bloco de notas com mola e afastou o escadote com impaciência soltando um forte suspiro. Conseguia fazer com que tudo

parecesse uma grande maçada e apeteceu-me dar-lhe um cachaço naquele pescoço coroadado com uma ridícula permanente. Não menos ridícula que o seu incipiente bigode negro, que mais parecia um par de esfregões de aço.

Abriu uma porta e puxou uma gaveta precisamente quando as luzes deixaram de piscar. Era manifesto que a gaveta não era aquela, uma vez que o cadáver tinha as unhas dos pés pintadas de lilás.

«Se tirasse o cigarro da boca, talvez visse o que raio anda a fazer», pensei para comigo.

Voltou a fazer uma expressão de impaciência e começou a fechar a reluzente gaveta de aço quando me dei conta de que me interessava muito mais ver a mulher das unhas pintadas do que o cadáver de Bekim. Lembrara-me de que um dos miúdos mergulhadores da marina de Zea tinha dito: que o cadáver que tinham descoberto tinha as unhas das mãos e dos pés pintadas de cor violeta. É evidente que para um miúdo, lilás e violeta são o mesmo.

Deixei que o assistente encontrasse a porta correta e passei um sombrio minuto a olhar para o cadáver de Bekim Develi. Custava-me a crer que estivesse morto. Fiz sinal, com um assentimento brusco, de que terminara. No entanto, a minha visita à morgue não terminara. Precisava de ver também o corpo da rapariga, caso pudesse, pois tinha de ser o da jovem da marina. Quantos cadáveres teriam ali com as unhas tão bem pintadas? Nunca me teria passado pela cabeça que tivessem posto a falecida e o Bekim Develi na mesma câmara. E no entanto, fazia todo o sentido.

É claro que fazer de Sherlock Holmes na Grécia é mais fácil que noutros países. Quando toda a gente parece conhecer de cor as palavras da canção *Brother Can You Spare a Dime*, é relativamente simples a alguém com dinheiro – alguém como eu –, conseguir, mais ou menos, o que quer. Mas também já tinha aprendido a não me exceder na generosidade. Quando o salário médio mensal não chega aos mil euros, uma notinha de cinquenta equivale a quase dois dias de trabalho. Por isso, pus-lhe uma na frente, como se fosse uma entrada para uma final da Taça, e pedi ao Charlie que lhe dissesse que seria dele se nos deixasse ver outra vez a rapariga com as unhas dos pés pintadas de lilás.

O assistente hesitou apenas o tempo que demorou a tirar o cigarro da boca e a apagá-lo numa das partes laterais do escadote, metendo o que restava no bolso para fumar mais tarde.

– Eu falo inglês – disse, e, ato contínuo, pegou na nota e guardou-a no mesmo bolso que o cigarro meio fumado. Aquilo pareceu-me uma metáfora dos problemas financeiros da União Europeia: o Euro estava em perigo de se esfumar por causa de irresponsabilidade da Grécia.

Voltou a abrir a porta de aço, puxou a gaveta para fora e retirou um lençol sujo de cor verde, deixando a descoberto o corpo nu de uma jovem. Nesse momento, as luzes começaram a piscar de novo e entendi a razão de ser do escadote, pois o assistente subiu por ele e começou a mexer cuidadosamente com um dedo num dos tubos fluorescentes até que a luz voltou a ficar fixa.

– *Énai polý ómorfī* – soltou Charlie. – É uma beleza.

– É verdade – concordei. – Deslumbrante.

Percebi de imediato que se tratava da jovem assassinada. Teria os seus vinte e cinco anos, uns peitos generosos, que pareciam falsos, e um tufo púbico louro tão depilado que quase deixava de se ver: apenas uma penugem para mostrar aos clientes ou para os excitar. Mas o verdadeiramente importante é que tinha a tatuagem de um labirinto no ombro esquerdo. Convencido de que o poder dos meus cinquenta euros não ia durar muito, peguei no iPhone e comecei a fotografar.

– Nada de fotografias – disse o homem em cima do escadote.

Ignorei-o.

– Não se preocupe – disse. – Não vou pô-las no Instagram. Quero descobrir como se chama e não vender fotografias da rata dela.

O assistente deixou de mexer na lâmpada – que já funcionava de novo – e desceu do escadote.

– Por favor, pare. Se essas fotografias chegam aos jornais, podem despedir-me. É um risco que não posso correr. Mesmo um trabalho pouco compensador continua a ser um trabalho.

Deixei de tirar fotografias e dei-lhe outros cinquenta euros.

– Quem disse que não compensa?

Receoso, pegou no dinheiro.

– Dou-lhe a minha palavra de que não verá estas fotografias nos

jornais. Sabe quem eu sou, deve ter lido sobre o assunto. A polícia está a reter a minha equipa aqui em Atenas enquanto investiga a morte desta rapariga que, na segunda-feira à noite, tinha tido sexo com Bekim Develi. E até que saibam o nome dela e o que aconteceu exatamente, estamos presos aqui. Entretanto, os patologistas estão em greve, por isso, não há ninguém que faça a autópsia. E a polícia também faz tão pouco que parece que está de greve.

– Compreendo-o, senhor. Ninguém gosta da polícia nesta cidade. Não vou insistir em que apague as fotografias, mas com uma condição.

– Qual?

– Vocês estão a treinar em Apilion, não estão? Com o Panathinaikos.

– Estamos.

– Disseram-lhe que os adeptos do Olympiacos são uns animais? Que são filhos bastardos de marinheiros ianques e de putas?

– Na verdade, disseram, sim.

– A minha condição é esta, Sr. Manson. Aconteça o que acontecer na semana que vem, quando se for embora do meu país, não pense demasiado mal da minha equipa. Chamo-me Spiros Kapodistrias e toda a vida fui apoiante do Olympiacos. Mas o que Hristos Trikoupis disse sobre si antes do jogo foi vergonhoso. E a maneira como levantou a mão e mostrou os quatro dedos em vez de apertar a sua também. As coisas estão muito mal, é verdade, estão terríveis no meu país, mas a Grécia é o berço da civilização europeia e, em minha opinião, não é assim que se deve jogar futebol. A nossa equipa merece um treinador melhor. Não somos todos como ele.

– Aceito. E agradeço as suas palavras.

Apontou para o corpo que jazia na gaveta de aço. Parecia que a jovem estava à espera que alguém ligasse a lâmpada de bronzamento.

– Por favor, Sr. Manson, tire as fotografias que quiser.

Voltei a ligar o iPhone e estive um minuto a tirar fotografias. Para minha surpresa, não tinha marcas nos tornozelos e fiz essa observação.

– Dá a sensação de que quase não ofereceu resistência – disse Spiros. – Talvez a tenham drogado ou embebedado. Melhor para ela. Claro que é algo que só a Dr.ª Pyromaglou poderá determinar.

– Quem é a Dr.a Pyromaglou?

– A patologista-chefe do Laiko. O diretor deu-lhe o caso a ela. Será ela que fará a autópsia a esta pobre mulher quando...

– Deixar de estar em greve. – Fiz má cara. – Seja lá quando isso for.

– A Dr.a Pyromaglou não quer estar em greve, não sei se me entende, mas há muitas semanas que não nos pagam no hospital.

– Então, porque é que o seu sindicato não declarou greve, Spiros?

– Porque não é a nossa vez. Alguém tem de estar aqui para cuidar dos cadáveres. Seria um risco para a saúde pública se não houvesse lugar para onde os levar. De facto, todos os corpos que há aqui partilham a gaveta com alguém.

– Que intimidade!

– Por ordem da polícia, estes dois – o jogador e a rapariga – são os únicos aqui que estão isolados. Bem, já acabou?

– Já.

– Se quiser – e começou a cobrir o corpo, devolvendo-o à obscuridade do seu sepulcro de aço – posso dar-lhe o telefone da Dr.a Pyromaglou.

– Para quê?

– Para o caso de querer chegar a um entendimento consigo. Ela é que decidirá.

– Está a dizer-me que quebraria a greve para fazer a autópsia?

Fui de imediato à carteira e dei-lhe o meu cartão de visita. Dei-lhe também um do hotel Grande Bretagne.

– Que me telefone a qualquer hora – disse. – E é evidente que posso fazer com que mereça a pena.

– O governo nunca lho pedirá, não sei se me entende – disse Spiros. – Seria muito mau para esta coligação política. E a Dr.a Pyromaglou nunca o faria pela polícia. Odeia a polícia. Um dos brutamontes da MAT partiu a cabeça ao filho dela. Mas é possível que ela o faça por si.

Spiros encolheu os ombros.

– Além disso, a autópsia não é a única maneira de identificar a rapariga e determinar o que lhe aconteceu.

Capítulo 29

De regresso ao Grande Bretagne, passei uma hora muito desagradável com o inspetor-chefe Varouxis. Tanto ele como a intérprete russa que levou se sentaram na espaçosa sala de jantar da suite real para examinar o portátil e o iPhone de Bekim num extremo da mesa enquanto, qual relutante dama de companhia, eu me sentava no outro extremo a ler o jornal no meu iPad e a desfrutar de um café grego mais ou menos doce. Diria que era a única coisa que desfrutava ao longo de todo o dia. Há quem lhe chame café turco, mas duvido muito que alguém me servisse um café turco na Grécia ou vice-versa. Entre dois países que se odeiam, até o café tem a sua política.

A dado momento, Varouxis chamou-me para que lhe explicasse qualquer coisa sobre a caixa de correio do portátil e tive de suportar-lhe o mau hálito. Depois de lhe dar todas as explicações que me pedia, fui cheirar o arranjo floral que havia sobre o aparador de mogno para tirar da cabeça o mau cheiro.

– Encontrou alguma coisa útil? – perguntei depois de a tradutora se ter ido embora.

– Não. Tinha razão. Não sei como entrou em contacto com a falecida, mas não foi por *email* nem pelo telemóvel.

– Já têm alguma ideia de quem ela era?

– Pensamos que devia trabalhar como acompanhante, daquelas que cobram muito dinheiro. Usava um vestido Alexander McQueen, que lhe deve ter custado uns dois mil euros. O sutiã era Stella McCartney, uns cento e cinquenta euros. Ambos exclusivos do Net-a-Porter. Por isso, esperamos conseguir ligar o número das peças de vestuário a um nome. Mas são coisas que levam tempo. Com sorte, a recompensa que vocês oferecem há de trazer-nos alguma coisa. Há cartazes por todo o Pireu a oferecer dinheiro em troca de informações, por isso, a vossa advogada, a Dr.a Christodoulakis, vai estar bastante ocupada. Deve haver muita gente a querer deitar a mão a dez mil euros. Eu incluído.

Provavelmente estava ao corrente do que custava o dia na suite real porque olhou em redor por momentos e assentiu.

– Está tudo bem consigo? Aqui em Atenas?

– Não pareceria bem queixar-me – respondi. – Não numa suite

como esta.

– Talvez não.

– Só estou nela por empréstimo. O dono do clube, o Sr. Sokolnikov, é que paga, para servir de quartel-general da equipa enquanto estamos em Atenas.

– Sabe, o Sr. Sokolnikov tem quase vinte mil milhões de dólares, cerca de um por cento da dívida do governo grego. Não parece justo que uma só pessoa tenha tanto quando tantos outros têm tão pouco. Que acha disso, Sr. Manson?

– Pois roube os sabonetes se isso o faz sentir melhor.

– Estava apenas a fazer uma observação.

Encolhi os ombros.

– Eu também observei que ando a ser seguido.

– Decidimos que era melhor pôr alguns homens do EKAM a protegê-lo, Sr. Manson.

– E porquê a mim em particular?

– O Sr. Sokolnikov já tem vários guarda-costas, como sabe. E a sua equipa está em segurança, livre de problemas, no hotel da península de Vouliagmeni. Você é o único que se move, por assim dizer. E, claro, apareceu na televisão na outra noite.

– Não será por me considerarem suspeito de assassinio?

Varouxis cofiou a mosca, o que fez com que me lembrasse do tufo púbico da jovem morta que acabara de ver.

– Sou polícia, Sr. Manson. Tudo me levanta suspeitas, mas não, neste caso, não suspeito de si. Acabamos por ter um sexto sentido para estas coisas, como imagino que acontecerá consigo no que diz respeito aos futebolistas. Acho que é um tipo duro, mas não um assassino. No entanto, pergunto-me se não estará a tentar fazer aqui na Grécia o que os jornais dizem que fez em Londres no caso de João Zarco. Se não está a pensar fazer de detetive de novo.

– Porque é que pensa isso?

– Por estar aqui em Atenas e não no hotel com a sua equipa. Porque tenho quase a certeza de que se sente frustrado com o ritmo da investigação, e se o senhor não o estiver, há de estar o Sr. Sokolnikov: os oligarcas russos não são famosos pela sua paciência. E o senhor é meio alemão, por isso, é possível que pense que todos os gregos são

displícites e indolentes, que não somos capazes de investigar os nossos próprios caras de cu. Mas neste caso, recomendo-lhe encarecidamente que deixe as coisas connosco, Sr. Manson. Atenas é uma cidade muito diferente de Londres. Está cheia de perigos inesperados.

– Obrigado, inspetor, terei isso em conta. Mas a minha ideia agora é tornar-me espião, não detetive.

Varouxis franziu o sobrolho.

– Acho que vou tentar aproximar-me do Centro de Treino Rentis, a ver como está a preparar-se o meu rival para o jogo da semana que vem.

– Não o vão deixar passar – advertiu Varouxis. – Há uma barreira para evitar os intrometidos. Além disso, sei que às sextas-feiras o Olympiacos acaba os treinos à uma hora e o Trikoupi vai comer sempre ao mesmo restaurante com a mulher, Melina.

– Obrigado pela informação.

Consultei o relógio.

– Acho que vou aproveitar para ir comer também. Como se chama o restaurante a que vai o Trikoupi para o evitar?

– É um velho restaurante familiar chamado Dourambeis, mas não o evite, pois tem o melhor peixe da cidade.

– Obrigado.

– De nada.

Concluí que não era mau tipo e arrependi-me de lhe ter dito que fosse roubar os sabonetes.

– Que vai fazer amanhã à tarde, inspetor? Tenho uns bilhetes para o jogo do Panathinaikos contra o OFI, que não sei quem é.

– O OFI Creta. É uma boa equipa. Vai ser um grande jogo. Gostaria muito de ir, mas temo não poder. Se o meu chefe soubesse que fui a um jogo de futebol em vez de andar a investigar este caso, ficaria furioso.

– Bem, se mudar de ideias, telefone-me. A maior parte da minha equipa vai assistir ao jogo. Nunca se sabe. Algum deles poderia dizer algo útil. Sabe que foi por isso que o futebol foi inventado, não sabe? Para que os homens pudessem falar uns com os outros? As mulheres tiveram de inventar os clubes de leitura para isso. Para conversar,

quero dizer.

Capítulo 30

Desta vez, quando saí do hotel, vi-os: dois tipos, dos seus trinta anos, barba por fazer, apoiados despreocupadamente no capô de um *Skoda Octavia*, a fumar e a apanhar os primeiros raios de sol da tarde.

– Onde vamos agora? – perguntou Charlie.

– A um restaurante no Pireu chamado Dourambeis.

– Conheço-o.

– A ver se conseguimos chegar lá sem a escolta policial. Para o que quero fazer esta tarde, preferia que a polícia não estivesse presente. Além disso, não gosto de ser seguido. Faz-me sentir como se estivesse a sofrer uma marcação homem a homem. Fico nervoso quando tenho alguém atrás de mim.

Charlie assentiu.

– Com certeza. Eu trato disso, senhor.

Arrancou e afastou-se lentamente do hotel.

– *Consegue* despistá-los?

– Estamos em Atenas. Temos o pior trânsito da Europa. Nesta cidade, até o Sebastian Vettel era capaz de despistar.

Charlie carregou no prego e, ao fundo da Praça Syntagma, virou abruptamente à direita e percorreu veloz uma ruela sombria antes de começar a subir a toda a velocidade uma colina e girar para um pequeno parque de estacionamento. Charlie fazia com que o enorme *Range Rover* parecesse um *Mini*, e ficou claro para mim que era um condutor profissional. Não era coisa que me devesse surpreender, pois quase todos os condutores de Viktor tinham feito cursos de condução evasiva. De facto, Vik levava muito a sério a evasão em todas as suas formas: no caso dos condutores, da sua mulher, dos impostos, para não falar de toda uma série de contramedidas eletrónicas que se dizia que tinha instalado no seu jato privado.

Charlie esperou o tempo suficiente para ver passar o *Skoda* a toda a velocidade, na tentativa inútil de nos apanhar. Depois de passarem, acelerou por uma rua e desceu outra colina.

– Não os veremos por um bom bocado – disse Charlie.

– Muito bem feito – respondi.

No final da rua, virou à esquerda e conduziu em direção a sul pela

estrada principal que levava ao Pireu.

– O Dourambeis é um dos melhores restaurantes de Ática – comentou Charlie. – É um velho restaurante familiar. Habitualmente, vão de férias até final de agosto. Por isso, espero que tenha verificado que está aberto.

– Fecham no verão? Quando há mais turistas na cidade?

– Só uma parte do mês.

– Mas isso é uma loucura. No inverno é que deviam encerrar.

– No inverno também fecham.

– Não admira que estejam em recessão. Deviam estar abertos na época alta e não de férias. É como se um restaurante fechasse à hora de almoço.

Charlie sorriu.

– É a Grécia, senhor. Neste país, as pessoas não fazem as coisas porque tenham sentido, mas porque sempre as fizeram assim. De qualquer maneira, no Dourambeis, recomendo-lhe o peixe-escorpião. É um peixe que eles criam no seu próprio tanque. É o melhor da cidade.

– Não tenho intenção de comer.

– Pois é pena.

– Pelo menos, hoje. O Hristos Trikoupis está a comer lá. Quero ver com quem está e depois, se for possível, segui-lo. Preciso de ter uma conversa com ele, em privado.

Charlie voltou a sorrir.

– Gosto de conduzir para si. Faz-me lembrar os velhos tempos.

– O que quer dizer com isso?

– Antes de passar à segurança privada, era polícia.

– Qual era o seu campo, a sua especialidade?

– Trabalho de detetive de pouca monta. Nada de especial. Assaltos, furtos.

– E por que saiu?

– Pelo dinheiro. Na Grécia, tudo tem que ver com dinheiro. Para tudo.

– Não conhecerá, por acaso, o inspetor-chefe Varouxis?

– Toda a gente conhece o Ioannis Varouxis – respondeu Charlie. – É o detetive mais famoso de Atenas. Foi quem apanhou o Thanos Leventis, um condutor de autocarro que assassinou três prostitutas no

Pireu e tentou matar pelo menos mais três. Ao que parece, cortava-lhes os mamilos, cozinhava-os e comia-os. A imprensa grega chamou-lhe Hannibal Leventis.

– Porque é que ele não me falou disso?

– O Varouxis é um homem muito modesto.

– Não, o que me pergunto é porque é que, uma vez que está a investigar a morte de uma prostituta que terá tido sexo com o Bekim Develi, nunca me falou nas mortes das outras. A mim, parece-me relevante. Os jornais falaram nisso?

– Não, senhor. E é provável que não o façam. Pelo menos, e Deus não o permita, até ser assassinada outra mulher. Uma das mulheres que Leventis atacou era uma turista inglesa. Não é o tipo de notícia que o Ministério do Turismo goste de ver publicada. Principalmente nesta altura do ano. Seria muito prejudicial para a recuperação económica da Grécia. Que é muito frágil, mesmo na melhor das alturas. O turismo é uma das poucas indústrias que nos resta.

– Diga-me, Charlie, esse Hannibal Leventis... não há a possibilidade de terem apanhado o tipo errado?

– Ele confessou. Em tribunal. Ainda que tivesse constado que havia um cúmplice que nunca foi apanhado. A turista inglesa que foi atacada disse que tinha sido sequestrada por dois homens. Enquanto um conduzia, o outro violava-a. Mas nenhuma das outras três vítimas que sobreviveram disse nada sobre um segundo agressor. Por isso, as alegações não foram tidas em conta.

– Veja se consegue saber como se chamava, Charlie.

– Com certeza. Quando pararmos, faço um telefonema.

Conduziu em silêncio durante um pedaço e depois disse:

– Lembrei-me de mais duas coisas sobre o Leventis.

– Diga.

– Havia alturas em que ele conduzia o autocarro do Panathinaikos. Só às vezes.

– Usou esse autocarro?

– Não, mas outro parecido. Por isso é que as mulheres entravam nele. Porque pensavam que era um autocarro de carreira.

– E a outra coisa?

– Tenha em conta, relativamente ao que vou dizer, que o

Panathinaikos e o Olympiacos são dois eternos rivais. Esta é a história típica entre Atenas e o Pireu desde a Guerra do Peloponeso no séc. IV a.C. No website dos Vermelhos, há um fórum para os adeptos chamado Caixa de Mensagens. E havia muitos adeptos dos Vermelhos que diziam a mesma coisa: que a polícia de Atenas protegia alguém implicado nos assassinatos porque apoiava os Verdes. E que tinham deixado escapar o cúmplice desse Hannibal. – Charlie negou com a cabeça. – Claro que é um enorme disparate. O Varouxis nunca teria permitido tal coisa. Conheço-o. É honesto. Muito.

Uns minutos depois, estacionou frente a um restaurante enorme mas vulgar, muito perto do estádio Karaiskakis. Havia vários carros estacionados à porta, entre os quais um *Maserati Quattroporte* preto que presumi pertencer a Hristos Trikoupis.

– É este?

– É o Dourambeis – confirmou Charlie. – E que fazemos agora?

Contei-lhe o que Jasmine me tinha dito sobre o *Maserati*.

– Muito bem. Espere aqui um momento que vou dar uma vista de olhos.

Saiu do *Range Rover*, atravessou a estrada e entrou no restaurante. Um minuto ou dois depois saiu, inclinou-se a espreitar pelas janelas do *Maserati* e aproximou-se de seguida da janela do passageiro do nosso carro.

– No restaurante, não o vi – disse através da janela aberta. – Mas há várias salas privadas e podia estar nalguma delas. No para-brisas, tinha um passe para o parque de estacionamento de Agios Ioannis Rentis. E havia uma autobiografia de Sir Alex Ferguson no banco da frente. Tem de ser do Hristos Trikoupis.

– Muito bem. Então, esperamos.

Charlie acendeu um cigarro e fez um telefonema. Disse-me depois que a inglesa que tinha sido atacada por Hannibal Leventis se chamava Sara Gill e era de um sítio chamado Little Tew, em Oxfordshire. Essa informação levou-me a fazer também um telefonema.

A Louise.

– Sou eu. Podemos falar?

– Podemos, mas por pouco tempo. Tenho saudades de ti, Scott.

– Eu também, querida.

– Vens em todos os jornais ingleses.

– Eu ou a equipa?

– A equipa, principalmente. E o Bekim. Alguns disseram coisas muito bonitas dele. Quase me fizeram acreditar no que costumava dizer, Scott: que o futebol é mais que um desporto, que serve para as pessoas se juntarem.

«Exceto na Grécia», pensei. «E talvez em Glasgow também.»

– Nas fotografias tens cara de cansado.

– Podia ser pior. Como está a namorada do Bekim?

– Em coma, provavelmente com danos cerebrais. A cocaína parou-lhe o coração e o cérebro esteve sem ser oxigenado pelo menos meia hora.

– Meu Deus!

– Alegra-me que tenhas telefonado. Ia mandar-te uma mensagem. Tenho um amigo, o Bill Wakeman, ex-polícia, que trabalha para a Unidade de Investigação de Apostas Desportivas. Faz parte da Comissão do Jogo. Pediu-me o teu número. Posso dar-lho, Scott? É um bom tipo, podes confiar nele.

– Se tu o dizes.

– Contou-me que estão a investigar uma série de grandes apostas no vosso jogo contra o Olympiacos. Houve uma pessoa na Rússia que ganhou muito dinheiro no outro dia apostando contra vocês.

– E que tem que ver a Comissão de Jogo se isso foi na Rússia?

– Alguns dos corretores de apostas implicados estão radicados aqui, no Reino Unido.

– E que quer ele de mim?

– Falar contigo. Saber a tua opinião. Suponho que queira saber se achas que o jogo podia estar combinado.

– Não por mim. Mas escuta, dado o que aconteceu, seria o mesmo que perguntar-me se acho que o Bekim Develi foi assassinado.

– Pois não sei. Achas?

– Vi-o morrer na minha frente, Louise. Foi um enfarte. Aconteceu o mesmo com o Fabrice Muamba quando jogava pelo Bolton contra os Spurs, em março de 2012. Não sei como é que se aposta numa coisa assim.

– Fala com ele, sim? Fá-lo por mim.

– Está bem. Escuta, também preciso de um favor da tua parte. Preciso que descubras uma Sara Gill. A última coisa que sei dela é que vivia em Little Tew, em Oxfordshire. Parece que há uns quatro ou cinco anos, foi atacada aqui em Atenas por um tipo chamado Thanos Leventis. Foi condenado a prisão perpétua por três assassínios. Gostava de saber do que ela se lembra sobre o que aconteceu naquela noite. E principalmente, se havia mais alguém implicado.

Louise resmungou.

– Não estás outra vez a brincar aos detetives?

– Porque é que dizem sempre que *brinco* aos detetives? Não estou a brincar a nada. O trabalho de detetive é um trabalho muito sério.

– A quem o dizes.

– Além disso, quanto mais cedo descobrir o que aconteceu aqui, mais cedo volto para ao pé de ti, querida.

– A mim chega-me que voltes. Vou ver o que consigo.

Terminei o telefonema, suspirei e atirei com o telefone para o assento.

– Pode ligar o rádio, se quiser, Charlie.

– Tenho uma ideia melhor. Por que não dorme um bocado? Eu fico a vigiar. Não se esqueça: sou grego. Tenho catorze olhos.

Não sabia exatamente o que ele queria dizer com aquilo, mas recostei-me no assento do *Range Rover* e fechei os olhos, como me dissera, e comecei a pensar num mundo do futebol ideal, no qual o futuro era sempre melhor que o passado. Sonhei que Bekim Develi marcava audaciosos golos, golos que pareciam mágicos, e depois os festejava daquela maneira tão primária e triunfante, não chupando o dedo pelo filho, mas como o grande deus Zeus com quem se parecia às vezes, a ponto de lançar um raio aos adeptos visitantes que tanto o mereciam.

Capítulo 31

Em Southampton, tanto Hristos Trikoupis como eu jogávamos à defesa, primeiro para Glenn Hoddle e depois para o pequeno Gordon Strachan. Não sei porque é que Glenn não treina atualmente nenhum clube. Manteve os Saints na Premier League contra todas as probabilidades. Eu fui comprado ao Palace e Hristos, mais controversamente, ao Olympiacos. Controversamente porque Hristos tinha dirigido uma revolta contra o treinador da seleção nacional grega antes do Euro 2000. Segundo consta, ao pé de si Roy Keane e Nicolas Anelka pareceriam uns bajuladores. Jogávamos bem juntos. Não vou dizer que éramos o Steve Bould e o Tony Adams, mas formávamos uma dupla bastante sólida. Hristos tinha tudo o que se exige de um defesa-direito: altura, uma cabeça como um martelo e o ar de rufia incondicional de um assassino a soldo. Sempre me surpreendeu que tivesse sido eu a ir para o Arsenal e não ele. Talvez seja isso que o faz sentir o que sente em relação a mim agora. Não sei. Eu fui para o Arsenal. Ele para os Wolves. Nunca lhe perguntei o que sentia por eu ir para os Gunners. E depois de sair dos Saints, não voltei a falar com ele até à noite em que Bekim morreu.

Estava mais bem arranjado agora. Tinha deixado crescer um pouco o cabelo e ganhado mais peso, o que lhe ficava bem. Saiu do restaurante. Levava um fato azul-marinho e camisa branca aberta até ao umbigo peludo. A mulher que ia com ele era muito magra, tinha o cabelo comprido e castanho e levava um vestido de dupla camada que a fazia parecer a Victoria Beckham. Reconheci-a, era Nana Trikoupis, a cantora que tinha participado na Eurovisão. Ficou em décimo sexto lugar, com uma canção chamada «*Toca uma Canção de Amor Diferente*», e a que Terry Wogan, de maneira divertida, tinha dado outro título: «*Canta uma Canção Diferente, Amor*».

Entraram no Maserati preto e puseram-se em andamento.

– É ele – disse Charlie, arrancando com o carro. – E ela. A rainha Sofia. É assim que a cabra da mulher é chamada na imprensa. Porque ela é uma snobe dos diabos.

– Já nos conhecemos. Fui ao casamento deles. Atirou um copo de champanhe ao padrinho quando ele acabou o discurso. – Sorri. –

Suponho que, em 2002, o termo «dondoca» ainda não se tinha espalhado. Ao que parece, pensou que lhe tinha chamado «preta»¹.

Seguimo-los em direção a leste, pela estrada principal, continuando depois pela costa em direção a sul, até Vouliagmeni e o hotel Astir Palace, onde estava alojada a equipa do City. A meio do caminho, virou para Alimou e depois à direita.

– Parece ir para Glyfada – disse Charlie. – A Beverly Hills de Atenas. É onde vivem os milionários gregos. Todos, desde Christos Dantis a Constantine Mitsotakis.

Pressupus que fossem gregos famosos, embora nunca tivesse ouvido falar deles.

– Todos os gregos sonham ganhar a lotaria e mudar-se para Glyfada. Em Glyfada não há *graffiti*, as ruas estão limpas, as lojas não estão vazias e os carros são todos novos. Nunca percebi porquê, quando há uma grande manifestação e as pessoas querem protestar violentamente, vão para a Praça Syntagma e não para Glyfada. Se queimassem lá umas quantas casas, o governo prestar-lhes-ia atenção.

O *Maserati* parou em frente a uns portões eletrónicos que davam para o clube de golfe de Glyfada e desapareceu por um caminho ascendente.

– Isto é o melhor que se consegue em Atenas – disse Charlie. – Uma casa em Miaouli. Aposto que até tem uma entrada privada para o campo de golfe.

Assenti enquanto recordava a casa que Hristos tinha tido em Romsey, nos arredores de Southampton, uma bonita vivenda familiar com seis quartos em Gardener's Lane. Mas esta era muito diferente. Mesmo vista através dos portões, era do melhor.

Ao chegar ao portão, saí do carro, carreguei no botão do intercomunicador e esperei que a câmara de segurança focasse a minha cara sorridente e os dois polegares para cima. A seguir, uma voz eletrónica – que era obviamente do próprio Trikoupis –, perguntou-me em grego o que desejava.

– Falar com Hristos Trikoupis.

– Não está.

– Vá lá, Trik, eu sei que és tu.

– Ouve, não quero problemas. Se é por causa do que aconteceu na

outra noite depois do jogo, já disse aos jornais que lamentava. Deixei-me levar.

Sabia muito bem que Trikoupis não tinha pedido desculpa por me mostrar os quatro dedos pelos quatro golos que nos tinham metido; em vez disso, tinha-se limitado a dizer uns disparates sobre como são inevitáveis os confrontos na linha lateral devido à proximidade das duas áreas técnicas. E ainda que isso pudesse ser verdade, também sabia que me tinha chamado «nazi negro», «mau perdedor» e «choramingas», como se a morte do meu jogador fosse irrelevante para justificar a maneira como me tinha comportado naquela noite.

– Esquece isso – disse calmamente. – Estava na zona e pensei em passar a cumprimentar-te. Para esfriar os ânimos entre nós sem a imprensa à volta.

– Agradeço, mas o momento não é muito conveniente, Scott. Íamos agora comer.

– Está bem, Trik, compreendo perfeitamente, mas posso fazer-te uma pergunta?

– Claro, Scott.

– Estás sozinho? Aí ao pé do intercomunicador? Quer dizer, há alguém que possa ouvir-te neste momento?

– Não, ninguém.

– Ótimo. Sabes, estou aqui porque queria falar-te numa amiga comum. Uma russa encantadora chamada Valentina.

– Não conheço ninguém com esse nome.

– Ao que parece, ela conhecia a pobre que foi encontrada no fundo da marina de Zea na outra noite com um peso nos tornozelos. E com «peso» não me estou a referir às botas de Jimmy Choo. De facto, acho que foi a Valentina que a enviou ao Bekim em seu lugar. O que faz com que seja tão importante que fale com ela.

– Como te disse, não conheço ninguém com esse nome – insistiu Hristos.

– Claro que conheces. Apanhaste-a uma noite no teu belo *Maserati* preto à porta do Grande Bretagne. E conhecendo-a, aposto que a levaste ao Spondi. Ela gosta muito daquele restaurante. Como o Bekim. Ele também a levava lá. Deve ser um sítio sossegado. Vou ter de lá ir enquanto estou em Atenas. Talvez amanhã, depois do jogo do

Panathinaikos. O inspetor Varouxis vai comigo. É adepto dos Verdes. É possível que lhe fale da Valentina. Nem sabe que ela existe. Por enquanto. Embora, para ser sincero, Trik, não sei se *deva* contar-lho. Não por ela, mas por ti e por mim. Eu talvez ainda conseguisse arrefecer os ânimos, não sou casado. Agora no teu caso, acho que seria muito diferente.

Houve um longo silêncio.

– Bem, que preferes? Uma conversinha comigo agora ou uma mais longa no centro da cidade com a polícia? Nem quero imaginar a incómoda audiência que terás depois com a rainha Sofia.

Hristos suspirou.

– Que queres, Scott? Em concreto.

– Todos os dados de contacto que tenhas da Valentina: números de telemóvel, direções. Tudo. E o nome daqueles que a conheçam: chulo, médico de doenças venéreas e outros clientes. Todos. Estou a fazer-te um favor. Ou falas comigo ou falas com o Varouxis. Tão simples como isto.

– Está bem, está bem. Espera aí que vou ter contigo.

– Está bem.

Enquanto esperava por ele, admirei aquela casa moderna de três pisos ao fundo de um caminho. Parecia a ala de um hospital privado ou um pequeno hotel de charme. A relva estava tão bem cuidada que parecia pintada.

Depois vi-o descer o caminho a toda a pressa. Chegado ao portão, passou-me uma folha de papel através do gradeamento.

Neguei com a cabeça.

– É assim que queres mesmo fazer isto? Como se eu fosse um tipo da FedEx? Esperava mais de ti, Trik. Afinal, vivemos juntos em St Mary's. Isto é um insulto. No mínimo, esperava que te comportasses como um homem, que não te escondesses atrás de um gradeamento de segurança.

Olhei para a folha de papel e reconheci os mesmos número de telefone e *email* que tinha impressos quase de forma indelével na minha cabeça.

– E estes dados, já eu os tenho. Dá-me algo que eu não possua.

Hristos Trikoupis tinha cara de suspeito e parecia estar

envergonhado.

– É o que tenho. Que queres que te diga? Só estive com ela daquela vez.

– Não acredito em ti.

– É a verdade, juro.

– Isto acabas tu de o imprimir. Os pormenores, tem-los à mão. O que não se coaduna com o facto de só a teres visto uma vez. Qual é o apelido dela? Tem-la arquivada na letra V de Valentina ou de outra maneira?

Fiz uma bola com o papel e atirei-o pelas grades.

– Tem-la em A de adultério? Ou em L de limpo, que é como a tua mulher te vai deixar quando descobrir que foste um mau menino? Não te esqueças de que estive no teu casamento. Conheço o temperamento dela. É quase tão mau como a sua forma de cantar.

– Vá lá. – Hristos abanou a cabeça, exasperado. – Quem é que pergunta o apelido a uma mulher daquelas? Nenhuma delas te mostra o passaporte. Além disso, todas têm nomes de trabalho, como Afrodite ou Jasmine.

Deixei passar aquela. Tanto podia conhecer a Jasmine como não. Não estava interessado na relação que ela pudesse ter tido com Bekim Develi.

– Por favor, Scott, não sei mesmo mais nada dela. Tens razão, levei-a ao Spondi. Talvez lá saibam dela. Gostava de te ajudar, mas não sei mais nada.

– Depois de jantar, onde a fodeste?

– Tenho um pequeno apartamento perto do campo de treino.

– Como se conheceram?

– Numa noite de beneficência organizada pela Federação Helénica de Futebol, no Centro Cultural Onassis, na Avenida Syngrou. Era para ajudar desportistas com deficiência.

– Quem vos apresentou?

– Não dizes a ninguém que fui eu que te contei?

– O que vou fazer se não desembuchares tudo o que sabes, meu sacana, é falar com a tua mulher. A única coisa que me interessa é voltar para casa.

– Foi uma mulher chamada Anna Loverdos. Faz parte da Comissão

de Relações Internacionais da Federação Helénica de Futebol.

– Eu sei. Está farta de me telefonar para exprimir as suas condolências pela morte do Bekim. Tenho evitado atendê-la, mas acho que agora quem lhe vai telefonar sou eu. Talvez esta noite.

– Na verdade, tenho a certeza de que foi a Anna que apresentou a Valentina ao Bekim Develi também. E é tudo o que sei, Scott. Por favor, que ninguém saiba disto. A Anna podia perder o emprego.

– Sim, já percebi como todos gostam muito de manter os empregos.
– Assenti. – Com uma condição.

– Qual?

– Que na semana que vem, quando nos encontrarmos no jogo, me apertes a mão. Antes e depois do desafio. Como é devido. Porque é esse o exemplo que devemos dar a quem vê este desporto. Se não nos respeitarmos um ao outro, não nos sobra nada. E estou cansado de que a imprensa inglesa ande à caça das razões porque não nos damos bem.

Enquanto ele acenava que sim, agarrei-o pelo colarinho da camisa através das grades e puxei-o para mim com tal rapidez que bateu com a cabeça contra o portão.

– E se voltas a chamar-me «nazi negro», palerma, lixo-te a vida e ponho-te diante de um comité disciplinar da FIFA.

Voltei para o carro e arrancámos dali.

– Como Verde que sou, senhor – disse Charlie –, procedeu muito bem. Muito bem mesmo. Teria pago para ver a cabeça desse sacana bater contra algo mais duro que uma bola de futebol.

De regresso ao hotel, vi um salão de tatuagens e pedi ao Charlie que parasse para saber a opinião de um especialista acerca da tatuagem da falecida, cuja fotografia levava no iPhone. Mas tanto lá como no outro salão que ficava mais perto do hotel me disseram que, apesar de o labirinto estar bem desenhado, o desenho não era inusual, pelo menos na Grécia, onde tinha mais ou menos começado a ideia dos labirintos.

A única coisa que eu sabia com certeza acerca de labirintos é que há sempre um monstro à espera no final.

¹Impossível de traduzir o jogo em inglês: «WAG», acrónimo para «Wives and Girlfriends», as

mulheres e namoradas de jogadores de futebol, que aqui traduzimos por «dondocas», e «wog», termo depreciativo usado para designar estrangeiros que não são brancos. (*N. do T.*)

Capítulo 32

Quando cheguei ao Grande Bretagne, encontrei Viktor reunido na suite real com Phil Hobday, Kojo Ironsi, Gustave Haak, Cooper Lybrand e mais alguns gregos que não conhecia. Fui ao quarto, fechei a porta, peguei no telefone e liguei a Anna Loverdos, que mais parecia inglesa do que grega.

– Alegra-me que tenha telefonado – disse. – Lamento muitíssimo o que aconteceu com o Bekim Develi. Como está a pobre esposa?

– Não está bem.

– Se houver alguma coisa que possa fazer por si e pelos seus jogadores enquanto estiverem em Atenas, Sr. Manson, seja o que for, por favor, não hesite em contactar-me.

– Bem, há um assunto em que podia ajudar-me, mas não quero falar nisso por telefone. Perguntava-me se poderíamos encontrar-nos e tomar uma bebida.

– Claro que sim. Eu própria lho ia sugerir. Onde é que está alojado?

– No Grande Bretagne.

– A Federação fica a dez minutos de carro daí. Que me diz hoje às seis da tarde?

– Combinado.

Fui até à sala onde se encontrava a televisão e liguei o aparelho de ecrã panorâmico para ver um pouco de futebol. Estavam a transmitir a repetição de uma eliminatória da Liga Europa da noite anterior entre o Saint-Étienne e o Estugarda.

A porta abriu-se e Kojo entrou, sacudindo o seu espanta-moscas como um ditador africano.

– Ah, está a ver o jogo.

Serviu-se de uma cerveja do minibar e sentou-se.

– De que estão a falar na suite? – perguntei.

– Dinheiro, meu amigo, de que mais podia ser? É a única coisa de que falam. Não me interprete mal. Gosto tanto de dinheiro como os outros, mas para mim é um meio para alcançar um fim e não um fim em si mesmo. Juro, esta gente só fala do que pode comprar e vender e do lucro que obtém ao fazê-lo. É como passar o tempo com o FMI.

Números, números e mais números. Está a deixar-me louco, Scott.

– Por isso é que os ricos são ricos, Kojo, porque lhes interessa essa merda. Todas aquelas coisas, que gostam de chamar pequenas, somadas, acabam por significar alguma coisa... normalmente, quer dizer que nos foderam enquanto estávamos distraídos.

– Talvez.

Kojo bebeu um trago da sua cerveja.

– Seja como for, só vim aqui hoje para ver o jogo. Não têm este canal no iate.

– Deve ser a única coisa que não têm nesse iate.

– Um dos meus clientes joga pelo Saint-Étienne. O Klegma Mandingoane, o sul-africano, que é guarda-redes.

– Saiu da sua academia?

– Saiu.

– Você é igual aos que estão na sala ao lado. Veja a porcaria do jogo e cale-se, está bem?

Sorri, mas ambos sabíamos que estava a falar a sério.

O meu telefone tocou. Era Bill Wakeman, da Comissão do Jogo, por isso saí dali. Falámos durante um bocado, mas não tinha grande coisa a dizer-lhe.

– Será possível que o Bekim Develi tenha sido envenenado? – perguntou.

– Possível, é – admiti. – Mas só o saberemos depois de os patologistas terminarem a greve e fazerem a autópsia. Pelo que vi, pareceu-me que morreu por causas naturais. Sinceramente, lembrei-me do que aconteceu com o Fabrice Muamba em 2012. Além disso, fomos muito rigorosos com o que a equipa comeu antes do jogo. O nutricionista da nossa equipa encarregou-se disso.

Contei-lhe da intoxicação alimentar do Hertha.

– Mas é difícil que alguém tivesse conseguido envenenar só o Bekim – acrescentei. – Mostrava-se extremamente escrupuloso com o que comia enquanto cá esteve.

– E os outros jogadores? – perguntou. – Podia algum deles ter tentado manipular o jogo?

– Seria estúpido se dissesse que era impossível, pois é evidente que isso acontece. Mas o que me está a perguntar é se algum dos meus

jogadores é corrupto ao ponto de querer manipular um jogo.

– E?

– Não creio.

– Acha mesmo? A alguns deles, mal os conhece. O Prometheus acaba de chegar ao London City.

– Ele pode ser muita coisa, mas trapaceiro não.

– É africano, não é? Nigeriano? Metade dos escândalos de fraude na rede provém da Nigéria. São muito manhosos. E pelo que li dele, é o mais do que os outros.

– Vou fazer de conta que não ouvi, Sr. Wakeman.

– Desculpe se me expressei mal, Sr. Manson. Garanto-lhe que não queria ofendê-lo. Mas sabe, houve um apostador na Rússia, alguém que diz chamar-se Urso Russo, que ganhou uma pipa de massa com este jogo. Não querem dizer quanto, mas os corretores dizem que lhes pode ter custado vinte milhões de libras.

– Oh, que pena que tenho deles! Ouça, gostava de o ajudar, mas não sei o que posso fazer daqui. Neste momento, aquilo que realmente me interessa é conseguir que a minha equipa volte a Londres o mais rápido possível.

Despedimo-nos e voltei à sala da televisão.

– Sabe, devia pensar contratar este tipo, Scott. Vai precisar de outro guarda-redes depois do que aconteceu com o Didier Cassell. Conheço bem o Mandingo, que é como lhe chamam os franceses.

Fui ao frigorífico buscar uma *Coca-Cola*.

– Ainda bem que tenho esta oportunidade de estar a sós consigo, Scott. Há outro assunto de que lhe quero falar. É sobre o Prometheus.

Suspirei.

– Por que será que de cada vez que ouço falar desse tipo, me apetece arrancar os fígados a alguém?

– Foi ele que pôs o amuleto na maçaneta da porta do *bungalow* do Bekim. Na noite antes de morrer.

– Devia ter imaginado que alguma coisa tinha tido que ver.

– Foi uma brincadeira estúpida. Só que agora está muito preocupado porque acha que funcionou efetivamente. Está mesmo preocupadíssimo.

– Ora, Kojo! Isso são tudo tretas.

– Para ele, não. É africano. Ficaria surpreso se soubesse quantos ainda acreditam nessas coisas.

– Na puta da bruxaria? Agora ainda vai dizer-me que ele acredita em fadas e na merda das bonecas do vudu. O Bekim Develi teve um enfarte, mais nada. Como o Fabrice Muamba. Morte Súbita Cardíaca. É o termo clínico para algo que os antigos gregos descreviam como: «Morrem cedo os que os deuses amam.» É triste, mas é assim a vida.

– A questão é o que fazer? O rapaz não quer comer. Não consegue dormir. Acredita mesmo que foi o causador da morte do Bekim.

– Porque é que ele não me disse nada? Esta manhã, no treino.

– Ele queria, mas teve vergonha.

– Se é que alguma vez teve alguma. Talvez tivesse começado a respeitá-lo se tivesse tido coragem para mo dizer.

– Na frente dos outros todos? Já é mau o suficiente que pense que matou o Bekim para que os outros o pensem também. Não é o único idiota supersticioso na sua equipa.

– Nisso tem razão.

– Vai falar com ele para lhe tirar aquilo da cabeça, não vai? Antes do jogo contra o Olympiacos. Não é o tipo de coisa que se possa deixar para o Simon Page, que nem creio que seja capaz de dizer «psicologia».

– Oh, claro que é capaz. A questão é que, para ele, as funções mentais só servem para se emborrachar na festa de Natal. – Assenti. – Eu falo com ele.

– Obrigado, Scott. Ele respeita-o. Precisa que o orientem, mais nada.

– Vou falar com ele.

Precisamente nesse momento, Mandingo – o cliente de Kojo –, fez uma defesa espetacular. Até a mim me impressionou.

Kojo sorriu.

– Vê o que dizia? Só tem vinte e dois anos e já foi convocado para a seleção nacional.

– Se tem realmente só vinte e dois anos, é muito bom.

– Garanto-lhe, Scott, que este tipo é o próximo David James.

Não sabia se aquilo era bom ou mau, mas encolhi os ombros e disse para comigo que pensaria no assunto. Por sorte, Phil assomou à

porta e convidou-me a jantar no iate. Sinceramente, senti-me aliviado por ter uma desculpa para sair dali.

– Às oito e meia – disse Phil. – Uma lancha irá recolher os convidados às oito horas na marina de Zea.

– Convidados?

– Creio que vão umas raparigas.

Devia ter-lhe dito que estava ocupado, mas queria perguntar-lhes, a ele e a Viktor, se podíamos comprar Hörst Daxenberger para substituir o Bekim Develi.

– Lá estarei.

O meu telefone tocou outra vez. Era um número grego que não conhecia.

– Sr. Manson?

– Sim.

– Sou a Dr.a Eva Pyromaglou.

Capítulo 33

Anna Loverdos cruzou as pernas nuas e bronzeadas e entregou-me o seu cartão de visita. Tal como ela, grego de um lado e inglês do outro. Mas as pernas eram esculturais e inquestionavelmente muito mais interessantes do que o que estava impresso no cartão. Cruzados, um bom par de pernas podem distrair um homem de tudo.

– A minha mãe é de Liverpool – explicou. – Conheceu o meu pai quando estava de férias em Corfu. Muito à *Shirley Valentine*. Eu nasci cá e depois fui para um internato feminino em Inglaterra.

Anna teria os seus trinta anos. Era atraente, falava bem e vestia uma saia de cetim rosa de traçar, uma blusa de seda branca e umas sandálias de cabedal com tacão em cunha. O copo de champanhe que tinha nas mãos era da mesma cor que o seu cabelo.

– A seguir, voltei para aqui. Foi antes de a economia se ter afundado. Tinha uma empresa de entretenimento. Gestão de eventos para multinacionais, esse tipo de coisas. Depois trabalhei como relações-públicas no Banco de Investimentos da Grécia. E agora dirijo a Comissão de Relações Internacionais da Federação Helénica de Futebol. É um trabalho muito mais divertido.

– Posso imaginar. E de que equipa é, Anna?

– De nenhuma. No meu trabalho, o melhor é evitar qualquer possibilidade de dizerem que somos desta ou daquela equipa. Os gregos levam o assunto muito a sério.

– Já dei conta. É como estar numa zona de guerra.

– Como a minha mãe é do Liverpool, digo sempre que sou do Everton. O que é uma boa equipa para apoiar na Grécia, porque não é grega e nunca chega à Liga dos Campeões. Neste país, mais vale prevenir do que remediar. Mas tenho a certeza de que não é preciso dizer-lhe estas coisas. – Negou com a cabeça. – Algumas das coisas que se disseram nos jornais gregos sobre si e a sua equipa são horríveis, Sr. Manson. Em especial depois do que aconteceu ao Bekim Develi. Este país era mais agradável. Ultimamente, a retórica futebolística tornou-se mais venenosa do que nunca. Atualmente, não há grego que não pense que o desporto está cheio de subornos e corrupção, como tudo o resto. – Sorriu. – Mas de certeza que prefere não falar disto. A minha

tarefa consiste em fazer com que a sua estadia na Grécia seja o mais agradável possível. O seu trabalho, agora, não deve estar a ser nada fácil. As coisas são como são: mesmo nas melhores condições, não é fácil manter a disciplina entre tantos jovens belos e com tanto dinheiro.

Esbocei um sorriso.

– Já tive de os ir buscar a um clube de *striptease* chamado Alcatraz na Avenida Syngrou. Futebolistas e *strippers*. Futebolistas e acompanhantes. São histórias que, mais cedo ou mais tarde, acabam nos jornais sensacionalistas. Nem faz ideia.

Ela riu-se e esvaziou o copo.

– E daí – prossegui –, talvez faça.

– Bem, faço uma ideia.

– Eu diria que é capaz de fazer mais do que uma ideia, Anna.

– É verdade, talvez tenha razão – respondeu como que envergonhada. – Na verdade, estive uma vez no Alcatraz.

– Era o que me parecia. Conhecia bem o Bekim Develi?

– Razoavelmente bem, pobre homem.

– E foi você que o apresentou à Valentina?

– A quem?

– É curioso, perguntei ao Hristos Trikoupos e foi o que ele me respondeu. Não, não diga nada ainda. Conhece a velha máxima dos advogados que diz que nunca se deve fazer uma pergunta cuja resposta se desconheça? É o tipo de pergunta que acabo de lhe fazer. Mas eu não sou advogado. E a Anna não está a ser julgada. Não, não a estou a acusar de nada. Mas não vale a pena negar que a conhece.

– Mas a que vem isso tudo?

– Por favor, responda apenas à pergunta, Anna.

Recostou-se na poltrona como se alguém lhe tivesse desapertado o sutiã e olhou para a mesa de uma maneira que parecia não saber o que fazer. Até que me dei conta de que estava a olhar para o seu próprio cartão de visita.

– É verdade. Mas para sermos exatos, foi o Bekim Develi que me apresentou a Valentina a mim.

Respirei aliviado porque começava finalmente a chegar a algum lado, mas em parte também para dar um efeito dramático à conversa.

– E então? Apresentam-me muita gente.

Pegou no cartão de visita e entregou-mo segunda vez.

– É o que diz no cartão, não? «Relações Internacionais.» De uma maneira geral, exige um pouco mais do que uma troca de *emails*.

– Tome outra bebida. Parece estar a precisar.

Acenei ao empregado e pedi dois copos de champanhe.

– Ouça, a única coisa que desejo é voltar com a minha equipa para Londres. Não quero causar problemas nem fazer com que alguém seja despedido. E a si muito menos. Vejo que é uma boa mulher, mas preciso que me conte o que sabe. Por isso, diga-me tudo o que sabe e não volto a incomodá-la com o assunto.

– Quero saber qual é a razão por que mo pergunta.

– Se isso a faz sentir melhor, seja. Creio que foi a Valentina que apresentou ao Bekim a acompanhante que jaz agora na câmara frigorífica do Hospital Geral Laiko. Ela e o Bekim fizeram uma pequena festa no quarto do Astir Palace na noite antes de morrer. A rapariga continua por identificar e admito que a Valentina saiba quem é. – Fiz uma pausa. – Escute, ou fala comigo ou fala com a polícia. A escolha é sua. Mas tenha em conta que eu, ao contrário da polícia, não mordo.

Suspirou, cansada.

– O que tem que perceber – disse ela –, é que não é estranho os agentes da FIFA e da UEFA pedirem acompanhantes em Atenas. Eu só faço o que me pedem. Tal como me explicaram, e não direi quem, o importante é olhar pelos convidados VIP e mantê-los afastados de problemas. Olhar pelos convidados VIP implica evitar que acabem com as putas da Praça Omonia. É verdade, é um sítio perigoso. Há muitos drogados e gente sem-abrigo. A polícia tem estado a tomar medidas. Na Rua Sofokleous, há mais de trezentos bordéis e muitas das mulheres têm sida. Tomámos a decisão de manter os nossos convidados mais importantes afastados de tais sítios e apresentar-lhes jovens de luxo. Decidi recrutar uma delas para me tratar de tudo: Valentina. Era perfeita para o trabalho. Sempre que vem à cidade um agente da FIFA ou um futebolista importante, peço-lhe que se ponha em contacto com eles. Se for da FIFA, somos nós que pagamos. Se for um futebolista, deixamos que seja ela a negociar o preço. Às vezes, é

ela própria quem se encarrega dos VIP, mas muitas outras recruta alguém para que o faça. Creio que foi a Valentina que enviou a rapariga ao Bekim. Eu sei que gostava do Bekim e, em geral, era ela que se encarregava dele, mas nessa altura devia estar ocupada, por isso, arranjou-lhe alguém. Não sei quem era. Mas sei o nome verdadeiro da Valentina: Svetlana Yaroshinskaya. É de Odessa, na Ucrânia. Acho que deve ter sido estudante de Belas-Artes. Tem um apartamento em Atenas, mas não sei onde. Quando queria falar com ela, usava o Skype. O endereço do Skype dela é SvetYaro99. No entanto, há muito que não a vejo *online*. E não responde aos meus telefonemas, o que é inusual.

O empregado voltou com o champanhe. Apontei o endereço de Skype e pedi a Anna que verificasse se estava bem.

– A... Svetlana é a única pessoa com quem tem esse acordo?

– É.

– De certeza?

Peguei no iPhone, abri a aplicação Fotos e procurei as fotografias da tatuagem da falecida que tirara no Hospital Geral Laiko.

– Que me diz desta tatuagem? Não é o dragão de Lisbeth Salander, eu sei, mas é bastante peculiar, não acha?

– Não, escute – disse Anna, nervosa –, não vai mencionar o meu nome, pois não? Quanto à polícia, é-me indiferente, mas não quero o meu nome na imprensa. Especialmente na inglesa. A minha mãe está de novo a viver em Liverpool.

– Agentes da FIFA aceitam manter relações sexuais com acompanhantes de luxo? – Neguei com a cabeça. – Onde está a notícia? Penso que hoje em dia a maior parte das pessoas acha que é o que acontece.

Passei à fotografia seguinte. Uma fotografia do rosto da falecida.

– Viu-a alguma vez? A imagem não é boa, mas dadas as circunstâncias...

– Não, nunca a vi – disse Anna.

– Veja de novo.

– Não a conheço. O que se passa com ela? Parece adormecida.

– Não lhe disse? Está morta. É isso o que se passa. Esta é a rapariga que foi encontrada na marina de Zea. A que fornicou com o Bekim

Develi.

Anna ficou boquiaberta e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Bebi um pouco de champanhe, levantei-me e pus uma nota de cinquenta sobre a mesa na frente dela.

– É para as bebidas. – Tirei outra de vinte. – E isto é pelo tempo que lhe tomei, Anna.

– Filho da puta!

Sorri.

– Ainda vamos fazer de si uma verdadeira entusiasta do futebol, querida.

Capítulo 34

À noite, não fui jantar ao *The Lady Ruslana*. Não tinha tempo. Além disso, não tinha fome e sabia que não seria boa companhia, e menos ainda tendo na cabeça o que tinha planeado para mais tarde nessa noite de sexta-feira. A conversa com o Viktor e o Phil sobre a contratação de Hörst Daxenberger para substituir Bekim Develi ia ter de esperar. Era uma das raras ocasiões em que os mortos têm precedência sobre os vivos.

Assim que deixei Anna Loverdos, experimentei o endereço de Skype que ela me tinha dado, mas não obtive resposta. Telefonei então para o telemóvel da nossa advogada, a Dr.a Christodoulou, que ainda estava no escritório. Eram nove horas da noite.

– A trabalhar até tão tarde?

– Ainda que fosse de esperar, a recompensa que oferecemos no Pireu teve imensas respostas – respondeu. – Vamos levar a noite inteira a separar o trigo do joio.

Pensei para comigo que o mais provável é que estivesse acostumada a fazê-lo, pois na Grécia perder tempo parece ser um passatempo nacional. Mas não tive pena, os advogados gostam de trabalhar, não *per se*, mas porque quanto mais horas trabalham maior é a fatura que passam aos clientes.

– Sinto muito ter de a sobrecarregar ainda mais – menti –, mas gostava que investigasse uma pessoa, a ver onde nos leva. O nome verdadeiro é Svetlana Yaroshinskaya, mas faz-se chamar Valentina. É uma acompanhante de luxo. Possivelmente, amiga da rapariga assassinada. Nasceu em Odessa. Tenho um número do Skype, um número de telemóvel e um endereço de *email*. Veja o que consegue descobrir sobre ela. Registo criminal, número de identificação fiscal, número de sutiã, tudo.

– Está bem. Verei o que consigo. Mais alguma coisa?

– Ainda não, mas esteja preparada.

Não revelei à Dr.a Christodoulou onde estava a pensar ir. Descer ao submundo é algo que é sempre melhor fazer em segredo. Começava a pensar que, para resolver um crime, há que ser um viajante. Primeiro, saber onde se quer chegar e, depois, mesmo contra ventos e marés,

fazer tudo para o conseguir. Para não falar daqueles com quem nos comportámos como uns filhos da mãe. Não devia ter mostrado as fotografias da falecida a Anna Loverdos. Tinha sido uma grosseria da minha parte. Ainda que, até certo ponto, achasse que era justo que ela partilhasse a culpa que eu sentia. Eram homens como eu que fodiam e assassinavam raparigas como a que estava na câmara mortuária do Hospital Geral Laiko, mas eram mulheres como Anna Loverdos que propiciavam situações como aquela.

Tomei um duche para me refrescar e aclarar as ideias e vesti uma *t-shirt* velha. Peguei num punhado de notas e numas miniaturas de garrafas de uísque e desci para a cave do hotel. Sentia-me mal por deixar Charlie no carro, frente ao hotel, mas precisava de um engodo e duvidava muito que fosse tão fácil voltar a despistar a polícia. É espantoso como a polícia aprende rapidamente.

Depois de andar por uma série de corredores sujos e húmidos e de lugares de passagem sem traços característicos, saí por uma porta anónima, na parte de trás do Grande Bretagne, para Voukourestiou, e o calor da noite assestou-me como uma enorme esponja morna. Fui depois andando para oeste até Stadiou, que ficava perto, e apanhei um táxi que deu a volta à praça e seguiu para norte, deixando para trás o edifício cercado do parlamento grego, onde uma mistura de turistas e de manifestantes observavam o render da guarda dos Evzones, uma unidade de cerimónia da infantaria ligeira grega, no Monumento ao Soldado Desconhecido.

Apesar de respeitar muito os monumentos fúnebres e a sua carga mórbida, não pude impedir um sorriso ao ver parte da iluminadíssima cerimónia a partir do táxi. Em qualquer país, o render da guarda é sempre um enorme disparate. Na Grécia, atinge um nível de estupidez insólito: aqueles pompons nos sapatos, o uniforme de gala branco, os enormes bigodes e os chapéus vermelhos com borlas fazem com que os Evzones se pareçam uns palhaços saídos de um obscuro circo dos Balcãs. Mas tudo isso não é nada em comparação com os passos orquestrados que os soldados têm que dar numa pantomina que os faz parecer funcionários do Ministério dos Andares Estúpidos dos Monty Python.

Cheguei à Praça Agiou Thoma, perto do Hospital Geral Laiko,

pouco antes das onze horas. A Dr.^a Pyromaglou tinha-me dito que iria ver o cadáver comigo o mais próximo possível da meia-noite, que era quando havia menos gente no hospital e, portanto, menos possibilidades de ser acusada de estar a furar a greve.

«Não vou fazer a autópsia», tinha-me explicado anteriormente ao telefone, «mas graças à minha experiência, é possível que não seja necessário. Leve uma *t-shirt* velha e outra limpa para vestir quando sairmos, porque se nos veem de uniforme médico ou de bata branca, está tudo estragado».

Spiros, o auxiliar da morgue que conhecera de manhã, tinha telefonado para casa de Eva Pyromaglou e dado o meu número de telefone. Parecia que também ia estar presente, ainda que só para vigiar.

Havia um restaurante ao ar livre com laranjeiras, junto a uma igreja grega com muitos telhados, e foi aí que combinámos encontrar-nos. Estava sentada, sozinha, com a autobiografia de Sir Alex Ferguson em cima da mesa para se identificar. Supus que fosse do Sr. Pyromaglou. Custava-me imaginar a mulher a desfrutar daquela leitura, ainda que, na verdade, me custe a crer que alguém *tenha* prazer nela. O livro tenta resolver mais assuntos de família que *O Padrinho* nos últimos quinze minutos. E não é preciso ser o Roy Keane ou o Steven Gerrard para sentir isso. Quando o li, fiquei a saber que Fergie tinha documentos e objetos do assassinato de Kennedy e surpreendeu-me um pouco que tivesse até uma cópia do relatório da sua autópsia. Ainda que, claro, dificilmente pudesse dizer o que quer que fosse, tendo em conta que encontrar-me com a Dr.^a Pyromaglou era ainda um pouco mais estranho: parecia algo saído de um velho filme de Frankenstein, uma vez que íamos mexer no cadáver de uma mulher ao soar da meia-noite.

A médica, dos seus quarenta anos, tinha a pele muito branca e o rosto amendoado, o cabelo comprido, castanho-avermelhado, e assomavam-lhe as primeiras rugas na testa. Levava um passe do hospital num colar de contas, óculos de armação grossa, um polo preto, *jeans* e uns sapatos cómodos. Parecia ter sido concebida e nascido numa biblioteca. Apertámos as mãos.

Ainda faltava meia hora para a mudança de turno, por isso,

pedimos um café.

– Sei que viu um cadáver. O Spiros disse-me que não tinha problemas com isso. Mas ver um cadáver é diferente daquilo que tenciono fazer. É provável que precise da sua ajuda para colher algumas amostras e porventura fazer alguns cortes. Por isso, se não aguenta ver sangue, é melhor que o diga agora. Não quero que desmaie enquanto estamos lá.

– Não se preocupe – respondi, corajoso. – Depois de se jogar futebol com o Martin Keown, acostumamo-nos a ver sangue.

Era uma piada, mas ela não se riu. Peguei nas duas garrafinhas de uísque que tinha levado do hotel e bebi uma imediatamente.

– Em todo o caso, trouxe coragem de casa.

– Vamos trabalhar num espaço reduzido. Trouxe uma *t-shirt* limpa para o caso de haver um acidente?

Apontei para um saco de plástico que tinha junto à perna.

– Estou-lhe grato pela sua ajuda, doutora – disse. – E ela. Refiro-me à rapariga que está na câmara. A polícia não parece ter pressa para nada.

– Só tem pressa quando se trata de rachar cabeças.

– O Spiros falou-me no seu filho. Lamento. Ele está bem?

– Tanto quanto se pode esperar, mas obrigado por perguntar.

Aquele tipo de resposta nunca soa bem, por isso, não insisti.

– Por favor, peço que compreenda que esta noite não vou escrever nada – sublinhou. – Eu, pelo menos. Estamos entendidos?

Assenti.

– Aquilo que descobrirmos de nada lhe vai servir em tribunal, porque é ilegal. E outra coisa, eu estou a ajudá-lo a si, Sr. Manson, não a polícia. Isto é um assunto privado entre si e mim. Já que toda a gente neste país pode trabalhar à margem da lei, também eu posso.

– Claro, entendo.

– Traz alguma coisa para mim?

Entreguei-lhe um sobrescrito do hotel com quinhentos euros.

Ela fez um gesto com a cabeça.

– Se alguém se lhe dirigir, responda em inglês. Assim saberão que não é um fura-greves.

Assenti.

- Está bem. E por que fazem greve?
- Por dinheiro. Aqui não há dinheiro. Pelo menos, para os serviços públicos.
- Compreendo.
- No entanto, parece haver muito para os futebolistas. Mesmo aqui em Atenas.

Bebi o café em silêncio. Nunca é boa ideia tentar justificar os salários no futebol, muito menos à classe médica. E alegrou-me que o meu telemóvel tocasse antes sequer de o tentar. Era o Maurice a enviar-me um *link* para um artigo no *Independent* que dizia que Viktor Sokolnikov pensava despedir-me no final da época. Não me preocupei. Ninguém lê o *Independent*.

- Se fosse só escolher uma equipa, eu não estaria aqui, pois não?

Eva Pyromaglou fez sinal com o queixo para o sorriso amargo na capa do livro.

- De certeza que a ele não o vejo fazer de polícia para resolver um crime.

Consultou o relógio.

- Vamos – disse, enérgica –, está na hora.

Pegou no telemóvel e enviou rapidamente uma mensagem a Spiros a dizer-lhe que íamos a caminho.

Capítulo 35

O Hospital Geral Laiko estava tão às escuras e em silêncio como o interior de uma igreja. Era política do hospital desligar a maior parte das luzes à noite para poupar dinheiro em eletricidade.

– É algo que nos beneficia – comentou a médica enquanto me guiava pela penumbra dos corredores. – Mas tenha cuidado, veja onde põe os pés. É bom que não tenha um acidente num hospital público grego.

Sorri. Começava a gostar de Eva.

Spiros aguardava-nos na esquina seguinte. Não estava só. Debaixo de um lençol, num carrinho de rodas, estava um cadáver de mulher. E não era preciso ser detetive para perceber isso. Os peitos erguiam-se como um par de castelos de areia na praia.

– Por aqui – indicou, e empurrando o carrinho, levou-nos por outro corredor na penumbra até um grande ascensor que tinha as portas abertas e estava bem iluminado. Lá dentro, meteu uma chave no painel e girou-a a toda a pressa, saiu do ascensor e deixou-nos sozinhos com o cadáver. A médica premiu um botão, as portas fecharam-se e o ascensor começou a mover-se. Quase ao mesmo tempo, a médica girou de novo a chave e o ascensor parou com uma sacudidela entre dois pisos.

Quando retirou o lençol que cobria o cadáver é que percebi que tencionava examiná-lo ali mesmo.

– Que pena – comentou. – Era muito bonita.

– Vai examiná-la aqui? – perguntei.

– Vou, aqui de certeza que ninguém nos incomoda. O Spiros envia-me uma mensagem quando for seguro descer.

– Porque é que tenho a sensação de que já fiz isto outras vezes?

– No elevador? Não, consigo é a primeira vez e espero que seja a última. Não posso permitir-me que esta greve continue por muito mais tempo. A coisa pode inclusive tornar-se violenta. Na Grécia, as greves costumam agudizar-se até ao final. E é melhor que não seja apanhado no meio de uma.

– Agora é que me diz!

Entre os pés do cadáver havia um saco com tudo o que Eva ia

precisar: bisturis, compressas, tesouras, sacos para provas, agulhas de sutura, gel de mãos antiséptico e luvas de látex. Pousou o saco no chão e começou a examinar o cadáver, meticulosamente, como se procurasse a mais pequena marca na pele. Deixei-a trabalhar em silêncio, admirando o cuidado e o respeito com que tratava a mulher sem vida.

– Estou à procura de nódoas negras – murmurou. – Marcas de agulhas, escoriações, cortes, arranhões, tudo.

Ao fim de mais uns minutos, abanou a cabeça.

– Mas não tem nada.

– A mim, parece-me grávida – disse, procurando ser útil.

– Não, não está grávida – resmoneou. – Diz que se afogou? Na marina de Zea?

– Foi o que a polícia me disse.

– Pois é melhor certificarmo-nos. Normalmente, abri-la-ia e veria o que tem nos pulmões, mas não podemos fazer isso. Afinal de contas, isto não é um exame *post mortem*. No entanto, podemos fazer uns pequenos cortes superficiais. Ajude-me a pô-la de barriga para baixo, com a cabeça a pender para fora da borda do carrinho.

Virámo-la e Eva tirou uma bandeja de cartão do saco e pô-la debaixo da boca da morta.

– E agora?

– Quero que se apoie nela com todo o seu peso. Devo avisá-lo primeiro que, com todo o gás que tem no interior, é possível que se comporte de forma indevida. Mas vou tentar obter restos de água do mar que possa ter nos pulmões.

– Ah, claro.

Quando Eva me indicou que estava preparada, apoiei-me nas costas da rapariga. Ao princípio, não aconteceu nada.

– Mais força, homem. Agora já não a magoa. Faça isso como se fosse um fisioterapeuta desportivo. Até levantar os pés do chão. Vá, com força.

Fiz o que ela me pedia e uns segundos depois, das regiões inferiores do cadáver, proveio um sonoro e malcheiroso peido.

– Mas o que aconteceu às provas silenciosas? – comentei, virando a cara na direção contrária.

Por fim, um fio de líquido saiu da boca do cadáver para a bandeja. Eva passou-o para uma garrafa que colocou no saco.

– Muito bem. Vamos virá-la de novo.

Com esforço, virámo-la e afastei-me um pouco ofegante. Começava a fazer muito calor e a cheirar mal no ascensor. Ainda bem que tinha vestido uma *t-shirt* velha.

– E agora?

– Vamos observar de perto os peitos. Mas só ver.

– Sim, confesso, não é fácil evitá-lo numa situação assim. Imagino que tivessem melhor aspeto quando estava viva. Talvez um pouco mais naturais.

– Essa é a sua opinião.

Eva pôs os instrumentos aos pés do carrinho tão ordenadamente quanto podia.

– Mas chamam a atenção, não chamam? Muito mais que ontem, acho eu.

– O silicone endurece um pouco quando arrefece. Às vezes, até encolhe.

– Sei o que isso é.

Eva pegou num bisturi, pô-lo sobre um dos peitos da rapariga e moveu-o para um e outro lado, como se estivesse a decidir onde cortar.

– Ao menos, este ainda conserva os mamilos – murmurou. – Já é alguma coisa, não é?

– Ouvi falar do assunto, sim. Refere-se ao Hannibal Leventis, não é? O condutor de autocarro ateniense que assassinou as outras raparigas?

– Está bem informado.

– Mas não pela polícia.

– Isto é algo muito diferente, acredite.

– Fala como se conhecesse os casos.

– E conheço. Fui eu quem as examinou.

– Comentava-se que o Leventis tinha um cúmplice, não era?

– É verdade. E eu diria que sim, mas a polícia decidiu que atuava sozinho. Porque foi o que ele disse e à polícia convinha-lhes acreditar nele.

– Estou a perceber.

– Bem, agora preste atenção, que isto é pelo que pagou. Vê esta cicatriz quase impercetível aqui, debaixo do peito? Foi por onde os implantes entraram e é por lá que os vamos tirar.

– Vamos? Porquê?

– O seu telefone tem uma aplicação para gravar voz?

– Tem as mamas grandes, mas não creio que fosse por isso que se afundou no porto. Foi pelo peso que tinha nos pés.

Tirei o telefone do bolso e abri a aplicação.

– Com um pouco de sorte, as mamas desta rapariga hão de dizer-nos o seu nome completo e a direção. Por isso, o melhor é começar a gravar.

Retraí-me um pouco enquanto Eva cortava a carne ao longo da cicatriz e lhe tirava o implante.

– Isto não é considerado invasivo? – perguntei.

– Pode parecer-lhe que sim, mas não, não é, porque entramos e saímos por uma cicatriz que já existia. Ficarà tudo como estava. Mais ou menos.

Depois de limpar o implante com uma toalha de papel, virou-o como se fosse uma alforreca e apalpou-o por momentos.

– Só com o calor das minhas mãos, já está mais macio e maleável. E isto é o que esperava encontrar. Na parte de trás do implante verá uma impressão com o nome do fabricante, o estilo e o tamanho, bem como o número de série. Quando o implante é colocado, são enviados uma cópia do número de série e outros pormenores para se poder fazer um acompanhamento da qualidade e para o caso de terem de ser feitas investigações. Este, em concreto, é feito pela Mentor. Só tenho de telefonar para a Mentor amanhã de manhã e eles dir-me-ão o que preciso de saber.

Leu o número de série e o tamanho do implante ao microfone do iPhone.

– E já está. A menos que a sorte nos seja madrastra, saberemos quem era esta jovem em menos de vinte e quatro horas.

Eva voltou a colocar o implante e coseu o corte do peito a toda a pressa.

– Meu Deus! É assim tão fácil?

– Isso mesmo. Depois de o Spiros me ter falado das mamas dela, lembrei-me disto. Atualmente, os implantes mamários são tão bons identificadores como o *microchip* num gato ou num cão.

– Fantástico.

Depois de terminar a sutura, Eva cobriu os pontos com uma camada de creme hidratante e base de maquilhagem. Depois disso, os pontos ficaram quase invisíveis.

– Impressionante – comentei.

Eva recolheu uma amostra de sangue do braço da rapariga com uma seringa.

– Vai precisar outra vez da aplicação de voz?

– Não, já pode desligá-la. Mas ainda não terminámos, Sr. Manson. Ainda tenho de analisar-lhe o sangue em casa para determinar que drogas e álcool tinha no corpo quando morreu.

– Está bem.

Guardei o telefone no bolso.

– Também vou recolher umas amostras da vagina, da boca e do ânus. Se algo não corresponder ao grupo sanguíneo dela, isso dar-nos-á uma maneira muito útil de identificar a pessoa com quem teve sexo. E possivelmente o assassino. Se é que foi assassinada. Devo dizer que não encontro sinais de luta. Já vi mortes súbitas de lactentes com aspeto mais violento.

– Pode ter sido drogada.

– Se encontrarmos algo nas amostras, poderá servir para eliminar como suspeitos os jogadores da sua equipa. Claro que, para isso, teríamos também de recolher amostras deles. E de si também, claro.

– Claro.

– Quanto mais cedo o descartarmos a si, Sr. Manson, melhor.

Ajudei-a a guardar as amostras. Recolheu também uma mecha de cabelo da falecida e alguns pelos púbicos.

Segundo a Dr.^a Eva Pyromaglou, o leve exame *post mortem* tinha sido satisfatório.

– E agora o que se segue?

– Agora esperemos que o elevador funcione quando girar a chave. Não gostava nada de ficar aqui presa toda a noite.

De repente, o cadáver voltou a expelir um peido.

– Estou a perceber o que quis dizer.

Ia voltar a cobri-la com o lençol, mas detive-a.

– Espere – disse, olhando para a cara da falecida. – O retrato feito pela polícia não se parece nada com ela. E há algo que não bate certo na fotografia que lhe tirei antes. Tem os olhos fechados. Ninguém fica parecido numa fotografia quando tem os olhos fechados. Importa-se que lhes abramos?

– Posso fazer melhor que isso – respondeu Eva.

Pegou de novo no estojo de maquilhagem e, em minutos, com um pouco de base, sombra de olhos, máscara, *blush* e batom tinha transformado o cadáver numa pessoa real. Pôs-lhe mesmo um pouco de colírio nos olhos para lhes dar alguma vida.

– Fantástico – exclamei. E tirei-lhe mais umas quantas fotografias com o meu iPhone.

– Não – disse a médica abanando a cabeça. – Acho que exagerei um bocado com o *blush*. Fiz com que pareça... fiz com que pareça uma prostituta.

– Não, não está assim tão mal. Nada mal.

Olhei para uma das fotografias que tinha tirado e franzi o sobrolho.

– Curioso, agora que a aperaltou um pouco, parece-se exatamente com a minha ex-mulher.

Capítulo 36

Ao ler as páginas de desporto no meu iPad e ao ver o *Football Focus* na BBC World, sentia-me como peixe fora de água. Daria tudo por estar de volta a Londres e a preparar o importante jogo contra o Chelsea. Sempre tinha querido ir a Stamford Bridge, principalmente em agosto. Chelsea é muito bonito no verão. Acho que é por isso que lá vivo.

Bateríamos os Blues? No início da época, quando toda a equipa está em forma, tudo é possível, razão porque é preciso andar com mil olhos nas equipas recém-promovidas, como o Leicester City. Só quando a época vai avançando se torna cada vez mais difícil vencer os grandes. Se, como é o caso dos Blues, se tem uma equipa composta por vinte e cinco jogadores internacionais, é normal que no final da época lutem pelos quatro primeiros lugares da tabela. E outra coisa óbvia é que, com equipas assim, se não se está nos quatro primeiros lugares, é-se despedido.

Ainda era muito cedo para que um treinador fosse despedido, pois a época acabara de começar, mas segundo a imprensa, era o que tinha acontecido a um velho amigo meu. Nick Broomhouse fora treinador do Leeds United apenas durante dois meses e, depois de um péssimo início de época em que tinham perdido por 6-0 contra o recém-promovido Wolverhampton e por 5-0 contra o Huddersfield, o novo dono e presidente do clube declarou que tinha perdido a confiança no treinador. O desafio contra o Huddersfield era um daqueles jogos que todo o treinador do Leeds tem de ganhar. O que me parece é que ele estava só à espera de uma desculpa para despedir o homem de confiança do anterior dono. Eu também tinha os meus próprios problemas, claro, mas isso não me impediu de enviar uma mensagem a expressar a minha solidariedade ao pobre Broomhouse.

É evidente, qualquer treinador sabe que corre o risco constante de ser despedido, do mesmo modo que um ladrão está sempre à espera de, mais cedo ou mais tarde, ser apanhado e metido na prisão. Está interiorizado o facto de que o despedimento é um risco laboral como qualquer outro. Provavelmente, essa é uma das razões por que os treinadores são tão bem pagos. Mas o dinheiro nunca será

compensação suficiente para se ficar sem a equipa do dia para a noite. Nunca me aconteceu, mas não duvido que a minha vez há de chegar. Às vezes, ser treinador de futebol é como se nos metessemos numa porta giratória. Um contrato de seis anos como o meu faria com que alguns treinadores se sentissem em segurança. Eu, não. Um tipo tão rico como Viktor Sokolnikov nem sequer se daria conta da indemnização de cinco milhões que teria de pagar-me. Não é que para ele seja tão barato como um pacote de batatas, mas não andarão longe.

Estava eu ainda a pensar nisto quando Louise me telefonou do meu apartamento em Chelsea. Pusemo-nos numa das nossas conversas brincalhonas, como costumam ser as conversas entre duas pessoas que acham que podem estar apaixonadas mas nenhuma o quer admitir antes da outra.

– Tenho saudades tuas – disse ela, queixosa.

– Eu também – respondi.

– Estou deitada na tua enorme cama, nua, com todos os jornais à volta e desejosa de que estivesse aqui.

– Enquanto for só com os jornais, está tudo bem.

– Quero que saibas bem o que perdes por não estares aqui, Scott.

– Acredita que sei. Para começar, o jogo contra o Chelsea. Isto para não falar nos grandes bónus ganhando àqueles sacanas. O que podíamos ter feito. Mesmo sem o Bekim.

– Não me refiro a isso.

– Eu sei ao que te estás a referir, querida, mas como me estavas a provocar, decidi pagar na mesma moeda. – Ri-me. – Foi para isso que o futebol foi inventado: para fazer as mulheres acreditar que não estamos sempre a pensar em sexo.

– E funciona?

– Claro. Exatamente durante quarenta e cinco minutos, até ao intervalo, momento em que voltamos a pensar em sexo, mas apenas durante quinze minutos.

– Nunca pensas em mim durante o jogo? Nem uma vez?

– Uma ou duas vezes.

– A sério?

– Mas só até marcarmos. Quando se metem três ao Manchester United e se vê o Ferguson com cara de irritado na tribuna... é melhor

do que sexo no livro de qualquer treinador.

– No teu, não.

– Leste-o?

– Tens dez exemplares na estante, como é que podia evitá-lo?

– Mas só leste um, não foi?

– Engraçadinho. Li-o a pensar que me ajudava a conhecer-te.

– Isso não o conseguirás a ler o meu livro.

– Achas que não?

– Queres saber como penso? Lê o programa do dia de competição.

– Tenho a certeza de que foste tu que o escreveste. Refiro-me ao livro. Algumas das frases...

– Claro que fui eu que o escrevi. Por quem me tomas? Pelo Wayne Rooney?

– Descobri muita coisa que não sabia.

– Foi o que disse o Wayne.

– Descobri que tens tendência a meter-te em dificuldades. Que talvez eu devesse voar para Atenas. Que precisas de mim para que não te metas em problemas.

– Isso estava no livro?

– Que precisas da minha companhia na suite real.

– Isso também eu gostava. Anda, arranja um voo, porque não? Vou preparando o banho. É uma banheira enorme.

– Está bem, eu vou. Não te vou atrapalhar a vida? Deve haver muitas gregas loucas por ir para a cama contigo.

– Desde o pequeno-almoço, nenhuma.

– Sabes que podes, não me importo.

– Eu sei. – Rezinguei e mudei de assunto. – Falei com o teu amigo, o Wakeman.

– Que tal correu?

– Foi um pouco insultuoso. Para começar, acha que todos os africanos são trapaceiros. Há muitos que o são, claro. Mas ninguém gosta que lhe lembrem isso. Não há assim tanto tempo, também eu era africano.

– Lamento.

– A culpa não é tua, querida.

– Pois *eu* falei com a Sara Gill.

– Quem?

– A mulher de Little Tew, em Oxforshire. A que foi atacada pelo Thanos Leventis. O assassino a que os jornais gregos chamaram Hannibal. Vou mandar-te o telemóvel dela por mensagem e o número de Skype.

– Está disposta a falar comigo? Sobre o que lhe aconteceu?

– Sim, fala contigo. Fala com quem queira saber o que aconteceu. Quer que as pessoas ouçam falar de um problema que até agora parecia ser só dela.

– Escutá-la-ei. Sou um bom ouvinte.

Louise riu-se.

– Achas que sim, mas não. A ti pagam-te para falar, Scott. Para falar na altura certa e dizer as palavras adequadas. O que significa que tens tendência a dizer apenas o que queres que os outros pensem que estás a pensar, o que nem sempre é o caso. É um grande talento: a arte de falar judiciosamente.

– É isso que pensas de mim?

– Não queiras saber o que realmente penso de ti, querido.

– Claro que quero. Por isso vou para a cama contigo, meu amor, para escutar o que murmuras sobre mim enquanto dormes.

– Acho que és uma pessoa muito solitária. Como muitos treinadores. És tu contra o mundo. Tu contra a próxima equipa. Tu contra a multidão. Tu contra o tipo do banco ao lado. Tu contra o teu pai. Tu contra a imprensa. Tu contra a Polícia Metropolitana. E agora és tu contra a polícia grega. Estás sempre a precisar de provar alguma coisa, Scott. Porque és um sobrevivente. Porque és uma pessoa muito determinada. Por isso estás a fazer de detetive outra vez. Não podes deixar as coisas seguirem o seu curso. Tens de ter razão.

– E eu que pensava que era porque queria ajudar a limpar o nome do Bekim Develi e levar os meus jogadores de volta para Londres.

– Eu sei que pensas que é por isso que o estás a fazer. Mas não é. Estás a fazê-lo porque, como a maior parte dos homens, no mais fundo do teu enorme ego, ao qual chamas coração, achas que és um detetive nato. Para ti, trata-se de outra competição.

Sorri. Louise tinha-me calado e bem. Era uma das razões porque gostava tanto dela.

– É possível.

– Pois tenho uma má notícia para ti, meu amor. Nada neste mundo se resolve como se estava à espera. Quero dizer, a teu contento. Neste trabalho, nada acaba da maneira que devia. Quanto mais cedo aprenderes isso, melhor.

Capítulo 37

Charlie levou-me ao Astir Palace, o hotel de Vouliagmeni em que estávamos alojados. Desta vez não me importava que a polícia nos seguisse. Não ia fazer nada que quisesse que a polícia não soubesse.

Como combinado com Kojo Ironsi na noite anterior, Prometheus aguardava-me à porta do hotel. Vestia uma camisa de ganga azul, uns *jeans* que parecia que tinham sido atingidos por estilhaços, uns ténis cor-de-rosa S Dot, óculos de sol Alexander McQueen e mais fios de ouro que o presidente da câmara de Hatton Garden. Tirou os auriculares vermelhos Dr. Dre das orelhas cheias de diamantes e aproximou-se da janela do carro envolto numa nuvem de água-de-colónia e mau-humor. Se tivesse alguma dúvida sobre aquilo que ia enfrentar, a palavra DOPE estava solicitamente impressa a branco na frente do seu chapéu de baseball.

Disse-lhe que pusesse o saco na traseira do *Range Rover* e entrasse.

– Como correu o treino esta manhã?

Encolheu os ombros.

– Bem.

Descemos até à marina de Astir. Tinha conseguido que Viktor me emprestasse a lancha por umas horas de maneira a podermos ir até ao golfo de Egina, um pedaço de mar azul no fim do mundo antes de se tornar, como que por magia, num local onde os heróis enfrentavam os deuses e os monstros, e onde, provavelmente, Aristóteles teria dado uma importante lição de vida a Alexandre. Ali não havia cobertura de telemóvel, por isso, não podíamos ser interrompidos.

O barco era um *Regulator* de dez metros de comprimento, com uma consola central e dois motores de fora da borda e uma velocidade máxima aproximada de cinquenta e dois nós. Havia algum tempo que não pilotava um barco, por isso, fui rodeando a costa, familiarizando-me com as condições do mar e a embarcação, antes de começar a ganhar velocidade e entrar no alto-mar em direção a noroeste. No caminho, avistámos o *The Lady Ruslana*, que estava ancorado junto à costa e parecia um Argo de ferro. Consegui distinguir alguns dos tripulantes que, com o seu polo e os calções cor de laranja, recortados contra o casco azul-escuro, pareciam figuras pintadas num antigo

navio grego.

– Vamos ao iate do Sr. Sokolnikov? – perguntou Prometheus.

– Hoje, não.

– É pena. Ouvi dizer que é baril. Gostava de o ver.

– Hás de vê-lo, mas hoje vamos ter uma pequena lição de história.

– Nunca fui muito bom a História – admitiu Prometheus.

– Mais do que a história, importa a lição.

Ao fim de uns quinze quilómetros, o mar começou a estreitar-se entre duas línguas de terra e fui reduzindo até deixar o motor em ponto morto. Não lancei a âncora. A lição não ia demorar muito. Além disso, ia precisar de manobrar o barco.

– Chegámos.

– Onde estamos?

– No sítio onde vou dar-te a lição.

Prometheus assentiu e, com o telemóvel ainda na mão, inclinou-se sobre a borda do barco e ficou a olhar para os azuis profundos do mar como se estivesse à espera do próprio Poseidon ou de algum monstro marinho. Havia bastante ondulação e não nos teria surpreendido se tivesse emergido da água qualquer coisa grande. Um atum, porventura, ou mesmo um tubarão.

– Chefe – disse Prometheus, ainda a olhar para a água, como se não quisesse enfrentar-me – lamento o que aconteceu, o que fiz ao Bekim. Foi errado o que fiz e sinto-me mal por isso. Deitei-lhe mau-olhado e agora sinto-me perdido. Só queria assustá-lo um pouco, juro por Deus. Se soubesse que funcionava, não o teria feito, acredite. Não consigo dormir nem comer de pensar nisso. Se pudesse fazer o tempo andar para trás, fá-lo-ia. Daria tudo por isso. O que fosse. De verdade.

– Isso é tudo uma treta. O mau-olhado não existe – respondi. – Comportaste-te como um imbecil, mais nada.

– Chefe, nunca mais voltarei a sentir-me bem.

– Nesse caso, não me serves para nada – disse, levando o pé ao cu do nigeriano e atirando-o borda fora.

Prometheus caiu na água com um grande chape e desapareceu.

Sentei-me de imediato, peguei na roda do leme e afastei o barco dele, apenas alguns metros, o suficiente para ficar fora do alcance de Prometheus e este poder aprender a lição como era devido.

– Que merda é essa? – disse ao voltar à tona e começando a esbracejar como um louco. – Para que é isso? Perdi os óculos de sol. E a porra do telemóvel. E o chapéu.

– Não gostava do teu chapéu. Sinceramente, ficas melhor sem ele. E não precisas do telemóvel aqui, não há cobertura.

Começou a nadar em direção ao barco, mas afastei-o um pouco mais.

– Eh!, que estás a fazer, pá! Qual é a tua ideia? Não tem graça. O meu telemóvel era um *Vertu Signature* com altifalantes Bang and Olufsen e serviço técnico personalizado e tudo. Custou-me quase sete mil libras.

– Sete mil libras por um telemóvel? És mesmo totó, rapaz.

– Vai-te foder!

Voltou a nadar para o barco e eu a afastá-lo segunda vez.

– Deixa-te estar onde estás – disse. – Ou juro que te deixo aqui. Estou a falar a sério.

– És doido, preto de merda – gritou, mas parara de nadar e tinha um dos muitos crucifixos que usava ao pescoço na mão como se fosse pôr-se a rezar.

– É isso que pensas? Pois se é assim, estás feito. Eu sou o preto de merda que está no barco. E tu o preto de merda que está na água. Para ser mais preciso, estás no estreito de Salamina. Para oeste, atrás de ti, fica a ilha de Salamina. E para este, atrás de mim, a península grega e o porto do Pireu. Com sorte, a nadar, podias chegar a um ou a outro lado. Não conheço as correntes aqui, mas é possível que o consigas, depende de seres ou não bom nadador. No entanto, devo advertir-te, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, que há tubarões no Mediterrâneo, incluindo os grandes predadores como o branco, o touro e o tigre. Seja como for, estás em apuros, desgraçado. E isto não é uma piada, apenas uma constatação dos factos.

– Pronto, estás chateado comigo, mas já pedi desculpa pelo Bekim. O que é que posso fazer mais para o demonstrar?

– Ouvir o que tenho para te dizer, embora não tenhas outra alternativa.

– Está bem, foda-se, estou a ouvir-te.

– Porra, eu sei que estou. – Inclinei a cabeça como que à escuta. –

Não ouves nada? Escuta, aqui teve lugar uma grande batalha marítima. A batalha de Salamina. Há historiadores que dizem que é um dos combates mais importantes da história da humanidade. Custa a acreditar, não é? Este pedacito de mar azul coberto de sangue, pez e óleo. Homens que gritam enquanto agonizam. Mas, de facto, aconteceu no ano de 480 a.C., mais ou menos na mesma altura da batalha das Termópilas. É uma história que já conheces. Segundo a página do teu Facebook, *300* é o teu filme favorito.

Uma onda grande cobriu o nigeriano que, durante segundos, desapareceu. Quando voltou à superfície, os seus olhos eram a viva expressão do medo.

– Eh, da próxima vez que puseres a cabeça debaixo de água, diz-me o que ouves. É possível que sejam as vozes dos homens que perderam aqui a vida, afogados, atravessados por lanças e flechas, queimados com fogo grego. Milhares e milhares de homens que não voltaram a ver as famílias e cujos ossos, a centenas de metros abaixo de ti, formam o fundo do mar.

Empurrei o acelerador e descrevi um círculo ao redor da cabeça do nigeriano, que parecia muito pequeno na água, como um coco flutuante.

– Pois bem, Xerxes, o rei persa, acho que conheces, chegou aqui com a maior frota que alguma vez se fez ao mar, com pressa, como sempre. Mil e duzentos navios, diz-se, contra trezentos e setenta gregos, chamados trirremes. E aqui aconteceu mais ou menos o mesmo que nas Termópilas. Havia demasiados navios persas a tentar cruzar o estreito e, tal como nos sucedeu no outro dia contra o Olympiacos, perderam a formação. Mas Temístocles, o comandante grego, assegurou-se de que os seus se aguentavam. Isto para não falar na disciplina.

»A bordo de cada navio grego havia hoplitas, soldados de armadura pesada, que lutavam corpo a corpo. Cada um desses homens levava uma espada e uma lança e, porventura o mais importante, um escudo no braço esquerdo com que se protegiam não só a si próprios como também o soldado que estava à sua esquerda. Por outras palavras, cada homem confiava no outro para se proteger. E tal como os navios mantiveram a sua formação, também os hoplitas o fizeram.

Nem todos os gregos eram amigos. De facto, como sabemos, os espartanos e os atenienses eram velhos rivais e provavelmente até se odiavam. Mas contra os persas, mantiveram-se unidos, e apesar das poucas probabilidades de vitória, os gregos derrotaram os persas.

»Esta é a tua lição. Olhas pelo tipo que tens à esquerda, porque o da direita está a fazer o mesmo por ti. Os gregos eram muito supersticiosos, mas quando um persa tentava apunhalá-los com uma espadeirada no pescoço, não deixavam a sua sorte nas mãos dos deuses. Na batalha, era o tipo da direita que te protegia, e nem todos os sortilégios do mundo nem a porra das rezas iam alterar esse facto. É como jogar em equipa, miúdo. É nisso que *podes* acreditar. Seja na guerra ou no futebol, vem a dar no mesmo. Olhas pelo tipo ao lado. Dessa maneira, quando o jogo termina, *podes* olhar os teus companheiros nos olhos, consciente de que fizeste tudo o que era possível. De outro modo, a tua equipa não vale uma porra.

Desliguei o motor e sentei-me junto à popa.

– O que nos traz à última parte da lição: tu, Prometheus. Acho que talvez possas rezar a Deus para que te tire o cu da água e, quem sabe, talvez te apareça um barco e te resgate, ou confiares no tipo que tens ao lado, ou seja, em mim. A quem escolhes?

Inclinei-me sobre a borda e estendi-lhe a mão.

– A mim ou a Deus?

Prometheus sorriu e agarrou-me na mão.

Uns minutos depois, estava estendido na coberta do *Regulator*, a olhar para o sol e a rir-se.

– O que é que tem tanta graça? – perguntei.

– Estava a pensar... foi a lição de história mais interessante que alguma vez recebi. Se o tivesse tido como professor, talvez tivesse passado em mais alguns exames em vez de andar a piratear telemóveis roubados.

Abanou a cabeça.

– Não te preocupes, miúdo. Se tivesses aprovado em mais exames, não serias o que és: um dos avançados-centro com mais talento que alguma vez vi. Falo a sério. Vais ser uma estrela.

Sentou-se ainda a rir. Tinha de o reconhecer, era um bom rapaz.

– É isso mesmo que pensa?

– Estou convencido disso. Mas tens de aprender a jogar para a equipa. Não há limite para o que podes vir a conseguir num campo de futebol, desde que não te importes com quem fica com o crédito.

Assentiu.

– Além disso, aprovaste no melhor exame que existe, meu amigo. Estás a jogar na Premier League, numa das melhores equipas do país. Presta atenção ao que te digo e chegarás longe. Se é isso o que queres.

Prometheus estendeu-me a mão e eu voltei a dar-lha. E desta vez tinha os olhos cheios de lágrimas.

– É o que sempre quis. – Sorriu de novo. – Isso e um novo telefone.

– Eu compro-te um.

– Não, não é preciso. Tenho um par de descartáveis baratos no quarto do hotel. Para o caso de precisar.

Capítulo 38

Onde é que andou? – perguntou Eva Pyromaglou. – Há uma hora que lhe estou a telefonar.

Estava de novo no Astir Palace, no meu *bungalow*, com uma hora pela frente até que o autocarro da equipa nos levasse a ver o jogo do Panathinaikos. Estava a responder a *emails* e a examinar o conteúdo da *Louis Vuitton Keepall* de Bekim Develi. Não sei porque me surpreendi ao ver que Bekim usava cuecas *Frigo N.º 1*, mas surpreendi. Na verdade, sabia muito bem porquê: as *Frigo N.º 1* custam cem libras.

– Estava num barco – respondi.

– Pois eu passei a manhã inteira no laboratório em vez de estar a cuidar do meu filho.

Não respondi. Já me estava a acostumar ao facto de os gregos se queixarem por tudo e por nada. Se os deixarmos, e apesar de já terem passado mil anos, até dos romanos se queixam, de que eles lhes copiam tudo.

– E o que tem para mim, doutora?

– Falou-me num bónus, Sr. Manson?

Ri-me.

– Devia dedicar-se ao futebol.

– Como lhe disse, tenho um filho que precisa de uma medicação muito cara.

– Na verdade, não me disse isso, mas não importa. Prometi-lhe mais quinhentos euros se encontrasse alguma coisa. Encontrou?

– Encontrei.

– Envio-lhe o dinheiro por correio expresso. Esta manhã. Parece-lhe bem?

Começava a perceber os problemas que podia ter caso vivesse na Grécia. No país, tudo tinha um código de barras e a única coisa inesperada era receber algo em troca de nada.

– Parece-me bem – respondeu de imediato. – Nesse caso, tenho um nome: Nataliya Marviyenko, vinte e seis anos, sutiã 70A. Os implantes foram postos numa clínica de Salónica há cerca de dois anos. Pagou em numerário. – Eva deu um suspiro. – Custaram-lhe cerca de cinco mil euros.

– E descobriu algum endereço?

– Sim, vivia no Pireu, na Rua Dimitrakopoulou, num edifício de apartamentos que fica a menos de um quilómetro da marina de Zea, onde foi encontrada morta. Tinha água do mar nos pulmões, o que condiz com o afogamento. E gasóleo, o que também condiz com o lugar onde foi encontrada. Descobri vestígios de um lubrificante no ânus – mas não sémen – e cocaína no sangue. Se havia restos de sémen na boca ou na vagina, a água do mar deve tê-los eliminado, pois tem um pH alcalino e é um antibiótico altamente eficaz. Encontrei ainda vestígios de epinefrina. O meu palpite, mas é apenas um palpite, é que é provável que tomasse antidepressivos. Muitas destas raparigas fazem-no, ainda que não saiba por que razão. Ai, se elas trabalhassem num hospital público grego!

– Mais alguma coisa?

– Sobre ela? Não, receio que não. Estou agora a enviar-lhe tudo por *email*. O meu endereço está no *email*, por isso, lembre-se do que lhe disse. Não quero que a polícia saiba nada do que descobri.

– Se soubesse como detesto a polícia, querida, não se preocuparia com isso.

Olhei para o meu Mac porque acabava de me chegar um *email* com um sufixo grego.

Um momento depois, ouvi bater à porta do *bungalow*.

– Tenho de desligar. Muito obrigado, doutora. Vou enviar-lhe já o dinheiro. E telefone-me se lhe ocorrer mais qualquer coisa que me possa ajudar.

Desliguei a chamada e abri a porta à espera que fosse a mulher da limpeza, mas não, era o Simon Page com o relatório do treino e uma lista de possíveis lesões. Tinha a cara bronzeada e os olhos brilhavam-lhe como o mármore.

– Há uma leve possibilidade de o Ayrton Taylor estar em condições de jogar na quarta-feira. E tenho muita esperança porque o miúdo nigeriano, o Prometheus, parece não estar interessado em jogar futebol neste momento. Tentei meter-lhe um foguete no cu, mas ele olha-me com uma tal insolência que só me apetece dar-lhe um murro no focinho. Espero que seja insolência, porque a sensação que tenho é que ele não passa de um idiota. A sério, esta manhã vi-o a vestir a

porra dos *jeans* e conseguiu enredar os pés em todas aquelas correntes que leva no cinto, caiu de rabo no chão como um atrasado mental. Se lhe custa tanto vestir as calças, como é que ele vai entender a diferença entre um 4-4-2 e um 4-3-3? Vai achar que ambos os esquemas somam dez e não se vai incomodar.

– Não te preocupes com ele – respondi. – Tivemos uma conversa muito construtiva os dois: eu falei e ele ouviu. Posso estar enganado, Simon, e por vezes estou, mas a partir de agora vai tudo correr bem com o rapaz. Pelo menos quando descobrir em qual dos bolsos lhe meti os tomates. Seja como for, não é tão estúpido como pensas. Na verdade, talvez seja até bastante inteligente.

– Esperemos que tenhas razão – respondeu o gigante de Yorkshire.

O meu telefone voltou a tocar. Não reconheci o número, mas atendi na mesma. Mais valia não o ter feito. O Simon ouviu tudo.

– Sr. Manson?

– Sou.

– Daqui fala Francisco Carmona, da Orientafute.

A Orientafute, ou Representação Sports e Agência de Orientação, era a maior empresa de agenciamento de futebolistas e treinadores da Europa, e Francisco Carmona o seu ganancioso fundador brasileiro. Tinha acordos com todos os grandes clubes e dizia-se que tinha ganho uma comissão de doze milhões de euros, a maior alguma vez ganha por um agente de futebolistas, com a transferência de verão de Getúlio para o Real Madrid, que o comprara por cento e vinte e cinco milhões.

– Sinto muito pelo Bekim Develi. Era um grande jogador. E um bom homem.

– Era, sim senhor.

– Ouça, vou para Atenas na segunda-feira e perguntava se, caso ainda aí esteja, nos podemos encontrar e ter uma conversa.

– Sr. Carmona, não sei como conseguiu este número, mas não tenho interesse em falar consigo nem agora nem no futuro. Já tenho agente, obrigado.

– Não tem importância, mas se mudar de ideias, estarei no hotel Astir Palace.

Desliguei o telefone e abanei a cabeça.

– Sacana do Frank Carmona. Aposto que vem cá para tentar roubar

algum dos nossos futebolistas.

– Sim, não há nada que um futebolista goste mais do que alguém que lhe diga quanto podia ir ganhar para outro clube.

De certeza que Simon considerava que isso incluía os treinadores de futebol também, mas por uma vez na vida fui diplomático e não lho disse.

– Quanto a isso, não podemos fazer nada – comentei. – Ainda falta uma semana para acabar a janela das transferências.

– Falaste ao Vik na substituição do Bekim?

– Ainda não.

– Meu Deus!, estou farto de estar aqui – exclamou Simon. – Nunca pensei dizer isto, mas estou desejoso de voltar a Londres.

– Estou a trabalhar nisso.

– Com todo o respeito, chefe, isso não me dá um otimismo por aí além. Encontrar o assassino do Zarco em casa foi uma coisa, mas estamos na Grécia. Aqui fazem as coisas de outra maneira.

– Quando lhes dá para fazer alguma coisa, Simon. Isso é o que tenho estado a tentar estes dias. Ou achas que tenho andado a fazer turismo? A ver a Acrópole, o Parténon? Ou talvez a preparar uma reunião secreta com o Francisco Carmona?

– O que fazes no teu tempo livre não é comigo.

– Pois não estou a fazer nada disso, garanto-te. Nunca tinha falado com esse falcão de merda.

– Acredito. Escuta, chefe, tenho de te contar uma coisa. A noite passada estava a falar com outro inglês alojado no hotel e que tem um colega que faz um programa de rádio. Um tal George Hajidakis. Creio que é o equivalente grego do *TalkSport*. Bem, esse fulano, o Kevin, contou-me que o Hajidakis lhe garantiu que o Olympiacos não vai correr riscos na quarta-feira. Diz que já compraram o árbitro. É irlandês.

– Simon, os gregos estão sempre a queixar-se do jogo sujo. Uma das poucas coisas em que se põem de acordo é para dizer que os do clube rival são uma cambada de batoteiros.

– Sim, mas este tipo disse-me que o tal George Hajidakis ia falar do árbitro no programa e apareceram dois matulões com soqueiras que o mandaram para o hospital.

– Dizer uma coisa e sabê-la com segurança é outra bem diferente. E prová-la de maneira a que a UEFA também o pense, é outra também. Recorda-te da multa de mais de cinquenta mil euros que esses sacanas aplicaram ao José Mourinho quando estava em Madrid só por sugerir que era impossível ter um jogo justo contra o Barcelona. Por isso, vais desculpar-me, mas vou manter a boca calada. Se o teu amigo tiver razão e o árbitro estiver comprado, teremos de contornar também isso, como quando há uma poia de cão à boca da baliza. – Abanei a cabeça – Esquece. Isso é o que menos preciso agora.

– És um tipo frio, Scott Manson. Não tenhamos ilusões. Digo-te que o mais provável é que tenham comprado o árbitro e tu encolhes os ombros como se nada fosse. Estás a dizer que ignoremos o assunto, é isso?

– A sério, Simon, já temos chatices suficientes na Grécia para agora ainda lhe juntar mais essa. Caso te tenhas esquecido, não nos é permitido deixar o país. A equipa está em liberdade provisória porque a polícia suspeita que um dos nossos futebolistas pode estar implicado na morte de uma jovem.

– A putinha, sim.

– Que isto não saia daqui, mas consegui descobrir o nome dela. Vou telefonar à advogada para lho dizer.

– Entendo. Queres que me vá embora?

– Não, prefiro que não vás. Se alguma coisa me acontecer, é melhor que mais alguém saiba o nome dela. Alguém inglês.

– Que queres dizer com isso?

– Que não sei muito bem o que ando a fazer ou aquilo em que me estou a meter. É possível que seja mais perigoso do que aquilo que pensava.

Telefonei à Dr.a Christodoulou e pus o telefone em alta voz para que o Simon pudesse ouvir a conversa e dizer-lhe o nome da jovem, mas não lhe contei o que pensara fazer a seguir.

– Como é que descobriu isso? – perguntou a advogada.

– Não importa.

– Sabe que é um crime ocultar informação numa investigação policial? Mesmo na Grécia. Legalmente, devia informar o inspetor-chefe Varouxis. Posso ser proibida de exercer.

– Não o faça já. Espere um pouco. Pelo menos, até ter tido a possibilidade de investigar um pouco mais.

– Muito bem, mas só até segunda-feira.

– Com certeza. E que tal vão as vossas averiguações? Conseguiram descobrir alguma coisa acerca de Svetlana Yaroshinskaya?

– Ainda não. Como sabe, é fim de semana. A maior parte dos gregos não trabalha ao sábado.

Senti-me tentado a perguntar-lhe em que dia da semana costumavam trabalhar, mas achei que seria um pouco grosseiro.

– Está bem. Telefone-me quando tiver alguma coisa.

Desliguei e olhei para o Simon.

– Restam-me menos de quarenta e oito horas.

Simon franziu o sobrolho.

– Para descobrir quem a matou e porquê.

– Talvez fosse melhor deixares as coisas como estão – disse Simon.

– Não te arrumem também a ti, chefe. Neste momento, parece que és o único capaz de nos tirar daqui e levar-nos para casa. Tem cuidado, está bem? Já me morreu aqui um gajo e não quero que me morra outro.

Capítulo 39

O Panathinaikos mandou-nos um autocarro para nos levar a ver o jogo contra o OFI, no Leoforos, que era como os locais chamavam ao estádio Apostolos Nikolaidis. Ao sair do Astir Palace, fui para a parte de trás do autocarro e espreitei pela janela traseira a ver se éramos seguidos por um *Skoda Octavia* prateado. Quando verifiquei que sim, sorri. Dá sempre gosto ver que temos razão. Sobretudo quando se trata da bófia.

Sentei-me e fechei os olhos. Apesar de não sermos nós a jogar, sentia-me muito bem por ir para um desafio de futebol. Só tinha pena porque não ia ver o jogo. Tinha outros planos para aquela tarde. No autocarro, as coisas iam animadas. Gary Ferguson era não só o capitão da equipa como do sentido de humor, embora as suas piadas fossem mais evidentes do que qualquer cabelo novo que lhe nascesse na frente da cabeça.

– Olhem para o estado deste país – queixou-se, enquanto o autocarro rugia em direção a norte. – Lojas com portas e janelas vedadas com tábuas. Estradas por reparar. Tipos a limpar para-brisas por todo o lado. As pessoas dizem que é da contração do crédito, vá-se lá saber o que é isso. Desde que chegámos que todos os dias tenho ligado a Bloomberg no meu quarto a ver se percebo o que se passa no raio deste país.

Imaginar Gary a ver a Bloomberg fez rir toda a gente.

– É o canal financeiro, com todos aqueles números pequeninos na parte de baixo do ecrã. Para ser sincero, quando os vi a primeira vez, pensei que eram os resultados finais dos jogos, mas afinal são o valor das ações e essas merdas. Bem, acreditem, por mais que vejam a Bloomberg, não vão descobrir porque é que eles têm uma recessão tão forte aqui. Se querem saber o que correu mal, vão por mim, vejam os canais gregos de pornografia. Explicam tudo. É muito simples: na Grécia, anda tudo fodido.

Mais risos.

– Na verdade, é por isso que me sinto tão confortável nesta merda de país. A Grécia faz o café para a porra da Alemanha, tal como a Escócia o faz para a Inglaterra. Mas os gregos bem podiam ensinar

umas coisinhas aos escoceses sobre como viver sem fazer corno.

Sempre tinha gostado de ouvir o Gary improvisar sobre algum tema. Talvez, afinal, tivesse futuro na televisão, como cómico. Mas depois de um bocado, meteu-se-me uma coisa na cabeça e ficou lá aninhada como um daqueles tipos com colete fosforescente no final dos jogos, como se esperasse problemas. E por mais que tentasse, não conseguia ignorá-la. Levantei-me e sentei-me atrás do condutor. Era um homem dos seus sessenta anos, cheio de cabelos brancos, uns óculos de sol enormes, a pele coriácea, com uma *t-shirt* de Nikos Galis (um jogador grego de basquetebol) e que cheirava como a última toalha de uma sauna e tinha um hálito como uma plantação de tabaco.

No semáforo seguinte, pus-lhe uma nota de vinte na frente, sobre o painel de bordo.

– Ia aqui a perguntar-me se conheceria o Thanos Leventis. – Fiz uma pausa. – O Hannibal Leventis?

– Conhecia, sim. – Abanou a cabeça. – Foi horrível o que ele fez. Sou-lhe sincero, nunca diria que tinha sido ele. É preciso estar louco para fazer o que fez, não acha? Mas ele não estava. Nem sequer era mau. Era uma pessoa vulgar.

Fiquei em silêncio durante um momento enquanto o condutor fazia uma curva difícil. Depois, continuei:

– Dizia-se que não tinha agido sozinho. Que tinha tido um cúmplice.

– É verdade, foi o que disse uma das vítimas. Mas a polícia achou que as provas não eram concludentes. Ela ficou em muito mau estado. Creio que foi por isso que acharam que não podiam confiar no testemunho dela.

Eu próprio sabia bem o que era isso.

– E que acha?

– Lembro-me que ela disse que o outro trabalhava para as Nações Unidas porque levava uma *t-shirt* da ONU ou coisa assim. Por isso é que a polícia não fez caso. Afinal, quem é que anda com *t-shirts* da ONU? E que tipo de trabalhador da ONU é que anda por aí a violar e a assassinar pessoas? Eles existem para evitar esse tipo de coisas, não para tomar parte nelas.

– Deve ter razão.

– Mas sabe, se houvesse um cúmplice, tê-lo-iam apanhado mais cedo ou mais tarde. Quando se faz uma coisa daquelas, de certeza que se volta a repetir.

– A menos que já a tenha feito.

Virámos para a Rua Leoforos Alexandras. Alguns dos nossos jogadores ainda não tinham visto o estádio e ficaram espantados ao constatar o seu mau estado.

– Não é propriamente Stamford Bridge – disse Xavier Pepe. – Ou Silvertown Dock.

– Parece que está para demolição – observou alguém.

Ayrton Taylor tinha informações sobre o assunto.

– De facto – explicou –, devia ter sido demolido há mais de uma década. O Panathinaikos deixou o Leoforos em 1984 para jogar no novo Estádio Olímpico, mas tiveram de voltar para aqui em 2000 enquanto renovavam o Olímpico para o adaptar aos requisitos da UEFA. Em resumo, ficaram sem dinheiro e agora estão aqui presos sabe Deus até quando.

– Era o que eu estava a dizer – comentou Gary. – O país está fodido.

– E pensar que na Grã-Bretanha ainda se queixam dos cortes – disse alguém. – Nem sabem como vivem bem.

– Venha para a Grécia e depois vote nos *Tories* – disse Ayrton. – Para mim faz todo o sentido.

Antonis Venizelos, o nosso elemento de ligação ao Panathinaikos, recebeu-nos na entrada principal. Vestia uma camisa verde de manga curta e uma gravata verde e branca. Era tão peludo nos braços que parecia um cirurgião iraniano.

Entregou-nos as entradas, acendeu um cigarro de mentol e seguimo-lo em pelotão até ao campo.

– Diga-me, a outra equipa, o OFI? De onde é exatamente? – perguntei por educação.

– Da ilha de Creta, para onde as cabras das inglesas vão de férias para se meterem na cama com um belo rapazinho grego.

– Tenho a certeza de que não é a única razão – disse Simon, severo.

– Cabras inglesas e macacos das areias.

– Macacos das areias?

Franzi o sobrolho.

– Quem são?

– É a Creta que chegam todos os barcos cheios de ilegais da Líbia e do Egipto. – Venizelos encolheu os ombros. – É um verdadeiro problema, tanto para eles como para nós, e a União Europeia não faz nada para o resolver. Enquanto não chegarem à Alemanha e à França, ninguém quer saber. Todas as semanas a nossa guarda costeira resgata barcos carregados deles. Há dias vinham quatrocentas e oito pessoas num. Quatrocentas e oito pessoas de que vamos ter de cuidar. Em minha opinião, devíamos ter deixado os sacanas afogar-se. Talvez assim alguém nos ajudasse a resolver o problema.

O público começou a aplaudir quando nos viu sentar e Venizelos deixou-nos. O estádio podia estar a cair aos pedaços, mas a receção que nos fizeram foi calorosa e o relvado parecia estar em excelentes condições.

– Ainda bem que se foi embora – disse Simon. – Para um tipo que fuma mentolados, diz coisas muito amargas. Apeteceu-me dar-lhe um sopapo.

– Não faças isso, por amor de Deus! São os únicos amigos que temos na Grécia.

– Sabias que o tipo é um nazi, membro da extrema-direita, do Aurora Dourada? Pelo menos, foi o que me disse.

– Há muita gente que o é. Conseguiram dezoito lugares no parlamento.

– O que não significa que tenham razão.

– Não, claro que não.

Consultei o relógio.

– Escuta, tenho de ir a um sítio e é provável que não volte até ao final do jogo. Convém-me que a polícia pense que vou estar aqui nos próximos cento e cinco minutos. Por isso, não te preocupes. Não vou desaparecer como o Zarco.

– Onde é que vais, chefe?

– Acho que é melhor que não saibas. Goza o jogo. E se alguém perguntar, estive sempre aqui.

Simon assentiu.

– Claro, chefe, mas não te esqueças do que te disse: tem cuidado.

Saí pela porta sul, onde, junto à loja oficial do Panathinaikos, Charlie me esperava no *Range Rover*. Partimos a toda a velocidade em direção a oeste e depois virámos para sul em direção ao Pireu.

– Nunca imaginei que fosse dizer isto – comentou Charlie –, mas é uma pena que não estivesse a ver o Olympiacos. Estaríamos mais perto e teríamos mais tempo.

– Que havemos de fazer? Mas isso não importa nada. O importante é termos voltado a despistar a bófia.

Charlie olhou para o retrovisor a assegurar-se disso e assentiu.

Capítulo 40

Dimitrakopoulou era uma rua situada a norte de uma pequena praça com jardins limpos, cheios de árvores, e um parque em que as crianças se divertiam aos gritos nos baloiços sob o olhar atento das mães.

Charlie saiu do carro e tirou, de um saco de plástico que levava no porta-bagagens, uma velha camisola azul da polícia e um boné de basebol a condizer.

– Trouxe isto de casa – explicou enquanto vestia a camisola e punha o boné. – Claro que não convenceriam um polícia verdadeiro, mas para os outros há de servir. Deixe-me ser eu a falar. E não fale com ninguém. Acho que o melhor será que pareça que tem mau carácter e está azafamado. E não tire os óculos de sol. Assim parecerá um verdadeiro detetive.

O apartamento de Nataliya Matviyenko ficava no último piso de um edifício de cor ocre em que havia tantos toldos de cor verde a proteger as varandas do fortíssimo sol da tarde que parecia um barco com as velas desfraldadas. Havia uma farmácia no rés do chão que, segundo o relógio de plástico que tinha na porta, estava quase a fechar. A porta do edifício ficava junto à farmácia e era moderna, de vidro e com várias campainhas.

– Há aqui uma Nataliya Boutzikos – disse Charlie –, mas nenhuma Nataliya Matviyenko.

– Tem de ser ela, não achas?

Charlie assentiu e tocou à campainha. Havia sempre a possibilidade de viver mais alguém no apartamento – o Sr. Boutzikos, por exemplo –, mas ninguém respondeu.

– E agora? – perguntei.

– Agora esperamos pela cavalaria.

– Caramba! – exclamei.

Pela Rua Dimitrakopoulou aproximava-se lentamente um carro patrulha com a luz azul acesa.

– Calma – disse Charlie. – É a cavalaria. Não têm nada que ver com os da GADA. São meus amigos. Telefonei para a polícia do Pireu a pedir que enviassem um carro, para a coisa parecer um pouco mais

convincente, ao menos para os vizinhos. Teremos as costas protegidas enquanto estivermos no apartamento. Tem um par de notas de vinte?

– Dei-lhe quatro notas de dez e fiquei a vê-lo aproximar-se da janela do condutor do carro. Não o vi entregar-lhes o dinheiro, mas suponho que o tenha feito porque a luz azul apagou-se, acenderam um par de cigarros e acomodaram-se à espera de que fizéssemos o que queríamos fazer. Quando Charlie estava a chegar à porta do edifício, o farmacêutico saiu do seu estabelecimento com uma bata branca impecável e interessado em saber porque estava a polícia no bairro.

Charlie começou a falar com ele e, ao fim de um bocado, o farmacêutico voltou a entrar no estabelecimento. No esforço de conter os nervos, peguei no telemóvel, consultei a lista das chamadas recentes e liguei a Francisco Carmona, da Orientafute.

– Frank? É o Scott. Desculpe, não podia falar.

– Não faz mal, Scott. Estou habituado a que as pessoas finjam não me conhecer.

– Surpreendeu-me um pouco quando me disse que vinha a Atenas, Frank. Quando lhe telefonei era porque queria que falássemos de um jogador de outro clube. Um dos que é representado por si. O Hörst Daxenberger, do Hertha.

– Anda à procura de alguém para substituir o Bekim Develi?

– Exatamente. Porque é que não cancela o voo para Atenas e vai a Berlim saber quanto pede o alemão para ir jogar para Londres em vez de andar atrás dos meus jogadores com essa merda da Orientafute.

– Não é nos seus jogadores que estou interessado, Scott. É em si, por isso é que vou a Atenas. Quero representá-lo a si. Pelo que ouvi, talvez precise de um agente.

Vi que Charlie se dirigia na minha direção.

– Ouça, agora não posso continuar a falar. Contacte o alemão e veja se ele está interessado.

Desliguei e olhei para Charlie.

– Um golpe de sorte – disse Charlie. – O Sr. Prezerakou é o senhorio da Nataliya e vai buscar as chaves. Disse-lhe que andávamos à procura de imigrantes ilegais e, claro, está desejoso de nos ajudar. Por aqui, ninguém gosta dos ilegais. Diz que não a vê há dias, mas que não é estranho nesta época do ano. Que ela vai muitas vezes de férias

para Corfu. Ao que parece, é uma boa inquilina, paga sempre a renda a horas. Garantiu-me que observou todas as formalidades antes de lhe alugar o apartamento. De início, o contrato estava em nome do marido, o Sr. Boutzikos, mas agora está a trabalhar em Londres e foi ela que ficou com o apartamento.

Dez minutos depois estávamos dentro do apartamento de Nataliya a vasculhar as suas coisas. Para mim, pelo menos, aquilo era estranhamente transgressivo. Pelo contrário, Charlie não parecia absolutamente nada preocupado com o que estávamos a fazer. Usávamos luvas de borracha, mas não era para manter as aparências, uma vez que o Sr. Prezerakou tinha ficado em baixo, no seu estabelecimento, mas porque a polícia tinha as minhas impressões digitais e seria melhor que não mas descobrissem por todo o lado.

A casa estava limpa, arrumada e mobilada ao estilo *Ligne Roset*, um estilo que os do continente julgam muito elegante e contemporâneo. Havia uma grande fotografia assinada por Terry O'Neill em que se via Faye Dunaway estendida na piscina de um hotel de Beverly Hills, o que me levou a pensar que Nataliya considerava que se parecia com a oscarizada atriz. Quanto ao mais, tratava-se claramente da casa de alguém que preferia a leitura aos filmes. Não havia televisão e as prateleiras gemiam sob o peso de livros em grego, russo e inglês. Tinha o armário cheio de roupa de estilistas e na casa de banho havia um carro de maquilhagem capaz de prover às necessidades de uma grande escola de raparigas.

Charlie acabava de encontrar o seu passaporte na gaveta de uma mesinha.

– Era ucraniana – disse. – Nascida em Kiev em 1989.

Estendeu-mo e eu pu-lo em cima da mesa da cozinha antes de sair para a varanda e ficar a ver os telhados dos edifícios circundantes. Os numerosos depósitos de água, estendais e antenas parabólicas não eram propriamente uma vista inspiradora, ainda que fosse típica.

Na varanda havia um colchão de ioga e uma série de pesos bem ordenados, entre os quais alguns russos, e perguntei-me se o seu assassino se teria servido de um deles para o amarrar aos pés dela antes de a atirar à água da marina. Tirei-lhes uma fotografia com o iPhone. Entretanto, Charlie tinha encontrado a mala dela, ou pelo

menos a mala que devia ter usado na noite em que a mataram, porque me recordava das imagens da câmara de segurança que Varouxis me tinha mostrado da visita ao *bungalow* de Bekim no Astir Palace. Como tudo o resto, era de marca e muito cara.

Charlie esvaziou a mala em cima da mesa da cozinha, ao pé do passaporte, e sentámo-nos a ver o que continha. Havia um estojo de maquilhagem, uma carteira com mil euros em notas novas de cem, cartões de crédito e de identificação, uma carta de condução, um telemóvel, uma pequena vela perfumada, colírio, brincos, broches para sapatos, um molhe de chaves, uma fotografia de um homem que supusemos ser Boutzikos, vários preservativos, gel lubrificante, um par de algemas, um vibrador, gel de mãos antiséptico, um pacote de toalhotes humedecidos, uma muda de cuecas e um par de meias com silicone na parte superior para não caírem. Os medicamentos eram, segundo Charlie, mais interessantes: quatro injeções de epinefrina, como substituto rápido do Viagra quando os clientes não o levantam. Ao fim e ao cabo, é adrenalina. E ao contrário da cocaína, a polícia não pode deter ninguém pela sua posse.

– O que é ceftriaxona? – perguntei.

– É o «por via das dúvidas» dela – respondeu.

– Por via das dúvidas de quê?

– Da gonorreia. Na Grécia, muitas das doenças de transmissão sexual são resistentes à penicilina, por isso é prescrita a ceftriaxona. Ou azitromicina. Se se conseguir obter. Parece que ela não queria correr riscos.

– E Levonelle? – perguntei enquanto examinava uma caixinha escrita em grego. – O que é que cura?

– Bebés não desejados. É a pílula do dia seguinte.

– E o flunitrazepam?

Pus alguns comprimidos pequeninos azuis e brancos na palma da mão.

– É um sedativo, não é? Para a depressão.

Charlie soltou uma gargalhada.

– Se soubesse grego, teria visto que o nome comercial do flunitrazepam está impresso na caixa. É Rohypnol. A chamada «droga da violação». Muitas prostitutas põe-na nas bebidas dos clientes que se

comportam pior. Esta rapariga parecia preparada para tudo.

– Exceto para o que aconteceu. Para isso não estava preparada.

– Não, suponho que não.

Charlie voltou a meter tudo de novo na mala.

– Ninguém está preparado para ir ver Perséfone – disse Charlie.

Peguei no iPhone 4 de Nataliya, com uma bela bolsa de plástico e uma correia de ouro que a fazia parecer uma bolsa de noite, tirei uma das luvas e toquei no ecrã. A bateria estava no vermelho, mas tinha carga suficiente para ver que, tal como o meu, era preciso introduzir um código de segurança para aceder aos conteúdos.

– Temos de lhe conseguir aceder – disse. – Podemos descobrir com quem é que ela esteve naquela noite. Por isso, vamos ficar com ele um tempito. Pelo menos até segunda-feira, quando a nossa advogada falar à polícia neste local.

– Nesse caso, seria melhor levarmos também a mala – disse Charlie. – De contrário, o detetive vai achar estranho. Depois de conseguir o que quer, podemos sempre subornar um cigano para a entregar à advogada em troca de uma recompensa. Que diga que a encontrou num caixote do lixo da marina. – Abanou a cabeça. – Vai achar sempre estranho que o farmacêutico lhe diga que a polícia já aqui esteve. Mas a polícia na Grécia está acostumada a que alguns agentes façam uns trabalhosinhos à parte. Saberá que foi o senhor, claro, ou alguém a quem pagou para o fazer. – Consultou o relógio. – É melhor voltarmos ao estádio e ao seu alibi para esta tarde.

Meti o telefone no bolso e Charlie acrescentou:

– Quanto a conseguir aceder ao telemóvel, faço tanto ideia disso quanto o senhor. Não conheço ninguém que saiba fazê-lo.

– Não se preocupe, Charlie. Eu conheço.

Capítulo 41

Cerca de um minuto depois de voltar a sentar-me, o Panathinaikos marcou o único golo do jogo. Não foi um grande golo: os quatro defesas do OFI moviam-se como se tivessem pesos nos tornozelos e o guarda-redes lançou-se para o lado contrário apesar de o avançado de camisola verde lhe ter telegrafado a dizer para onde tencionava chutar. No entanto, isso não impediu que o público festejasse como em 1999: um petardo verde explodiu com um tal estrondo na Porta 13 que os futebolistas do City e o resto da equipa – incluindo eu próprio – se agacharam como se um helicóptero Apache tivesse disparado um míssil.

– C’um caraças! – gritou Simon. – Que merda foi esta?

Uma nuvem de fumo verde foi-se estendendo pelo campo, tornando tudo opaco e, por um minuto, dava a impressão de se estar no fundo do mar, como os marinheiros afogados durante a batalha de Salamina.

– Acho que foi apenas a manifestação do desporto-rei, mas como o festejaria Zorba, o Grego – comentei.

– Faz-me perguntar como é que terá sido quando eles ganharam o Euro 2004. Digo-te uma coisa, se soubesse falar grego, achariam que eu era o raio do Platão. Cada um daqueles gregos ficou à espera que o outro fosse fazer a entrada. Quatro jogadores na área e nenhum a marcar o seu homem. Quando alguém da equipa contrária se mete na nossa área, sabes o que quero? Que os nossos defesas morram na trincheira a defender aqueles dezasseis metros e meio. É assim que tanto tu como eu defendíamos. É preciso coração para jogar futebol, chefe. E aqueles não o têm. Olha para eles, com aquelas tatuagens todas que têm nos corpos. Só deviam ter uma, bem grande, no peito, a dizer: «¡No pasarán!»² Era o que eu tatuaria se jogasse atualmente.

Tomei o autocarro de volta ao Astir Palace juntamente com a equipa e sentei-me ao lado de Prometheus.

– Que te pareceu o jogo?

– Fraco. E também são racistas. Ouvia-os a imitar os macacos sempre que os jogadores negros tocavam na bola. Julgava que os gregos eram civilizados.

– Porque pensavas isso?

– Porque é o berço da democracia.

– Talvez, mas acho que nem naquela altura servia de muito. Se na quarta-feira à noite os ouvires comportar-se da mesma maneira, sabes o que vais fazer? Marcar um golo. E a seguir outro. É a melhor maneira de calar esses cabrões. Mas de facto, se tivesses estado em campo hoje, terias marcado três. Antes do intervalo.

Prometheus esboçou um grande sorriso.

– Aqueles tipos que acabaste de ver são os campeões gregos – disse.

– Foi a federação que decidiu que eles ficavam em primeiro, mas são uma equipa de topo, tal como o Olympiacos. E quando jogarmos contra *eles* na quarta-feira, quero que marques três golos, não pelo Bekim Develi, mas por ti. Como dizia Aristóteles: «Bendito aquele que abre os olhos aos cegos.» Por isso quero ver o jogador que sei que podes ser.

– Está bem, chefe.

– Esta manhã, contaste-me que costumavas piratear telemóveis roubados quando eras miúdo.

Prometheus assentiu.

– E continuo a fazê-lo. Para não perder a mão. Gosto muito de estar a par dessas merdas.

Entendi-lhe o iPhone de Nataliya para as mãos.

– És capaz de o fazer com este? Mas tem de ser sem que ninguém saiba. Não fales disto a ninguém. O que te estou a pedir pode levar-nos a ambos para a cadeia.

– Não seria a primeira vez, chefe.

– Acredito, mas isto agora é muito sério. E esta gente também. Se formos apanhados, são seis meses numa choldra grega.

Prometheus pegou no telefone e ligou-o.

– Deixe isso comigo, chefe. Sou da Nigéria. Se não souber o que fazer, telefono a alguém de casa para que me diga como proceder.

Uma vez no meu *bungalow* no Astir Palace, consultei os *emails* e voltei a olhar para o conteúdo da *Louis Vuitton Keepall* de Bekim Develi e para o seu estojo de toilette. Já sabia que tipo de cuecas usava, mas andava à procura de outra coisa, uma chave que me ajudasse a compreender a morte de Nataliya e a antecipar-me à

polícia. Achava que ter o seu nome e número de telefone não chegaria. Nunca se tem informação suficiente quando se investiga um assassinio.

Espalhei o conteúdo da *Keepall* no chão, tal como o ex-polícia Charlie tinha feito com a mala de Nataliya. Aprendo rápido. Estava a olhar para aquilo como se fosse um jogo de memória com os objetos que há numa bandeja de chá quando ouvi o toque gorgolejante do Skype. Era Sara Gill, a inglesa que fora violada e quase assassinada em Atenas. Tinha-lhe ligado e deixado uma mensagem para que me falasse.

Cliquei no botãozinho verde para responder à videochamada e dei por mim a olhar para uma asiática de cabelo castanho curto, provavelmente na casa dos trinta anos, um pouco obesa. Vestia uma *t-shirt* branca e um casaco cinzento. A casa era típica de Cotswolds, com uma grande lareira e um cão a dormir no chão ao lado da dona.

– Olá, Sr. Manson – cumprimentou. – Sou a Sara Gill. Telefonou-me antes pelo Skype, mas eu estava no jardim. A inspetora Considine explicou-me a sua situação por telefone e li sobre essa infeliz jovem nos jornais, claro. Se puder ajudá-lo, diga.

– Obrigado por ter telefonado, Sara. É improvável, eu sei, mas pergunto-me se poderá haver uma ligação entre a morte desta jovem e aquilo que se passou consigo e com uma série de mulheres aqui em Atenas há alguns anos. A falecida era prostituta e chamou-me a atenção o facto de a polícia não ter referido que as outras mulheres assassinadas também o eram. Para não falar na possibilidade de haver uma ligação com o mundo do futebol. Thanos Leventis conduzia por vezes o autocarro do Panathinaikos, não era?

Ouviu-me pacientemente enquanto eu andava às voltas com a minha explicação como um bêbedo com os pés chatos. Tentei explicar-lhe, com toda a diplomacia de uma equipa de *râguebi* inglesa, que não estava a sugerir que ela fosse prostituta. E não me senti mais cómodo ao pedir-lhe que me contasse o que aconteceu, mas pelo Skype conseguia ver isso, por isso, procurei tranquilizar-me. A seguir, ela contou-me a sua história, clara e pacientemente, e demorei algum tempo a dar-me conta de que um ligeiro tremor se apoderara da sua voz. Quando chegou ao fim do seu pungente relato, engoliu a saliva

com dificuldade e vi que tremia das mãos.

– Obrigado – disse. – Não deve ter sido fácil para si.

– Não, não foi – respondeu. – Mas cheguei à conclusão de que só conseguirei justiça falando.

– Por que acha que a polícia não acreditou no que lhes disse? De que foi atacada por dois homens?

– Por um lado, porque tinham conseguido uma confissão de Thanos Leventis. E ele dizia que tinha agido sozinho. Acho que queriam que tudo se encaixasse bem na história. Por outro lado, tinham-me batido de tal maneira que ficara inconsciente e demorei vários dias até voltar a conseguir pensar em condições. Eu estava em choque, claro, o que significa que me contradisse inicialmente. Mas eles já tinham decidido que eu não era uma testemunha de confiança. Quando apanharam o Leventis, eu tinha voltado a Inglaterra e já não estavam interessados no que tinha para dizer. Telefonei à polícia várias vezes a lembrar que havia um segundo homem, mas eles não pareciam querer saber disso. Foi então que telefonei para os jornais gregos a contar o sucedido. Mas acho que a maioria ficou satisfeita com o assunto varrido para baixo do tapete, esquecendo-se tudo. E encaremos a realidade, nessa altura a economia grega estava a começar a afundar-se. As pessoas revoltavam-se porque não tinham conseguido tirar o dinheiro dos bancos. Os jornais tinham assuntos mais importantes. A polícia nem sequer me convocou como testemunha. Tudo acabou antes sequer de me ter dado conta e não tive oportunidade de confrontar Thanos Leventis em tribunal.

Secou o canto do olho com um lenço.

– Lamento estar a fazê-la reviver isso, Sara.

– Não, não lamente – respondeu ela. – Se houver alguma possibilidade de o que está a fazer poder ajudar a apanhar o outro homem, tem toda a minha gratidão, Sr. Manson.

– É capaz de me fazer uma descrição do segundo homem?

– Sou. Era mais velho que o Leventis. Eu diria que tinha trinta e muitos anos. Era alto, de pele escura e um corpo muito peludo, como muitos gregos. Sei-o porque me obrigou a praticar sexo oral. Recordo que tinha um hálito muito doce, como se tivesse estado a comer rebuçados de menta. – Riu-se. – Não é que isso seja muito habitual nos

gregos, se é que me faça entender.

– Sim, entendo-a perfeitamente.

– E o dado que deve ter feito com que a polícia pensasse que eu estava enganada é que me pareceu que ele tinha três sobranceiras.

– Três sobranceiras?

– Pelo menos, foi o que me pareceu.

– Reconhecê-lo-ia se o visse?

– Acho que sim. Sim, tenho a certeza.

– Como é que ele ia vestido?

– *Jeans* e uma *t-shirt* com uma espécie de logo da ONU. Mas quanto a isso, não tenho a certeza. Uma espécie de... coroa de ramos de oliveira, diria. Mas dentro da coroa não havia um mapa-múndi, era mais uma espécie de labirinto.

– Um labirinto?

– Como o da história de Teseu e do Minotauro. Só que não era tão intrincado. Às vezes penso que é a chave de tudo, não metaforicamente, mas na realidade. Descobrir o que significava aquele símbolo, ajudar-me-ia a encontrar a pessoa que me violou. Não foi o Leventis, porque a verdade é que ele não a conseguia levantar, perdoe-me a expressão. Por isso me bateu. E é por isso que continuo viva. Porque pensaram que eu tinha morrido. Atiraram-me à água do porto, e a água estava tão fria que eu acordei. Mas quando se foram embora, tenho a certeza de que pensaram que já estava morta.

– Atiraram-na à água no porto? Não sabia disso. Onde, exatamente?

– Não tenho a certeza. Algures no Pireu, suponho. Atacaram-me num descampado que havia perto de um estádio de futebol que não ficava muito longe do porto, porque era por aí que tinha andado a passear. Lembro-me de que as pessoas que me tiraram da água me levaram para o vestíbulo de um hotel próximo.

– Lembra-se do nome do hotel?

– Sim, o hotel Delfini. Foram muito atenciosos comigo e chamaram a polícia. De lá, levaram-me para o Hospital Metropolitan, frente ao estádio onde tinha sido atacada. Conseguia vê-lo da cama do hospital. Mas não era aquele em que joga o Panathinaikos. Era a outra equipa de Atenas que joga lá, o Olympiacos. Sim, recordo agora, era essa a

outra ligação com o futebol. Além do Leventis, que fora condutor do autocarro do Panathinaikos.

– Em que dia da semana foi agredida, Sara?

– Um sábado à noite, em setembro.

– E lembra-se se houve jogo de futebol nesse dia?

– Não, não lembro. Mas era o último sábado de setembro, por isso, consegue sabê-lo.

Terminada a nossa conversa pelo Skype, consultei o Google Maps e vi que o estádio Karaiskakis, onde o Olympiacos jogava, ficava exatamente a três quilómetros e meio do hotel Delfini na marina de Zea e havia um grande descampado mesmo a sudoeste do campo, próximo do Pireu. Tendo em conta o local para onde a tinham atirado depois da agressão, começava a parecer-me mais do que provável que a morte de Nataliya podia estar ligada com a agressão a Sara Gill e outras. Atendendo ao racismo de muitos gregos, teria ela sido agredida por ser asiática? Os jornais gregos davam frequentemente conta de ataques contra ciganos e paquistaneses pela organização de extrema-direita Aurora Dourada. E eu sabia por experiência própria que ter a pele escura era o suficiente para atrair o ódio e o menosprezo. Intrigava-me igualmente a descrição que Sara fizera do logo na *t-shirt* do agressor: a palavra labirinto tinha-me feito pensar na tatuagem no ombro esquerdo de Nataliya. Haveria também alguma ligação?

Olhei para os pertences de Bekim de forma ausente, pensando no que Sara Gill me tinha dito. Uma ideia começava a tomar forma na minha cabeça. Ao fim de alguns momentos, percebi que talvez tivesse diante do nariz a chave que tinha andado à procura. Agachei-me e apanhei-a do chão.

Era a chave, não de uma mala, nem de um carro ou de um quarto de hotel, nem de um cacifo, mas da casa que Bekim tinha na ilha de Paros.

Capítulo 42

No dia seguinte, tomei o voo do meio-dia para Paros. Era um *DHC-8-100*, um avião a hélices com mais vibrações que os Beach Boys e nenhuma delas boa. Paros era uma das ilhas de um arquipélago conhecido como Cíclades. Do ar, pareciam um boletim de apostas feito em pedaços e espalhado sobre um tapete azul intenso. Paros não era a ilha mais pequena do arquipélago, embora se pudesse ser levado a pensá-lo ao ver o seu minúsculo aeroporto cuja pista de aterragem parecia um selo postal.

Aluguei um pequeno *Suzuki 4x4* na Loukis Rent-a-Car, que ficava frente ao sonolento terminalzinho do aeroporto, e com a ajuda das indicações do empregado, dirigi-me para a ponta mais sudoeste da ilha, onde supunha que ficava a casa de Bekim. A ilha era como um campo de golfe gigante: um terreno de vegetação rasteira com muros de pedra seca e muito poucas árvores. Não fosse o onnipresente ruído das cigarras, bem podia estar-se numa zona remota da Irlanda que sofrera uma inusualmente severa onda de calor. Os ilhéus eram magros e secos. Quase todos os edifícios que vi eram de pedra branca, com todas as portas, caixilhos das janelas, portadas, parapeitos de varandas e vedações pintados com o mesmo azul, como se na loja só houvesse uma cor à venda. Toda a gente na ilha era adepta do Everton.

Menos de quinze minutos depois, conduzia por um caminho cheio de buracos em direção a uma série de edifícios retangulares de cor branca, rodeados por um terreno rústico abandonado que delimitava uma prainha privada e perfeita. A casa de Bekim parecia o posto avançado de uma esquecida colónia francesa. Estacionei o carro nas traseiras à sombra e tentei telefonar a Prometheus a saber como ia com o telefone de Nataliya, mas vi que não tinha cobertura.

Por dentro, a casa era muito menos tradicional, com grandes salas, pavimento de madeira encerada e uma espécie de mobiliário *Eames* que parecia tirado de um episódio de *Mad Men*. Na parede, em lugar de destaque frente a uma enorme lareira, havia um belo quadro de Peter Howson que representava um jogo de futebol e que logo cobicei. Na sala de jantar, havia outro quadro de Howson, um retrato de

Henrik Larsson, pintado durante a sétima época em que estivera no Celtic, em 2003-2004, e também aquele me apeteceu ter. Aqui e ali encontrei numerosas esculturas modernas em mármore branco e granito negro polido, esculpidas por um artista chamado Richard King, que eram tão belas como agradáveis ao tato. Pareceu-me não haver televisão nem telefone, e muito pouco correio por baixo do capacho, ou noutro lado qualquer, para dizer a verdade.

Na cozinha, fiz café grego, sentei-me à mesa e folheei uns exemplares velhos do *Athens News*, um jornal de língua inglesa. Era uma leitura deprimente. Na maior parte das primeiras páginas viam-se fotografias a cores da polícia grega a carregar sobre os agitadores às portas do parlamento. Numa das primeiras páginas vi um tipo com aspeto de rufia com uma grande bandeira negra com um símbolo que se parecia um pouco com o logo da ONU, exceto que este, no interior dos ramos, tinha uma espécie de pequeno labirinto dourado que, na verdade, não era de todo um labirinto, mas uma suástica simplificada. Virei a página e encontrei outra fotografia, desta vez de um homem que vestia uma *t-shirt* preta com o mesmo sinal. Segundo a legenda, o homem pertencia à Ordem do Aurora Dourada, o partido político de extrema-direita. E de repente, percebi qual era o tipo de *t-shirt* que o agressor de Sara Gill tinha vestido. Era um neo-nazi, um fascista.

Bebi o café e pus-me a vasculhar a casa, que não parecia ter nada de interesse senão o peculiar gosto de Bekim pelas sopas *Heinz* e pelo esparguete enlatado. Tinha armários cheios dele. Estava eu a concluir que a viagem tinha sido uma perda de tempo quando a porta de trás se abriu e uma mulher que parecia um *hobbit* entrou na cozinha com um cesto de produtos de limpeza. Deu um grito e deixou cair o cesto quando me viu. Pedi-lhe desculpa por a ter assustado e expliquei-lhe que era amigo do Sr. Develi.

– Ele não aqui agora – disse a mulher, que se chamava Zoi. E logo percebi que ela não fazia ideia que o seu empregador tinha morrido. Achei melhor não lho dizer, pelo menos, de momento. O que eu queria era informações, não lágrimas. – Está a jogar futebol em Londres.

– Sim, eu sei – respondi enquanto lhe mostrava a chave de casa. – Foi o Sr. Develi que me deu esta chave.

Assentiu, ainda que receosa.

– Estou no continente, em Atenas, e o Bekim disse-me que podia passar por cá e ficar se tivesse oportunidade.

Mentir, não estava a mentir.

– Fica esta noite? – perguntou.

– Fico, se não houver problema. Só até amanhã.

– Quer que prepare a cama?

– Não, obrigado, eu faço isso.

Olhei em redor.

– Há muito que trabalha para ele?

– Limpo casa Sr. Develi desde que chegou à ilha. Oito anos. Gosta ilha Paros tranquila e pessoas deixa em paz. Maior parte habitantes não sabe que é futebolista famoso. Muito privado aqui. Como muitos ricos que vivem Antiparos.

Antiparos era uma ilha vizinha mais pequena que ficava a oeste.

Era estranho ouvir falar de Bekim no presente, como se não tivesse morrido. Claro que para aquela mulher, ele estava vivo e bem vivo.

– Bekim Develi. Família Goulandris. Tom Hanks. Sua mulher, Rita Wilson, grega. Todos gostam aqui porque ninguém sabe estão aqui. Muito secreto.

Perguntei-me como era aquilo possível dado o entusiasmo com que Zoi me falava da sua presença na ilha.

– Também cozinha para ele? Para o Bekim?

– Não, diz ser muito esquisito. Não gosta comida grega. Só vinho grego. Só pratos ingleses simples. Ovos, pão, alface. Trago-lhe essas coisas, mas ele prepara.

Parecia estranho ter uma casa de férias numa ilha grega e não se gostar de comida grega. A maioria dos turistas ingleses que iam para a Grécia subsistiam à base de hambúrgueres e batatas fritas.

– Posso cozinhar para si, se quiser, Sr...

– Manson. Scott Manson.

Peguei numa das fotografias que havia na cozinha e mostrei-lha. Era uma fotografia da equipa que nos tinham tirado no final da época passada, quando soubemos que tínhamos ficado em quarto lugar e íamos jogar a fase de qualificação da Liga dos Campeões. Não podia imaginar o que teria acontecido se tivéssemos ficado em quinto lugar. Bekim continuaria vivo?

- Veja, este sou eu.
- Sim – disse um pouco mais tranquila. – É você.
- Talvez vá até à aldeia esta noite e coma qualquer coisa numa taberna – respondi. – Por isso, não se preocupe.
- Não problema. Gosto cozinhar, mas é como senhor quiser.
- Ou posso fazer um prato de esparguete, como o Sr. Develi.
- Fez uma careta.
- Ui! Não entendo comer coisas de lata.
- Parece que é difícil trabalhar para ele.
- O Sr. Develi?
- Zoe franziu o sobrolho e abanou a cabeça.
- Homem maravilhoso – respondeu ela. – Ninguém teve melhor pessoa para trabalhar. Amável e generoso como ninguém. Outros que conhecem dizem igual.
- A sério? Pensei que tinha dito que aqui há muita privacidade.
- Tem amigos na ilha. Claro que tem. Há a mulher artista em Sotires, que é quem melhor conhece, acho. Senhora Yaros. Ela e Sr. Develi bons amigos. Ela escultora. Muitos escultores vivem Paros. Vinham por bom mármore, mas melhor mármore acabado, acho. Ela conhece Sr. Develi melhor que ninguém aqui.
- Gostava de falar com ela. Sabe se está em casa?
- Zoi assentiu.
- Vi esta manhã. No supermercado.
- Qual é a direção dela?
- Não sei, mas casa fácil encontrar. Sai daqui, esquerda, quase cinco quilómetros, passa garagem velha, direita, e casa em cima colina escarpada. Cinzenta e branca. Portão azul muito grande. E por vezes cão. Cão não é amigo, melhor esperar no carro por ela.
- Obrigado pelo conselho.

Terminei o café e voltei para o carro. Apesar de o ter deixado à sombra, o pequeno *Suzuki* parecia um forno. Liguei o ar condicionado, arranquei e dirigi-me em direção à garagem. Uns minutos depois, tinha passado o portão azul e subi uma colina inclinada e pavimentada pela qual o *Suzuki* teve de se esforçar. Não fosse o conselho por causa do cão, teria saído do carro. A subida acabava num jardim disposto em terraço, e apesar do ruído do motor, ouvi um som

parecido com a broca de um dentista. Por momentos, pensei ter confundido a casa. Depois vi uma oficina aberta e uma pessoa esguia com um fato-macaco azul e cheia de pó branco. Devido à máscara protetora, era difícil saber se se tratava de um homem ou de uma mulher. Estacionei numa garagem aberta e esperei pelo cão ou pela sua dona, mas como não apareceu nenhum deles abri a porta do carro com cuidado e chamei.

– Senhora Yaros? Desculpe ter vindo sem avisar. Chamo-me Scott Manson. Sou amigo do Bekim Develi.

Quando cheguei à oficina, a pessoa do fato-macaco tinha desligado o compressor de ar que fazia funcionar a pequena broca com a qual estava a dar forma a uma espiral de mármore belíssima que mais parecia caída do céu. Tirou a máscara e sacudi os cabelos louros de um ombro ao outro.

Reconhecia-a de imediato. Era Svetlana Yaroshinskaya, mais conhecida por Valentina.

Capítulo 43

– Que estás a fazer aqui? Não percebo. Isto é propriedade privada. O Bekim disse-te onde encontrar-me?

De alguma forma, Svetlana estava ainda mais bonita com aquele fato-macaco cheio de pó, embora isso pudesse ter que ver com o facto de já o ter desabotoado e deixar a descoberto o generoso decote. Abriu a boca para lhe dizer porque estava ali, mas ela não parecia estar para explicações.

– Foi muito indelicado da parte dele dizer onde encontrar-me. Podes dizer-lhe da minha parte que estou furiosa. Traiu a minha confiança.

As sandálias cor-de-rosa e as unhas dos pés pintadas eram a única concessão à sua feminilidade. Isso e o diamante que resplandecia no seu umbigo.

– Não foi o Bekim que me disse onde encontrar-te – respondi. – Foi Zoi, a sua empregada.

– E como sabias que estava aqui?

– Não sabia. Vim visitar a Senhora Yaros, mas encontrei-te a ti, Valentina. Sinceramente, estou tão surpreendido como tu. Pensava que a Senhora Yaros era grega, quer dizer, o nome soa a grego.

Assentiu.

– Gosto assim. Yaros é o diminutivo de Yaroshinskaya, o meu verdadeiro nome. E por favor, não me chames Valentina. Não em Paros. Aqui não sou Valentina. Chamo-me Svetlana.

– Está bem.

Levantei as mãos como que a render-me.

– Como queiras.

– Então, que fazes *tu* aqui?

Tal como Zoi, Valentina não fazia qualquer ideia de que Bekim Develi morrera. Por momentos, pensei dizer-lhe que tinha ido comprar uma escultura, usar isso como uma mentira piedosa, mas vestida com aquele fato-macaco cheio de pó parecia suficientemente dura e forte para aguentar o que tinha a dizer-lhe sem uma longa conversa de equipa.

– Estou aqui porque o Bekim morreu – disse sem rodeios. – Na

última terça-feira à noite, no jogo contra o Olympiacos, desmaiou e morreu no campo diante de vinte e cinco mil pessoas.

– Oh, meu Deus! Pobre Bekim. Não sabia.

– Deduzi que não.

– Vamos para casa.

Levou-me até uma pequena porta traseira, a que chegámos depois de passar uma piscina com uma forma estranha, e entrámos em casa passando por cima de um cão sonolento.

– A Zoi disse-me que o cão era muito feroz – comentei, hesitante.

– E era, mas está muito velho para tratar das tarefas defensivas.

– Conheço esse sentimento.

Segui-a por uma casa com muito poucos móveis e que me pareceu ser mais um museu do que presumi ser a sua obra. Passámos a sala de estar e entrámos na cozinha, onde ela acendeu um cigarro e começou a preparar um café grego. Ao pé do fogão havia uma fotografia de Svetlana em São Petersburgo junto a uma enorme estátua equestre de Pedro, o Grande. Tinha-a visto do autocarro da equipa durante a pré-época na viagem à Rússia, uma viagem que me tinha parecido um desastre. Claro que isso tinha sido antes de viver um verdadeiro drama futebolístico.

– Que aconteceu? – perguntou. – Um enfarte, suponho.

– Qualquer coisa assim. E havemos de continuar à espera da autópsia, receio. Em Atenas, anda tudo muito devagar. Em especial porque toda a gente parece estar em greve.

Assentiu.

– Lamento. Não fazia ideia.

– Começo a perceber por que razão o Bekim gostava tanto disto aqui – disse. – É como se não existissem jornais, Internet ou televisão.

Svetlana respondeu com um encolher de ombros e depois disse:

– A maioria das pessoas que vem viver para a ilha quer afastar-se do mundo – explicou. – Somos um pouco como os lotófagos da *Odisseia* de Homero, sabes? Depois de se comer o fruto, perde-se a vontade de ir embora. Não sei... eu, tal como a maioria dos ilhéus, só quero viver em paz e sossego. Hoje em dia, é só más notícias na televisão e nos jornais. Em Paros, procuramos não dar atenção ao que acontece em Atenas. É quase sempre deprimente.

»Imagino que a Alex esteja demasiado abalada para vir resolver as coisas. Por isso vieste tu.

Fixei-me num quadro emoldurado que havia na parede em frente, um bom retrato de uma mulher jovem que se parecia com Nataliya.

– Não estou aqui nem por ele nem por ela. Estou aqui por mim. E por causa da equipa. Não nos deixam sair do país até que a polícia se convença de que o Bekim não tem nada que ver com a morte de uma rapariga com quem teve relações sexuais antes de morrer. Uma russa que creio que conheces.

Svetlana soltou um suspiro que encheu a cozinha de fumo de cigarro e me fez desejar um.

– A Nataliya.

– Este retrato é dela?

– É.

– Foi encontrada no porto com um peso nos pés.

– Meu Deus!

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Pegou num toalhete de cozinha e ficou a limpá-los durante um bocado.

– Pobre miúda.

– Até agora, não dei o teu nome à polícia. Como um favor.

– Obrigada.

– Nem o teu nome, nem o teu número de telefone, de Skype e *email*. Não é que pense que servisse de muito, uma vez que não respondes.

– Aqui, não tenho cobertura. E também não tenho telefone fixo. O meu computador está a arranjar neste momento. Não sei o que se passa com ele.

Franziu o sobrolho.

– E a polícia pensa que o Bekim tem alguma coisa que ver com a morte da Nataliya?

– Qualquer coisa assim.

– Impossível. Sempre foi muito amável com ela. E gostava dele. Quase tanto como eu.

Tirou o quadro da parede e contemplou-o com tristeza.

– Alegro-me que assim seja, entre outras coisas porque estou a seguir umas pistas na esperança de lhe limpar a reputação. Pode dizer-

se que estou a fazer de detetive porque me pareceu que é impossível descobrir menos coisas que a polícia grega. Vim à ilha à procura de algo que me desse uma pista sobre como a mataram e porquê. E parece que estou no bom caminho. Encontrei algo.

– Ah, sim? O quê?

– Tu, claro.

– Eu? Não te sei dizer o que lhe aconteceu.

Voltou a pôr o quadro na parede e coçou um dos peitos com ar ausente.

– Talvez não, mas podes ajudar a dar um pouco de cor ao meu esboço. Se assim for, farei o impossível por que o teu nome não chegue à polícia.

– Tenho de lavar-me e descansar.

Desabotoou completamente o fato-macaco, deixou-o cair no chão e, nua, bebeu um gole do delicioso café que tinha feito. A chávena, e em especial o pires, faziam com que a informalidade da sua aparência se tornasse ainda mais sedutora.

– Não imaginas o calor que faz neste estúdio desde que o ar condicionado se estragou. Tenho pó espalhado por todo o corpo.

Seca ou molhada, Svetlana era a melhor vista a quilómetros em redor. Enquanto tomava o duche, estive a admirar as esculturas que rodeavam a piscina: elegantes peças de mármore e granito que tinham a qualidade dos objetos naturais – plantas, conchas, vida marinha –, e que por serem talhados em pedra, se tornavam ainda mais impressionantes.

Virei-me quando Svetlana se aproximava da borda da piscina, resplandecente e com uma toalha na mão. Deixou a toalha nas costas de uma cadeira de vime, mergulhou na água, deu umas braçadas e aproximou-se de novo da borda da piscina. Sentei-me numa cadeira perto dela.

Meteu-se debaixo de água durante uns momentos e quando saiu içou-se apoiando-se com os braços na borda – não me lembrava de ter os braços tão musculosos –, sentando-se ao sol como a Pequena Sereia.

– Diz-me então o que *achas* que sabes.

Disse-lho. Não demorou muito. Quase me senti envergonhado ao dar-me conta do pouco que sabia. É possível que o trabalho de

detetive seja assim. Não se sabe nada e, de repente, acha-se que se sabe tudo.

– A última vez que falei com o Bekim, foi há cerca de duas semanas – disse ela. – Mandou-me um *email* de Londres porque queria um encontro em Atenas. Disse-lhe que não podia porque tinha trabalho. E ele compreendeu. Por isso, é normal que tenha telefonado à Nataliya. Não, espera, tenho de voltar ao início, há cerca de seis anos. Não é que sinta necessidade de justificar-me contigo, Scott, não sinto, mas tenho consciência de que me fizeste um grande favor não dando o meu nome à polícia. Em troca, acho que tenho de contar-te absolutamente tudo.

Capítulo 44

– Em 2008, quando a recessão atingiu muito seriamente este país, parecia que alguns bancos iam falir. Como muitos outros russos, tinha o dinheiro no Banco de Chipre e, durante algum tempo, tive a sensação de que ia perdê-lo. A minha obra deixou de vender-se. A arte é sempre a primeira coisa em que as pessoas cortam, mas não foi o caso do Bekim, que tinha bom olho para a pintura e a escultura. Salvou-me da falência. Comprou-me várias obras e sugeriu-me uma maneira de obter dinheiro regularmente. Disse-me que mesmo na Grécia havia muita gente no futebol disposta a pagar por uma «GFE»³ com alguém que não fosse acompanhante profissional.

»De início, pensei que estava a brincar comigo, mas apresentou-me a uma inglesa que trabalha na Federação Helénica de Futebol, Anna Loverdos, e a um grego da UEFA com quem estava. Bem, a questão é que a ideia do Bekim lhes pareceu maravilhosa. Foi tudo ideia dele. Dizia que estávamos a fazer um favor a uma série de tipos que, de outro modo, se meteriam em problemas na Rua Sofokleous, que é o «bairro vermelho» de Atenas. O Bekim foi o primeiro, claro. Tinha a libido de um bode.

»A primeira vez que fui com outro homem foi um velho da FIFA. Tinha algo que ver com o Mundial do Catar. Eu era a cereja no topo do dinheiro que lhe tinham pago pelo seu voto. O sexo foi asqueroso, mas o dinheiro era uma maravilha. Pagaram-me cinco mil euros para passar o fim de semana com ele porque parte do dinheiro era para manter a boca calada. O tipo deu-me uma gorjeta de mil euros. Podia permitir-se fazê-lo, claro. Mais tarde, li na imprensa que o voto dele tinha custado mais de um milhão de dólares.

»Então, a Anna voltou a telefonar-me, e quando dei por isso, estava a telefonar-me uma ou duas vezes por mês. Pedia-me que me pusesse em contacto com algum futebolista ou agente da FIFA ou da UEFA. Pagavam-me dois mil euros por noite, dinheiro na mão. Disse para mim própria que prostituir-me não era assim tão mau para uma artista. Foder com uns quantos tipos não parecia tão mau como algumas coisas que Caravaggio ou Cellini tinham tido de fazer.

Fez um gesto de indiferença.

– Quando queremos, somos capazes de justificar tudo. Dizia a mim própria que a única coisa que me importava realmente era o meu trabalho e que se tinha de foder com algum rico para poder continuar a fazê-lo, fá-lo-ia. Não nego que houve ocasiões em que gostei. Principalmente quando era um jogador. Há coisas muito piores na vida do que dormir com jovens atraentes e em forma.

»Como disse, de início, o trabalho era a tempo parcial. Umas duas vezes por mês. Paguei todas as minhas contas. E ainda fiquei com dinheiro suficiente para comprar um pequeno apartamento em Atenas. Então, a Anna começou a telefonar-me um pouco mais frequentemente. Ao que parece, no futebol dinheiro não falta. Agentes, treinadores, jogadores, delegados e até alguns árbitros que queriam comprar antes de algum jogo importante. Por isso, arranjei outra russa para me ajudar quando estava ocupada. A Nataliya. Era muito mais profissional do que eu e também muito melhor no ofício. Se precisava de dinheiro, atendia eu o cliente. Se não, dava o trabalho à Nataliya e ficava com dez por cento. Parecia-me justo. É menos do que me pede o meu *marchand*. Acho que o Bekim a preferia a ela. Era mais aventureira do que eu. Quando vinha a Atenas, ou me telefonava a mim ou à Nataliya diretamente. Não o fazia com má intenção, claro. E recomendou-nos a umas quantas pessoas, incluindo tu.

»Com o tempo, deixei de o querer fazer. Vendi algumas obras a uma companhia de navios de cruzeiro e já não me apetecia tanto ganhar dinheiro a foder com tipos do futebol. Podes não acreditar, mas foste o meu último cliente. Só o fiz como um favor ao Bekim. Pagou-me adiantadamente e disse-me que não tinha de foder contigo se não quisesse fazê-lo, mas que eras um tipo simpático e sabias comportar-te. Enfim, só para que saibas, fi-lo contigo porque me apeteceu, mas em Paros isso nunca aconteceu. Nem com o Bekim. Quando estou em Atenas, sou a Valentina. Quando estou aqui, sou Svetlana Yaros, a escultora, coisa que nunca me causou problemas até hoje.

Apanhou o cabelo, fez um rabo de cavalo e escorreu-o.

– Espera-me aqui – disse ela.

Levantou-se e foi buscar, não a roupa ou um roupão, mas um cigarro à cozinha. E não o lamentei. Nem Calipso poderia ser tão

sedutora.

– Fala-me de Hristos Trikoupis – pedi.

– Ele falou-te de mim?

– Não, foi a Jasmine.

– Ah, a Jasmine, conheceram-se. Durante um tempo, tive uma história bastante regular com o Trikoupis. Queria que fosse sua amante, mas não me interessava. É demasiado peludo para o meu gosto. Como um animal. E o pior de tudo, é o hálito horrível que ele tem.

Torceu o nariz com desagrado.

– Jantávamos no Spondi e depois íamos para um apartamento que ele possui perto do estádio, onde tinha sexo com ele. Mas deixei de o ver e deixei também mais ou menos a atividade de acompanhante de VIP do futebol. Quando tu e eu fomos assistir ao jogo do Hertha, ele viu-nos e ficou furioso. Não era minha intenção irritá-lo, mas ficou cheio de ciúmes. Como se te odiasse realmente.

– Isso explica muita coisa – comentei. – Disse coisas muito desagradáveis aos jornais sobre mim antes do jogo. Pensei que era guerra psicológica, mas parece que estava enganado.

– Não sei, é possível.

– Quando foi que viste a Nataliya pela última vez?

– Em maio, creio. Tomámos uma bebida no Grande Bretagne com dois negros. Um jogador do Panathinaikos e o seu agente. Fomos jantar juntos a um restaurante chamado Nikolas tis Schinoussas, onde nos encontrámos com outro jogador, um romeno. Joga no Olympiacos. A seguir fomos a uma casa que o romeno tem em Glyfada e o agente voltou sozinho para o hotel.

Franziu o sobrolho.

– Vais pedir-me que recorde nomes, não vais? Mas eu sou má a fixar nomes.

– Tenta.

– O romeno era Roman não-sei-quê.

– Roman Boerescu?

Assentiu.

– E os outros? Os dois negros?

– Deixa-me ver... O jogador tinha um nome de anjo. Ah, sim,

chamava-se Séraphim.

Assenti.

– Séraphim Ntsimi. O Panathinaikos comprou-o ao Crystal Palace no verão.

– Se o dizes... Não faço ideia nenhuma. Só dormi com eles.

– E o agente?

– Tojo, acho que era assim que se chamava. Um tipo alto. Com a cabeça como uma bola de bilhar.

Assenti.

– Sim, sei quem é.

Fiquei em silêncio por um bocado.

– Que tal me estou a sair? – perguntou ela.

– Bem.

Fechou os olhos e virou a cara para o sol.

– Vais passar a noite em casa do Bekim?

– É essa a minha ideia.

– Que vais comer?

– Pensei que podia ir à procura de alguma taberna. E de cobertura para o telemóvel ou *wi-fi*.

– Não vais encontrar nada. Não em agosto. Todos os sítios razoáveis estão reservados. Por que não jantas comigo?

Encolheu os ombros.

– Tenho comida feita. Em geral, cozinho para dois e como o mesmo dois dias. Estás com sorte.

– Gostava, mas com uma condição: que vistas alguma roupa.

– De certeza? Há muitos que pagariam uma pipa de massa para ver uma mulher nua a cozinhar. Além disso, em casa nunca visto roupa, com exceção do fato-macaco. E não queria vesti-lo para jantar.

– Por hoje, talvez possamos abrir uma exceção – respondi. – Faz muito calor, admito.

3«GFE», acrónimo inglês por que é mais conhecida a «girlfriend experience», é um tipo de serviço em que a mulher atua como namorada ou esposa do cliente. (N. do T.)

Capítulo 45

Svetlana cozinhava bem e preparou uma variedade de deliciosos pratos gregos.

– É bom ter alguém com quem jantar – comentou enquanto servia um prato, e logo a seguir outro, num terraço que dava para um pequeno pátio cheio de blocos de pedra. – Quando estou aqui, vivo como uma monja.

Serviu-me um copo de vinho branco fresco e voltou a entrar em casa, o que me deixou só e a pensar. Por alguma razão, veio-me à cabeça Sara Gill. Ao mesmo tempo, pensava no futebol. A verdade é que estou quase sempre a pensar no futebol e, muitas vezes, quando o faço, recordo uma coisa que João Zarco costumava dizer. Era um pensador muito mais original do que a maioria das pessoas que conheço. É como se o estivesse a ouvir dizer:

«Estive a ler um filósofo grego chamado Zenão. Conhece-lo? Aquela questão da flecha em voo. É um argumento contra o movimento. Diz que o tempo é inteiramente composto de instantes, de modo que a cada instante não ocorre nenhum movimento. Tenho-me perguntado se esta forma de pensar poderia ser aplicada ao futebol e acho que sim. No futebol, tudo pode dividir-se em diferentes passagens do jogo, tal como no movimento da flecha. E cada passagem do jogo pode dividir-se nos seus momentos de transição, que é quando o jogo se torna decisivo: uma falta, um mau despejo da bola, um passe em profundidade. Esses momentos de transição podem ter a força da revelação quando se consegue captar o seu verdadeiro significado. É aí que se pode atuar sobre eles. E nisso consiste o futuro.»

Não posso dizer que naquele momento tive uma revelação, mas levantei-me da mesa e ergui o punho no ar. Houve algo que Svetlana tinha dito – nem sequer tinha a certeza do que era – que me tinha feito supor a identidade do homem que ajudara Thanos Leventis a agredir Sara Gill, o homem que a tinha violado e atirado à água do porto por pensar que estava morta.

Quando Svetlana voltou, trazia vestidas umas elegantes calças pretas e uma blusa de manga comprida a condizer e cheirava a perfume.

– Pareces satisfeito – observou.

– Se for o que penso, marcaria o ponto de inflexão desta viagem – respondi, voltando a sentar-me. – Nunca fui daqueles que se põe a felicitar a si próprio. Acho que os treinadores de futebol são todos iguais: acossados por pensamentos de como podiam ter sido as coisas. Por vezes, parece-me que há um tipo na minha cabeça que está sempre irritado comigo. – Suspirei. – Pobre Bekim. Esta podia ter sido a sua melhor época.

Sentámo-nos à mesa e começámos a comer.

– O teu apetite impressiona-me – disse, vendo-a comer um grande prato de mussaca. – Não há muitas mulheres que possam comer assim de consciência tranquila.

Sabia que não era necessário fazer um comentário piroso sobre a sua boa figura – ambos sabíamos que era soberba –, mas estava ansioso por continuar a garantir a sua colaboração. Svetlana tinha-me contado bastantes coisas, mas eu queria saber tudo.

Quando terminámos o jantar, ela acendeu um cigarro e, uma vez que era domingo à noite, a única noite em que me permitia fumar, acendi um também.

– Obrigado por este excelente jantar. E por teres evitado que passasse o serão sozinho. Ou ia a uma taberna ou abria uma lata de esparguete.

– Lata de esparguete?

– Os armários da cozinha do Bekim estão cheios disso.

– Sim, claro, ele adorava a comida inglesa. Sabes, acho que a última pessoa para quem tinha cozinhado foi a Nataliya. Ela esteve cá uns dias há cerca de seis meses. Coitada, estava a passar um mau bocado. Andava deprimida. Não tenho a certeza, mas creio que tinha tentado suicidar-se quando o namorado a deixou e foi para Inglaterra.

– Referes-te a um homem chamado Boutzikos?

– Nikos Boutzikos, sim.

– Então eram amigas?

– Não era só trabalho. Éramos... bem, digamos que nos entendíamos muito bem.

– Escuta, lembra-te que disseste que me contarias tudo – disse. – Para não dar o teu nome à polícia. Por isso, se não te importas, preciso

de saber tudo.

– Está bem. – Expirou o fumo pelo nariz como um dragão que expelia fogo. – Se queres mesmo saber, fomos para a cama as duas. Foi ideia dela. Gostava mais de mim do que eu dela. Só o fiz porque pensei que se sentiria melhor. E a verdade é que fui eu que me senti melhor. Fez-me vir como um comboio. O que é curioso, pois tive muito poucas experiências com mulheres.

Encolhi os ombros.

– Suponho que sabia o que fazia. Uma profissional como ela, não é? Afinal, sempre era o trabalho dela. Trios, quartetos, esse tipo de coisas.

– Fazes com que pareça feio.

– Não era minha intenção, mas para mim, é o que era: uma profissional. Como é que hei de descrever alguém que estava preparado para drogar os clientes?

– Disparate. Ela não era dessas.

– E o que achas tu que é isto? Pastilhas para refrescar o hálito?

Abri a aplicação Fotos no meu iPhone e mostrei-lhe a fotografia do Rohypnol que tinha encontrado na mala de Nataliya.

– Encontrei isto na mala de mão dela – disse.

Mas Svetlana continuava a negar com a cabeça.

– Interpretaste mal. A Nataliya não usava isso para arrumar os clientes. Não é assim que as coisas funcionam. Não, pelo menos ao nosso nível. Esses comprimidos são para ela. São antidepressivos. Uma da Praça Omonia, sei que o faria, mas a Nataliya, não. Cobrar mil euros por duas horas de GFE não é o mesmo que ser uma puta de rua.

Mostrei-lhe a fotografia a seguir.

– E suponho que a ceftriaxona fosse só para o caso de apanhar uma constipação.

– Às vezes, acontecem acidentes. É melhor estar preparado. – Franziu o sobrolho. – E como é que sabes tudo isso? Sobre o Rohypnol? Disseste que a polícia não tinha descoberto nada.

– Eles, não, mas eu, sim. Com a ajuda do meu motorista, o Charlie. Foi polícia. Convencemos o senhorio dela no Pireu a deixar-nos entrar no apartamento e andámos a vasculhar. Fiquei com a mala dela, por segurança. E fotografei o conteúdo, como podes ver.

Dei-lhe o telefone para a mão e deixei-a ver as fotografias que tinha tirado.

– De momento, a mala está em meu poder, mas a nossa advogada em Atenas diz que, mais cedo ou mais tarde, vou ter de a entregar à polícia.

Svetlana deteve-se na fotografia do iPhone de Nataliya.

– Nesse caso, a polícia vai acabar por querer falar comigo. É quase certo que encontram o meu número de telefone e umas quantas mensagens, suponho.

– Não necessariamente. Um dos meus jogadores ganhava a vida a piratear telemóveis. Pu-lo a tentar quebrar o código. Podia apagar uma ou duas coisas antes de o entregar.

– Percebo.

Passou à fotografia seguinte e franziu o sobrolho.

– Um momento – disse Svetlana.

– Que foi?

Virou o telemóvel e mostrou-me a fotografia de uma das quatro injeções de epinefrina.

– As EpiPen. Não creio que ela fosse alérgica a nada. Na realidade, tenho a certeza. Cozinhei para ela. Ter-mo-ia dito.

– O Charlie diz que não era para isso. Que na Grécia há pouco Viagra e estas injeções de adrenalina servem para ajudar alguns tipos a pô-la de pé.

– Disparates. Acredita, não há Viagra mais poderoso que uma rapariga de vinte e cinco anos como a Nataliya.

Com o dedo no ecrã do iPhone aumentou o tamanho da fotografia da EpiPen.

– Além disso, olha para o que está escrito na parte lateral da caixa. Está em russo. Isto não era dela. A EpiPen foi receitada em São Petersburgo. «A Bekim Develi.»

– O quê?

– Deve ter-lha tirado. *Ter-lhas.*

Passou-me pela cabeça que Bekim tinha estado a usar epinefrina como potenciador de rendimento, tal como a efedrina, pela qual Paddy Kenny tinha sido condenado quando jogava no Sheffield United em 2009. Comecei a pensar que o ataque cardíaco podia ter sido

provocado por ele próprio.

– Meu Deus, que idiota! – murmurei. – Devia utilizá-lo como estimulante.

– Bem, usava-a, mas não como pensas – disse Svetlana. – O Bekim podia ser muitas coisas, mas não era um trapaceiro. Suponho que saibas que ele sofria de uma alergia grave?

– Alergia? A quê?

– Ao grão-de-bico. Nunca viajava sem uma dessas injeções, pelo menos.

– Tens a certeza?

– Claro que tenho. Foi ele próprio que mo disse.

– Li o relatório do médico do clube antes de ele ser contratado. Não referia qualquer alergia.

– Deve ter mentido ao médico. Ou o médico concordou em encobri-lo.

– O nosso médico nunca faria uma coisa dessas. – Abanei a cabeça. – Mas grão-de-bico? Não pode ser muito grave.

– Em Londres, talvez não, mas na Grécia, sim. Aqui usa-se para o húmus. E para o caril, claro.

– Meu Deus!, isso explica o esparguete enlatado.

Svetlana acenou com a cabeça.

– Desde que o conheci que ele tinha cuidado com o que comia. Sobretudo na Grécia.

– Não é de estranhar que não quisesse que a Zoi cozinhasse para ele.

– Se comesse grão-de-bico, sofria um ataque anafilático.

– E sem a EpiPen, seria potencialmente mortal.

Acenou a dar-me razão.

– Mas de certeza que alguém sabia disso no anterior clube, o Dínamo de São Petersburgo. – Não o estava a comentar com ela mas comigo próprio.

– E se não disseram nada?

Deixou a pergunta no ar uns momentos antes de acrescentar o que estava a pensar.

– Isso teria afetado o valor da transferência, não é?

– De facto, teria comprometido a transferência.

– Conheço muito mais os russos do que entendo de futebol – disse ela. – Nunca permitiriam que um assunto médico fosse estragar-lhes algo que lhes ia dar muito dinheiro. E não só o seu antigo clube, mas o próprio Bekim. Estava feliz por ir jogar numa equipa inglesa importante. Os russos adoram Londres.

– Então, devem ter estado conluiados para que a contratação fosse para a frente – disse. – Ele e o Dínamo.

– E porque não? – respondeu Svetlana. – O vosso médico deve ter-lhe feito uma pergunta simples: é alérgico a alguma coisa? A única coisa que tinha a fazer era responder com um simples «não».

Dei uma grande passa no cigarro e apaguei-o. O sabor trouxe-me fortes recordações da prisão, quando um simples cigarro pode saber tão bem como um lauto banquete num bom restaurante.

– Agora, o mais importante é saber o que faziam as injeções na mala da Nataliya.

Svetlana não respondeu. Acendeu outro cigarro. E eu também. Havia muitos pormenores em que pensar, e todos eles desagradáveis.

– Isto é grave, não é? – perguntou ela, ao fim de um bocado.

– Receio que sim. Se a Nataliya levou as injeções, deve ter sido porque foi paga para isso.

– Por quem?

– Não sei, mas há quarenta e oito horas, um tipo da Unidade de Investigação de Apostas Desportivas, que faz parte da Comissão do Jogo em Inglaterra, perguntou-me se seria possível que tivessem feito alguma coisa ao Bekim, e apesar de lhe ter respondido que não, começo a pensar que me enganei.

– Fazer alguma coisa? A que te referes?

– Que tivessem viciado o jogo. Interferido. Drogado o Bekim como um cavalo. Que o tivessem *envenenado*.

Tentei lembrar-me do último almoço que tínhamos comido no hotel, preparado pelos nossos próprios cozinheiros segundo as orientações estabelecidas por Denis Abayev, o nutricionista da equipa: frango grelhado com muita verdura e batata-doce, seguido de maçã cozida e iogurte grego. Quanto a isso, nada a preocupar. Nem mesmo para alguém com alergia ao grão-de-bico. A menos que alguém, deliberadamente, tivesse introduzido o grão-de-bico na comida de

Bekim.

– Tem que ter comido alguma coisa com grão-de-bico antes do jogo – disse. – Não há outra explicação.

– Está bem, digamos que sim. Quanto tempo antes do jogo comeram?

– Três ou quatro horas.

– Nesse caso, é impossível. Quando se tem uma alergia, é quase instantâneo. O ataque anafilático ter-se-ia dado pouco depois. Nos aviões, por vezes avisam que não servem nozes para o caso de alguma pessoa ter alergia e inalar alguma coisa.

– Sim, tens razão, o que me leva a pensar que, para quem tenha alergia a nozes ou a grão-de-bico, uma só noz ou um só grão-de-bico pode ser tão potente como uma dose de cicuta.

– Mas porque é que alguém faz uma coisa dessas?

– É simples. Porque na noite em que o Bekim morreu, alguém na Rússia apostou em grande no nosso jogo. Hoje em dia, as pessoas apostam em tudo o que possa acontecer durante um jogo: algo que vá suceder nos dez minutos seguintes, no tempo em que ocorrerá o primeiro canto, em quem marcará o golo seguinte, no primeiro jogador que será substituído, em tudo. O que significa que alguém do Olympiacos, ou algum russo, terá, de alguma maneira, feito algo ao Bekim. Algo que sucederia nos primeiros dez minutos, como Bekim marcar e morrer. Tem de ter sido algo assim.

– Fazer algo. Agora estou a entender.

Consultei o meu iPhone, mas continuava sem cobertura.

– Merda – murmurei. – Precisava mesmo de fazer uns telefonemas.

– Não é possível – disse ela. – Não aqui. Mas posso levar-te a Naoussa, ao hotel Aliprantis, que tem boa cobertura. Tenho lá um amigo que até nos deixará usar a Internet se achares necessário.

– Receio bem que sim, Svetlana, se for como penso, não só assassinaram a Nataliya como também o Bekim.

Capítulo 46

Naoussa era um típico povoado costeiro grego, com ruas serpenteantes e calcetadas, edifícios baixos, brancos, cheio de turistas, ingleses na sua maioria. O ar era húmido, e das muitas cozinhas abertas que havia saía um forte cheiro a cordeiro cozido e a fumo de madeira. Dos pequenos bares e restaurantes chegava-nos uma animada música *bouzouki*, e apesar do vozeado em inglês, não surpreenderia ver Anthony Quinn, com a barba por fazer, a dançar ao virar da esquina. Uma linha de bandeirolas gregas ligava, de um lado ao outro, a pequena praça principal, e por detrás de um par de velhas oliveiras ficava a taberna do hotel Aliprantis.

Mal entrei no estabelecimento, verifiquei que tinha o sinal de cobertura com cinco traços no iPhone e começaram a chegar-me mensagens e *emails* como se fossem pontuações numa máquina de *pinball*. Pouco depois, tinha um pequeno círculo vermelho com o número 21 na aplicação Mensagens e outro com o número 6 na aplicação Correio, mas felizmente não tinha tantas mensagens de voz. Enquanto Svetlana me conduzia pelo restaurante até chegar ao pequeníssimo vestíbulo do hotel, soltei um suspiro porque a vida começava a entrar de novo nos eixos. O pior foi que tinha sido reconhecido por quatro *hooligans* que bebiam cerveja e estavam tão vermelhos como um mapa do antigo império britânico. A inocente atmosfera ferial do Aliprantis não tardou em dissipar-se quando os quatro começaram a entoar um típico estribilho desportivo inglês:

É vermelho,
Está morto,
Guardado num barraco,
Develi, Develi.

E, igualmente ofensivo, embora já tivesse ouvido a primeira parte:

Scott, Scott, violador do caralho,
Volta para a choldra,
Que se foda o Develi,

Sidoso russo de merda.

Svetlana falava em grego com o diretor do hotel, um tipo enorme e moreno, com uma barba que parecia um piaçaba, que depois me apresentou. Apertámos a mão e enquanto subíamos para o seu escritório, pois acedera a deixar-me fazer uns telefonemas e a enviar uns *emails*, pedi desculpa pelo que se ouvia claramente através do soalho. Por alguma razão, na frustrante semana que passara na Grécia, tinha-me conseguido esquecer que, quando querem, uns poucos adeptos ingleses conseguem ser tão desagradáveis como os piores do Olympiacos ou do Panathinaikos. O futebol é assim.

– Lamento muito – desculpei-me.

– Não, senhor, sou eu quem lamenta que o senhor e a sua equipa estejam a ter uma hospitalidade tão pobre no meu país. O Bekim vinha aqui imensas vezes tomar algo e os amigos dele, meus amigos são.

– Devia ter percebido que podia ser reconhecido. Tenho de me ir embora antes que haja problemas.

– Não, senhor, a *eles* é que vou pedir que saiam. Deixe-se estar, faça os seus telefonemas e envie os seus *emails*, que eu trato destes sacanas.

– Está bem, mas com uma condição: que eu pague o que eles consumiram.

Deixei uma nota de cem euros sobre a secretária do escritório.

– Assim, quando lhes pedir que saiam, pensarão que o jantar foi grátis e partirão sem causar problemas.

– Não é preciso.

– Por favor – insisti –, acredite, é a melhor maneira de resolver isto.

– Como queira, mas trago-lhe qualquer coisa para beber, está bem?

– Um café grego – respondi.

O diretor olhou para Svetlana, que pediu um *ouzo*.

Peguei no iPhone e comecei a ler as minhas mensagens.

Peter Scriven

Consegui

convencer diretor

Astir Palace a
deixar ficar a
equipa até sexta-
feira. Depois,
TEMOS de sair
sem falta.
Continuo à
procura hotel
alternativo.

Frank Carmona

Falei com Hörst
Daxenberger e
ESTÁ interessado
em assinar pelo
London City. Por
35 MILHÕES
EUROS é vosso,
mas têm de ser
rápidos. O
Dortmund
também está
muito interessado.

**Jim Brown, *Daily
Express***

Tem
alguma coisa a
comentar acerca
do rumor
aparecido no *El
País* que diz que o
xeque Abdullah
lhe fez uma oferta
para treinar o
Málaga C.F.?

**Louise
Considine**

Cheguei ao
Grande Bretagne;
belo quarto; mas

onde estás? xxxx

Simon Page

Boas notícias:
Ayrton Taylor
estará em
condições quarta-
feira. O
Prometheus
esteve fantástico
no treino hoje. Por
outro lado, o
Kenny Traynor
lixou o polegar. É
possível que
esteja partido. A
organizar tudo
para lhe fazerem
uma radiografia
amanhã de
manhã.

Charlie Arranjei

um cigano para
«encontrar» a
mala da Nataliya
e entregá-la à Dr.^a
Christodoulou
quando der
ordens para isso.
100 euros.

Lookers Land

Rover Enquanto
renovamos, a
Land Rover
Battersea mudou-
se para o n.º 44
da Weir Road,
Wimbledon SW19
8UG. Telefone

02072283001

para mais
informações. Para
deixar de receber
esta e outras
informações,
envie mensagem
para 66777 com o
texto OPTOUT.

Kojo Ironsi Falei
com Phil Hobday
sobre Kgalema
Mandingoane, o
guarda-redes do
Saint-Étienne, e
está interessado.
Diz que lhe
telefones hoje e
marques reunião
com Vik. Soube
que o Kenny está
lesionado!

**Maurice
McShane**
Tottenham
perdeu. Arsenal
perdeu. Crystal
Palace perdeu.
West Ham
perdeu. Burnley
em primeiro na
Premier League.
Devo estar
drogado.

Prometheus Falei
para um amigo
em Lagos e entrei
no telefone. Era

mais difícil do que pensava. Há que manter premido o botão de ligar até aparecer a opção desligar. Prima cancelar mas não solte o botão de ligar, percebe? Depois faz uma chamada de emergência, mas não deixe que atendam e, então, solta o botão de ligar só um instante. A seguir volta a premi-lo. Nesse momento, volta a aparecer a opção de desligar o telefone. Prima Cancelar e o ecrã fica negro, OK? Agora prima o botão de início e solte o botão de ligar ao mesmo tempo. Vê um clarão e já está no telefone, certo? Prima duas vezes o botão de início e o telefone é seu. Pode aceder às fotografias, tudo. A rapariga tinha um *email* na caixa de saída que é demasiado grande para lhe enviar por mensagem, mas vou-lho

reencaminhar.
Simon diz que
hoje treinei bem.
Estou desejoso
que chegue
quarta-feira,
chefe. Não vou
dececioná-lo. P.

Dr.^a

Christodoulou

Inspetor-chefe
Varouxis
telefonou-me.
Quer falar
consigo. Penso
que amanhã a
greve dos
médicos termina e
farão autópsia de
Bekim Develi e de
Nataliya. Não se
preocupe, não lhe
disse nada.

Louise

Considine Onde

estás, Scott?

Começo a
preocupar-me.
Amo-te. XX

Sarah Crompton

Podes dar uma
entrevista daqui a
dois dias ao
correspondente
para o futebol do
Daily Telegraph?
Chama-se Henry
Winter e é para o

seu blogue *Henry Winter's Google Plus Hangout*.
Gosto dele. É
inteligente. E já é
altura de teres
alguma
publicidade.

Phil Hobday Kojo
diz que faríamos
bem comprar um
guarda-redes
chamado
Mandingo. Que
achas? E que
história é essa de
ires para o
Málaga C.F.?

**Inspetor-Chefe
Byrne** John e
Mariella
Cruikshank vão a
julgamento dentro
de uma semana.
Estará em
Londres para
testemunhar? Por
favor, comunique-
me o quanto
antes.

**Viktor
Sokolnikov** Vem
jantar esta noite
no *The Lady
Ruslana*; Traz a
Louise; Vi-a no
Grande Bretagne.
Não sabia que

estava em
Atenas. Telefona
ao Russell
Gordon, o capitão
da embarcação, e
ele manda-te a
lança.

Paolo Gentile O

Málaga C.F.
procura novo
treinador. O dono,
o xequê Abdullah,
quer encontrar-se
contigo. O iate
dele, o *Al Mirqab*,
está ancorado em
Hidra. Enviará um
helicóptero a
buscar-te. O
xeque tem
grandes planos
para o clube e
quer um treinador
com visão de
futuro.

Pai Tenho de ser
hospitalizado para
exames de rotina.
Não te preocupes,
estou bem, só
queria que
soubesses. Os
Rangers vão em
primeiro no
Championship.
Estarão de volta
no próximo ano. x

Inspetor-Chefe

Varouxis

Consegui mais
imagens das
câmaras de
segurança.
Preciso que as
veja. Pode
contactar-me?
Mando-lhe um
carro ou vou ao
seu hotel.

No piso inferior, no restaurante, os cânticos tinham parado mas continuaram ainda por momentos na rua. Fui à janela e olhei para a praça. Vi os quatro culpados do alvoroço sentados na borda de uma fonte que havia frente ao escritório da Blue Star Ferries a beber e a fumar. Um deles vestia uma *t-shirt* que dizia *Keep Calm and Carry On*⁴. O outro usava uma que também tinha visto muitas vezes: *Lookin' to Score BRAZIL*⁵. Ficaram por ali um pedaço e, para alívio de todos, foram-se embora.

Peguei no iPhone e pus-me a escutar as mensagens de voz, mas muitas eram das mesmas pessoas e as mesmas mensagens – mais ou menos –, que já tinha lido. Não tinha largura de banda suficiente para descarregar o documento que Prometheus anexara ao *email*. O resto não tinha importância. Telefonei ao meu pai para me assegurar de que estava mesmo tudo bem. A seguir, telefonei a Louise.

– Olá! Desculpa não ter estado aí quando chegaste. Devia ter ido buscar-te ao aeroporto.

– Não faz mal. Onde estás? Começava a preocupar-me.

– Na ilha de Paros.

– Em Paros? Que foste aí fazer?

– Vim a casa do Bekim Develi para verificar uma série de coisas. E estou contente por o ter feito, porque está tudo muito mais claro agora.

– Então, já acabaste por aí, Sherlock?

– Já, querida, mas não vou poder regressar a Atenas até amanhã de manhã. Não há voos.

Ouvi risos em fundo.

– Onde é que estás tu? – perguntei.

– No iate de Viktor Sokolnikov – respondeu. – Convidou-me para jantar. Ele quer falar contigo.

Houve uma longa pausa e Viktor veio ao telefone.

– Scott? O que fazes em Paros? Devias estar aqui com a tua namorada.

Disse-lhe o mesmo que acabava de dizer a Louise.

– Paros fica a meia hora daqui. Mando-te um helicóptero agora mesmo. Vai para o hotel Astir, na costa norte, que tem um heliporto. O meu helicóptero recolhe-te lá. Numa hora estás aqui.

– Não é necessário dares-te a todo esse trabalho.

Apetecia-me ver Louise, mas sentia-me mal por me ter esquecido que chegava a Atenas. Além disso, a ideia de tomar um helicóptero à noite punha-me nervoso.

– Apanho o avião para Atenas amanhã.

Ao mesmo tempo, sabia que o mais sensato era voltar ao continente o quanto antes. Não podia continuar a adiar a explicação do que sabia à polícia. E não só: o *wi-fi* no *The Lady Ruslana* era tão rápido como na cidade e estava desejoso de ler o *email* que estava na caixa de saída de Nataliya. Parecia-me que seria uma peça-chave na identificação do assassino.

– Disparate! Não é trabalho nenhum – disse Viktor.

– Tens a certeza?

– Evidentemente. Escuta, podem passar a noite no iate. E a lancha leva-vos a terra de manhã. Combinado? Além disso, quero falar contigo sobre o alemão, esse tal Hörst Daxenberger. E sobre o guarda-redes do Kojo, o tal Mandingo. E contas-me também tudo o que descobriste desde que puseste o chapéu à Sherlock Holmes e acendeste o cachimbo com boquilha de sepiolite.

⁴ Tem calma e segue em frente. (N. do T.)

⁵ Espero faturar no Brasil. (N. do T.)

Capítulo 47

Voltámos ao carro de Svetlana e saímos lentamente de Naoussa, em direção a oeste pela baía, até Kolymbithres e ao heliporto do hotel Astir. Tínhamos muito tempo. O hotel ficava a poucos minutos e a única coisa que transitava pela estrada eram as lagartixas.

– Conheço o tipo do Loukis Rent-a-Car – disse ela. – Vou lá amanhã de manhã e digo-lhe que venha buscar o carro. A Zoi fecha a casa, sossega. Ela é de confiança.

– Não tive coragem para lhe dizer que o Bekim tinha morrido.

– Eu digo-lhe, deixa estar. Como será com a casa dele?

– Não faço ideia. Desculpa ter de partir tão de repente. Não passei muito tempo na ilha, mas é fácil de perceber porque gostas de estar aqui. É uma ilha maravilhosa. Prometo que tudo farei para evitar que o teu nome chegue à polícia, Svetlana. Mas para isso, terei de voltar a falar contigo. Amanhã, e nos próximos dias, vai até ao Aliprantis ou a outro lado onde possas receber as minhas mensagens e *emails*, está bem?

– Está bem, prometo.

Apertei-lhe a mão que levava na alavanca de mudanças.

Tínhamo-nos afastado uns dois ou três quilómetros de Naoussa quando reconheci dois homens que estavam a pedir boleia. Consultei o grande Hublot que levava no pulso e verifiquei que havia tempo suficiente para uma pequena vingança.

– Para – disse. – Conheço estes dois tipos.

– São os *hooligans* do hotel?

– Dois deles, pelo menos.

– Scott, não acho que seja boa ideia.

– Não, é uma excelente ideia. Tu, fica no carro, e se se dirigirem para ti, arranca e vai-te embora, está bem?

Svetlana não disse nada.

– Estou a falar a sério. Arranca e vai-te embora. Não penses duas vezes.

Tirei o relógio, pousei-o com cuidado no tabliê, apertei a camisa até ao colarinho e saí do carro. A estrada estava vazia e não havia ninguém nas imediações, o que se adequava aos meus propósitos. Ao

longe, via-se o brilho azulado do que provavelmente era a piscina iluminada do hotel Astir. E um pouco mais adiante, ou possivelmente no mesmo sítio, ouvia-se música. Parecia Pharrell Williams. Os dois tipos deitaram a correr até onde tínhamos parado – junto a uma oliveira retorcida –, pensando que tinham encontrado alguém que os levasse para casa. Mas pararam quando deram conta de quem éramos.

Caminhei em direção a eles à luz da lua, batendo palmas e cantando uma canção com a música de *Cwm Rhondda*, uma canção alegre e sarcástica que se pode ouvir em qualquer campo de futebol, em qualquer jogo da época.

– Não cantarás mais. Não cantarás mais.

O da *t-shirt* com a frase *Lookin' to Score BRAZIL* teria um metro e oitenta, era corpulento e levava um fio de ouro à volta do pescoço rosado e tantos brincos de ouro na tromba que parecia um campo de trigo recém-ceifado. O outro, o que levava a *t-shirt* que dizia *Keep Calm and Carry On*, era mais alto mas mais magro, tinha os lábios finos como cascas de batata e a testa enrugada num gesto de irritação e preocupação. Deitou fora o cigarro sem se importar minimamente com os incêndios florestais que costumam assolar esta parte do mundo. Só por isso, merecia um bom sopapo. Não eram os melhores nem os mais inteligentes, mas pareciam bastante duros.

– Amigo, não queremos problemas – disse o segundo.

– Não?

– Não, não queremos.

– Isso deviam vocês ter pensado quando estavam na povoação – respondi. – Não gostei do que estavam a cantar. São imbecis como vocês que dão mau nome ao futebol inglês, que o estragam à gente decente. Mas eu não estou aqui por mim. Estou aqui pelo meu amigo, Bekim Develi. Ele também não gostava dos vossos cânticos.

– Escuta, Manson, seu preto de merda, volta para a porra do teu carro e segue o teu caminho.

Sorri. Se tinha dúvidas sobre o que ia fazer, aquelas palavras tinham-nas dissipado.

– É isso exatamente o que este preto de merda vai fazer depois de tratar de vocês – disse, sem nunca parar de caminhar em direção a eles.

A única coisa que tinha aprendido na prisão era lutar com eles bem no sítio. É a única maneira como se *pode* lutar na prisão. Não tem nada que ver com as lutas de rua entre rufias, se é que isso se pode chamar luta, pois parecem mais chimpanzés numa pega, correm uns para os outros, empurram-se e gritam, recuam uns passos e voltam a começar, incitando todos a ver se há alguém que queira bater-se, a verificar as fraquezas e, como corolário, a saber onde atacar primeiro. Mas na prisão é rápido, antes que um guarda prisional tenha possibilidade de interferir e pôr fim à luta, e com tudo, o suficiente para infligir dor real, sem querer saber se fere ou não fere, pois não há tempo para pensar nisso. E quando uma pessoa se compromete, tem de se aguentar, aconteça o que acontecer. A outra coisa que se aprende sobre a violência na prisão é a manter os pés firmes no chão e a usar a cabeça e os cotovelos para visar algo pequeno, porque não há muito espaço numa cela ou num patamar para se lutar. E não há nada mais pequeno ou efetivo do que visar o nariz do outro.

Sem hesitar um momento, fiz da minha cabeça um ariete e dei um fortíssimo golpe no centro da cara do mais alto. Notei que algo cedia e ouvi um som parecido com o de um ovo a partir-se e o homem deu um fortíssimo grito de dor e caiu na estrada, agarrando-se à cara, o que significava que metade da luta estava terminada. Les Ferdinand teria tido orgulho em mim. Esse, sim, era um grande cabeceador.

Um já estava, faltava o outro.

O outro lançou-me um soco da direita que, se me tivesse acertado, teria feito estragos. Mas o tipo estava cansado e talvez bêbedo, e o soco parecia que vinha de Luton, num Airbus da EasyJet, com atraso, como não podia deixar de ser. Tive muito tempo para o bloquear com o antebraço esquerdo, o que me deu a maravilhosa oportunidade de lhe assestar um valente golpe no lado esquerdo da cara com o cotovelo direito. Provavelmente, o segundo golpe não teria sido necessário, mas dei-lho: uma martelada num dos lados do nariz que o fez cair como uma pilha de caixas de cartão. A intenção tinha sido dar-lhe com tanta força como feio era o que tinham cantado no hotel Aliprantis. Apesar do que lhes tinha dito, aquilo não era só pelo Bekim, mas também por todas as bananas que me tinham atirado e pelos insultos racistas e obscenos que me tinham chamado durante os

jogos. Fora de brincadeiras, não há ninguém na Barclays Premier League que não tenha contas a ajustar com algum grupo de adeptos. Basta perguntar a Eric Cantona.

Acabou tudo em menos de um minuto. Nenhum deles mostrava intenções de se levantar e ir à sua vida. Passou-me pela cabeça dar-lhes uns pontapés, mas logo abandonei a ideia. Saber parar é tão importante como saber começar. Nem sequer lhes disse mais nada. Já tinha dito tudo. Haveria de passar algum tempo até voltarem a ter vontade de cantar outra vez, pelo menos, disparates acerca dos mortos.

Voltei para o carro, desabotoei o colarinho da camisa, pus de novo o relógio com toda a calma e olhei-me ao retrovisor. Não me tinham feito nada. Nem sequer uma dor de cabeça.

– Arranca.

– Sentes-te melhor agora?

O vento voltou a trazer-nos a sua música longínqua. Sim, era Pharrell Williams.

– Sinto-me... – Sorri. – Sinto-me feliz.

E a verdade é que me sentia fantástico, como se tivesse acabado de marcar o golo da vitória num jogo importante. Parecia que até as cigarras me aplaudiam.

Capítulo 48

Assim que o helicóptero se ergueu por cima do hotel Astir, tirei os sapatos e as meias, apertei o cinto de segurança do assento de couro de cor creme e pisei com força o espesso tapete na intenção vã de me relaxar. No ecrã plano de televisão que havia sobre um armário de nogueira polida via-se um mapa de Paros e um indicador de altitude e outro de velocidade. Em minutos, a ilha tinha desaparecido sob um denso manto de nuvens púrpura e voávamos mesmo abaixo do teto dos cinco mil metros da aeronave em direção a noroeste e a uma velocidade de uns duzentos e quarenta quilómetros por hora. Aninhado num helicóptero de quatro milhões de dólares e equipado com todos os luxos concebíveis, deveria ter-me sentido confortável mas, em vez disso, estava mais nervoso que uma cobaia num laboratório. Abri o bar e servi-me um generoso copo de conhaque. Depois de uns momentos a estudar o nosso avanço no mapa, peguei no comando à distância e encontrei um canal da BBC que estava a dar futebol: jogava o Burnley contra um clube qualquer. Era-me indiferente. Que bem me sabia o conhaque.

Cerca de quarenta minutos depois, o Explorer pousava no convés do *The Lady Ruslana*, num espaço muito reduzido. Desci cautelosamente do helicóptero para o convés da embarcação que me pareceu do mais estável e reconfortante. Fui recebido por uma das tripulantes de Vik, que me acompanhou ao convés inferior onde pude gozar de uns minutos a sós com Louise num luxuoso compartimento.

– Tive tantas saudades tuas – disse Louise.

Abracei-a e beijei-a na nuca e na boca.

– Pareces tenso – observou Louise. – Preocupado.

Abanei a cabeça, mas era bem verdade. Parte de mim continuava no ar, fazendo companhia ao meu estômago, mas pensava sobretudo no meu iPhone: antes de responder à mensagem do inspetor Varouxis, queria ler o *email* de Nataliya que Prometheus me enviara.

– E sei o que é – acrescentou Louise. – Vejo essa cara quase todos os dias. É uma cara de polícia. E diz-me que descobriste um segredo obscuro que preferias não conhecer ou tens uma pergunta importante para a qual procuras resposta. Se te interessasses mais por mim, terias

visto que, às vezes, também eu tenho a mesma cara. Não faz mal. Na realidade, a culpa é minha. Devia ter percebido, antes de vir a Atenas, que terias a cabeça noutro lado.

– E eu devia ter sabido que consegues ler o que me vai na cabeça.

– Sou detetive, lembras-te?

Voltei a beijá-la.

– Alegra-me muito que tenhas vindo, mas tenho de fazer chichi.

No entanto, a primeira coisa que fiz na casa de banho não foi urinar, mas ver se conseguia abrir o *email* de Nataliya, uma vez que o sinal *wi-fi* era muito melhor. Irritou-me ver que estava escrito em russo e dei-me conta de que se queria saber o que continha, só havia duas pessoas no iate que mo podiam traduzir: Vik ou Phil. Não queria incomodar Viktor, por isso, decidi pedir a Phil uma tradução para antes do pequeno-almoço, altura em que teria de voltar a contactar a polícia grega.

Saí da casa de banho e voltei a beijar Louise, mas desta vez de corpo e alma.

– Muito melhor – disse ela.

– Desculpa.

– Ora! – respondeu, pegando-me no braço. – Vamos ter com os outros, ainda que esteja cansada. Viajei todo o dia. E o voo atrasou-se. Por isso, se não te importas, não ficarei muito tempo. Além disso, estou morta por dormir neste compartimento.

Sob as estrelas, sentados em sofás de cor creme com a forma de ferradura e gozando da brisa marinha da noite e de uma *magnum* de *Domaine Ott* de vinho rosé estavam Gustave Haak, Cooper Lybrand, Phil Hobday, Kojo Ironsi, os dois homens de negócios gregos que já vira noutra ocasião e várias acompanhantes que eram tão jovens e estavam em tão boa forma que pareciam membros da tripulação no seu dia de folga. Viktor apresentou-me os dois gregos. Cinco minutos depois já lhes tinha esquecido os nomes. Atendendo ao conhaque que já tinha bebido, pedi uma garrafa de água. Pareceu-me melhor tentar refrescar um pouco as ideias. Muito do que ia dizer a Vik e a Phil quando estivéssemos a sós não era fácil de ouvir e não queria estragar a noite a ninguém. Por isso, durante um pedaço, deixei que me gozassem com o rumor de que ia treinar o Málaga.

– Vais gostar da Costa del Sol – disse Phil. – É provável que seja o sítio onde têm o inverno mais cálido de toda a Europa. Tenho o meu navio ancorado lá próximo. Em Puerto Banús. É quase o único sítio de Espanha em que não se vê desemprego. Razão porque, provavelmente, gosto tanto daquilo.

– Deixa lá o inverno – disse Viktor. – Como é a equipa?

Phil encolheu os ombros.

– É de um árabe, não é, Kojo? Qual é a tua opinião?

– Do Málaga? – Kojo fez uma careta. – Está a ter um desempenho abaixo do esperado. Os catarianos compraram-na em 2010 e contrataram o Manuel Pellegrini para a treinar. Não começou mal. Ficaram em quarto lugar na La Liga. Conseguiu mesmo que a equipa se classificasse para a Liga dos Campeões pela primeira vez na história do clube. Mas é evidente que alguma coisa não estava bem, de contrário, ele não se teria ido embora para o Manchester City.

– Parece que eles precisam mesmo do Scott – disse Gustave Haak.

– É um homem cheio de recursos – observou Viktor.

– Também acho – disse Haak. – A última vez que falámos, andava a investigar a morte de uma prostituta no porto.

Por momentos, deixou de brincar com o cabelo de uma das acompanhantes.

– Não é verdade, Scott? E perto do meu iate, não foi?

Pareceu-me melhor evitar aquele assunto. Senti que o comentário de Haak levava a que pelo menos duas das acompanhantes que tinha a seu lado tivessem ficado com cara de preocupação. Educadamente, voltei ao assunto do Málaga.

– Não faço ideia de onde vem esse rumor – disse com paciência. – Provavelmente, do Paolo Gentile. Sabem como são os DEI dos agentes.

– O que é um DEI? – perguntou Louise.

– Também eu estava aqui a perguntar-me o que é isso – admitiu Lybrand.

– É o novo termo em voga para descrever uma arma de comunicação: um rumor concebido para destruir os esforços dos rivais. O futebol está cheio deles. De certo modo, são quase tão destrutivos como os Dispositivos Explosivos Improvisados no

Afeganistão. A maneira mais rápida de levar alguém a assinar pelo clube A é lançar o rumor de que esse alguém deixa o clube B para ir para o clube C. Inquietar os futebolistas é mais fácil que acordar um bebê. Basta acenar-lhes com dinheiro.

– E a melhor maneira de conseguir um bom preço por um futebolista é dizer que não está à venda em circunstância alguma – disse Viktor. – Não é assim, Kojo?

Kojo assentiu.

– Quando se quer alguma coisa, o melhor é nunca dizer nada até essa coisa estar feita. E às vezes, nem assim.

– Sabes, Scott, estamos muito contentes com a maneira como estás a conduzir a equipa – disse Phil. – Tens a nossa total confiança. Não é verdade, Vik?

Vik riu-se e acendeu um charuto.

– Agora é que o deixaste preocupado.

– Eu sei, por isso é que o disse.

– Desculpe-nos, Louise – disse Vik. – Quando o Scott está cansado e à nossa mercê, aproveitamos. É raro conseguirmos meter-nos na conversa. Estamos acostumados a ouvi-lo falar das possibilidades da equipa ou a desvalorizar as suas deficiências.

– Sobre tudo da segunda – disse Phil com azedume.

Louise pegou-me na mão, apertou-me com carinho e beijou-me a ponta dos dedos.

– Bem, a verdade é que também estou cansada. Por isso, se não se importam, vou-me deitar. Foi um dia longo.

– Eu vou já – disse.

Louise olhou para mim e sorriu.

– Não, a sério – disse.

Educados, os homens levantaram-se.

– Vão falar de futebol – disse Louise.

– Não, não vamos.

– Sim, claro – respondeu Louise. – Até já.

Mas aquela foi também a deixa para Haak, Lybrand, os dois gregos e a maior parte das acompanhantes tomarem a lancha e voltarem a terra ou ao iate de Haak, o *Monsieur Croesus*. E quando o resto das raparigas se retirou também para onde lhes foi dito que passariam a

noite no *The Lady Ruslana*, fiquei a sós com Vik, Phil e Kojo.

Fez-se um longo silêncio.

– Talvez alguém me possa esclarecer – comentou Kojo – De que raio vamos falar senão de futebol?

Capítulo 49

Os efeitos do conhaque começavam a passar-me. Ou talvez fosse a brisa marinha que me estava a fazer bem. Precisava de um pouco de ordem. Sentia-me como se estivesse a dar toques com uma bola de golfe.

Do iate, a costa grega parecia outra galáxia. E para aqueles que estavam na esfera de influência de Viktor, podia muito bem tê-lo sido. Desemprego, crise financeira, greves, tudo situações que estavam mais afastadas de um iate como o *The Lady Ruslana* do que os dois ou três quilómetros de mar negro que nos separavam de terra firme. Mas apesar de tudo, tinha começado a gostar dos gregos e quase me sentia culpado por estar a bordo do palácio flutuante de Viktor.

Começava a pensar com clareza e, durante uns momentos, falámos do próximo jogo contra o Olympiacos e de como tinha pensado enfrentá-lo.

– Não confio em táticas – disse. – Nem quando existem as melhores condições. Nos jogos de futebol as coisas não costumam ter pés nem cabeça. Lembram-se do tão badalado *trivote*, esse triângulo de pressão que Mourinho usava no Bernabéu? Nunca funcionou. Jorge Valdano, o diretor desportivo do Real Madrid, dizia que era uma merda espetada num pau, lembram-se? Mas tenho uma estratégia para o jogo. É uma ideia que já usei. Não tenho um nome chique, como o Mou, mas se tivesse de dar-lhe um chamar-lhe-ia «darwinismo futebolístico». Estive a ver alguns dos últimos jogos dos Vermelhos e reparei no jogador mais fraco, o seu médio, Mariliza Mouratidis. É mais jovem que os outros. A mãe está num hospital grego. Por isso, penso que deve ter a cabeça noutro sítio. Eu teria se a minha mãe estivesse num hospital grego.

Fiz uma pausa porque me lembrei de que o meu pai também estava hospitalizado. Depois, continuei.

– Mas há algo mais. A maioria dos futebolistas quer a bola. O Mouratidis só quer ver-se livre dela. É como se não quisesse responsabilidades. Por isso, quando o Mouratidis receber a bola, vamos entrar sobre ele com o dobro da intensidade e o dobro da rapidez e, se possível, com mais do que um dos nossos. Resumindo,

vamos carregar sobre ele como uns valentões e tentar desmoralizá-lo. Podem ver isso nas galinhas às vezes. Reúnem-se à volta da mais fraca e bicam-na até morrer. O meu palpite é que ou ele cede à pressão ou, o que é mais provável, reage. E com alguma sorte, é expulso. Depois da primeira mão, não temos nada a perder.

– Gosto da ideia – comentou Vik entre risinhos.

– Que grande sacana me saíste, Scott – disse Phil.

– Não – respondi. – O que quero é ganhar este jogo custe o que custar. Fazê-los pagar por todos os problemas por que passámos desde que aqui chegámos.

Depois falámos dos benefícios de comprar Hörst Daxenberger e Kgalema Mandingoane, o que foi bom, porque atrasámos a conversa acerca do que se tinha realmente passado com Bekim Develi. De todos os presentes, Vik era quem conhecia o russo há mais tempo e gostava muito dele. Não me apetecia contar-lhe que o amigo tinha sido envenenado.

Convencê-los a comprar o Daxenberger foi fácil: era muito forte com a bola, mas também sem ela. O tipo de jogador que atua como um talismã. Thierry Henry era um pouco assim. O Arsenal era sempre uma equipa diferente quando ele estava em campo. Não só porque era muito habilidoso – todos os futebolistas profissionais o são – como tinha mais qualquer coisa. Napoleão sabia o valor de ter generais afortunados. E sorte era coisa que Thierry tinha, e muita. E isso contagiava os outros jogadores. Não era preciso benzerem-se ou recitarem uns versículos de um Alcorão imaginário quando ele estava em campo.

Quanto à compra de Mandingo – não gostava de lhe chamar assim, mas verifiquei que era uma perda de tempo argumentar contra isso – era mais complicado, e por isso é que Kojo tinha descarregado para o seu iPad as melhores defesas do guarda-redes, incluindo a que eu tinha visto fazer contra o Estugarda na sexta-feira à noite. Tinha de admitir que a sua capacidade me impressionou. E quando recebi outra mensagem de Simon a dizer que, apesar de Kenny poder jogar na quarta-feira com a ajuda de analgésicos, era quase certo que o rapaz tinha o polegar partido, desapareceram-me as dúvidas de que era preciso comprar o africano. Agora precisávamos de outro guarda-redes

com urgência.

Quando, por fim, concluímos que devíamos comprar ambos os jogadores, enviei uma mensagem a Frank Carmona a oferecer um pouco menos pela transferência do que aquilo que me tinha dito. Por seu lado, Kojo, visivelmente satisfeito e agitando o seu mata-moscas, afastou-se para um canto para telefonar a Mandingo, que estava em Saint-Étienne, a dar-lhe a boa notícia de que era provável que tivesse um novo clube.

– Parece feliz – comentou Phil.

– E não houvera de estar! – disse eu. – Imagina a comissão que vai cobrar ao pobre rapaz. Futebol, hem? É a única forma legal que resta de se comprar um escravo.

Viktor assentiu de forma ausente, o que me pareceu significativo. Por isso lhe perguntei:

– Decidiste aumentar a tua participação na Academia King Shark, Viktor?

– Na realidade, decidi comprar tudo. A partir de agora, seremos os primeiros a escolher os jogadores da academia.

– Então, a comissão pelo Mandingo... ficas tu com ela?

– É verdade.

– Temos de dizer-te uma coisa, Scott. Pode custar-te aceitá-lo, pelo menos de início, mas hás de acostumar-te. Vik?

– O Kojo vai ser o nosso novo diretor desportivo – disse Vik. – Será ele quem tomará as decisões sobre os novos jogadores.

– Ele ou tu?

– Temos sorte. Ele conhece os jogadores melhor que ninguém. Além disso, vem com o pacote da King Shark. De certa maneira, conseguimos os serviços dele por quase nada.

– A partir de agora – acrescentou Phil –, terás de falar sobre as novas contratações com o Kojo.

Mordi a língua. Não estava preparado para lhes dar argumentos para que me despedissem.

– Diz-me, avançaste alguma coisa na tua investigação sobre o assassinio? – perguntou Vik. – Por isso é que foste a Paros, não foi? À procura da casa do Bekim?

Enquanto tentava superar a irritação que Kojo me causava por ser

ele a ocupar-se de um aspeto do meu trabalho que qualquer treinador espera ser ele a fazer, assenti. No entanto, continuava sem ver razões para lhes falar de Svetlana.

– Fiz bastantes progressos. Creio que estou prestes a ter um momento de revelação. Ontem à tarde descobri que a jovem que encontraram na marina de Zea se chamava Nataliya Matviyenko. Vivia no Pireu com o namorado, ou porventura marido, um tipo chamado Boutzikos. Era uma acompanhante, uma prostituta de alto nível. Nascida em Kiev.

– Excelente – disse Vik. – Mas como é que descobriste tudo isso?

– Talvez seja melhor não dizer nada – respondi. – Por agora.

– Compreendo.

– Afinal, só a equipa técnica e os jogadores é que estão proibidos de deixar a Grécia neste momento. Tu e o Phil podem ir-se embora quando quiserem. Para não falar do novo diretor desportivo. Talvez seja melhor deixarmos as coisas como estão.

– É possível que tenhas razão.

– Talvez consiga descobrir mais coisas sobre Nataliya, e possivelmente até sobre quem a matou, quando alguém me traduzir o seu último *email*. Uma mensagem que ficou na caixa de saída do telemóvel. Por alguma razão, não foi enviada.

– Tens o telemóvel dela? – perguntou Vik.

– Tenho não só o telemóvel como a carteira.

– Estiveste muito ocupado – comentou Vik.

– Ouçam, acho que deviam preparar-se para um choque. Lamento ter de ser eu a dizer-vos, mas o facto é que tenho quase a certeza de que Bekim foi assassinado. Na mala de Nataliya, havia algumas EpiPens, injeções com uma dose de epinefrina para quem tem alergias graves a algo que possa provocar ataques anafiláticos. *Pessoas como Bekim*. Essas EpiPens tinham-lhe sido receitadas a ele. Por alguma razão, essa rapariga, a Nataliya, levou-as quando deixou o *bungalow* do Bekim no Astir Palace, na noite antes de morrer. Acho que lhe pagaram para as roubar. Foi alguém que fez algo ao Bekim no dia do jogo. O mais provável é que tenha sido a mesma pessoa que fez uma aposta choruda que tinha que ver com o resultado do jogo ou com algo que ia suceder durante o mesmo. Ainda tenho de descobrir qual

foi a aposta. Parece que foi alguém na Rússia. Pelo menos, foi o que o meu contacto na Comissão do Jogo me disse.

– Espera aí – disse Vik. – Estás a dizer que o Bekim morreu de... por causa de uma reação alérgica? Que não foi um enfarte?

– Não, o que estou a dizer é que muito provavelmente o enfarte foi o resultado de um ataque anafilático. E isso podia ter sido evitado se soubéssemos que era alérgico.

– Há muitos anos que conhecia o Bekim – disse Vik. – Nunca me tinha dito nada. E a que era ele alérgico?

– Ao grão-de-bico.

– Ao grão-de-bico? Estás a brincar! De certeza?

– Absoluta. Não é nenhuma brincadeira. Não sei se uma alergia daquelas seria grande problema em Inglaterra, mas na Grécia... Bem, o grão-de-bico faz parte da dieta corrente aqui. Não faço ideia porque decidi comprar uma casa de férias na Grécia, onde o risco era muito maior.

Encolhi os ombros.

– Mas o Bekim era assim.

– Isso explica porque nunca vinha comer caril – disse Phil. – Os indianos também o usam. Lembram-se, no final da época passada, que reservámos o Red Fort para jantar? No Soho? Ele não quis ir.

– Tinha-me esquecido disso – disse. – Seja como for, não sei o que vai revelar a autópsia. As alergias provocam sintomas que se podem confundir facilmente com algo tão comum como um enfarte. Em qualquer caso, tenho a certeza de que foi isso que o matou. Alguém lhe pôs grão-de-bico na comida. Uns gramas apenas. Receio que para alguém como o Bekim, esses gramas foram tão fatais como se o tivessem envenenado com polónio.

Vik estremeceu.

– Essa é uma palavra que nenhum russo que viva no estrangeiro gosta de ouvir – disse ele.

Sorri para mim mesmo. A minha notícia tinha-os surpreendido muito mais do que imaginara.

– Porque é que os médicos da equipa não descobriram isso? – perguntou Phil. – Fizeram asneira ou quê?

– Não necessariamente – respondi. – Não fazem exames para

detetar alergias. Devem ter-lhe feito uma pergunta durante o exame clínico e pronto. O que penso é que alguém do Dínamo de São Petersburgo escondeu isso para garantir que a transferência do Bekim para o London City correria bem em janeiro. E quase de certeza que foi feito com a conivência do jogador.

– Acho que já sei quem foi – disse Vik. – Semion Mikhailov, o coproprietário do clube.

Alegrei-me por não ter sido eu a dizê-lo. Ninguém gosta de ter de dizer ao seu multimilionário chefe russo que lhe tinham vendido gato por lebre.

– Claro – acrescentou Phil. – Esse sacana desse manhoso devia-te dinheiro, não devia? E ficaste com o Bekim como parte do que te devia.

Vik assentiu com um ar sombrio.

– O que o torna no principal suspeito de o ter envenenado. O Semion Mikhailov gosta muito de apostar em grande. Mas como todos os que apostam grandes somas, prefere jogar pelo seguro. Quem melhor do que ele para se aproveitar de termos um jogo aqui em Atenas para a Liga dos Campeões? Scott, tens o telefone da rapariga?

Procurei o *email* que Prometheus me tinha enviado para o iPhone e dei-lho a ler.

– O telefone, não, mas este é o último *email* que ela ia enviar. Se reparares nos destinatários, parece que era para várias pessoas.

– Não me engano se pensar que a polícia não tem ainda esta informação? – perguntou Vik.

– Não, não te enganas, mas só até amanhã.

Consultei o relógio. Eram quase duas horas.

– Ou, para sermos mais exatos, hoje. Terei de entregar a mala de Nataliya e o seu conteúdo ao inspetor Varouxis mais para o fim da manhã. Uma vez que isto já se tornou numa investigação de homicídio, a nossa advogada, a Dr.^a Christodoulou, considera que não é nada recomendável esconder provas à polícia por muito mais tempo.

– E tem razão – murmurou Phil. – Podes ir para a prisão por uma coisa dessas. Podemos todos. Isto é grave, Scott. Devíamos telefonar à polícia já. Viktor, não leias isso. Se o fizeres, tornas-te cúmplice de qualquer violação da lei que tenha ocorrido.

No entanto, Vik já tinha começado a ler o *email*.

– Escuta, Phil – disse eu. – A minha intenção é pôr uma bomba no cu da polícia grega e acho que este *email* o fará. Depois, concentrarei toda a minha atenção no jogo de quarta-feira. Quero entrar na esquadra da polícia esta manhã com provas suficientes para que a investigação se resolva rapidamente. Se possível, quero dar-lhes inclusive o nome da pessoa que mandou Nataliya tirar as injeções ao Bekim. Porventura, até a identidade dos tipos que a atiraram para a água do porto com um peso no tornozelo. E vão ter de me ouvir, porque também tenho provas que poderiam ligar este caso aos antigos assassínios. Acontece que não é a primeira vez que atiram uma rapariga para as águas da marina. Em 2008, aconteceu algo semelhante. O tipo que foi detido por esses crimes tinha um cúmplice que nunca foi apanhado. E sei quem é. Com um pouco de sorte, o nome dele está no *email*.

– Meu Deus! – disse Phil.

– Que diz, Vik? Leva-nos a algum lado?

– Sim e não – respondeu Vik. – O *email* que ela ia enviar... parece ser uma nota de suicídio.

Capítulo 50

– De que estiveram a falar? – perguntou Louise.

Vestia uma camisinha de noite que recordava o crepúsculo de uma deusa erótica. Apoiada sobre um cotovelo na cama, observava o meu rosto com atenção em busca de pistas.

– Com o Phil e o Vik. De certeza que não foi só de futebol.

Neguei com a cabeça que tinha sobre a almofada.

– Não te despediu, pois não?

– Não, mas é quase pior do que isso.

Expliquei-lhe que Konjo Ironsi passava a ser o novo diretor desportivo do clube.

– E o que implica isso?

– Que vamos começar a ter muito mais jogadores africanos na equipa. Mas suspeito também que o Vik quer tomar todas as decisões futebolísticas. Acha que é mais fácil manejar o Kojo do que a mim. Pelo menos, para comprar e vender jogadores.

– E não está enganado, pois não?

– Que queres dizer?

– Ora, Scott! Estavas contra a venda do Christoph Bündchen. E contra a compra do Prometheus. Lembro-te que até te opuseste à compra do Bekim Develi. De certeza que há mais alguém, alguém de quem não estou a par, mas cuja compra ou venda o Viktor queria fazer e tu foste contra a ideia. Fizeste-o sentir estúpido. É algo muito teu, às vezes.

Pensei um momento no que ela acabava de dizer.

– Não queria vender o Ken Okri ao Sunderland, suponho. Ou perder o John Ayensu.

– Ora aí tens. O dinheiro é do Viktor Sokolnikov, Scott. Devias esforçar-te por ter isso presente. O London City é o seu brinquedo, não teu. Como este estúpido iate.

– Estúpido, porquê?

Disse aquilo, mas sabia que ela tinha razão, que era uma verdadeira estupidez.

– Como forma de perder grandes somas de dinheiro, não há muito melhor do que ter um superiate. A não ser um clube de futebol da

Premier League. Acho que os clubes de futebol são o maior elefante branco que qualquer multimilionário pode comprar. Ou um mamute branco.

– Não sei. As leis da economia funcionam de outra maneira quando aplicadas ao futebol. Às vezes, penso que o Keynes devia ter escrito um capítulo especial sobre as equipas de futebol. Nos clubes grandes, as perdas e os lucros nem sempre são o que parecem.

– É possível, mas não serás o primeiro treinador que não pode comprar ou vender os jogadores que quer, ou não é assim? O Mourinho não tem um problema semelhante com o Abramovich no Chelsea? Pelo que li, não foi o Manchester United que lhe negou a compra do Wayne, foi o russo.

– De repente, passaste a estar muito bem informada.

– Escuta, se não escolhes um jogador, não podes ser responsabilizado por ele não meter golos. Não foi o Mourinho que comprou o Fernando Torres, portanto, não o podem culpar quando falha. Pensa nisso, de algum modo livra-te da força em que os jornais penduram os treinadores.

– É possível.

– Claro que sim. Permite-te concentrar no que sucede no terreno de jogo. Esse é o teu verdadeiro trabalho. Meu é que não é.

– Acho que tens razão.

– A propósito, como é que te sentes a fazer o meu trabalho?

– Não sou um detetive perfeito, isso, não.

– Ninguém o é. Pelo menos, não como o mostram na televisão. Nem com pistas e tudo o que elas proporcionam. É preciso tempo para resolver os casos.

– Na verdade, Louise, descobri bastantes coisas. Mas tinhas razão no que disste antes, quando desci do helicóptero: há algo que preferia não saber.

Contei a Louise tudo o que sabia.

– Agora, só tenho de encaixar as peças.

– Que fim de semana tão produtivo. A maior parte dos polícias descansa ao sétimo dia, até os que estão de serviço. Mas parece que tu estás prestes a resolver o caso. Estou impressionada.

– Continua a haver muitas coisas que não sei.

– Vai-te habituando – respondeu Louise. – Mesmo quando um caso chega a tribunal, acabas por descobrir que não sabes tudo. É impossível. O truque está em saber o suficiente para garantir uma condenação. Acontece com frequência mandarmos tipos para a prisão sabendo apenas metade da história.

– E eu não sei – respondi.

Louise encolheu-se, como que a pedir desculpa.

– Acho que a questão é saber se Nataliya se suicidou realmente ou se alguém a obrigou a escrever aquele *email*. Afinal, não parece assim tão estranho que tenha decidido atar um peso aos tornozelos e atirar-se à água, uma vez que se sentia deprimida por ter participado no homicídio do Bekim.

– Todos os suicídios são *sui generis*.

– Se soubesse o que isso significa, dir-te-ia se estou ou não de acordo contigo.

– Que é único no seu género. Além disso, disseste que a Nataliya era dada à depressão. E não tinha as mãos atadas. E tirou-lhe as injeções. Traiu-o. Sentia-se culpada por isso. Não me parece improvável de todo. Apenas triste. A verdadeira questão está em saber quem lhe pediu que cometesse o roubo. A propósito, antes de ires ter com esse polícia grego, devias arranjar alguém que te traduzisse em condições aquele *email*. Pedir isso ao Viktor é como pedir à raposa que fique a guardar o galinheiro.

– Dizes isso por serem ambos ucranianos?

Louise encolheu os ombros.

– Aí tens. E afinal, contratar o serviço de acompanhantes não é uma coisa que lhe seja estranha. Aquelas raparigas desta noite, por exemplo. Não sei se reparaste, mas não estavam ali para pedir um donativo para a Cruz Vermelha. Não achas um pouco suspeito?

– Não sei o que pensar dele. O que sei é que não volto a tentar resolver um crime enquanto treino uma equipa. Ninguém parece estar agradecido pelo que fiz. Pelo contrário, é como se fosse eu quem lhes criou o problema.

– Já to disse: vai-te habituando. Como polícia, às vezes, a única recompensa por tentarmos fazer o nosso trabalho é sermos tratados como criminosos. Olha o que aconteceu com o caso de Hillsborough. A

sério, parecia que tinha sido a polícia que tinha morto todos aqueles pobres adeptos. Sim, é verdade, fizeram asneira. Sim, eram estúpidos. Mas não eram assassinos.

– Achas que posso acabar numa prisão grega por algo do que fiz?

– Agora é um pouco tarde para começares a pensar nisso, meu querido. – Encolheu os ombros. – Levar a cabo uma investigação ilegal, subornar uma testemunha, reter provas, que foi aquilo que fizeste, é grave, Scott. Até poderiam argumentar que a tua atuação lhes obstruiu a sua própria investigação. E a verdade é que poderiam ter razão.

– Bolas, tens de me ajudar, Louise. És polícia. Aconselha-me. Que digo ao inspetor-chefe?

– O que queres saber é como evitar que ele se sinta um palerma?

– Exatamente.

– Acho que ia menos pelo «Desculpe, mas pareceu-me que não estavam a fazer grande coisa para resolver o caso, por isso, decidi avançar e ajudar-vos, meus pobres idiotas» e mais pelo «Desculpe, mas deparei-me com alguma informação que acho que poderia ser importante para a vossa investigação e pensei que o melhor era comunicar-lha o mais cedo possível». Qualquer coisa assim, poderia funcionar. Têm uma advogada grega, não têm? Leva-a contigo. Pedelhe que seja ela a dizê-lo em grego.

– Não, não creio que seja boa ideia. Não gosta muito da polícia.

– Ninguém gosta. Ou já te esqueceste disso?

– É verdade, mas ela é advogada. Supostamente, estão do mesmo lado.

– Receio que isso só seja verdade metade das vezes.

– O meu maior problema é este: não sei como dizer ao inspetor Varouxis que a Nataliya se suicidou sem revelar também que é provável que o Bekim tenha sido assassinado. O mais provável é que ele continue a reter a equipa na Grécia tanto pela morte dela como pela morte dele. Estou a conduzi-lo para uma linha de investigação que, a longo prazo, não nos ajuda em nada. Só muda no seguinte: metem-no-lo na boca em vez de no cu. Mas continuam a foder-nos.

– Que jargão, o teu! Mas acho que descreve bem a coisa.

Ficou uns momentos pensativa.

– Se quiseses, posso ir contigo. Não falo grego, mas podia mostrar-lhe a minha identificação. Um profissional a falar com outro. Até podia oferecer-me para lho chupar se ele se armar em duro contigo.

– Isso podia funcionar.

– Claro que sim. É grego. Foram os gregos que inventaram a mamada e o enrabanço.

– Parece-me um bom plano.

Bocejei e ela inclinou-se sobre mim, pôs-me um seio na boca e deixou-me sugar-lhe o mamilo durante um pedaço. Tinha-me esquecido de como aquilo era reconfortante em momentos de verdadeiro *stress*.

– Vou dar-te um bom conselho – disse Louise –, de detetive para detetive. Funciona sempre comigo quando tenho um caso entre mãos. Dorme. De manhã, verás as coisas muito mais claras.

Capítulo 51

A mala de Nataliya, e todo o seu conteúdo, incluindo as EpiPens de Bekim Develi, estavam sobre a mesa, junto a um cinzeiro onde tinha o cigarro que estava a fumar. Precisara de dar umas passas no cigarro enquanto contava a minha história ao inspetor Varouxis e o fumo subia até ele. Peguei no cigarro e apaguei-o.

– A ver se entendi bem – disse Varouxis. – Afirma que um cigano encontrou a mala da jovem no cais do porto da marina de Zea, e pensando que podia pertencer à rapariga que se tinha lá afogado, ele a levou à vossa advogada, a Dr.a Christodoulakis, em troca de uma recompensa de dez mil euros.

– É verdade – respondi. – Chama-se Mircea Stojka e vive no acampamento cigano de Chalandri.

Empurrei um papel sobre a grande mesa no qual estava escrito o endereço do homem.

Varouxis olhou para o papel, a um braço de distância, como se não tivesse os óculos à mão.

– Conheço-o. O acampamento fica junto ao Mint. É irónico, pois é onde fazemos o dinheiro. Devia levar lá o seu chefe uma vez. Para que visse como vivem algumas pessoas neste país desde a recessão.

Na sala de reuniões do último andar da GADA, na Rua Alexandras, estavam Varouxis, Louise, um detetive novato que nunca tinha visto até então e era a pessoa mais baixa da sala, e eu. Chamava-se Kaolas Tsipras e estava a examinar a mala de Nataliya, da qual tinha previamente tirado o dinheiro. Era impossível acreditar que alguém tivesse entregado a mala com mil euros lá dentro, por mais substancial que fosse a recompensa. Desde a última vez que nos havíamos visto, Varouxis havia rapado a sua ridícula mosca, deixando agora à vista uma cicatriz parecida com a de Harry Potter. Estava apoiado no parapeito da janela, a fumar um cigarro, com os braços cruzados, as mangas da camisa azul dobradas e o botão de cima desapertado. Parecia ter estado a trabalhar toda a noite. Tinha o iPad ao lado, sobre o parapeito. De vez em quando, olhava pela janela para o estádio Apostolis Nikolaidis, onde o City iria em breve jogar contra o Olympiacos, como se desejasse ter o poder de me impedir de sentar

naquele banco deteriorado.

– E também diz que, quando olhou para o telemóvel dela, descobriu o que parece ser uma nota de suicídio na caixa de saída da aplicação de correio eletrónico, não é assim? E que já a traduziu para inglês.

– E para grego. Bem, sabia que vinha reunir-me consigo hoje e queria acelerar a investigação.

– Muito atencioso da sua parte.

Encolhi os ombros.

– Sei que não devia ter mexido no telefone, inspetor, e lamento muito tê-lo feito. Mas, sinceramente, era evidente que o Sr. Stojka já lhe tinha mexido e pareceu-me que não valia a pena preocupar-me com as impressões digitais. Sei isso porque nos disse que tinha desbloqueado o telefone com a intenção de o vender no mercado negro. Só no-lo entregou porque soube que a nossa recompensa era muito maior do que aquilo que ganharia ao vendê-lo.

Varouxis assentiu com um ar paciente.

Conheci polícias suficientes na vida para saber que o grego não acreditava numa palavra do que lhe tinha contado. Os suspiros de cansaço e os olhares de dúvida são os mesmos em qualquer língua. Mas como tinha feito tão poucos progressos na sua própria investigação, não ia desafiar-me, pelo menos por enquanto. Em todo o caso, sentia-me obrigado a seguir o conselho de Louise e a engolir ainda mais o meu orgulho.

– Devo-lhe outro pedido de desculpa, inspetor. Tinha razão: Bekim Develi conhecia bem Nataliya Matviyenko. Pelo menos, é a impressão com que se fica da nota de suicídio. Não lhe parece?

– Teria a amabilidade, Sr. Manson, de voltar a ler-me o *email*?

– Com certeza, inspetor.

– Eu faço-o – ofereceu-se Louise, que pegou noutra folha de papel da mesa e começou a ler num tom de voz sonso e afetado.

Tudo me parece horrível e inútil. Pensava que sabia o que era sentir-me mal, mas estava enganada. Cheguei a um sítio muito escuro e do qual não há saída e a única coisa que me apetece é dormir e não acordar mais. Escrevo este email porque quero

explicar algumas coisas e pedir desculpa a todos os que tentaram ajudar-me nos últimos meses. Esforçaram-se muito por me fazer sentir melhor, mas agora sei que não posso continuar a viver. Já não aguento mais. Lamento muito, muitíssimo, o que se passou. Sinto-me tão culpada. Por favor, perdoem-me. Fui eu quem matou Bekim Develi. Se não lhe tivesse tirado as EpiPens, talvez ainda estivesse vivo. Não queria magoá-lo, porque sempre foi muito amável comigo, um bom amigo. Disseram-me que se sentiria um pouco mal, mais nada. Não fazia ideia nenhuma de que podia morrer. Se soubesse que existia a mínima possibilidade, nunca o teria feito. Horrorizou-me ver o que aconteceu durante o jogo. E quando ouvi dizer que estava morto, desejei morrer também. Não posso emendar o que fiz. Como sempre, estraguei tudo. E o pior de tudo é que não consigo deixar de pensar na Alex, a namorada de Bekim, e no Peter, o seu lindo bebé. O Bekim sentia-se muito orgulhoso dele. Mostrou-me tantas fotografias do bebé que tenho a sua cara gravada na cabeça. Sou responsável por o ter deixado órfão. Nunca conhecerá o pai. E não consigo suportar isso. Nem agora nem nunca. Lamento, mas não consigo viver com o que fiz.

Louise suspirou e pousou o papel que tinha estado a ler. Reparei que a tinha deixado afetada.

– Apesar do que Nataliya escreveu, é óbvio que não foi ela que o matou – disse eu. – Mas é evidente que se sentia tão responsável como a outra pessoa, a que a levou a fazer o que fez, que deve ter sido a que pôs o grão-de-bico na comida do Bekim.

– É uma pena que não diga quem foi – observou Varouxis.

– O curioso – acrescentei –, é que falei com o nutricionista da nossa equipa, o Denis Abayev, e ele insiste em que a única coisa que Bekim comeu antes do jogo foi um batido de proteínas de banana preparado por ele próprio usando ingredientes que tinha trazido de Inglaterra. Umas duas horas antes do jogo.

– O que significa que não pode ser a causa da reação alérgica que lhe custou a vida – disse Varouxis. – Mas à luz desta nova informação, quero voltar a interrogar o seu nutricionista.

Assenti.

– Naturalmente.

– Não achará que foi uma coincidência, não? – sugeriu o sargento Tsipras. – Que talvez, afinal, a morte do Sr. Develi tenha sido por causas naturais e não ter tido nada que ver com o facto de ela lhe ter roubado as injeções?

Varouxis olhou para o seu subordinado com ar dececionado.

– A polícia não acredita em coincidências, tal como não acredita na amabilidade de estranhos. Não quando há, como disse a inspetora Considine, provas de que um russo fez uma aposta substancial no resultado do jogo. Na Rússia. Muito possivelmente, Semion Mikhailov, um dos donos da anterior equipa de Bekim Develi, que provavelmente sabia que ele sofria daquela alergia. Não, foi alguém que atuou por ele. Alguém que estava conluiado com esse tal Semion Mikhailov. Nisso, penso que estamos de acordo.

– Sim, claro – respondeu Tsipras.

– Gostava de vos mostrar uma coisa – disse Varouxis.

Pegou no seu iPad que estava no parapeito da janela e ligou-o deslizando o indicador pelo ecrã. Instantes depois, Louise e eu vimos um curto vídeo, com uma imagem granulosa e a preto e branco, do que parecia um *Mercedes Benz* a deixar o hotel da equipa em Vouliagmeni.

– Estas imagens foram recolhidas por uma câmara que há perto do vestíbulo do hotel e a que só há pouco tivemos acesso. Temos quase a certeza de que a pessoa sentada no banco de trás do carro é a Nataliya. Infelizmente, não se consegue ver nem a matrícula nem o condutor ou a pessoa que vai ao lado de Nataliya, a qual poderia ser, realmente, a pessoa que ela refere na nota de suicídio: o homem que lhe pediu que roubasse as injeções.

Vi o vídeo várias vezes antes de concluir que as imagens não nos traziam nada de preciso quanto ao que acontecera a Bekim Develi.

– Suponho que não saiba quem possa ser a pessoa que vai no carro junto à jovem, Sr. Manson? – disse Varouxis.

Tinha-me aproximado o suficiente dele para cheirar a loção que usava para depois da barba. Fazia-me lembrar um ambientador muito acre, daqueles que às vezes encontramos nos táxis, um cheiro artificial a flores.

– Não faço ideia nenhuma.

– Sabe se algum dos seus jogadores alugou uma limusina *Mercedes* para ir a algum lado naquela noite?

– Como já lhe disse, nessa noite tinham de ir para a cama cedo porque tínhamos jogo no dia a seguir.

– Sim, é verdade.

– Podia perguntar às empresas de limusinas de Atenas se se recordam de ter transportado uma russa do hotel naquela noite – sugeriu Louise.

– Sim, é o que vamos fazer, muito obrigado – respondeu Varouxis.

– Seja como for, cremos que o mais provável é que a pessoa do carro seja o chulo da Nataliya ou algum pervertido sexual que poderia ter sido o seu cliente seguinte.

– Por que diz isso? – perguntou Louise.

Varouxis voltou a passar o vídeo e, a dado momento, parou-o com um toque do indicador no ecrã.

– Se repararem no tabuleiro na parte de trás do carro, verão... se é que se pode aumentar um nadinha mais... tem um pouco de grão, mas pode ver-se o que parece ser um chicote. Creio que vocês lhe chamam chicote de nove tiras.

– Sim, é o que parece – disse Louise.

– Tenho de voltar a perguntar – disse Varouxis – se sabe se alguém na sua equipa tem comportamentos sadomasoquistas deste tipo?

Abanei a cabeça.

– Ninguém. No corpo da Nataliya, havia algum sinal de ter sido chicoteada? – perguntei, sabendo bem que não havia nenhum. A imagem, o som e o cheiro dos restos mortais de Nataliya durante a autópsia noturna da Dr.^a Pyromaglou iriam perdurar por muito tempo na minha cabeça. – Porque antes não falou em nada disso.

– Não, não há nenhum sinal – disse Varouxis. – Pelo menos, que saibamos. Mas agora que a greve dos médicos terminou, vamos poder, finalmente, fazer a autópsia, quer do Bekim quer da Nataliya. Hoje, espero.

– Talvez o chicote não passe de um brinquedo, de um brinquedo sexual.

– A mim, chicotear alguém não me parece nada um jogo sexual –

disse Louise. – A menos, claro, que fosse ela a chicoteá-lo. Isso perceberia. Uma mulher que chicoteia um homem. Não julguem que não gostava de o fazer com alguns dos meus superiores na Scotland Yard.

– Não tinha pensado nisso – confessou Varouxis. – Talvez fosse ele, sim, não ela.

– Isso explicaria por que razão não tem marcas de chicote – disse Louise. – Porque se assim fosse, tê-las-ia. Seria impossível tomar parte numa prática sexual dessas sem ficar com marcas.

Sr. Manson, talvez devesse verificar se algum dos jogadores apresenta sinais disso, no próximo duche com a sua equipa, que creio que será quarta-feira à noite, não é?

– Sim, não me esquecerei disso – respondi.

Capítulo 52

– Há mais uma coisa que temos de lhe contar, inspetor – disse, cauteloso. – Bem... está relacionado com um dos seus antigos casos. Talvez não seja assim tão antigo. O caso Thanos Leventis.

Varouxis pôs-se rígido.

– Que se passa?

– Creio que poderia haver certas semelhanças entre o antigo caso e o da morte de Nataliya Matviyenko.

– Principalmente o facto de uma das vítimas do Leventis ter sido atirada à água na marina de Zea – acrescentou Louise. – Refiro-me a Sara Gill, uma inglesa.

– Eu falei com ela sobre a agressão de que foi vítima em 2008. – disse eu.

– Ah, sim?

– Falámos ambos – disse Louise com firmeza. – Com a intenção de estabelecer uma ligação com a morte da Nataliya.

– E a que conclusão chegaram? – perguntou Varouxis.

– Que não há ligação nenhuma – respondeu Louise. – No entanto, creio que estou em posição de fazer um pedido formal ao seu governo através do embaixador britânico para que a Unidade Especial do Crime Violento aqui em Atenas reabra o caso.

– E posso perguntar porquê?

– De acordo com o que ela me contou – respondeu Louise –, vocês chegaram à conclusão, inteiramente compreensível, de que devido à gravidade dos ferimentos que sofrera, não estava em condições de ser uma boa testemunha. Ela própria admite que estava confusa e que a sua história não parecia fazer sentido.

Varouxis assentiu e acendeu calmamente outro cigarro.

– Na verdade, a decisão de não levar até ao fim o caso dela não foi minha, mas do comissário-geral da polícia. Mas por favor, continue.

– Agora, as coisas são muito diferentes – disse Louise. – Ela está bastante recuperada e lembra-se de muito mais coisas do que lhe aconteceu. Julgamos que está em posição de identificar o segundo agressor.

– Julgamos?

– Numa conversa pelo Skype que tive com ela no sábado à noite, Sara Gill deu-me a descrição do homem que a agrediu – disse. – Uma descrição muito pormenorizada. Do que me contou, tenho quase a certeza de que sei quem foi o homem que a agrediu.

– E de quem se trata? Não, espere um pouco. Tsipras?

– Sim, senhor?

– Acho que é melhor que saias da sala – disse Varouxis. – Creio que o Sr. Manson vai difamar alguém e é melhor que o faça na frente de uma só testemunha. Para o bem das relações diplomáticas entre os nossos dois países. Não quero que ele se meta em mais problemas.

– Muito bem, senhor.

Tsipras levantou-se e saiu da sala.

– Em quem é que está a pensar? – perguntou Varouxis depois de o subordinado ter abandonado a sala.

– Chama-se Antonis Venizelos e trabalha no...

– Eu sei onde ele trabalha. Neste edifício, toda a gente conhece o Antonis Venizelos. É um tipo muito popular. Oferece-nos entradas para os jogos do Panathinaikos. Entra e sai da esquadra como se fizesse parte do estádio do outro lado da rua. – Assentiu enquanto olhava pela janela e suspirava. – Muito bem, então, diga-me o que o faz pensar que ele é o outro agressor de Sara Gill?

– Ela explicou-me que é um homem peludo. Muito peludo. Como o Venizelos. Que tem um hálito doce. O Venizelos come muitas sementes de cardamomo e fuma cigarros mentolados. Também me disse que ele levava uma *t-shirt* com um logo parecido com o da ONU. Que era uma coroa feita com ramos de oliveira, mas que dentro não havia um mapa-múndi, que se parecia mais com um labirinto. Tenho a certeza de que o que ela estava a descrever era o logo do Aurora Dourada, uma organização neo-nazi a que ele pertence ou pertenceu. Pelo menos, foi o que disse ao meu treinador-adjunto. Mas o mais revelador é que me disse que lhe dava a impressão de que o homem tinha três sobrancelhas. Este é o pormenor que, no início, faz com que o seu relato não pareça fiável. No entanto, o Venizelos tem uma cicatriz muito marcada numa das sobrancelhas, o que faz com que pareça ter não duas mas três sobrancelhas. Se tivermos em conta que o Thanos Leventis conduzia o autocarro da equipa B do Panathinaikos,

há uma forte probabilidade de conhecer o Venizelos. Também sei, por uma conversa que tive com ele, que é muito misógino. Sinceramente, acho que odeia tanto as mulheres como os paquistaneses e os ciganos. Não posso dizer que tenha cem por cento a certeza, inspetor, de que seja ele. Dou-lhe a minha palavra de que não disse nada a Sara Gill sobre as suspeitas que tenho, mas creio que há uma boa possibilidade de ela ser capaz de o identificar numa fila de reconhecimento da polícia.

Varouxis acendeu novo cigarro e ficou pensativo.

– Suspeito que já sabia a quem me ia referir. Por isso é que pedi ao sargento Tsipras para abandonar a sala.

Varouxis manteve-se em silêncio.

– Se me permite – disse Louise –, seria melhor que fosse o senhor a reabrir o caso e não o embaixador e o seu próprio Ministério da Justiça a pedi-lo.

– Apesar do que diz, a única forma de poder reabrir o caso de Sara Gill seria eu receber os louros por resolver a questão da morte de Matviyenko ou a de Bekim Develi. Nessas circunstâncias, ninguém ousaria opor-se à minha decisão.

– E porque é que alguém iria opor-se? – perguntou Louise.

– O meu superior, o tenente-general Stelios Zouranis, é primo do Venizelos. E também pertence ao Aurora Dourada. Não gosto dele nem dessa organização, mas tenho as mãos atadas, pelo menos até conseguir resolver este caso em particular. O ministro teria de me ouvir, se é que me faço entender. Não poderia opor-se.

Louise assentiu.

– Entendemos.

– O Venizelos tem essa cicatriz na sobrancelha por causa de um ferimento num jogo contra o Aris de Salónica em 2000 – explicou Varouxis. – Pisou o tornozelo a um jogador rival e um companheiro deste decidiu vingar-se dando-lhe uma cabeçada pela qual teve de levar dezasseis pontos. Sempre foi um jogador sujo. E digo-o apesar de ser adepto do Panathinaikos. Na verdade, depois disso, começaram a chamar-lhe Minotauro.

Abriu a janela e abanou o ar para que o fumo saísse da sala.

– Sinceramente, digo-vos que sempre suspeitei de que ele estivesse

implicado. E gostaria muito de o mandar para a prisão. E não apenas por ser um violador e um assassino, mas porque representa o pior da nossa sociedade. Aquele ódio e intolerância não são a tônica na sociedade grega. Podemos ter inventado a democracia, mas começamos a esquecer-nos do que ela significa. Para conseguir condená-lo, vou precisar de mais prestígio, e sem dúvida que a resolução deste caso mo daria.

– Sim, compreendo.

– Estou impressionado com o que foi capaz de descobrir, Sr. Manson. Impressionado mas não surpreendido, pela forma como resolveu o homicídio de João Zarco. Devia ter percebido que não é o tipo de pessoa capaz de ficar de mãos nos bolsos. Dou-lhe a minha palavra de que se me ajudar agora, o ajudarei também.

Estendeu-me a mão. Apertei-lha. A seguir Louise e ele apertaram também as mãos.

– É possível que entre os três cheguemos a uma conclusão satisfatória – disse. – De facto, tenho a certeza disso.

Capítulo 53

Depois de conceder uma entrevista à ITV – porque é que esta gente faz sempre perguntas tão idiotas? – fui reunir-me com os meus jogadores.

Para o jogo contra o Olympiacos, no estádio Apostolis Nikolaidis, situado do outro lado do edifício da GADA, decidi levar um fato de treino preto, uma *t-shirt* a condizer e umas sapatilhas desportivas pretas. Não me pareceu apropriado levar um fato de linho Zegna, camisa branca e gravata de seda, para o que prometia ser uma noite longa e frenética. Queria que todos os meus jogadores compreendessem bem o que ia dizer-lhes no balneário: que para ganharmos o desafio tínhamos de jogar como se estivessemos nas trincheiras, isto é, com muita substância e pouco estilo.

Não é que houvesse muito estilo naquela noite: o balneário do Apostolos Nikolaidis estava em tão más condições como o estado exterior sugeria e contrastava muitíssimo com a perfeição do alumínio escovado das instalações de que desfrutávamos em casa, em Silvertown Dock. Alguns dos ganchos das paredes estavam soltos ou já nem existiam. Cabides, só os havia para camisas e casacos. O chão estava desnivelado e cheio de paus de fósforos, beatas e pastilhas elásticas. O refrigerador de água estava desligado, mas pouco importava, pois estava vazio. Havia um forte cheiro a esgotos no ar, e nos cantos dos chuveiros de banho, que gotejavam e aos quais faltavam mais azulejos que peças a um *Scrabble* velho, crescia bolor. Também não havia ar condicionado, apenas um par de ventoinhas industriais que fizeram voar as notas de Simon pelo compartimento e fiquei contente por ter levado apenas o meu iPad.

– Vá, seus cabrões barulhentos – disse Gary Ferguson, enquanto atirava com o saco de desporto para cima do banco –, parem de se queixar e vistam a porra do equipamento. Se esta merda é para a equipa da casa, então imaginem como será o do visitante. Até cagalhões deve haver nas sanitas. De facto, sei que há pelo menos um, porque o deixei lá a flutuar ontem.

Aquilo provocou uma grande gargalhada.

– Vais comer essa banana? – perguntou Zénobe Schuermans.

– Na verdade, estava a pensar atirá-la ao público – respondeu Daryl Hemingway. – Para o caso de se lhes acabarem durante o jogo.

– Temos sorte se só nos atirarem bananas – comentou Kenny Traynor. – Sempre que o Hearts jogava contra o Hibs, os provincianos de merda atiravam moedas.

– Em Anfield atiravam rolos de papel higiénico – disse Soltani Boumediene.

– Juro que se alguém me atirar uma moeda, lha atiro também – disse Ayrton Taylor.

– Escuta, rapaz, se alguém atirar uma moeda para o relvado, o mais provável é tratar-se de uma oferta para comprar esta merda deste clube – observou Gary.

– Quando é que esses cabrões desses *scousers*⁶ analfabetos percebem que é «a field» que se diz e não «an field»? – perguntou Jimmy Ribbans.

Tudo aquilo não passava de nervos e permiti-lhes mais uns momentos de leviandade antes de os sossegar.

– Bem, meus senhores, dão-me um pouco da vossa atenção?

Esperei um longo minuto e expliquei-lhes a minha estratégia, a mesma que tinha descrito a Viktor e a Phil no *The Lady Ruslana*. A seguir, disse-lhes a verdade pura e dura sobre as nossas possibilidades. Como muitas verdades, esta possuía um elemento importante que não tinha de fazer sentido. É essa a função de um treinador: lembrar aos jogadores que o futebol é um desses mundos mágicos em que a verdade é mais estranha do que a ficção.

– Dar a volta a um resultado de 4-1 não é pera doce – disse-lhes. – Até no nosso próprio campo, em Silvertown Dock, me pareceria difícil. Mas aqui, em Atenas, nesta pocilga terceiro-mundista a que o Panathinaikos chama estádio? Na capital delapidada de um país que é um caos e caminha para a ruína por mais que gritem?

Fiz uma pausa para que pudessem ouvir o ruído que o público fazia, composto na sua maior parte por gregos: uns cinquenta por cento do Olympiacos, trinta por cento do Panathinaikos – que ali tinham ido na esperança de ver os rivais batidos –, dez por cento de adeptos do City e outros dez de turistas imparciais que tinham ido ao desafio ver o que esperavam viesse a ser um jogo memorável.

– Estão a ouvi-los? É assim que aqueles cães ladram. E todos aqueles latidos dizem o mesmo: que ninguém espera que ganhemos. Nem na Grécia nem em Inglaterra. Todos nos dão por liquidados. Agora mesmo li um *tweet* do Maurice, que está em Londres: o Roy Keane acaba de dizer na ITV que as possibilidades de passarmos são menores que as que tinham os tipos n’*Os Canhões de Navarone*. O que é praticamente verdade. Parece que estamos a viver a nossa própria tragédia grega, meus senhores. Ao poeta grego que contasse a melhor história, davam-lhe uma cabra. Bem, pois considerem que no-la deram a nós. Esta tragédia podia vencer a porra do Booker Prize.

»Durante dez dias tivemos de suportar o afastamento das nossas casas e das nossas famílias, andaram legiões de jornalistas de imprensa e televisão sempre a chatear, a bófia a interrogar-nos sobre putas e drogas e todas essas merdas que nada têm que ver com o futebol. Atiraram-nos bananas no campo e pedradas nos jornais. O nosso campeão, o nosso Ajax, está morto e, sim, eles acham que está tudo acabado. Sabiam que o *Proto Thema*, o jornal dominical que mais vende na Grécia, afirmou que o jogo que vamos disputar não passa de um simples marcar presença? Que só compareceremos para termos alguma coisa que fazer em Atenas enquanto aqui estamos retidos? Pois eu digo-lhes: «Vão-se foder!» Somos muito mais fortes do que isso. Não vamos só «marcar presença». Viemos para jogar. E quando jogamos, jogamos para ganhar.

»E podemos ganhar. Olho à minha volta e vejo as caras sérias. É o que espero dos homens que escolhi para defender a reputação desta equipa. Por isso, vamos esquecer os rumores sobre os árbitros comprados, certo? Talvez tenhamos de enfrentar os doze e mais o público, mas isso não nos vai impedir de jogar o nosso jogo.

»No entanto, não espero que demos a volta a um resultado de 4-1. Não sou idiota. Nenhum de nós o é. A questão é que se ganharmos pelo suficiente para passar, será o maior milagre nesta parte do mundo desde que encontraram o tesouro perdido de Troia. Um milagre e tanto. Mas já que estou a falar de milagres, deixem que vos lembre, meus senhores, que estamos no país dos trezentos espartanos, onde os mitos e as lendas, e sim, inclusive o raio dos milagres, viram a luz do dia. E sabem uma coisa? No dia em que fui ver a estátua de

Zeus e a máscara de Agamémnon ao Museu Nacional de Arqueologia, quase lá não havia gregos, o que me fez pensar que talvez os gregos se tenham esquecido do poder dos seus próprios mitos, que talvez já não se recordem das histórias de Perseu, Teseu, Jasão e Orfeu.

»Quem é que achava que Perseu tinha alguma hipótese de derrotar a Medusa? Os gregos, não. Quem é que pensava que Teseu seria capaz de entrar no labirinto e matar o Minotauro? Os gregos, certamente que não. E Jasão, lembram-se dele? Algum grego acreditava que ele e os seus argonautas tinham a mínima hipótese de recuperar o Velo de Ouro no inferno? Não. Claro que não acreditavam. E Orfeu? Quando desceu às profundezas com a intenção de recuperar a esposa, Eurídice, os gregos também o deram por perdido, como todos os outros heróis. Contra todas as expectativas, ele regressou do reino dos mortos. Por isso os consideram heróis. Eram dotados de grande força e coragem e enfrentavam todas as dificuldades. É assim que se forjam as lendas. Por isso são recordados.

»*Os Canhões de Navarone* é um dos meus dez filmes favoritos. Nem imaginam o número de vezes que o vi nos dias de feriado. Acho que o Keano se esqueceu de que, no final do filme, tanto Gregory Peck como Anthony Quinn e David Niven conseguiram o seu objetivo. Contra todas as expectativas e numa cálida noite do Egeu como a de hoje, conseguem destruir aqueles enormes e inexpugnáveis canhões com uma explosão dramática e espetacular.

»E acabo de me lembrar de uma coisa que Jensen diz, o tipo que os envia para aquela missão, uma coisa que ele diz no princípio do filme e que quero partilhar convosco agora: «Na guerra, tudo pode acontecer.»

⁶*Scouser* é um termo inglês utilizado para designar as pessoas com sotaque *scouse*, próprio dos naturais de Liverpool. (N. do T.)

Capítulo 54

– Boa sorte.

Quando abri a porta do balneário, Kojo Ironsi estava mesmo do outro lado. Tinha vontade de o mandar para o caralho, mas fiz um sorriso que parecia um bigode postiço e apertei-lhe a mão que me estendia.

– Obrigado – disse.

– Este jogo significa muito, não significa? – comentou.

– Não, significa tudo.

– O Vik e o Phil estão num camarote com o Gustave – explicou. – A seguir, vou ter com eles, mas dado o meu novo cargo de diretor desportivo, pensei que fazia bem vir aqui abaixo cumprimentar-vos e perguntar se posso ajudar em alguma coisa.

– Agradeço a gentileza.

– Eu sei que não lhe agradou a minha nomeação, Scott, mas espero que sejamos capazes de trabalhar juntos.

– Tenho a certeza que sim. Dê-me tempo para me habituar à ideia, está bem?

– Claro que sim.

O grande *Rolex* de ouro de Kojo brilhou com a luz enquanto agitava o seu mata-moscas. Vestia um fato de safári de linho castanho-claro e sandálias abertas. Só lhe faltava um chapéu estilo *karakul* de pele de leopardo para parecer um ditadorzeco africano.

– Faz muito calor aqui fora – comentou. – É quase subsariano. E talvez imprevisível também.

Fez uma pausa e depois acrescentou:

– Seria melhor ver se os jogadores estão bem hidratados, não acha?

Mordi a língua e assenti.

– Obrigado por um conselho tão útil, Kojo. Nunca me teria ocorrido. Nunca. Mas claro, que sei eu, se não passo de um treinador de merda?

Já não ouviu a última frase porque estava ocupado a cumprimentar os seus jogadores da King Shark: Prometheus, claro, e Séraphim Ntsimi, que jogava no Olympiacos. Ainda apertou a mão a outro jogador do Olympiacos, o saturniano bem-apeado lateral Roman

Boerescu.

Não sei porquê, mas apesar da animosidade que sentia por ele, impressionou-me ouvi-lo falar grego, e com alguma fluência, razão porque, provavelmente, os imaginei, a ele e a Séraphim, com Valentina e Nataliya em Glyfada, em casa de Roman. Quem tinha estado com quem? O Kojo com Valentina? Ou com Nataliya? Ou com ambas? «Cabrão de merda», pensei. Lembrei-me, então, que segundo Valentina, não tinha fodido com nenhuma, o que era algo que eu não podia dizer.

Durante um minuto, ambas as equipas esperaram impacientemente no túnel. Estava tanto calor que Kenny Traynor se abanava com uma das luvas. Dava a impressão de que as vinte e duas crianças-mascote que iam de mão dada com os jogadores tinham tanto calor como estes e estavam intimidadas com tudo aquilo. Não as podia culpar por isso. Detesto o túnel antes dos jogos. Normalmente, não conhecemos metade das pessoas nem o que ali estão a fazer.

Pelo canto do olho reparei que Kojo estava a falar com uma mulher belíssima que, um momento antes, vira dar um beijo na face de Roman. Aquilo surpreendeu-me, pois normalmente as namoradas não podem entrar no túnel. Percebi depois que era a responsável pelas crianças-mascote, que olhavam para ela à espera do sinal, como se fosse mãe delas. E de certo modo, talvez o fosse porque, pelo que sabia, fora ela que lhes dera a merenda ou lá o que dão às crianças gregas nos jogos da Liga dos Campeões. Enquanto a observava, sorriu, aproximou-se de uma das cabecinhas e, com cuidado, deu a mão de uma menina tímida a uma das mãozorras de Kenny Traynor.

Kenny inclinou-se para mim.

– Não é que me importe, chefe, mas ela tem a mãozinha muito pegajosa.

– Põe as luvas – respondi.

– Faz muito calor – disse ele.

– Era o que mais me faltava – comentou Simon –, ouvir agora um guarda-redes queixar-se de ter as mãos pegajosas. Vê o que a rapariga merendou e põe um pouco nas tuas luvas. A ver se esta noite não tens mãos de manteiga.

Kenny achou muita graça e Gary também, mas por momentos, era

como se o meu sentido de humor me tivesse abandonado.

– De que estamos à espera? – disse alto e com impaciência.

Kojo repetiu a minha pergunta à mulher, que lhe respondeu em grego.

– Segundo a Sr.^a Boerescu, não encontram o CD com a música clássica para o sistema de som – traduziu Kojo.

– É a mulher dele?

Kojo assentiu.

– Beethoven, ou lá o que é.

Olhei para Boerescu, e depois para a sua mulher. Por um instante, passou-me pela cabeça aproximar-me e dizer-lhe, de maneira a que ela ouvisse: «A Valentina manda cumprimentos.» Se soubesse grego, tê-lo-ia feito.

– Não é Beethoven – disse a Kojo. – É Handel. *Zadock, o Sacerdote*.

– Isso não parece que tenha muito que ver com futebol – comentou Kojo.

– Creio que é apenas para levar ao recolhimento – disse. – O tipo de música que se usaria para ungir um rei ou um sumo-sacerdote. Ou a melhor equipa da Europa, suponho.

– Que tipo de sacerdote era esse tal Zadock?

Encolhi os ombros e abanei a cabeça.

– Não faço ideia.

– Acho que foi o primeiro sumo-sacerdote do novo templo de Jerusalém – disse Soltani Boumediene, que apesar de ser árabe, tinha jogado no Haifa, em Israel, e sabia daquelas coisas. – O templo que o rei Salomão construiu e depois os romanos saquearam.

– Não estás a insinuar que esse Zadock era judeu? – disse Kojo.

– Acho que sim, se até aparece no Antigo Testamento – respondeu Soltani. E riu-se. – Da merda da cientologia é que não era, de certeza.

Kojo fez uma careta.

– É melhor não dizermos aos muçulmanos que era judeu.

– Nesse caso – comentei em voz baixa –, é melhor calar a boca.

– Se sabem que entram em campo ao som de uma música sobre um rabino – continuou Kojo –, têm um ataque. A sério, atualmente ninguém sabe o que os ofende.

– Por isso, cale a boca – disse eu de novo.

– Eu sou muçulmano – retorquiu Soltani –, e não tenho qualquer problema com isso. É apenas uma peça de música.

Mohamed Hachani, um dos jogadores do Olympiacos, disse qualquer coisa a Soltani em árabe, mas Soltani abanou a cabeça e ficou a olhar para as chuteiras. Então, Hachani fez o que supus ser a mesma pergunta em grego a Kojo e este respondeu-lhe o mesmo quando a música estava a começar e o árbitro fez sinal para entrarmos em campo. Os jogadores e as crianças começaram a andar para a saída do túnel, mas Hachani ficou parado e disse qualquer coisa mais em árabe a Soltani. E uma vez mais, Soltani abanou a cabeça como se preferisse não responder, o que provocou uma resposta furiosa do outro, que o agarrou pela manga e gritou, desta vez em inglês:

– Que raio de muçulmano és tu? Esta merda de música é um insulto aos árabes. És a vergonha do Islão, meu amigo. Se soubesse que a música da Liga dos Campeões tinha que ver com um cabrão de um judeu, nunca teria acedido a participar nesta competição. E tu devias fazer o mesmo.

– Supera isso – respondeu-lhe Soltani – E, por favor, não praguejes nem uses linguagem racista diante das crianças.

Soltani tirou a mão de Hachani da sua manga e sorriu simpaticamente para a criança cuja mão segurava e dirigiu-se para a saída do túnel.

Mas não era fácil livrar-se de Hachani, pois este, irritado, e achando que Soltani não dava importância àquilo que ele levava muito a sério, começou a gritar em árabe. Mas como o nosso sofrido futebolista continuava a ignorá-lo, pensou que a única maneira de fazer notar a sua fúria era atirar-lhe com uma garrafa de água. Senti um alívio ao ver que Soltani continuou a ignorar Hachani e, por momentos, pareceu que a tormenta amainava. Vendo as coisas depois, era de supor que houvesse mais problemas e devia ter substituído Soltani de imediato.

Segui os jogadores até ao campo, onde o ar era tão denso e sufocante que parecia sopa. No entanto, devido à grande quantidade de foguetes verdes e vermelhos que ardiam nas bancadas, cheirava e sabia a outra coisa: a desacetos, que era o mais provável. Havia tantos foguetes luminosos que a primeira coisa que me passou pela cabeça

foi que haveria outra tragédia como a de Bradford City, na qual morreram cinquenta e seis adeptos porque o lixo que havia debaixo de uma das bancadas – as quais estariam em muito melhores condições que as do Apostolis Nikolaidis –, se incendiou com um cigarro mal apagado. Essa era outra das grandes diferenças entre os estádios ingleses e os gregos. Em Silvertown Dock era proibido fumar – na verdade, em todos os estádios da liga inglesa –, mas na Grécia, onde toda a gente fuma, todos o fazem também no futebol. Mas sinceramente, prefiro que fumem, porque enquanto têm um cigarro na boca não estão a gritar insultos racistas.

Os jogadores alinharam pacientemente e depois passaram ao lado uns dos outros, apertando a mão como se fossem cavalheiros nos campos desportivos de Eton College. Eu próprio apertei a mão a Hristos Trikoupi, que até pediu desculpa pelo seu comportamento do jogo anterior quando lhe disse que o seu segredo estava a salvo comigo. Mas todo o desportivismo foi por água abaixo quando Mohamed Hachani e Soltani Boumediene se pegaram de novo.

Mais tarde, Simon Page disse-me que quando Soltani estendeu a mão a Hachani, o jogador do Olympiacos lhe cuspiu. Eu não vi o que aconteceu e, infelizmente, ninguém o viu também na televisão, nem o idiota do árbitro irlandês. Aquilo que sei que viu foi o merecido murro que Soltani lhe deu no nariz.

O árbitro não hesitou. Primeiro, mostrou a Soltani o cartão amarelo e, logo de seguida, o vermelho.

Capítulo 55

Mohamed Hachani estava a fazer uma cena de se lhe tirar o chapéu. Estava estendido no chão, agarrado à cara com as mãos como se nunca mais fosse capaz de se levantar na vida, o que poderia ter sido um desfecho mais satisfatório. Até os seus companheiros de equipa sorriam, incomodados, conscientes de que aquela atuação estava a durar tempo de mais. Talvez estivessem envergonhados, e se não estavam, deviam está-lo. Afinal, todos, exceto Hachani, sabiam que a última vez que tínhamos visto um jogador tanto tempo estendido no campo, tinha morrido. O que ele estava a fazer parecia uma falta de respeito pela tragédia de Bekim Develi.

O árbitro irlandês, Blackard, tinha todo o direito, claro, de expulsar Soltani Boumediene, e nem todos os protestos do mundo – o jogador tinha apenas reagido à cuspidela do seu rival – o fariam mudar de opinião. Hoje em dia, os árbitros não veem com bons olhos as represálias, como sabe quem quer que tenha visto o que aconteceu com Beckham depois de este ter pontapeado o sacana do argentino no Mundial de 1998. Diego Simeone atirou-se para o chão como se tivesse sido baleado por uma espingarda. Custa acreditar que hoje seja o treinador do Atlético de Madrid. Além disso, eu estava de acordo que o tivesse expulsado. Se os jogadores retaliassem de cada vez que sofrem uma falta, ninguém mais voltaria a chutar uma bola.

Mas isso era uma coisa, e o que aconteceu depois outra bem diferente. Quando mandei entrar Jimmy Ribans para o substituir, Blackard ordenou-lhe que abandonasse o relvado, e quando lhe perguntei porquê, disse-me que não podia substituir o jogador que ele acabava de expulsar. No entanto, não é o que dizem as leis atuais do jogo, e depressa as coisas se converteram numa farsa em que me vi a perseguir o árbitro como um frango sem cabeça, tentando explicar-lhe a lei número cinco, enquanto Blackard se dirigia para o centro do campo. E tudo isto sob uma chuva de assobios e de insultos de pelo menos metade dos espectadores.

- Não pode fazer isso – gritei-lhe.
- Expulsei-o e ponto final, Sr. Manson, ficamos por aqui.
- Não é isso que estou a questionar, idiota.

– Devia informar a UEFA do seu comportamento e linguagem ofensiva.

– E eu de que não conhece as leis do jogo. Limpe os ouvidos e ouça-me. Estou a tentar impedir que seja visto como um idiota nos jornais de amanhã, o que acontecerá se não me der ouvidos. Uma vez que não apitou para dar início ao jogo, a lei da expulsão não se aplica. Goste ou não, são estas as leis do futebol. A sua decisão de expulsar Soltani Boumediene significa que só podemos fazer duas substituições em vez de três. E que não pode participar neste jogo nem, se por milagre nos classificarmos, no jogo seguinte.

– Isso não tem nenhum sentido. Para que ia expulsar o jogador se soubesse que ia substituí-lo?

– Isso lá saberá você. Em todo o caso, a lei é a lei e não admite interpretações. Consulte os seus assistentes. Vá buscar o tipo da UEFA, se quiser, e pergunte-lhe. Mas se quer voltar a arbitrar um jogo noutra sítio que não seja num batatal em Galway, preste atenção ao que lhe digo. O que está a fazer não faz parte das leis do jogo. E se não tem cuidado, o seu nome será sinónimo de «imbecil» antes do final da semana.

Depois de uma acesa discussão, durante a qual me mandou sentar nas bancadas não uma mas três vezes, lá consegui, por fim, convencê-lo a ler o regulamento que tinha no meu iPad. Blackard foi então consultar os seus cinco assistentes e eu sentei-me no banco enquanto soavam os típicos e estridentes estribilhos gregos.

– Que diz ele? – perguntou Simon.

– Quer manter a sua dignidade.

– Que te disse eu? Que esse cabrão desse Backward, ou lá como é a porra do nome dele, está comprado – ripostou Simon.

– Não creio. Acho que é apenas estúpido. E ignorante. E teimoso. E tem medo de passar por idiota.

– Acho que é um pouco tarde para isso. E já agora, porque é que o Mohamed Hachan cuspiu na mão do Soltani?

Expliquei-lhe a história da música da Liga dos Campeões e que, pelos vistos, Hachani tinha ficado ofendido.

– Gente tão sensível como esse rapaz não tem futuro no mundo do futebol – observou Simon. – A seguir vamos ter os hindus a negar-se a

chutar a bola porque é feita de pele de vaca? Ou os muçulmanos a negar-se a correr no campo porque a porra da relva é fertilizada com merda de porco? Meu Deus, quando jogava no Rotherham, deixávamos uma poia nos sapatos uns dos outros. Só para nos rirmos, sabes como é. Gostaria de ter visto a cara desse Hachani se lhe fizéssemos uma assim.

– Isto confirma aquilo de que sempre suspeitei: que os de Yorkshire têm um sentido de humor sofisticado.

– Se têm.

– Mas isto foi tudo culpa do Kojo. Se tivesse mantido a boca fechada, nada disto teria acontecido e Soltani ainda estaria em campo. Foi ele que fez questão de chamar a atenção para o facto de o Zadock ser judeu.

– Por isso é que ele é diretor técnico, suponho – observou Simon. – Porque tecnicamente é um palerma. Nisso estamos de acordo, chefe. Mas agora que tem um cargo no clube, vai ser muito mais difícil livrares-te desse sacana. Tudo o que digas ao Vik sobre ele vai soar a ressabiamento.

– Nem imaginas como me apetece enfiar-lhe o mata-moscas pelo cu acima.

– Ah, é isso! Perguntava-me por que andava ele com aquela coisa de um lado para o outro. Julguei que fosse uma espécie de espanador, sabes, como o Ken Dodd.

Blackard acabou de falar com os seus assistentes e fez um gesto a Jimmy Ribbans para que entrasse em campo e, pela primeira vez naquela noite, sorri, embora o sorriso se devesse sobretudo à forma como alguém podia ter confundido um mata-moscas com um espanador.

– Graças a Deus! – comentou Simon. – Parece que o idiota do irlandês ouviu a voz da razão. A ver se começamos a porra do jogo.

Olhei para trás, para as bancadas, e dei com a cara de milhares de gregos hostis que começaram a gritar que eu era um *malakas* e outros interessantes epítetos que tinham que ver com a cor da minha pele. Perguntava-me se algum deles saberia ler, porque nos vários painéis publicitários espalhados pelo perímetro do campo podiam ler-se, em grego e em inglês, *slogans* como *Respeito e Não ao Racismo*.

Um minuto ou dois depois, o árbitro consultou o seu relógio e, com um quarto de hora de atraso, apitou para o começo do jogo.

Capítulo 56

Depois de tudo o que se passara antes do encontro, era um alívio ver um jogo de futebol, ainda que tivesse decidido que não jogaríamos bonito. Mal foi dado o pontapé de saída, os nossos jogadores caíram em cima do adversário mais fraco, o médio Mariliza Mouratidis, como se ele fosse pessoalmente responsável por não podermos sair da Grécia, acossando-o tal qual um punhado de assassinos a soldo.

– Espero que funcione – comentou Simon. – Sabes como são os árbitros europeus. Distribuem mais cartões que um empresário japonês. E depois do que aconteceu, o sacana do irlandês deve estar desejoso de mandar outro dos nossos para o balneário.

– Pelo contrário – disse eu. – Acho que o que aconteceu vai jogar a nosso favor. Já ficou a parecer um idiota por não conhecer as leis, coisa que nunca mais esquecerá na vida, não vai querer parecer também um imbecil.

Mas houve duas entradas demasiado duras que se destacaram do resto no primeiro quarto de hora. Na primeira, Mouratidis correu a toda a velocidade para apanhar uma bola longa de Roman Boerescu que caiu na nossa grande área, mas alta de mais para que o grego conseguisse controlá-la. Olhou para cima, esperou que descesse um pouco mais, talvez para a controlar com o pé, no entanto não se deu conta de que Kenny Traynor – com o seu metro e noventa – já tinha saído e, como o próprio Mercúrio, voava para ela com o punho estendido.

Kenny socou a bola de forma limpa, e uns treze ou catorze metros para fora da área, pelo menos meio segundo antes de o seu joelho bater na têmpora de Mouratidis e o deixar estendido no chão. Felizmente, o árbitro não fez caso dos inevitáveis gritos do grego e das suas exigências para que marcasse penáti e os juízes de linha, que tinham visto bem a jogada, também não. Quem quer que tivesse visto o que aconteceu teria dito que Kenny tocara primeiro na bola e se comportara de forma quase temerária, sem se preocupar com a sua própria segurança, de tal modo que todos no banco do City respiraram de alívio ao vê-lo levantar-se de novo. Todos menos, naturalmente, os adeptos do Olympiacos, furiosos com o árbitro por não ter marcado

penálti.

– Muito bem! – disse eu. – Esta vai dar muito que pensar ao grego.

– Ei, tu, seu cabrão *malakas* irlandês! – gritou alguém ao árbitro não muito longe de mim. – Os óculos são para usar, não para andarem metidos no cu.

Mouratidis ficou estendido de costas pelo menos dois minutos. Depois de ser tratado fora do relvado, voltou ao campo sem sinais visíveis de estar lesionado. Foi, talvez, pouca sorte que a jogada seguinte em que participou tenha sido a luta por uma bola aérea com Gary Ferguson, que tem a cabeça mais dura do futebol britânico. É capaz de cabecear uma bola de demolição e continuar a andar, como se nada fosse, com um sorriso nos lábios. Saltaram os dois para intercetar uma bola alta, mas com a diferença, que vi mais tarde repetida em câmara lenta, de que a cabeça de Gary chegava a ela com mais energia e malícia premeditada que uma pedra lançada por uma catapulta. Era quase como se considerasse o futebol um infeliz impedimento para dar um beijo à moda de Glasgow: uma cabeçada como Deus manda. E Gary sabia o que fazia. Cabeceou a bola antes de a sua cabeça embater na testa do jovem grego.

Mouratidis voltou a cair no chão como se tivesse levado um gancho de Tyson, mas deu com Gary, que sabia muito bem como as aparências influenciam os árbitros com menos carácter, já no solo, agarrado à cabeça e a contorcer-se como se quisesse enrolar-se na relva.

Nervoso, olhei para o juiz de linha, mas sosseguei ao ver que ele não levantava a bandeirinha.

– Meu Deus! – murmurou Simon, enquanto os dois fisioterapeutas entravam no campo a correr no meio de uma tempestade de assobios. – Espero que aquele escocês de merda esteja bem.

– Não foi nada – disse eu. – Uma cabeça como a do Gary é capaz de abrir uma brecha no muro de um castelo. Só estava a fazer fita para evitar levar um amarelo. Ouve o que te digo, Simon, mal ele vir que o árbitro não leva a mão ao bolso, põe-se logo de pé como se nada fosse.

Um minuto depois, a minha previsão cumpriu-se e, continuando a agarrar a cabeça como se sentisse que o transplante de cabelo começava a dar resultado, Gary aproximou-se da linha lateral com

Gareth Haverfield. Saí do banco, tirei uma garrafa de água do saco e aproximei-me deles. Gary pegou na garrafa e com a tampa de plástico entre os poucos dentes que lhe restavam, sussurrou-me:

– Muito me espantaria que o cabrão se levantasse, chefe.

– Também não o queremos fora do campo, já vos disse. Só queremos que fique nervoso sempre que for tocar na bola. Como se levasse uma descarga de cinquenta mil volts. Assim, da próxima vez que o Prometheus se aproximar dele a correr, achará melhor afastar-se do caminho.

Senti um alívio ao ver que Mouratidis se punha de pé e se aproximava da linha lateral a coxear. Olhei, nervoso, a ver se Trikoupiis chamava alguém para substituir o jovem grego, mas nem sequer havia nenhum jogador do Olympiacos a fazer aquecimento.

– Entendido – disse Gary, que atirou a garrafa fora e voltou a correr para o campo.

– Se isto continua assim – observou Simon –, não será só a Sr.^a Mouratidis a ir para o hospital, mas também o filho.

– Isso é problema deles – respondi. – O nosso é vencer este jogo.

Mouratidis voltou ao campo, aparentemente bem. Eu fiquei na borda da minha área técnica, a gritar instruções, que se perdiam, na sua maior parte, entre o clamor do público. Mas depois vi Gary dizer algo ao ouvido de Prometheus e o africano a olhar para mim e a assentir com a cabeça, deliberadamente, como se estivesse a entender o que devia fazer exatamente.

Um minuto ou dois depois, o nigeriano correu para um pontapé tão potente de Kenny que mais parecia uma bola de bilhar de tão bem colocada. Prometheus começou a correr desde o centro do campo como se fosse o Wayne Rooney cheio de quetamina – na época em que parecia um touro enraivecido e corria direito às pessoas, acabara ele de ir para o Manchester United vindo do Everton. Mouratidis manteve o ritmo durante dez ou quinze metros antes de esboçar uma tentativa vã, quase infantil, de travar o nigeriano com o braço, o que este não tinha intenção de permitir. Tirou-lho de cima como se fosse um velho sobretudo e o grego caiu aos pés do outro jogador que perseguia a jogada e não voltou a mexer-se até Prometheus deixar de correr, que foi quando a bola já estava no fundo das redes gregas.

O golo foi tão rápido que nem sequer o vi. Os melhores golos são normalmente aqueles de que nem nos damos conta, razão porque os treinadores parecem tão entorpecidos no banco. Às vezes, nem se consegue ver como termina a jogada que se estava a seguir. Como os adeptos do Olympiacos continuavam com os seus cânticos trogloditas apesar do golo sofrido, foram os do Panathinaikos que, enlouquecidos ao ver que o seu maior rival estava a perder aos vinte minutos de jogo, fizeram com que nos déssemos conta de que estávamos a vencer por 1-0.

– Marcámos, foda-se! – gritou Simon.

Afastei-me do relvado e enfiei dois murros num cão invisível que tinha à perna antes de dar por mim agarrado pela cintura com um dos alarmantes abraços de urso de Simon levantando-me no ar. Pôs-me no chão mesmo a tempo de me agarrar a Prometheus, que se me lançava nos braços. Ainda bem que estou em forma, porque a combinação destes dois festejos teria certamente lesionado outro mais fraco.

– Obrigado, chefe – gritou Prometheus. – Obrigado por acreditar em mim e me fazer acreditar em mim.

– Agora corre e marca outro para que esses gregos de merda saibam como és bom – gritei-lhe.

Enquanto voltava a correr para o campo, Prometheus deu uma palmada no peito, no emblema da equipa, e disse para mim próprio que tinha sido eu e não o nosso diretor desportivo quem ajudara o rapaz a reencontrar a sua veia ganhadora novamente. É isto que é ser treinador de futebol: conseguir que os jogadores se sintam tão bem consigo mesmos que deem tudo o que têm. Para isso, é preciso algo mais que um secador de cabelo, e quem disser o contrário não sabe o que está a dizer.

– Quatro-dois – gritou Simon.

Vinte minutos depois, já quase a chegar ao intervalo, Prometheus voltou a marcar cabeceando uma bola saída de um potente disparo de Jimmy Ribbens que embatera no poste. Sem hesitar, o nigeriano lançou-se de cabeça ao ressalto da bola e marcou. Um mergulho *kamikaze* espantoso e tão destemido como espetacular: 4-3.

– Não sei o que lhe disseste na porra do barco – comentou Simon –, mas resultou.

– Só lhe dei uma lição de história.

– Parece um jogador diferente. Se meter o terceiro, deixo-o fazer-me um filho.

Trikoupis parecia nervoso. Chamou o capitão da equipa, Giannis Maniatis, e deu-lhe uma série de instruções acompanhadas de gestos animados, sem se dar conta, pelos vistos, de que faltava pouco para terminar a primeira parte e de que tinha saído tanto da sua área técnica que estava dentro do relvado. O sexto árbitro, William Winter, puxou-o pela manga, procurando que retornasse à área técnica, mas o treinador do Olympiacos não fez caso. Sacudiu o braço de Winter, que voltou a agarrá-lo e, talvez por ser inglês, Trikoupis virou-se e gritou-lhe na cara.

Tenho quase a certeza de que Winter não entendia mais que uma palavra do grego, mas bastou. *Malakas* é um insulto que todos os árbitros conhecem bem, e embora a UEFA lhes tivesse pedido que estivessem atentos no caso de ser utilizada pelos jogadores e o público, nenhum dos seis esperava ouvi-lo da boca do próprio treinador.

Chamar na cara imbecil ao sexto árbitro já teria sido bastante mau, mas Trikoupis ainda lhe deu um empurrão. Winter recuou uns passos e estatelou-se de costas. É um facto que, hoje em dia, quase todos os jogadores, de vez em quando, se atiram para o chão de propósito na esperança de que seja marcada falta ou um penálti, mas num jogo europeu é raro ver um árbitro cair com tanta facilidade como Winter. Nunca me esquecerei de um jogo entre o Newcastle e o Southampton em que Mohamed Sissoko bateu sem querer no árbitro e este se atirou ao chão de forma aparatosa. Felizmente, nesta altura o juiz de linha estava ao lado do colega e levantou a bandeirinha de imediato a chamar o árbitro principal, explicando-lhe o que tinha sucedido – ou, pelo menos, o que parecia ter sucedido –, e Blackard, satisfeito por poder expulsar alguém que não estava a jogar, mandou Trikoupis para as bancadas.

Zangado, Trikoupis deu um pontapé numa garrafa de plástico. A garrafa voou pelo ar e bateu na cara de um polícia. O polícia não esteve com meias medidas e agarrou Trikoupis pelo braço, levando-o para fora do campo. Os adeptos do Olympiacos enlouqueceram de

raiva, enquanto que os do Panathinaikos enlouqueceram de alegria.

– Vai prendê-lo ou quê? – comentei.

– Espero bem que sim – admitiu Simon. – Adorava, adorava que aquele sacana passasse a noite na choldra.

Procurámos que o nosso regozijo não se notasse, mas não era fácil. Enquanto os gregos se aproximavam do seu banco para protestar tanto contra o Sr. Backward quanto contra o polícia, Simon e eu retirámo-nos para o nosso e enchemos a boca de pastilha elástica e de água enquanto observávamos o que sucedia a uma distância segura. Foi nessa altura que um foguete vermelho foi lançado das bancadas e caiu perto de uma das bandeiras de canto da nossa metade do campo.

– Pode aprender-se muito acerca de um país pela forma como as suas gentes protestam contra o inevitável – murmurou Simon. – É evidente que o árbitro não vai mudar a sua decisão, mas os cabrões estão decididos a continuar a protestar.

– Não é de estranhar que Zeus se chateasse tanto com esta gente e passasse o dia a lançar-lhes raios – disse eu. – Esgotam a paciência a um santo.

Nesse momento, o árbitro estava rodeado de jogadores e pessoal técnico do Olympiacos e, pouco depois, do treinador-adjunto, Sakis Theodoridou, que foi também mandado ter com Trikoupis.

– A palestra deles ao intervalo acaba de ir com o caralho – disse Simon. – Vai ter de ser o fisioterapeuta a fazê-la. Ou a Sr.^a Boerescu, que preparou a merenda para as crianças antes do jogo. Meu Deus, que bela mulher. Quando quiser, pode dar-me um raspanete e umas chicotadas. Primeiro chicoteia-me a mim, a seguir, dou-lhe eu de merendar rabo de boi.

Vi cair outro foguete luminoso como se tivesse sido lançado por um barco a pedir socorro. Completamente recuperado, Winter afastou-se da confusão em que ainda estava envolvido o árbitro principal e chutou o foguete para fora do relvado. Um segurança procurou apagá-lo com um extintor.

– Isto começa a parecer sério – disse eu. – Esperemos que o idiota do Backward não suspenda o jogo. Agora, não, que estamos a ganhar por 2-0.

– Ele não faria isso, pois não?

– Pode fazê-lo, como sabes. A última vez que um jogo foi suspenso entre os Verdes e os Vermelhos foi em março de 2012, quando os primeiros incendiaram o estádio.

– Que merda! – disse Simon. – Sei que o futebol é importante. E sei que queres que os futebolistas vão à luta, mas isso não devia aplicar-se à porra dos adeptos.

Capítulo 57

De alguma maneira, o jogo lá recomeçou e, uns minutos depois, o árbitro irlandês apitou para o final da primeira parte, o que acalmou um pouco os ânimos. Talvez o ar condicionado e uma tonelada de Valium tivessem sido mais eficientes. Quando entrávamos no túnel, ouvi uma tremenda explosão, um barulho ensurdecedor, e alguém me explicou que era o rebentar de um extintor. Por vezes, os adeptos gregos, contou-me outra pessoa, pegavam-lhes fogo, o que me pareceu algo tão louco e perigoso que me passou pela cabeça sairmos de imediato dali. Que tipo de país tem gente que pega fogo aos extintores? De uma maneira ou de outra, queria voltar a Inglaterra, onde, graças a Deus, o hooliganismo daquele tipo era coisa do passado e o ruído mais forte que se podia ouvir era o de David Beckham irritado a fechar a porta do seu Rolls-Royce.

Naquela pocilga malcheirosa que tínhamos como balneário, disse aos nossos jogadores que não havia nada que pudesse dizer-lhes que melhorasse a atuação que estavam a ter, com exceção de uma coisa:

– Imaginem como estarão as coisas neste preciso momento no balneário do Olympiacos. Um verdadeiro caos. Esperemos que o Trikoupi esteja na cadeia. É provável que seja o Giannis Maniatis quem está a ter a conversa com a equipa, a dizer-lhes o que pensa, pensamentos que lhe saem daquele cerebrozinho de mosca.

– E o que lhes diria o chefe? – perguntou Gary. – Que lhes diria se fosse o chefe quem estivesse lá?

– Sim, gostava de saber – disse Ayrton.

– Meu Deus!, nem saberia por onde começar. Mas acho que a primeira coisa que diria àqueles tipos de vermelho seria isto: vocês são uma cambada completa de *malakas*.

Todos aplaudiram estridentemente, cheios de boa disposição.

– Isso ou uma grande cambada de mongos.

Mais aplausos.

– Ele disse «mongo» – gritou Ayrton Taylor a imitar Ricky Gervais, que gostava muito de usar a palavra.

– A sério, rapaziada, o Gianni teria de dizer-lhes para se manterem muito mais sólidos na defesa. Esse está a ser o maior problema. A

forma como defenderam aquelas nossas duas bolas paradas, foi horrível; tivemos azar em não marcar a partir desses lances, também. Parece que estão mais interessados em manter a posse da bola do que em defender. Acho que foi essa a tática inspiradora da equipa que prepararam para esta noite. Evitar que tenhamos a bola e jogar a passá-la na esperança de que passemos o jogo a persegui-los. Mas não está a funcionar. Não há nada que esteja a funcionar. Nem a ajuda dos deuses.

»No jogo aéreo, são uma desgraça. Uma equipa de pigmeus com acrofobia ganharia mais bolas altas do que eles no primeiro tempo. E certamente que substituiria o Mouratidis. Depois de o Gary lhe ter feito uma lobotomia de Toxteth à antiga, já não sabe o que faz.

Prometheus fez um grande sorriso e deu uma palmada na nuca de Gary.

– Ei, cuidado com o meu cabelo – respondeu este, o que deu origem a grandes gargalhadas.

– Gary, é possível que não te deem a Bola de Ouro este ano, mas ganhas de certeza a de chumbo para a melhor cabeçada desde que o Zinedine Zidane arrumou com o Marco Materazzi. Talvez te ergam até uma estátua no Catar. Mas a verdade é que não sei quem poria no lugar de Mouratidis. Talvez a Sr.^a Boerescu. Pior do que ele não faria. Podia oferecer uma mamada a quem metesse golo esta noite. Talvez isso os despertasse um pouco. Ao Grande Simon, sei que sim. Desde que a viu no túnel, não fala noutra coisa.

Aplausos de novo.

– Sinceramente, não estão a jogar como uma equipa que nos pudesse ganhar por 4-1. Deviam ter enfrentado o encontro friamente. Só precisavam de não perder a cabeça, mas não é isso que está a acontecer. Até agora, têm estado a ser estraçalhados pelo bom e antigo futebol corrido. Nada de passes: correr. *Roy of the Rovers*⁷ em estado puro. Sempre que vocês saem a correr, é como se estivessem a cortá-los em filetes com uma faca de peixe. Não sabem como enfrentar um jogo em velocidade. E isto é tudo o que tenho para vos dizer: corram mais que aqueles idiotas. Apanhem a bola e corram como fez o Prometheus no primeiro golo e garanto-vos que ganhamos a eliminatória.

Quando voltámos ao campo, vimos que a polícia antidistúrbios, de bastões e escudos em riste, tinha tomado posição frente aos adeptos do Olympiacos, suponho que pensando que os do Panathinaikos não iriam queimar o seu próprio estádio. No campo, como uma cortina, havia uma nuvem de fumo acre, e quando começou a segunda parte, todos se perguntavam se o jogo chegaria ao fim.

Mouratidis continuava em campo, o que me pareceu um erro grave, mas depois do que acabava de ver no túnel, não prestei muita atenção ao assunto. *Tinha a certeza de que William Winter me piscara o olho.* Seria possível que ele estivesse do nosso lado? Estava eu a pensar no que queria dizer aquilo quando o árbitro apitou para o começo da segunda parte. O Olympiacos começou a atacar de imediato e, graças a Giannis Maniatis, tiveram a sua melhor ocasião de marcar nessa noite. Devia ter acabado em golo, tal o esforço do capitão dos gregos, que fez dois remates magníficos: o primeiro foi defendido por Kenny Traynor com o seu enorme punho e foi parar direto aos pés do grego. O segundo devia ter acabado no fundo das redes no momento em que Maniatis encostou o pé na bola, mas de algum modo, Kenny lá conseguiu levantar-se do chão e atirar-se de novo sobre a bola, desta vez agarrando-a bem com as duas mãos. O mais surpreendente não foi ele não ter conseguido marcar, mas que um homem tão grande como Kenny conseguisse mover-se tão rápido. Vi gatos escaldados reagir mais devagar. O capitão grego foi ter com o nosso guarda-redes e apertou-lhe a mão pelas duas soberbas defesas.

Aquele simples gesto de desportivismo ajudou muito a baixar a temperatura do jogo, pois ao verem como o seu capitão apertava a mão de Kenny Traynor, os adeptos do Olympiacos aplaudiram-no também, como se tivessem percebido não só que haviam visto uma grandessíssima defesa como também que o seu capitão, de uma só sobranceira, era um desportista decente.

Simon aplaudiu e abanou a cabeça.

– Maravilhoso! – rugiu. – Que dizia eu? Ter os dedos pegajosos. É isso que todo o grande guarda-redes precisa. Foi um milagre eles não terem marcado. Que pena que o Kenny não seja inglês e nunca vá ganhar um Mundial.

Não disse nada. Mesmo sendo eu também escocês, não podia estar

em desacordo com aquilo. Mas não foi isso que me manteve calado. Depois do que Simon tinha dito, percebi exatamente como Bekim Develi tinha sido morto. Como no filme que Zapruder fez do assassinato de Kennedy, tinha tido tudo na frente do nariz durante a última hora. E não só isso, sabia também quem o tinha morto.

Fiquei muito quieto durante um momento e depois voltei para o banco sentindo-me como alguém que tivesse acabado de sofrer um derrame cerebral e, de repente, tivesse desaparecido meio mundo. Se me tivessem posto um espelho na frente, não teria sido capaz de ver o meu reflexo. Era como se o ruído do público e o oxigénio à minha volta tivessem sido sugados e me sentisse num vácuo. Era capaz de ouvir os vermes por baixo da relva e tinha a certeza de que eram melhores que as pessoas que tinham morto Bekim Develi. Por cima de mim, era como se o fumo que cobria o estádio se tivesse tornado uma tempestade. Era mais doce que o sabor amargo que tinha na boca, agora que sabia o que sabia, para além de toda a dúvida razoável.

– Ficas tu o responsável – disse a Simon. – Lamento, mas tenho de ir falar com uma pessoa. Agora.

– Não pode esperar?

– Não, não pode.

– Com quem é que vais falar? Onde é que vais?

– Vou falar com a Sr.^a Boerescu. Quero fazer-lhe uma pergunta. Se lho pedir educadamente, talvez me faça uma mamada.

⁷Título de uma banda desenhada inglesa sobre a vida e o tempo de uma personagem de ficção, o jogador de futebol Roy Race. (*N. do T.*)

Capítulo 58

No fundo do corredor que dava para o camarote de Viktor, estavam dois dos guarda-costas deste e Charlie a ver o jogo através da porta aberta de outro camarote desocupado.

– Está tudo bem, chefe? – perguntou Charlie.

– Dentro em pouco, já respondo, Charlie, depois de falar com o meu chefe.

– O Sr. Sokolnikov, sim. Se voltar a precisar da minha ajuda, diga. Gosto de trabalhar para si, Sr. Manson. É um bom homem.

– Obrigado, Charlie.

Os guarda-costas olharam para mim e assentiram em silêncio. Devolvi-lhes o gesto perguntando-me se estariam armados e o que teriam feito se soubessem quais eram os meus planos; mas não foram eles que me fizeram parar para pensar quando abri a porta do camarote, foi Louise. Tinha-me esquecido de que Viktor a convidara para ver o jogo com ele e era a única pessoa da sala cuja boa opinião sobre mim me importava. Quanto a Viktor, Phil, Kojo Ironsi, Gustave Haak e o seu diminuto lambe-botas Cooper Lybrand, era-me indiferente o que pensassem.

– Scott – disse Vik. – Que raio estás aqui a fazer?

– Sim – disse também Phil. – Hás de ter perdido o golo.

– Qual golo? – perguntei.

– O Ayrton Taylor acaba de marcar um a trinta metros – respondeu Phil. – E tu a subir essas escadas.

– O quê?

Kojo afastou qualquer coisa invisível com o seu mata-moscas.

– Foi um belo disparo – disse o africano, muito tranquilo. – Quase tão bom como o do Prometheus.

Fui até à janela e olhei do topo dos céus para o relvado. Ayrton continuava a correr pelo perímetro do campo, dando voltas por cima da cabeça com a camisola laranja do City na mão como se fosse um laço, e provavelmente levando um amarelo por isso. Por fim, os adeptos do Olympiacos tinham-se calado.

– Caramba!

– É verdade – disse Vik. – Estamos nos 3-0. No câmputo geral,

estamos empatados. Se as coisas se mantiverem, passamos a eliminatória com o golo que marcámos a semana passada fora de casa. Não é maravilhoso? Não sei o que tu e o Simon disseram aos rapazes a semana passada, mas estão a deixar a pele em campo. Parabéns. Não podia estar mais feliz neste momento.

– É verdade, vamos conseguir, caramba, vamos qualificar-nos – respondi. – Nem acredito.

– Ainda assim, não achas que devias estar lá em baixo a apoiar a equipa? – disse Phil. – A aconselhá-los, a incentivá-los? Com todo o respeito, é um pouco cedo para festejar. Ainda falta jogar meia hora.

A emoção que me provocava o resultado deu lugar a algo menos agradável.

– Não vim aqui para festejar ou procurar elogios, Phil. Pelo menos por agora.

Louise levantou-se e procurou pegar-me na mão. Ao contrário dos outros, via a ira na minha cara. Soltei a mão, beijei-lhe os dedos e tentei conter-me uns instantes.

– Nesse caso, não percebo – disse Vik. – Porque vieste?

– Louise, acho que é melhor que saias por uns momentos. E o Sr. Haak e o Sr. Lybrand também. O que tenho para dizer é melhor que fique entre as pessoas do clube, Viktor, Phil e Kojo. – Mostrei um sorriso amarelo. – Se não se importam.

– Tem cuidado – murmurou Louise, antes de sair.

– Não te mereço – sussurrei-lhe.

Estupefactos, Gustave Haak e Cooper Lybrand levantaram-se mas hesitaram em seguir Louise e olharam para Vik a saber o que haviam de fazer.

– Scott, por favor – disse Vik. – Estes cavalheiros são meus convidados. Estás a deixar-me envergonhado. Seja o que for, não pode esperar para depois do jogo?

– Desculpa, Vik, mas não. Se esperar, passa-me um bocado a ira que sinto agora e duvido que seja capaz de fazer o que vou fazer.

– Isto não augura nada de bom – respondeu Phil.

Vik olhou para Haak e para Lybrand e assentiu.

– Se não se importam, esperem lá em baixo. E peçam à Louise que vos acompanhe também. Mando-vos uma mensagem quando tivermos

acabado, está bem?

– Com certeza – respondeu Haak, dirigindo-se para a porta. Lybrand, que o seguia como um cãozinho, comentou:

– O *soccer* também não é coisa que aprecie. Prefiro o baseball.

– Imbecil – murmurei depois de ele sair.

– Escolheste um momento de merda, Scott – disse Phil.

– Tens razão, mas é difícil escolher o momento adequado para estas coisas. De repente, descobrimos algo que não sabíamos, faz-se luz e vê-se tudo claramente, e não se pode ficar à espera eternamente para agir.

– Que ciumento de merda me saíste – acrescentou.

– Então, porquê?

– Suponho que esta mostra de petulância tenha que ver com o Kojo e a sua nomeação como diretor desportivo. Contou-nos como falaste com ele no túnel antes do início do jogo.

– É muita consideração da parte dele.

Decidi não dizer nada sobre o papel que tivera na expulsão de Soltani porque tinha pouca importância comparado com o que tinha para dizer. No entanto, aquilo mostrava bem o tipo de colega traiçoeiro que seria.

– Se é para apresentar a tua demissão – disse Phil –, podias ter esperado pelo fim do jogo.

– Sim, isto tem que ver com Kojo.

Kojo pousou o charuto e levantou-se. Já estávamos todos de pé.

– Mas não tem nada que ver com a nomeação dele como diretor desportivo. E também não vim apresentar a minha demissão. Pelo menos, não era essa a ideia. Mas agora que falas nisso, Phil, vamos ver como correm as coisas, se não te importas. Kojo, por que não lhes dizes a razão por que estou aqui? Suponho que já tenhas adivinhado.

– Eu?

– Sim. Podem faltar-te escrúpulos, mas estúpido é que não és.

– Não faço ideia nenhuma do que estás a falar, Scott. Como já te disse, espero sinceramente que sejamos capazes de trabalhar em conjunto, mas começo a ter dúvidas. A sério, Vik, o homem parece-me transtornado.

– Nunca trabalharia contigo, Kojo, nunca na vida. Nem que fosses

o agente de todos os futebolistas do mundo. E vou explicar porquê. Quer dizer, para além de seres um corrupto de merda...

– Claro que é um corrupto de merda, Scott – disse Vik. – Ou achas que não sei? Não há nada que não saiba sobre este cabrão, que não merece confiança nenhuma. Como é que achas que ele conseguiu a nomeação como diretor desportivo?

– O quê?

– Colocou-me entre a espada e a parede. Por isso é que o nomeei. Ameaçou revelar um negócio importante que fiz com o Gustave Haak e o governo grego. Um negócio que me levou meses a concluir. Um negócio que é melhor que ninguém conheça. Especialmente aqui na Grécia. Pelo menos, por agora.

– Por favor, Vik – disse Kojo. – Dizes isso como se te tivesse chantageado e não foi nada disso. A única coisa que fiz foi referir-te que não poderia falar do teu negócio se assinasse um contrato de confidencialidade, o que só podia fazer se me contratasses. A verdade é que estava a tentar proteger-te. A ti e à nossa relação. Já to tinha explicado.

– Cala-te, Kojo! – disse Vik. – Quando quiser que voltes a falar, carrego num botão. Afinal, é para isso que te pago, não é?

Vik olhou para mim de olhos semicerrados. Era a primeira vez que o via furioso.

– Ficou a saber de um negócio que andava a fazer quando o convidei a ficar no iate e eu não quero que ninguém saiba disso. De absolutamente nada. Percebeste?

– E quanto menos o Scott souber, melhor, não achas, Vik? – disse Phil.

– O seu salário como diretor desportivo e o que paguei pela King Shark são uma gota de água no oceano comparados com o negócio que acabei de fazer aqui. Por isso, seja o que for que vieste para me dizer sobre ele, estou-me a cagar, percebeste? Até pode ter desviado fundos da Oxfam, que isso não me importa nada, OK? Porque não pões isso para trás das costas e vais ver o resto do jogo no banco, *que é onde mereces estar?*

Assenti. E teria feito exatamente o que Vik me tinha sugerido – pelo menos, até ao final do jogo –, se Kojo não tivesse levado à boca

aquele gordo charuto e sorriso para mim.

A última vez que tinha dado um soco a alguém com tanta força estava na ala C – a ala de integração –, na prisão de Wandsworth. Não me lembro de como se chamava o tipo, apenas de que andava a pedilas por correio azul. Era um cabrão de um branco, com mais tatuagens que a montra de um salão de tatuagens, que odiava o Arsenal e passava o tempo a chamar-me preto de merda. Mas nada disso me teria importado se não fosse ter-me cuspidado nesse dia, uma enorme cuspidela verde, e foi a gota que fez transbordar o copo, por assim dizer. Segundo o relatório médico do hospital, parti-lhe o nariz de tal maneira que podia mover-se como uma bailarina do ventre. Tiveram de o ligar de tal maneira que quando lhe tiraram as faixas parecia o sacana do Paul Daniels.

Kojo tinha físico para levar um soco assim, e durante uns minutos trocámos socos e pontapés como se estivéssemos fechados numa jaula de Troxy, na Commercial Road, no East End londrino. Por fim, depois de levar um bom par de socos na orelha que me deixaram os ouvidos a apitar como uma chaleira, consegui tombá-lo com um gancho curto e não voltou a levantar-se.

Por essa altura, apareceram os guarda-costas, de armas em punho, mas como era evidente que a luta tinha terminado, Vik mandou-os sair.

– Saiam, saiam! – gritou. – Rua daqui! Nós tratamos disto.

Agachei-me, apanhei o lenço de seda do bolso de cima do casaco de safári de Kojo, limpei a cara e os nós dos dedos com ele e atirei-o fora.

– Preciso de uma bebida – disse. – Preciso e é para já. Importam-se que me sirva?

Fui buscar um copo, enchi-o e mandei-o abaixo, sentei-me e soltei um suspiro de alívio.

– Ah, já me sinto muito melhor.

Capítulo 59

Viktor e Phil olhavam para mim com um tal misto de medo e horror que me ri a bom rir. Depois ouviu-se um grande rugido no estádio e dei um salto a espreitar pela janela, mas não tinha sido golo. Eram apenas os gregos a queixar-se de qualquer coisa. Virei-me de novo para Viktor e Phil e abanei a cabeça.

– Pensei que tínhamos voltado a marcar, mas não foi nada.

– Caramba, Scott – exclamou Viktor. – Enlouqueceste?

– É possível. E agora pergunta-me por que lhe arriei.

Vik revirou os olhos e abanou a cabeça.

– Já te disse que sei que ele é corrupto – afirmou, levantando a voz. – E não me importa o que ele tenha feito.

– Ah, mas o nosso diretor técnico não é só corrupto, é um assassino. Foi ele quem esteve por detrás do que aconteceu ao teu e meu amigo, o Bekim Develi.

Kojo apoiou-se num cotovelo e encostou-se à parede.

– É mentira, Vik – disse enquanto procurava o lenço no bolso. – Nunca matei ninguém.

– Sabes, Kojo, tenho de reconhecer que o que dizes é quase verdade. Quase.

– Toma.

Phil apanhou o lenço do chão e estendeu-lho. Kojo limpou o sangue do nariz e manteve-se calado.

Vik serviu-se de um copo de champanhe, pôs de pé uma cadeira e sentou-se nela.

– Por que não te acalmas, Scott? Acalma-te e conta-nos a que propósito vem tudo isto.

– Sim, estou bastante excitado – disse. – Muito bem, vou contar-vos a história toda. No domingo, quando estive no teu iate, contei que alguém tinha pedido à Nataliya Matviyenko que roubasse as EpiPens ao Bekim do *bungalow* do Astir Palace na noite antes de morrer. Pois esse alguém foi o nosso amigo Kojo, que depois levou a Nataliya do hotel num *Mercedes* com motorista. Sei disso porque, na segunda-feira de manhã, a polícia me mostrou umas imagens novas das câmaras de segurança.

– Não era eu – ripostou Kojo.

– É verdade que nas imagens não se vê a cara. O polícia grego, o inspetor-chefe Varouxis, acha que eras outro cliente, alguém que gosta de sexo fetichista, porque nas imagens vê-se um chicote no tabuleiro da parte de trás do carro. Só que não era um chicote, mas essa merda de mata-moscas com que andas sempre, não é verdade?

– Não sei de que raio ele está a falar – disse Kojo enquanto secava o nariz com o lenço. – Não conheço ninguém chamado Nataliya.

– Isso podemos verificá-lo facilmente com as empresas locais para saber se alugaste algum carro nessa noite. Que achas? E a Nataliya já era tua conhecida de uma viagem que tinhas feito uns meses antes a Atenas. Tenho uma testemunha que estava convosco. Outra prostituta.

– Isso é que é a tua testemunha? – Kojo riu-se. – Outra puta?

– O Kojo jantou com a Nataliya e com outra prostituta, além de um dos seus futebolistas, o Séraphim Ntsimi, que joga no Panathinaikos, e com Roman Boerescu, que joga no Olympiacos, como sabem. Se não repararam bem, é um dos que quase marcou esta noite. E para o caso de não se recordarem de quem era Nataliya, era a prostituta que se afogou no porto devido à culpa que sentia pelo que aconteceu ao pobre do Bekim. Ao que parece, eram bons amigos. Sinto muito por ela. E como já perceberam, eu também estou fora de mim.

Respirei profundamente e procurei conter a adrenalina que me corria o corpo e me provocava um ligeiro tremor. Havia uma parte de mim que queria acabar o que tinha começado com o Kojo, porque partir-lhe o nariz não me parecia suficiente.

– E por que ia o Kojo fazer uma coisa dessas? – perguntou Vik.

– Exatamente – sussurrou Kojo.

– Por *dinheiro*. É por isso que faz tudo. Por dinheiro. No caso de não se terem dado conta, ele passou os últimos meses desesperado por dinheiro. Por causa de umas dívidas de jogo. Lembram-se de termos jantado com ele no restaurante em Paris? No Taillevent? Disse que ia à Rússia à procura de um sócio, alguém que tivesse os bolsos cheios e a quem pudesse impingir a King Shark. Seja como for, encontrou alguém, mas não o tipo de sócio que andava à procura. Kojo e o teu velho amigo do Dínamo de São Petersburgo, o Semion Mikhailov, fizeram uma aposta substancial no circuito ilegal de apostas que tinha

que ver com algo que se passaria no nosso primeiro jogo contra o Olympiacos. Mikhailov sabia da alergia do Bekim e convenceu o Kojo a ajudá-lo a tornar segura a aposta contra o London City. O que conseguiram através do nosso melhor jogador, jogador que Mikhailov sabia ser também o nosso elemento mais vulnerável.

– Vik, tens de acreditar em mim – disse Kojo. – O que ele está a dizer é pura fantasia. Nunca fiz tal aposta.

– Talvez não a tenhas feito, mas estavas metido no assunto. E tinhas uma boa desculpa para estar em Atenas e fazer o trabalho sujo do Semion, não é? O City acabava de contratar o Prometheus e nós disputávamos um lugar na Liga dos Campeões com o Olympiacos. Além disso, querias vender-nos outro jogador. Foste até convidado pelo Viktor para o iate, de forma a falarem no assunto. O que era muito conveniente também, porque não tinhas de alojar-te em terra e tornar-te num dos suspeitos, como todos nós.

Por momentos, Viktor pareceu-me triste.

– Uma coisa é roubar-lhe as injeções – disse Viktor –, outra a razão por que Bekim morreu. Tu próprio nos disseste no domingo à noite que alguém pôs grão-de-bico na comida dele. Talvez só uns gramazinhos, mas não pode ter sido o Kojo a fazê-lo porque passou o dia inteiro comigo e com o Phil. Além disso, temos um nutricionista. Todos tiveram muito cuidado com o que comeram antes do jogo. Foram as tuas próprias instruções.

– Eu também não percebia essa parte. Até hoje à noite, quando estava no túnel e vi a Sr.a Boerescu. Acontece que ela foi contratada pelo Olympiacos para cuidar das crianças antes do jogo. As crianças-mascote que entram no campo com os jogadores. Acabo de falar com ela. Uma boa mulher. Contou-me que foi o Kojo que pagou a merenda de hoje, e quem, generosamente, pagou a da semana passada, na noite em que o Bekim morreu. Em geral, ninguém lhes oferece nada, tendo em conta a situação financeira grega. Mas o Kojo achou que isso não podia ser e decidiu pagar do seu próprio bolso.

Kojo não dizia nada. Dorido, levantou-se do chão e sentou-se numa cadeira. Olhou-me com cara de cansado e os olhos injetados de sangue e depois baixou a cara de novo sabendo que eu estava a chegar à verdade.

– Mas não pagou apenas. Também serviu. Segundo a Sr.^a Boerescu, telefonou para um restaurante no Pireu e fez pessoalmente a encomenda. Não foi uma amabilidade? A sua generosidade foi até motivo de agradecimento no programa do jogo. Em grego, evidentemente, e por isso nenhum de nós soube disso. Mas não foi nada de sofisticado, não, apenas aquele tipo de coisas de que qualquer criança grega gosta: refrigerantes, claro, e para comer, batatas fritas, pita e *húmus*. É verdade, *húmus*. Preparado com grão-de-bico. Por isso, quando as crianças se juntaram aos jogadores no túnel, tinham as mãos pegajosas do *húmus*. E eu pergunto: parece-vos ou não cínico fazer com que uma criança envenene uma pessoa? E quando o Bekim marcou o golo nos primeiros cinco minutos – esse tão importante golo no campo do adversário –, festejou-o como costumava fazer recentemente: chupando o polegar. O que fazia para festejar o nascimento do filho, o Peter. Mas mesmo que não tivesse chupado o dedo, aproximá-lo apenas da boca ou do nariz, ter-lhe-ia provocado a reação alérgica. Que tal me estou a sair, Kojo? Tudo isto te diz alguma coisa?

– É verdade, Kojo? – perguntou Vik.

– Será preciso dizer mais alguma coisa?

Dei-lhe um pontapé na coxa.

– Que dizes, Kojo?

– Está bem, está bem! – exclamou. – Tem calma, hem? Ninguém queria que ele morresse. Foi um acidente. Não foi nenhum assassinio, como diz o Scott. A ideia era apenas impedir que o Bekim continuasse a jogar. Se não tivesse chupado o polegar, se este país não estivesse na merda em que está, nada teria acontecido e ele ainda estaria vivo. E eu não disse a essa estúpida que roubasse as injeções *todas*, apenas uma, para confirmar se o Semion tinha razão quanto à alergia do Bekim. Mas que importa que as tivesse roubado? Também não as podia levar para o campo. Só as roubámos para ter a certeza de que era alérgico. O afogamento dela foi uma reação exagerada. Ninguém podia prever aquilo que se passou. Não tivesse sido isso, estaríamos todos em Londres e a morte do Bekim não passaria de mais uma tragédia do futebol. Outro Fabrice Muamba.

– Mas o Muamba continua vivo – disse eu.

– Já está tudo? – perguntou Vik.

Encolhi os ombros.

– Que mais queres, meu Deus?

Viktor respirou fundo, despejou o copo, foi até à janela do camarote e tirou do bolso um porta-notas. Já lho tinha visto uma vez e, por momentos, pensei que ia pagar a alguém. Mas o que fez foi tirar as notas e começar a passar os dedos por ele.

– Não tenho muitos amigos – disse com toda a calma. – Quando se é tão rico como eu, a amizade é algo que chega de chapéu na mão e cabeça baixa, com reverências, a pedir um empréstimo, um favor ou um acordo de negócios. Mas o Bekim era um verdadeiro amigo, e há muito tempo. O Scott tem razão nisso. Nunca me pediu nada. Aliás, foi a única pessoa que nunca me deixou pagar nada e até me oferecia presentes. Foi ele que me ofereceu este porta-notas. Não sei como conseguiu arranjar esta beleza. É ouro de dezoito quilates, da Cartier, e foi uma oferta do presidente Nixon a Leonid Brejnev em 1973, quando ambos se reuniram em Washington. O Bekim sabia que eu gostava muito deste tipo de objetos, de objetos com história.

Era muito atencioso. Parecia gostar verdadeiramente de mim por ser como sou. Para mim, é uma coisa rara. Inaudita nos dias de hoje. E aflige-me imenso saber como morreu e por que morreu. Para não falar no que aconteceu à namorada do Bekim, a Alex. Com o Semion Mikhailov, esse cabrão, posso eu lidar à minha maneira. A questão, Kojo, é o que fazemos contigo?

– Entregamos o sacana à polícia, é isso o que fazemos – disse eu. – Sei que muitas das provas são circunstanciais, mas com a confissão dele diante de nós três, tenho a certeza de que consigo apresentar argumentos convincentes com a ajuda do polícia grego.

– Tenho a certeza que sim – disse Kojo –, mas entretanto pedirei ao meu advogado que divulgue um documento o mais pormenorizado possível sobre os planos que o Viktor e o tal Gustav Haak puseram em marcha neste país. Julgavas que não o fazia, Vik? Oh, se faço! Podes ter a certeza disso.

Viktor não disse nada. Olhou para Phil e suspirou.

– Scott, deixa-me explicar-te o que não querem que saibas – disse Kojo. – Conheces as Ilhas Eriteas? O teu chefe e o Gustav Haak

compraram um arquipélago ao governo grego... por um euro. Os gregos que estavam no iate na outra noite. Eu sei que um euro não é nada, mas o Haak e o Sokolnikov representam um grupo de investidores internacionais que já possui o país todo. Quase literalmente. Têm investido na dívida pública grega desde 2012 e compraram-na quase toda, o que significa que o país lhes *pertence* por inteiro, menos o nome. Se neste momento se descartassem de todas as obrigações, a Grécia ia pelo cano. Por isso, o governo grego faz o que lhe dizem com medo que o Viktor e os seus amigos puxem o autoclismo e a Grécia vá pela sanita abaixo. E o que lhes disseram é que vão permitir que as Eriteas, algures a norte de Corfu, se tornem uma zona franca para o teu chefe e os seus amigos. Passará a ser uma versão grega do Mónaco, suponho. Hoje em dia, este tipo de coisas é o último grito. Na China, chamam-lhe porto franco. Em Cuba, é uma zona económica especial. Imagina bem, Scott! Tens doze mil milhões de libras, como o Vik. Ou vinte mil, como o Haak. E não pagas impostos em lado nenhum. Não é maravilhoso? E não só, se o fizerem à sua maneira, ninguém saberá nada até que tudo esteja a correr na perfeição. Exceto tu e eu, claro. Nós sabemos-lo.

Vik manteve-se em silêncio.

No campo, ouviu-se de novo um grande ruído. O jogo tinha terminado. Os adeptos do Panathinaikos festejavam a humilhação do seu eterno inimigo. Ouviu-se outra explosão fortíssima, sirenes e, ao longe, carros da polícia. Houve algo que bateu contra a janela do camarote e, nervoso, Phil olhou para o campo.

– Parece que passámos à próxima ronda – comentou.

Mas aquilo parecia não ter importância, pelo menos para mim. Já não.

– Vik, diz-me que não vais varrer tudo para debaixo do tapete – disse eu.

Kojo sorriu. Era capaz de ler as runas do que estava para acontecer, mesmo que eu não o conseguisse.

– Sim, Viktor, vá – continuou Kojo –, diz-lhe que a amizade significa mais para ti que os dólares e os cêntimos.

– É possível que o Kojo não quisesse matar o Bekim, Vik – disse eu –, mas para mim, este filho da puta fez algo quase tão mau como

matá-lo: colaborou na morte do teu melhor amigo, por dinheiro. Um homem que eu também conhecia e admirava. Devia ser castigado. Tem de ser levado à justiça.

Viktor afastou-se da janela e fez uma careta.

– Não sejas tonto, Scott – respondeu. – Deixas-me um pouco surpreendido ao ouvir-te falar em justiça. A justiça não existe, só a lei, e ambos sabemos o que ela vale atualmente na Grécia. Para aplicar a lei, é preciso autoridade, e receio que neste país a autoridade, a verdadeira autoridade, tenha deixado de ter significado. Olha pela janela. Os adeptos do Olympiacos estão a atacar a polícia com *cocktails* Molotov, mas isso surpreende alguém? Quando até os juízes e os advogados fazem greve, o normal é que haja desordem e caos e anarquia em abundância. As paredes pintadas dizem-no. Cheira-se no ar. E pode ver-se quando nos limpam os para-brisas nos semáforos. Que há a argumentar? Ambos sabemos que tenho razão.

»Bem, o que vamos fazer é o seguinte: o Kojo, tu e eu continuamos a ter um contrato de trabalho e um acordo de confidencialidade blindado. Continuarei a pagar-te, mas não quero voltar a ver-te nunca mais. E refiro-me ao meu clube e a todos os outros clubes do mundo. Quero que desapareças, Kojo. Vai para um sítio em que esse mata-moscas te sirva para alguma coisa, algures em África seria bom, acho eu, e goza do teu salário, mas nunca mais voltes a pensar trabalhar no mundo do futebol. E lembra-te bem: o meu braço é longo, mas a minha memória ainda o é mais.

Kojo levantou-se.

– E as minhas coisas, o que tenho no barco? O portátil, a roupa.

– Eu peço ao meu capitão que mande as tuas coisas amanhã de manhã para o Astir Palace, às oito em ponto. E agora, desaparece.

Kojo Ironsi pegou no mata-moscas e sorriu.

– Parabéns, Scott, pela vitória desta noite – disse Kojo. – Pensando bem, talvez não tenhas ganhado nada, porque como disse alguém certa vez, um jogo está ganho enquanto não for perdido.

Depois de Kojo se ter ido embora, houve um longo silêncio, em grande parte porque não sabia o que dizer, embora soubesse bem o que tinha a fazer.

– Três a zero – disse, por fim, Phil. – É incrível.

Olhou primeiro para mim e depois para o Viktor.

– E o Scott? – perguntou. – Tem o mesmo tipo de cláusula de confidencialidade no contrato, se é que se deu ao trabalho de o ler.

– O Scott Manson?

Vik pronunciou o meu nome como se quisesse ver se lhe continuava a soar leal.

– Não sei, Phil. Ele é que sabe, não achas? É bastante inteligente. Talvez em demasia para o mundo do futebol. Talvez seja esse o seu problema como treinador. Mas, na verdade, as provas não são muito sólidas. A meu ver, o tal Varouxis há de conformar-se com o suicídio da rapariga e o nome do outro tipo, o que assassinou as prostitutas em 2008 ou lá o que foi que o Scott disse.

– Os assassínios do Hannibal – disse Phil.

– Exato. Esse tipo. Uma boa pescaria, a meu ver, resolver um crime que ninguém sabia que estava por resolver. Todos os polícias sonham com algo assim. Sim, vai ter de conformar-se com isso, porque eu não ouvi o Kojo confessar. Tu ouviste?

Phil abanou a cabeça.

– Não, nada de nada.

Viktor ficou a pensar por uns momentos e depois dirigiu-se-me movendo um dedo:

– Tudo o que aqui foi dito é pura especulação. A rapariga, a Nataliya, suicidou-se. Já o sabíamos pelo *email* que tinha deixado no iPhone. E agora a polícia sabe que não pode continuar a reter-nos aqui. O que provavelmente nunca saberemos é quem envenenou o Bekim. Podia dizer-se que foi a mão de Deus. É assim que as companhias de seguros descrevem estas coisas, não é?

– Acho que lhe chamam «ato divino» – disse Phil.

– É verdade, tens razão – admitiu Vik. – Em russo, é um pouco diferente, claro. Mas é melhor que seja a mão de Deus que a de uma criança inocente, não acham? Afinal, tenho a certeza de que o Scott não queria que se soubesse que foi a mão de uma criança que foi usada como arma do crime por gente avara e sem escrúpulos. Imaginem o que seria ser essa criança... Passar a vida sabendo que tinham sido vocês quem matara Bekim Develi. Não, não é cruz que nenhuma criança deva carregar. Não achas, Scott?

Suspirei profundamente e desapertei o fecho do fato de treino. Com tanto esforço, tinha ficado cheio de calor, mas não era só isso. Acho que me sentia também enjoado, mas isso nada tinha que ver com o calor nem com ter andado à pancada com Kojo. Tendo em conta que nos tínhamos classificado para a Liga dos Campeões, devia estar exultante, mas só me apetecia encontrar um buraco e meter-me nele.

Peguei na garrafa de *Krug* e bebi um trago, achando que eles se sentiriam ofendidos com isso. Arrotei bem forte e abanei a cabeça.

– O problema com os ricos é que...

Viktor reagiu como se já conhecesse o sermão, o que era mais que provável.

– Cuidado com o que dizes, que tu não és propriamente pobre, Scott.

– Não, não sou, e fazes bem recordar-mo, Vik. Creio que é essa a diferença entre o teu dinheiro e o meu. Nunca tive de lidar com a ideia de que, sob determinadas circunstâncias, seria capaz de fazer o que quer que fosse e com quem quer que fosse para continuar a ter esse dinheiro e acumular ainda mais. Acho que sabem do que estou a falar. Não tenho dúvidas.

E acenei aos dois com a cabeça.

– Amanhã de manhã, terão o meu pedido de demissão por escrito, meus senhores. Agora vou despedir-me da minha equipa antes de ir ter com a minha namorada.

Capítulo 60

Mesmo quando se está a ganhar e no topo, nunca se sabe em que momento vai soar o apito final. Se não, perguntem a Roberto Di Matteo, o treinador interino do Chelsea, que conseguiu que o clube fizesse a dobradinha em 2012, e que logo puseram na rua na época seguinte, depois de um início um tanto irregular. Ou Vicente del Bosque, que o Real Madrid pôs a andar apenas quarenta e oito horas depois de vencer a La Liga em 2003. É duro. No mundo do futebol, raramente o êxito gera mais êxito, apenas mais expectativas, as quais, geralmente, acabam em decepção.

Já me começavam a aparecer alguns cabelos brancos na cabeça e ainda só estava há sete meses no cargo – menos um que Di Matteo. A questão é que depois de combinar uma semana de treinador com a de detetive amador, estava exausto e a precisar de um bom descanso.

No futebol é vulgar os treinadores serem despedidos ou irem para outro clube que lhes fez uma oferta irrecusável, mas talvez seja raro um treinador deixar uma equipa depois de se ter classificado para a Liga dos Campeões, pelo que me pareceu normal que a imprensa inglesa andasse em cima da história como uma colónia de formigas quando Louise e eu chegámos ao Terminal 5 do aeroporto de Heathrow sem o resto da equipa. E não só dessa história.

A favor de Louise, devo dizer que não me recordava do que me dissera no iate do Viktor quando estava quase a descobrir o que tinha acontecido com o Bekim: quando se resolve um assunto, as coisas nunca ficam como se esperava. Nada acaba como devia. Mas ela tinha razão. Não sentia nenhuma satisfação por ter descoberto como Bekim fora morto e quem estivera por detrás de tudo. Nunca pensara que resolver o caso pudesse revelar-se tão inútil. Não deixava de perguntar-me porque é que me tinha dado àquele incómodo. Também nisso ela tinha razão.

Quanto a mim, podia ter contado àquela multidão de repórteres que nos esperava em Heathrow tudo o que tinha acontecido em Atenas, mas preferi não gastar mais tempo a falar dos obscuros assuntos financeiros que haviam levado à minha demissão do London City. Tinha decidido deixar isso para trás e sentia-me como se me

tivessem tirado um grande peso de cima dos ombros. Preferi centrar as minhas declarações no futebol, o que tinha muito mais que ver comigo. É isso que há de bom no futebol. Há momentos na vida em que parece que é a única coisa que importa. Quando tudo o resto parece trivial e inconsequente e temos a sensação de que o futebol é a única razão porque os campos se enchem, a relva é cortada e a gravidade existe. Além disso, para ser sincero, também não teria sido capaz de explicar a questão da soberania da dívida nacional grega.

– Não me demiti para ir treinar outra equipa – expliquei àqueles répteis que tinha à espera. – Não me demiti por querer mais dinheiro ou mais poder para contratar jogadores. Não me demiti por causa do resultado contra o Leicester City ou por termos perdido o primeiro jogo contra o Olympiacos. Nem sequer me demiti por a polícia ateniense ter retido toda a equipa na Grécia sem razão nenhuma. Por muito que digam alguns jornais, demiti-me porque a minha opinião sobre a forma como uma equipa deve ser dirigida é muito diferente da do proprietário do clube, o que, sem querer ofender o Sr. Sokolnikov, não devia surpreender quem ame este desporto. Afinal, o futebol apaixona muita gente e, por vezes, essa paixão leva a que as pessoas descubram que já não podem continuar a trabalhar juntas. É tão simples como isto. É assim a vida, não é?

»Desejo a todos em Silvertown Dock os maiores êxitos. Merecem o resultado que tivemos em Atenas. No seu conjunto, foi um privilégio e um prazer trabalhar com todos e gostaria de pensar que muitos deles me consideram seu amigo. E espero que continuem a sê-lo, claro. Mas, acima de tudo, vou sentir falta dos adeptos. É neles que mais penso. Depois da morte de João Zarco, acolheram-me nos seus corações e ofereceram-me o seu apoio incondicional, o que lhes agradeço humildemente.

– Scott, a sua demissão tem alguma coisa que ver com a morte de Bekim Develi? – perguntou um dos repórteres.

– Tem, mas só porque me fez repensar as minhas prioridades. Bekim Develi era uma pessoa de quem eu gostava e que admirava muito. Como toda a gente, creio. Por causa dessa tragédia, decidi concentrar-me no que é importante na vida e naquilo que quero dela. Acho que é normal. Ninguém devia surpreender-se quando uma

peessoa decide fazer mudanças na sua vida depois de viver um acontecimento tão terrível. Sempre gostei de cuidar de mim e, na verdade, é isso que estou a fazer com esta decisão: cuidar de mim.

– Já que fala em cuidar de si – disse outro jornalista –, talvez nos possa dizer qualquer coisa sobre o que saiu no *Sun*, aquela tarefa que deu a dois ingleses na ilha de Paros. Consta que vão processá-lo. Foi por isso que se demitiu?

– Dois tipos? Já me tinha esquecido. Digamos que tive uma discussãozinha com uns vândalos que achavam que a morte do Bekim Develi era assunto para dizer umas piadas. Pelo menos, era isso que sugeriam os cânticos que entoavam. Ou talvez seja eu que não tenho grande sentido de humor, não sei. Mas já que fala no assunto, mereciam bem que lhes chegasse a roupa ao pelo.

– E o que vai ser o seu futuro, Scott?

– Parece-me que não estive com atenção, meu amigo. Além disso, quem é que, honestamente, pode responder a essa pergunta? Não é isso que nos mostra a morte do Bekim? Que não há nada certo? Por amor de Deus, tinha apenas vinte e nove anos. Era a isso precisamente que me referia. Assim sendo, por agora, não tenciono voltar a treinar. E sinceramente, não creio que haja ninguém que queira contratar-me. Acho que as conversas que tinha ao intervalo com os jogadores se pareciam mais com as do Gordon Ramsey que com as de Henrique V. O meu pai tem uma empresa de roupa desportiva. Talvez, por agora, vá ajudá-lo. Mas isto não quer dizer que tenha perdido a paixão por este desporto, longe disso. Para mim, o futebol é tudo.

– Pode dizer-nos para onde vai, Scott? Espanha? Málaga? Há fortes rumores de que vai trabalhar para Espanha. E o senhor fala muito bem espanhol.

Suspirei, sorri e neguei com a cabeça.

– Também falo alemão, italiano e francês, mas parece que o meu inglês não é tão bom. Se acabei de dizer que não tenho intenção de ir treinar nenhum clube! No entanto, já que o perguntou tão educadamente, vou-lhe dizer qual vai ser o meu próximo movimento.

Olhei para Louise, sorri-lhe calorosamente, peguei-lhe na mão e beijei-lha.

– Isto. É simples. Eu e a minha namorada vamos dar um passeio

por King's Road amanhã à tarde, e se conseguirmos bilhetes, vamos a Stamford Bridge ver o Chelsea jogar contra o Tottenham Hotspur. Tudo indica que vai ser um grande jogo. E por uma vez sinto-me feliz por poder dizer que não quero saber quem vai ganhar.